

| JAIME RODRIGUES | EDILENE TOLEDO | (ORGS.) |

Florestan Fernandes

100 anos
de um pensador
brasileiro



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Florestan

Florestan Fernandes

100 anos
de um pensador
brasileiro



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Florestan

DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Aloizio Mercadante (Presidente)
Vívian Farias (Vice-presidenta)
Alberto Cantalice (Diretor)
Artur Henrique (Diretor)
Carlos Henrique Árabe (Diretor)
Elen Coutinho (Diretora)
Jéssica Italoema (Diretora)
Lindbergh Farias (Diretor)
Márcio Jardim (Diretor)
Valter Pomar (Diretor)

CONSELHO DE HISTÓRIA DO CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Adriano Luís Duarte (Universidade Federal de Santa Catarina)
Alexandre Fortes (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)
Heloísa Maria Murgel Starling (Universidade Federal de Minas Gerais)
Jean Tible (Universidade de São Paulo)
John D. French (Duke University)
Lincoln Secco (Universidade de São Paulo)
Luigi Biondi (Universidade Federal de São Paulo)
Maria Victória Benevides (Universidade de São Paulo)
Patrícia Valim (Universidade Federal da Bahia)
Paulo Fontes (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Pere Petit (Universidade Federal do Pará)
Sérgio Armando Diniz Guerra (Universidade Estadual da Bahia)

EQUIPE DO CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Adriana Carneiro Marinho
Elisa Maria Lopes Chaves
Jaime Cabral
Luana Soncini
Maria Alice Vieira
Mayara de Lara Teixeira de Souza
Sarkis Alves
Vanessa Xavier Nadotti

Florestan Fernandes

100 anos de um pensador brasileiro

JAIME RODRIGUES
EDILENE TOLEDO
(ORGS.)

FLORESTAN FERNANDES: 100 ANOS DE UM PENSADOR BRASILEIRO
Copyright© 2020 Fundação Perseu Abramo

PARTICIPARAM DESTA EDIÇÃO:

Editoras

Elen Coutinho
Luana Soncini
Vanessa Xavier Nadotti

Revisão e Preparação de Texto

Lia Fuhrmann Urbini

Projeto Gráfico e Diagramação

Caco Bisol Produção Gráfica

Editora da Fundação Perseu Abramo

Coordenação Editorial

Rogério Chaves
Assistente Editorial
Raquel Maria da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F634 Florestan Fernandes [livro eletrônico] : 100 anos de um pensador brasileiro / Jaime Rodrigues, Edilene Toledo (orgs.). – São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2020.
2.1 Mb ; PDF.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5626-008-2

1. Fernandes, Florestan. 2. Pensadores - Brasil. 3. Sociólogos - Brasil. 4. Política - Brasil. 5. Fernandes, Florestan - Documentos. I. Rodrigues, Jaime. II. Toledo, Edilene.

CDU 316(81)-051

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 8/10213)

1ª edição: setembro de 2020

Todos os direitos reservados à Editora Fundação Perseu Abramo.

Centro Sérgio Buarque de Holanda
Rua Francisco Cruz, 234
04117-091 – São Paulo – Brasil
Tel.: (55 11) 5571-4299
revistaperseu@fpabramo.org.br

Fundação Perseu Abramo
Rua Francisco Cruz, 224
04117-091 – São Paulo – Brasil
Tel.: (55 11) 5571-4299 – Fax: (11) 5571-0910
editorial@fpabramo.org.br

SUMÁRIO

- 7 APRESENTAÇÃO**
JAIME RODRIGUES E EDILENE TOLEDO

PARTE I **ASPECTOS DA TRAJETÓRIA INTELECTUAL E POLÍTICA**

CAPÍTULO 1

- 17 POR QUE LER UM CLÁSSICO?**
LUTA DE CLASSES E LUTA RACIAL
EM FLORESTAN FERNANDES
FÁBIO DANTAS ROCHA

CAPÍTULO 2

- 47 “FAZER O QUE NÃO QUER E NÃO GOSTA**
EM LUGAR QUE NÃO LHE AGRADA”:
VISÕES SOBRE O EXÍLIO E ATIVIDADE EDITORIAL
NA CORRESPONDÊNCIA
DE FLORESTAN FERNANDES (1965-1972)
JAIME RODRIGUES

CAPÍTULO 3

- 81 FLORESTAN FERNANDES: CIÊNCIA E POLÍTICA**
LINCOLN SECCO

CAPÍTULO 4

- 105 “PODERÍAMOS TER DADO CEM PASSOS À FRENTE”:**
AS ANÁLISES DE FLORESTAN FERNANDES SOBRE O ESTADO
E A SOCIEDADE BRASILEIRA EM SEUS ESCRITOS
SOBRE A CONSTITUINTE E A CONSTITUIÇÃO DE 1988
EDILENE TOLEDO

PARTE II
ARQUIVOS E PESQUISAS

CAPÍTULO 5

- 133 O ACERVO DE FLORESTAN FERNANDES
COMO LUGAR DE MEMÓRIA**
CLAUDIA DE MORAES BARROS RAMALHO

CAPÍTULO 6

- 155 O DOSSIÊ FLORESTAN FERNANDES NO ACERVO
DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL**
THAÍS APARECIDA FOGAÇA

PARTE III
DOCUMENTOS

CAPÍTULO 7

- 187 UMA SELETA DA CORRESPONDÊNCIA
ENTRE FLORESTAN FERNANDES E
THOMAZ DE AQUINO DE QUEIROZ (1965-1971)**
JAIME RODRIGUES

Apresentação

JAIME RODRIGUES E EDILENE TOLEDO¹

Este livro foi concebido como uma homenagem a Florestan Fernandes. Celebramos o centenário de nascimento do sociólogo, intelectual, militante e ser político que, em todos os âmbitos de sua trajetória, teve ações destacadas e que permitem que falemos dele no tempo presente, em razão das marcas que ele deixou pelo caminho.

Tudo tem uma história, e com o livro que ora apresentamos não é diferente. Um modo de narrá-la pode começar a partir do projeto de ampliação da rede universitária pública e federal de ensino, no governo de Luís Inácio Lula da Silva, que levou à criação ou expansão de muitas universidades por todo o país. A Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), ao aderir a esse projeto, fez sua área de atuação se expandir por diferentes municípios paulistas e pelas Ciências Humanas, dando ensejo à criação de um curso de História no que viria a ser a Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, sediada em Guarulhos. Os docentes desse curso, tendo em mente sua consolidação e a visibilidade de suas ações, julgaram acertado criar um Centro de Memória e Pesquisa Histórica (CMPH) que, ao longo

1. Professores de História do Brasil no Departamento e Programa de Pós-Graduação em História da EFLCH/Unifesp.

de anos, vem reunindo materiais importantes para os interessados em História, sejam estudantes ou pesquisadores. Depositário do arquivo da Companhia Editora Nacional, o CMPH viu-se diante de documentos produzidos por intelectuais que, em diferentes momentos de suas carreiras, editaram livros ou prestaram serviços àquela importante casa editorial brasileira.

Entre esses intelectuais está Florestan Fernandes. Colaborador da Cia. Ed. Nacional, ele trocou correspondências com seus editores e legou impressões sobre diferentes aspectos da vida brasileira, para além dos livros. Foi no processo de organização desse acervo que atinamos para o fato de que o centenário de Florestan seria completado em julho de 2020, e que a ocasião merecia ser assinalada.

8 | Inicialmente, planejamos uma exposição do acervo e um evento presencial e aberto ao público, para refletir sobre as contribuições de Florestan Fernandes e Celso Furtado – este último também completou seu primeiro centenário em 2020 – como pensadores contemporâneos. Não é de hoje que ambos são compreendidos como intérpretes do Brasil, e o evento pretendia analisar suas trajetórias, perspectivas e categorias de análise a partir de diferentes abordagens: da História, da Sociologia, da Economia, da Política e da militância, por exemplo. Apanhados pela pandemia de Covid-19, o plano de realizar um seminário tal como havíamos imaginado inicialmente soçobrou. Mas a oportunidade não poderia ser desperdiçada, e tratamos de adaptar a proposta à realidade com a qual lidávamos.

Para viabilizar o trabalho diante das condições que enfrentávamos, dividimos as frentes e, então, demos andamento ao trabalho no que se referia a Florestan Fernandes. A convite dos organizadores, que também colaboraram para a feitura da obra, foram contatados profissionais que pudessem tratar de Florestan e de sua obra, obviamente sem pretensões totalizantes. O acervo pessoal e suas potencia-

lidades, a produção intelectual e seu impacto e a militância na política partidária e suas decorrências são aspectos que nos pareceram imprescindíveis e acerca dos quais poderíamos trazer contribuições inéditas. As escolhas não se fazem sem prejuízos, mas estamos certos de que outros colegas e instituições saberão dar conta de uma personagem tão importante e atuante em tantas frentes como nosso homenageado, realizando outras obras e eventos.

Com as reflexões em andamento, precisávamos somar esforços para ver o trabalho ter divulgação entre um público mais amplo. O parceiro ideal foi encontrado na Fundação Perseu Abramo e em seu centro de documentação e memória, o Centro Sérgio Buarque de Holanda, vinculados ao Partido dos Trabalhadores, não por acaso o partido que acolheu Florestan em suas fileiras e no qual ele obteve legenda para eleger-se por dois mandatos como deputado federal.

O circuito estava fechado, e não se trata de uma paráfrase ao título de uma das obras de Florestan Fernandes. O acervo estava organizado e descrito, os textos analíticos ficaram prontos e o projeto editorial teve seu curso. Este poderia ser o fim da história deste livro, mas livros só têm suas histórias encerradas quando desaparecem. Decerto não será o caso aqui: a partir desta edição, temos clareza de que o debate em torno da obra e da figura de Florestan terão outros desdobramentos.

Como apontou Fábio Dantas Rocha no primeiro capítulo, Florestan é um clássico e como tal será sempre lido. Ao definir o que se entende por clássico, o autor aborda tais obras como repositórios de ideias que sempre suscitam a revisão e análise de seus temas, revisitados sob novos olhares. Florestan, no caso, é um clássico para pensarmos as sempre candentes e atualíssimas questões das relações raciais e do racismo à brasileira, e é uma reflexão nesse sentido que o capítulo nos convida a fazer. Seu texto se debruça sobre *Branços*

e negros em São Paulo, escrito com Roger Bastide, e *A integração do negro na sociedade de classes*, entre outros, com atenção à sua historicidade e às questões que suscitam ainda hoje. Ao mesmo tempo que o reconhece como um grande autor, Rocha analisa essas obras de Fernandes à luz dos muitos e importantes estudos sobre a temática da escravidão, do pós-Abolição – da qual é ele mesmo um estudioso – e das relações raciais posteriores às análises do sociólogo. Como bom historiador, Rocha reflete sobre as fontes utilizadas por Fernandes para a construção de suas análises do pós-Abolição, além de explicitar o paradigma que condicionava os textos do sociólogo e de outros importantes intelectuais da época. Apesar dos elementos equivocados, a denúncia sobre a exclusão racial e sobre como as questões raciais se misturaram às questões de classe e perpetuaram a dominação e a subalternidade estão ali presentes. As consequências da denúncia foram importantes para a construção da democracia no país e para o desenvolvimento dos estudos posteriores sobre o tema, e são ainda relevantes para a luta por justiça social no Brasil.

O capítulo dois, de autoria de Jaime Rodrigues, apresenta as visões de Florestan sobre a experiência do exílio. O intelectual, distante do país e da família, enfrentou dificuldades peculiares e que, ao mesmo tempo, podem ser analisadas em perspectiva comparativa. O sofrimento advindo da distância, das dificuldades com a vida material e com a língua são passíveis de comparação, enquanto a dimensão individual fazia dessa experiência algo único. Florestan expressou nas cartas tanto as dificuldades como as impressões sobre o país que deixara e sobre os lugares onde passou a viver por longos anos de afastamento.

No capítulo três, Lincoln Secco apresenta a trajetória de Florestan Fernandes das Ciências Sociais à militância política, pautado sempre pelo rigor. Expoente da Sociologia praticada no país, Flo-

restan viveu os momentos cruciais da implementação desse saber no ensino superior brasileiro, desde a graduação até seu ingresso como docente na Universidade de São Paulo (USP). Tomando os marcos da política institucional e suas decorrências na trajetória pessoal do sociólogo, Secco indica os passos de sua ação política como militante socialista. Uma “aguda consciência sociológica” do momento histórico ajudam a explicar as características de suas obras posteriores à cassação pós-golpe de 1964 e sua filiação ao Partido dos Trabalhadores, onde teria uma destacada atuação parlamentar e de base.

Edilene Toledo apresenta, no quarto capítulo, uma amostra da atualidade do pensamento e da intervenção política de Fernandes em um momento crucial da vida brasileira nas últimas décadas: o processo de elaboração da Constituição de 1988. Como deputado constituinte, Florestan foi ousado em seus pronunciamentos, em suas práticas e na extroversão pública dos trabalhos em pleno fazer-se. Sua avaliação sobre o resultado do esforço pela Constituição, se não é de todo otimista, evidencia a clareza de seu pensamento e de sua leitura da realidade, de fazer o que era possível para garantir direitos aos trabalhadores e a outros grupos subalternos, recém-saídos da ditadura.

Os demais textos debruçam-se sobre o potencial para novas pesquisas que podem derivar da consulta aos arquivos pessoais de Florestan Fernandes custodiados pela Unifesp e pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

No quinto capítulo, Claudia Ramalho nos apresenta o acervo de livros, documentos e objetos pessoais de Florestan Fernandes, sob a guarda da UFSCar, que tem cuidado tanto da preservação desse material como da sua divulgação, por meio de visitas guiadas ao acervo e da garantia de acesso ao conjunto, de forma presencial ou remota. O leitor encontrará aqui amostras interessantes da riqueza do acervo, de suas formas de extroversão e o quadro de arranjo

do fundo, reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) como parte da Memória do Mundo.

Thaís Fogaça apresenta minuciosamente o dossiê sobre Florestan Fernandes no arquivo da Cia. Editora Nacional no sexto capítulo. A descrição, um a um, de mais de duzentos documentos de diferentes tipologias, tamanhos e estados de conservação constitui um instrumento de pesquisa importante para estudiosos que venham a se interessar por novas fontes sobre um dos mais destacados pensadores brasileiros.

Por fim, o capítulo sete traz a transcrição de uma seleta da correspondência mencionada e analisada no capítulo dois. Destacando os documentos textuais e, mais especificamente, a epistolografia, a seleta recupera a expressão de Florestan por meios de suas palavras e reações às cartas de seu interlocutor privilegiado na Cia. Ed. Nacional, Thomaz de Aquino de Queiroz. Amigos, eles sentiam-se à vontade para tratar de assuntos pessoais, profissionais e políticos, na certeza de que se compreendiam mesmo quando discordavam.

12 | Partimos da efeméride, o centenário do nascimento de Florestan Fernandes, para produzir e reunir aqui esse conjunto diverso de reflexões sobre essa personagem, de origem humilde, que se construiu como intelectual rigoroso e militante incansável, que desejou fazer parte da mudança que esperava para o Brasil. Mas a efeméride só funciona quando existe uma demanda social pelo aprofundamento de reflexões sobre eventos e personagens. Quanto mais avançamos, mais nos convencemos de que este livro era importante e necessário e que valeu a pena trazer à luz, dialogar, criticar e celebrar a obra de Florestan Fernandes. Esperamos que os leitores se emocionem e se entusiasmem tanto quanto nós.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL 8105
SÃO PAULO (BRASIL)

Thomaz:

A parte que me coube no concôrto é
a que consta da fatura e recibo (NC800,00). O meu
sôgro já pagou.

Seria preciso mandar depositar na con-
ta bancária dele aquela quantia: Banco Moreira
Sales S. A., agência da consolação. Rua Augusta,
1.198. Sr. Sebastião Rodrigues.

Obrigado por tudo. Um abraço,

Sebastião
23/7/67

PARTE I

**ASPECTOS
DA TRAJETÓRIA
INTELECTUAL
E POLÍTICA**

2 pacotes ao prof.

Modelo N.º 41

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

SERVICÓ POSTAL

Correspondencia Expressa

baseada

N.º

Directoria

Assinatura do empregado

Por que ler um clássico?

| Luta de classes e luta racial
em Florestan Fernandes |

FÁBIO DANTAS ROCHA¹

Aí se acha o buslís do problema. As classes burguesas são destituídas de cultura cívica e só absorvem as mudanças que respondem às suas situações e interesses de classes. Ainda estão no estágio de praticar a acumulação originária, combinando-a de várias maneiras com a acumulação concentrada e acelerada do capital. Elas vivem sob o capitalismo monopolista da era atual, sob o guarda-chuva protetor, e não sabem como resolver seus dilemas econômicos, sociais e políticos sem a privatização do público, a transferência permanente de riqueza da nação para o setor privado, e sem a capacidade repressiva do Poder Público. As desigualdades econômicas, sociais, culturais e políticas extremas – em termos de classe, de raça e de região – convertem o desenvolvimento desigual em um vulcão prestes a fomentar explosões sociais em qualquer momento².

1. Graduado e mestre em História pela Unifesp. Doutorando em História Social na USP.

2. FERNANDES, Florestan. [1987]. “Opção pelo parlamentarismo”. In: *Florestan Fernandes na constituinte: leituras para a reforma política*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2014, p. 173.

Para Norberto Bobbio, os clássicos são aqueles que, além de terem a perspicácia de interpretar seu próprio tempo, lançam ao futuro novas proposições, diferentes enunciados e antecipam problemas³. A resposta à pergunta que intitula o artigo é um bom ponto de partida para a celebração do centenário de nascimento do grande sociólogo Florestan Fernandes. Sua complexa compreensão do Brasil reverbera ainda hoje, ao mesmo tempo em que sussurra problemas, perguntas, posições teóricas e políticas a trabalhos dos mais diversos campos nas Ciências Humanas brasileiras.

O que torna sua obra um clássico não são necessariamente as peculiaridades e excepcionalidades. Walter Benjamin já disse que a obra de arte é sua relação contínua e intrincada entre passado e futuro. A origem de um clássico, portanto, é sua história. Isto é, suas possibilidades de restauração, de reprodução e, por sua relação com o futuro, as reinterpretações do que guarda de inacabado e incompleto⁴. Ora, a grandeza de Florestan está na química fina entre sua excelência intelectual, sua compreensão militante do mundo e sua valentia acadêmica e política.

Com isso em mente, este texto se concentra em algumas de suas obras sobre o tema das relações raciais. O objetivo é demonstrar a historicidade de seus problemas, de suas parcialidades e imprecisões. Mas clássicos são como pessoas sábias, que nunca têm tempo suficiente para dizer tudo o que enxergam. Por isso nos provocam tanto, e é essa a razão do retorno que faço ao seu livro, em coautoria com Roger Bastide, *Branco e Negro em São Paulo* [1955], ao *Projeto de Estudo* [1951] que deu origem ao livro de Bastide e Fernandes, aos dois volumes de *A integração do negro na sociedade de classes* [1964], à obra *Revolução Burguesa no Brasil* [1975], ao *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* [1968] e, por fim, ao *Significado do protesto negro* [1989].

3. BOBBIO, Norberto. *Teoria geral da política: a filosofia política e a lição dos clássicos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

4. BENJAMIN, Walter. *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 68.

Ainda que em alguns desses títulos o tema central não seja o das relações raciais, pode-se, a partir desse conjunto, trilhar os caminhos teóricos e metodológicos de Florestan e, assim, entender como as concepções de raça, a sociedade de classes e o capitalismo brasileiro fecham um circuito de relações que legitimam a exclusão de homens e mulheres negras dos direitos básicos de cidadania.

Avalio que essas obras, lidas com os olhos do presente, guardam sérias falhas interpretativas. São legítimas, portanto, as críticas que pairam sobre o trabalho de Florestan Fernandes. Todavia, apesar das fragilidades apontadas por vários autores, esses textos deixam claro que os leitores de hoje não podem ser indiferentes às suas novidades, ao que há de inesperado em suas páginas e àquilo que o define como produção de mundo em perspectiva⁵.

Crítico intrépido do conceito de democracia racial, o sociólogo construiu sua obra a partir da crítica às estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais da sociedade brasileira. Como bem definiu Octavio Ianni, a interpretação de Fernandes sobre o Brasil aborda sua origem estrutural no escambo, no escravismo, no colonialismo e no imperialismo, e reflete sobre os efeitos econômicos da urbanização e da industrialização. A preocupação analítica refere-se ao processo de superação da sociedade de castas e à posterior formação de uma sociedade de classes⁶. Mas isso não é tudo: a obra revela um país em meio às lutas entre sentidos de mundo disputados por indígenas, colonizadores, africanos escravizados, negros brasileiros e imigrantes europeus inseridos em uma sociedade competitiva e de classes. De modo que, ao fazer a crítica radical ao mito da democracia racial, as inquietações teóricas de Fernandes têm a finalidade de dar respostas práticas para a organização da luta por uma sociedade

5. CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 11-13.

6. IANNI, Octavio. "A Sociologia de Florestan Fernandes". *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26, 1996, p. 25-33.

de fato democrática e justa, contexto no qual classe e raça aparecem como categorias sociais complementares. Com isso em mente, passemos a analisar a relação entre História e Sociologia em Florestan Fernandes, conjecturando algumas das críticas que o sociólogo recebeu ao longo da década de 1980 para que, enfim, possamos debater sobre como as categorias de raça e classe estão intimamente ligadas, na obra de Florestan, à luta de classes.

Dependência e crise: a relação entre a Historiografia e a Sociologia Histórica na obra de Florestan Fernandes

Ao analisar, em minha dissertação de mestrado, a relação entre modos de morar e de trabalhar da população negra de São Paulo e a de imigrantes entre os anos de 1887 e 1930, fui me dando conta de que, no discurso legal, administrativo e penal, a capital do estado de São Paulo nutriu esforços para forjar uma identidade do paulista: ele deveria ser um insigne trabalhador e ideologicamente informado por uma identidade branca. Esse imaginário deu base a uma série de formulações sobre a modernidade paulistana que teimou em excluir todas e todos aqueles que não estavam inseridos nesse paradigma legal e racial⁷.

Aos poucos, lendo uma série de documentos de época, pude construir um panorama racial do mundo do trabalho na cidade. Nos quarenta anos da Primeira República, as vagas de empregos fabris e as de balconistas da cidade raramente eram preenchidas por mulheres negras ou homens negros. Na ausência de uma legislação que impedisse a entrada dessas pessoas em tais postos de trabalho, o racismo presente nas relações interpessoais foi a explicação que encontrei para a exclusão⁸.

7. ROCHA, Fábio Dantas. *Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição (1887-1930)*. 2019. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em História). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

8. *Ibidem*.

Essa conclusão não é nova. Buscando entender as desigualdades raciais, Roger Bastide e Florestan Fernandes, durante a primeira metade dos anos 1950, orientaram seus alunos a entrevistar e analisar as falas de pessoas negras e brancas – naturais do Brasil, estrangeiras ou descendentes de imigrantes – que compunham diferentes classes sociais na cidade de São Paulo. Segundo os cientistas sociais, essas entrevistas foram necessárias para que se pudesse esquadriñar as características raciais dos setores industrial e comercial da capital e, assim, perceberem a “existência de barreiras profissionais, dos estereótipos da classe patronal” e “das ideologias dos brancos em suas relações com gente de cor”⁹.

Nesse processo, preocupados com a formação, as manifestações e os efeitos do racismo na sociedade paulistana do pós-Abolição, eles entenderam os brasileiros negros e os imigrantes europeus como produtos de sociedades distintas. Os primeiros guardariam as “contradições entre os mores econômicos, religiosos e jurídicos da sociedade de casta”¹⁰ – heranças da escravidão que, acumuladas pelo Império, legaram à República uma série de dificuldades de superação cultural da organização estamental da sociedade brasileira quando do golpe militar de 1889¹¹. Os segundos trariam de suas terras de origem o espírito empreendedor capitalista: supostamente, as experiências de organização de suas vidas econômicas advinham de seus locais de origem, economicamente mais desenvolvidos.

Para Florestan Fernandes, existiu uma nítida superioridade do imigrante europeu em relação ao negro brasileiro. A princípio,

9. BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. [1955]. *Branços e negros em São Paulo*: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. 4ª ed. São Paulo: Global, 2008, p. 23.

10. FERNANDES, Florestan. [1964]. *A integração do negro na sociedade de classes*. v.1. O legado da “raça branca”. São Paulo: Globo/Edição do Kindle, 2013. Locais do Kindle 4453-4454.

11. Sobre a questão das permanências e rupturas entre a chamada transição da sociedade estamental para a de classes, ver FERNANDES, Florestan. [1974]. *A revolução burguesa no Brasil*: ensaio de interpretação sociológica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

em termos psíquicos, porque os primeiros não haviam sido exauridos pela experiência da escravidão; em seguida, em termos culturais, já que eram familiarizados com práticas inerentes às sociedades competitivas. Para Florestan, “a desorganização da vida do negro” durante a Primeira República prendeu-se, “diretamente, à dupla impossibilidade – de abandonar, subitamente, os traços culturais herdados da escravidão; e de contrair, prontamente, os padrões de comportamento valorizados” pelos “homens livres e poderosos”. A partir dessa premissa, o sociólogo lançou duas questões. A primeira era “saber se, na verdade, a cidade repeliu o ‘negro’ como tal”; a segunda indagava qual a “natureza das tendências sociodinâmicas, imanentes à interação do ‘negro’ com as forças psicossociais e socioculturais do ambiente”¹²? As respostas para essas perguntas ressoaram longamente, entre fins de 1950 até pelo menos o início dos anos 1980. Fernandes entendia o preconceito racial como parte de um arcabouço cultural arcaico – herança dos tempos da colônia¹³ – e anacrônico à época de instauração da ordem social competitiva. O sentido da exclusão do negro “não é propriamente ‘racial’ nem ‘antirracial’”: “o isolamento econômico, social e cultural do ‘negro’, com suas indiscutíveis consequências funestas, foi um ‘produto natural’ de sua incapacidade relativa de sentir, pensar e agir socialmente como homem livre”¹⁴.

22 | Vê-se que, para o autor, a oposição entre o imigrante europeu e o negro brasileiro era fruto de uma superioridade cultural e, portanto, da capacidade de adaptação do primeiro à emergente sociedade de classes. Esse tipo de interpretação se explica, ao menos em parte, pela escolha metodológica de Fernandes.

12. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*. v.1. op. cit. Locais do Kindle 1602-1611.

13. O debate entre Carlos Hasenbalg e Florestan Fernandes sobre a persistência do preconceito e da discriminação racial no Brasil pós-Abolição pode ser acompanhado em HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2ª ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/ IUPERJ, 2005, p. 79-84. Ver especialmente o terceiro capítulo de FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. v. 1. op. cit.

14. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v. 1. op. cit. Locais do Kindle 1611.

Em *O preconceito racial em São Paulo*¹⁵, Florestan Fernandes justifica a utilização de aspectos informativos que possibilitassem a identificação das características do processo de transição “através do qual os pretos passaram do *status* de ‘escravos’ para o de ‘cidadãos’”.¹⁶ A fim de compreender as consequências sociais e jurídicas da Abolição, do advento da sociedade de classes e a “lenta ascensão econômico-profissional e social dos negros, que se vem realizando a par do começo do século [XX]”, o sociólogo julgou necessária a utilização de histórias de vida de pessoas que viveram os anos da escravidão e os primeiros anos da República. Além disso, fontes documentais tais como memórias, relatos de viajantes, imprensa (inclusive a escrita por negros) e bibliografia de “interpretação histórica”¹⁷ foram consideradas como fundamentais para o “estudo dos fatores sociais que modificaram as condições de ajustamento inter-racial entre brancos e pretos, do período da escravidão aos nossos dias”¹⁸.

Essa escolha metodológica é característica do tipo de Sociologia que Florestan Fernandes se empenhou em construir. Primeiramente porque, interessado em não desvincular “a Sociologia da pressão inexorável dos desafios que encadeiam presente e futuro”¹⁹, não poderia ignorar que a experiência de ex-escravos e ex-senhores fosse fundamental para a construção “do conhecimento sociológico”²⁰. Em seguida, empenhado em relacionar Sociologia e História, quis compor uma interpretação de Brasil que partisse da análise dos “processos de longa duração” – atributo lógico, segundo ele, de uma “Sociologia diferencial (ou histórica)”²¹.

15. Título do projeto de estudo elaborado e redigido por Florestan Fernandes, lido e discutido por Roger Bastide, que deu origem à pesquisa e ao livro *Branco e negro em São Paulo*. Ver, em especial, as p. 265-291 da obra mencionada.

16. BASTIDE & FERNANDES, *Branco e negro em São Paulo*, op. cit., p. 282.

17. Loc. cit.

18. Loc. cit.

19. FERNANDES, *A revolução burguesa no Brasil*, op. cit., p. 10.

20. BASTIDE & FERNANDES, *Branco e negro em São Paulo*, op. cit., p. 282.

21. FERNANDES, *A revolução burguesa no Brasil*, op. cit., p. 9.

Ao longo de sua vida, Fernandes defendeu a importância de um projeto sociológico que descrevesse e criticasse aquilo que não era ideal²² para os que vivem ou viveram uma sociedade existente, concreta e, portanto, histórica.²³ No entanto, ao valer-se dos relatos de vida, de fontes oficiais, memórias e da historiografia de sua época, Fernandes não fugiu do que pode ser chamado de “paradigma da ausência”²⁴. Funcionando como modelo explicativo desde fins do século XIX, a ideia de que “o Brasil é um país sem povo”, originalmente formulada por Louis Couty²⁵, serviu como ponto de partida para uma série de interpretações sobre a história do país. Enquanto autores como Nina Rodrigues e Gilberto Freyre enxergaram na escravidão a justificativa para a hierarquização das raças, outros encararam-na como uma chaga destruidora da capacidade de organização social e política dos escravizados²⁶. Embora antagônicas, essas duas leituras sobre o país tinham em comum a “visão do escravo como um ser coisificado, incapaz de pensamentos e ações próprios: a escravidão teria aniquilado as pessoas e sua cultura, restando a fragmentação e o vazio produzidos por uma dominação inexorável”²⁷.

Pouco a pouco, com a vitória dos projetos imigrantistas, antes ainda da Abolição, a ideia de herança da escravidão serviu para propalar a superioridade cultural do imigrante europeu, tido como acostumado ao trabalho industrial, à competição capitalista e às novas formas

22. Ideal aqui é utilizado como a ideia de algo categoricamente construído, como se existisse uma sociedade em forma pura. É uma referência ao conceito de *tipo ideal* formulado por Weber. Cf. WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais, parte 2*. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora Unicamp, 1992.

23. FERNANDES, *A revolução burguesa no Brasil*, op. cit., p. 10.

24. Para a análise de como esse paradigma esteve presente desde autores como Joaquim Nabuco e José de Alencar, e, assim, perpetuou-se nas interpretações sobre as pessoas *comuns* na História do Brasil, ver CHALHOUB, Sidney & SILVA, Fernando Teixeira. “Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980”. *Cadernos AEL*, v. 14, n. 26: 2009, p. 15-45.

25. COUTY, Louis. [1881]. *A escravidão no Brasil*, apud CHALHOUB & SILVA, “Sujeitos no imaginário acadêmico...”, op. cit., p. 15.

26. PRADO Jr., Caio. *História econômica do Brasil*. 41ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994; COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. 6ª ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1999; FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 27ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

27. CHALHOUB & SILVA, “Sujeitos no imaginário acadêmico...”, op. cit., p. 16.

de organização política²⁸. Aqui, a noção de herança serviu para a compreensão de que a escravidão mutilou os ex-escravizados econômica e socialmente. Autores como Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Emília Viotti da Costa contestaram a visão de uma escravidão brasileira benevolente e afirmaram que as características violentas da instituição teriam legado à suas vítimas falhas intelectuais e morais²⁹.

Chama a atenção a importância que Florestan Fernandes dá, em *Branços e Negros em São Paulo*, à assertiva de Caio Prado Jr., segundo a qual, no Brasil, “o trabalho escravo nunca irá além do seu ponto de partida: o esforço físico constrangido; não educará o indivíduo, não o preparará para um plano de vida humana mais elevado”³⁰. Preparando o terreno para uma pesquisa sociológica de campo, o sociólogo “se prolongou em uma pesquisa histórica do presente em esvanecimento, do passado recente e do passado remoto”³¹, tomando como base as estruturas históricas apontadas pelo historiador paulista. Consequentemente, assume como princípio a oposição entre arcaico e moderno, ao tomar como certa a dicotomia puramente conceitual entre os regimes escravista e capitalista. Outras derivações surgiram desse princípio: atraso *versus* progresso; trabalho escravo *versus* trabalho livre; trabalhador escravo brasileiro *versus* trabalhador assalariado europeu. Todas essas postulações surgem como prova de que o negro, pelo menos nos anos iniciais da República, fora excluído da história brasileira do trabalho³².

Apesar dessa análise enviesada sobre a irracionalidade comportamental do negro no pós-Abolição, o esforço de Florestan foi na

28. Sobre os embates de projetos emancipacionistas, imigracionistas ou abolicionistas e o impacto que esses debates tiveram sobre a construção de um ideal de trabalhador, ver AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites (século XIX)*. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

29. Para uma discussão detalhada acerca das críticas às teses de Florestan Fernandes, ver ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: Edusc, 1998, p. 29-34 e 118-134.

30. PRADO JR. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. Apud BASTIDE & FERNANDES, *Branços e negros em São Paulo*, op. cit., p. 71.

31. FERNANDES, *A revolução burguesa no Brasil*, p. 10.

32. LARA, Sílvia Hunold. “Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil”. *Projeto História*, v. 16, 1998.

direção de demonstrar que a conexão entre uma revolução burguesa incompleta, a desagregação do regime escravocrata e a expulsão do negro das relações de produção foi, na verdade, um complexo de exclusão racial, o que acabou por beneficiar os imigrantes e seus descendentes na população paulistana. Concentrado em entender como se deu o processo de transformação social iniciado na Abolição, ele não se deu conta de que tanto suas fontes historiográficas e documentais quanto suas “fontes vivas” estavam informadas por um mesmo paradigma: o de que o negro (entendido como categoria analítica) não estava preparado para a vida em liberdade.

Inserido em uma sociedade capitalista onde, anacronicamente, “continuaram a imperar os modelos de comportamento, os ideais de vida e os hábitos de dominação patrimonialista, vigentes anteriormente na sociedade estamental e de castas”³³, a anomia social do negro comporia uma tela sobre a implementação forçosa de um liberalismo esdrúxulo e incompleto que, ao mesmo tempo em que não deu condições ao negro de “expurgar [sua] herança cultural perniciosa e se converter em *homem livre*”³⁴, não se consolidava como burguesa, liberal-democrática e urbana³⁵. George Andrews foi preciso ao afirmar que o principal problema da pesquisa de Florestan foi entender que a população de cor paulistana não tinha capacitação técnica e/ou disciplina para o trabalho livre. Ora, para tal entendimento não existia evidência alguma, a não ser o juízo de valor imposto pelas fontes e bibliografia selecionadas pelo sociólogo.³⁶

Um jovem leitor de Florestan Fernandes se espantará ao ler assertivas que discorram sobre um fictício “comportamento sistemático” da população negra que a levou para a “vadiagem”³⁷. A visão acerca dos

33. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v.1, op. cit. Locais do Kindle 811-815.

34. *Ibidem*. Locais do Kindle 1635.

35. *Ibidem*. Locais do Kindle 811-815.

36. Sobre a falta de evidências que comprovem a falta de capacidade técnica, moral e intelectual da população egressa do cativo para o trabalho livre na ordem capitalista, ver ANDREWS, *Negros e brancos em São Paulo*, op. cit., p. 119-134.

37. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v.1, op. cit. Locais do Kindle 3139-3140.

negros pobres da cidade de São Paulo que os identifica como “biscateiros, malandros, ou bêbados contumazes”, vindos de “famílias desintegradas”³⁸ à ordem social é muito próxima daquela veiculada pelas elites latifundiárias e urbanas no momento crítico do processo da Abolição e das tentativas de implementação da disciplina capitalista³⁹.

Apesar das críticas dos historiadores sociais serem inequívocas, o termo anomia tem uma origem metodológica em Florestan Fernandes que merece ser retomada. O conceito central em sua tese é o de “fato social”, formulado por Émile Durkheim. Segundo o sociólogo francês, os fatos sociais são conjuntos de valores, premissas e crenças que se definem por sua generalidade dentro da sociedade analisada.⁴⁰ Desse modo, Fernandes, ao tomar o preconceito racial como objeto de sua pesquisa, assume como diretriz metodológica a sua integração ao contexto social, já que “a origem de todo processo social de alguma importância deve ser procurada na constituição do meio social interno”.⁴¹ Ao relacioná-lo ao *meio social interno*, ou seja, ao conectar o preconceito racial (como fato social) ao contexto ideológico, social e econômico da cidade de São Paulo, Fernandes entende que aquelas “condições de existência social anômicas”⁴² eram heranças do cativo. Mas o conceito de anomia social em *A integração do negro na sociedade de classes* aparece, muitas vezes, de forma ambígua. Ora usado para taxar a falta de “suportes perceptivos e cognitivos” de pretos e pardos, ora para ressaltar a falta de “suporte social para as suas atividades econômicas ou para as suas aspirações de ascensão social”⁴³, a forma com que esse conceito foi manipulado

38. Ibidem. Locais do Kindle 2465; 3711.

39. CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012, p. 83.

40. DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Lisboa: Presença, 2004.

41. FERNANDES, Florestan & BASTIDE, Roger. “O preconceito racial em São Paulo (Projeto de estudo)”. In: FERNANDES & BASTIDE, *Branco e negro em São Paulo*, op. cit., p. 268.

42. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v. 1, op. cit. Locais do Kindle 3861.

43. Ibidem. Locais do Kindle 3966 e 1002, respectivamente.

pode deixar o leitor confuso. A confusão, na verdade, está no alicerce ideológico das fontes utilizadas e na visão geracional do próprio Florestan. De qualquer modo, vale apontar que, em sua avaliação, “a anomia não produziu, por si mesma, a miséria; nem se manteve por qualquer suposta ‘propensão do negro para viver na desordem’”; tampouco a miséria “engendrou, como antecedente causal, a anomia e, se concorreu de diversas maneiras para agravá-la e perpetuá-la, isso não se deu simplesmente porque ‘o negro gosta de não fazer nada’”⁴⁴. Portanto, aqui e acolá, o autor vai deixando pistas de que foi a falta sistemática de boas oportunidades de emprego, educação, moradia e de acesso aos direitos básicos da cidadania que frustraram continuamente planos negros de “vida condigna”⁴⁵.

Quando Fernandes pensa em como os modos de vida na cidade de São Paulo influenciam as lutas pela sobrevivência de seus habitantes, ele admite a existência de uma política racista de branqueamento que, institucionalmente invisível, acabou por eliminar “negros e mulatos [...] das posições que ocupavam” no mundo anterior ao 13 de Maio. Isso fortaleceu a tendência de “confiná-lo [o negro] a tarefas” e moradias “mal retribuídas e degradantes”⁴⁶. Influenciado pelo estereótipo do paulista empreendedor e adaptável ao mundo capitalista⁴⁷, Fernandes atribuiu a mobilidade de classe do europeu, entre outras coisas, ao espírito capitalista avançado. Mas sua argumentação deixa pontas soltas que podem nos servir de guia para alguns caminhos interpretativos sobre o período do pós-Abolição brasileiro.

Por um lado, ele argumenta que o “estrangeiro” estava mais preparado para os “serviços essenciais para a expansão urbana”. Por ou-

44. *Ibidem*. Locais do Kindle 3853.

45. *Ibidem*. Locais do Kindle 3861.

46. *Ibidem*. Locais do Kindle 490.

47. Para entender a relação entre raça e classe social e o seu impacto na vida de mulheres e homens negros na cidade de São Paulo, investiguei o processo de formação de uma identidade oficial do paulista como trabalhador branco e morigerado. Ver o capítulo 2 de ROCHA, *Saindo das sombras*, op. cit.

tro, afirma que “imperavam as conveniências e as possibilidades, escolhidas segundo um senso de barganha que convertia qualquer decisão em ‘ato puramente econômico’”. Ora, se as conveniências existentes nas relações capitalistas na metrópole eram convertidas ideologicamente em atos “puramente econômicos”, a análise pode seguir por um caminho interessante. “Desse ângulo, onde o ‘imigrante’ aparecesse, eliminava fatalmente o pretendente ‘negro’ ou ‘mulato’, pois se entendia que ele era o *agente natural* do trabalho livre”⁴⁸.

A leitura atual do texto de Fernandes é um pouco delirante. Um parágrafo parece contestar o anterior: ora o racismo surge como fator determinante para a exclusão do negro da sociedade de classes, ora afirma-se que isso se deu pela “irracionalidade do comportamento do negro e do mulato, como indivíduos ou coletivamente, no período final da desagregação da sociedade de castas” e no período de formação da cidade contemporânea. O certo é que, para o autor, tudo isso era um complexo de coisas. O peso espoliador da escravidão, “os infortúnios que enfrentaram nas peregrinações pelo campo, pelas cidades e para o litoral”, desabaram sobre todos quando descobriram “que a mudança de estado social não acarretava ‘a redenção da raça negra’”. Ao mesmo tempo, “as preferências pelo imigrante, em particular a proteção (...) [das] correntes imigratórias e a assistência aos trabalhadores brancos transplantados suscitaram um travo de fel”, que amargurava visões sobre o futuro⁴⁹.

Entre as pontas soltas, há algo de essencial nos textos de Fernandes. A análise das relações intra e interclasses deve levar em conta as concepções de raça que nortearam aquelas transplantações ideologizadas sobre proteção e exclusão dos sujeitos na cidade. No limite, isso dá uma complexidade maior à ideia de formação do capitalismo que, por ser processo, guardou as contradições do mundo escravista,

48. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v.1, op. cit. Destaque no original. Locais do Kindle 504.

49. *Ibidem*. Locais do Kindle 541-543.

suas tradições e modos de fazer política junto a concepções de liberdade reorganizadas, conforme vivia-se a República⁵⁰.

Proletários negros e brancos, uni-vos:
classe e raça em Florestan Fernandes

Minneapolis, Minnesota, Estados Unidos. Eram oito horas da noite do dia 25 de maio de 2020 quando um balconista do Cup Foods, um supermercado da cidade, supôs que George Floyd havia utilizado uma nota de dólar falsa para comprar seu maço de cigarros. Apesar de ser um cliente considerado “amigável e gentil” pela dona do estabelecimento, Floyd não era conhecido do jovem funcionário que, em ligação ao número do serviço de emergência dos EUA, disse ter pedido a Floyd que devolvesse o maço de cigarros, mas que o cliente se negou a fazer, pois já havia pago a mercadoria. A justificativa do empregado ao fazer a ligação foi a de que o cliente tinha ares de “bêbado” e que “não estava sob o controle de si mesmo”. Apenas oito minutos depois da chamada, dois policiais brancos chegaram ao local e se aproximaram do carro em que Floyd estava, junto a dois amigos. O primeiro policial, Thomas Lane, exigiu que Floyd levantasse as mãos, enquanto empunhava sua arma. Recebendo ordem de prisão por suposto uso de notas falsificadas, George Floyd, já detido, foi coagido a entrar no carro dos policiais. Segundo o relatório do caso, a vítima da violência policial, dizendo que era claustrofóbica, caiu no chão. Nesse momento, o policial Derek Chauvin cometeu o assassinato que chocou os Estados Unidos e o mundo. O assassino ignorou as frases “por favor, por favor, por favor” e “não consigo respirar”⁵¹, ditas pela vítima, e sufocou Floyd.

50. É essa análise que sugiro em ROCHA, *Saindo das sombras*, op. cit., p. 135-137.

51. BBC NEWS BRASIL. “George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida”. *Época negócios*, 31 de maio de 2020. Visto em: <<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2020/05/george-floyd-o-que-aconteceu-antes-da-prisao-e-como-foram-seus-ultimos-30-minutos-de-vida.html>>. Acesso em: 02 de junho de 2020.

Não foi a primeira vez que uma situação como essa aconteceu. Lembremo-nos do homicídio, também por sufocamento, de Michael Brown, na cidade de Ferguson, estado do Missouri, em 2014. O fenômeno não está restrito aos Estados Unidos: ações policiais que torturam e/ou matam pessoas negras são frequentes também no Brasil. Entre muitos, o assassinato de João Pedro Matos Pinto, de 14 anos, com um tiro na barriga após uma operação conjunta da Polícia Federal e da Polícia Civil no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, em 18 de maio de 2020, é mais um exemplo dessa racionalidade racializada das forças policiais nas Américas. Os critérios raciais que justificaram o uso da força policial e levaram a esses assassinatos motivaram, até o momento da escrita deste texto, muitos dias de protestos contínuos, nos Estados Unidos e no Brasil. Trata-se de manifestações populares que articulam as pautas antirracistas e antipoliciais por vincularem, a partir das perspectivas da população afro-americana, a violência policial e o racismo à desigualdade social existente nos EUA. Não é muito diferente no Brasil.

Há quem diga que esses tipos de manifestação pecam por não assumirem um caráter anticapitalista⁵². Não me parece o caso. Lá, ou cá – guardadas as diferenças geográficas, políticas, sociais, econômicas e culturais –, o sistema de relações capitalistas avança na sua forma mais cruel, a do neoliberalismo. Seja em sua etapa de produção, em seus processos de circulação de mercadorias ou de criação de demandas, o neoliberalismo, aumentando o nível de cooperação do trabalho e especializando mais e mais a concessão de crédito e o comércio, acirrou a diferença entre os cidadãos, principalmente entre as classes de renda mais baixa e, assim, dificultou a solidariedade entre eles. Essa fórmula interpretativa já é conhecida. Ela está no

52. HARVEY, David. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016. Locais do Kindle: 5479.

primeiro volume d'*O capital* de Karl Marx: quanto maior a alienação do trabalho, mais “a capacidade de resistência dos trabalhadores diminui em consequência de sua dispersão”⁵³. Ora, com a especialização cada vez maior no trabalho, e na era da falácia da customização da mercadoria, os trabalhadores tendem a não se identificar como classe, separando-se uns dos outros. Um dos fatos sociais mais evidentes dessa separação e diferenciação é o racismo ou o preconceito racial – para retornarmos ao repertório de Florestan Fernandes.

As vozes antirracistas em Ferguson ou em Minneapolis não evocam nitidamente o fim do capitalismo. Porém, parece óbvio que, ao denunciarem os mecanismos racializados das instituições estadunidenses e exigirem o fim do extermínio do povo negro, elas radicalizam a ação política, transmitindo a mensagem de que o racismo é um dos fundamentos do capitalismo. Ao fim e ao cabo, o que a crítica à violência do Estado racista nos EUA revela é a íntima relação entre raça e classe, e demonstra qual é o papel que a raça assume dentro da luta de classes.

Parto desse argumento, pois, como sabemos, as obras de Fernandes aqui selecionadas escancaram a importância da análise da formação e consolidação da sociedade de classes brasileira sob o prisma das relações raciais. Para ele, “na medida em que não estavam incorporados ou apenas se incorporavam parcialmente ao sistema de classes emergente”, os negros paulistanos viram-se em constante confronto com os brancos, nacionais ou estrangeiros. Valendo-se de depoimentos de brancos e de negros, além de textos de jornais, ele salienta que o racismo também contribui para que os brancos se efetivassem nos “papéis sociais que os convertiam – quisessem ou não – em ‘assalariados’ ou em ‘empresários’”. Já “os negros e os mulatos, ao contrário,

53. MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital [1867] (trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2013, p. 533-534.

desfrutavam dessa regalia somente quando se inseriam na teia das ocupações urbanas institucionalizadas – ou seja, só uma minoria da ‘população de cor’ estava em condições de enfrentar o desemprego como problema social”. Para o sociólogo, “ainda prevaleciam vários ajustamentos e critérios de avaliação incorporados à herança sociocultural do passado rústico”⁵⁴.

O que seriam esses “critérios de avaliação incorporados à herança sociocultural do passado rústico” senão padrões sociais racializados de hierarquização entre brancos e negros? A pergunta, evidentemente, é retórica, mas vale acompanhar a resposta dada por Florestan: “no nível da integração e do funcionamento da ordem social competitiva, as coisas se passavam como se à ‘população de cor’ estivesse vedado o acesso à estrutura da sociedade de classes”⁵⁵.

Latente à crítica que Florestan Fernandes fez ao mito da democracia racial está, portanto, a íntima relação entre classes sociais e raça. Como a formação e o desenvolvimento das classes sociais se emaranharam à “desigualdade racial na desigualdade inerente à ordem social competitiva”, a noção de democracia racial é “um belo mito” ideológico, que serve para encobrir a realidade fundadora do sistema de classes no Brasil⁵⁶.

A pesquisa de Florestan, portanto, tem muito a nos informar sobre como as “determinações de raças se inseriram e afetaram as determinações de classes” no Brasil⁵⁷. E isso desde seu primeiro livro, *Branco e negros em São Paulo*. A crítica de que sua análise não levou em conta as transformações do racismo na cidade de São Paulo pós-Abolição parece um pouco exagerada quando se percebe que o importante para Bastide e Fernandes era entender as formas pelas quais as “atitudes

54. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v.1, op. cit. Locais do Kindle 2593-2599.

55. *Ibidem*. Locais do Kindle 4177-4181.

56. FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global/Edição do Kindle, 2013. Locais do Kindle 1913.

57. *Ibidem*.

preconceituosas e discriminatórias” se exprimiram e que funções sociais elas assumiram na formação e consolidação da sociedade de classe⁵⁸.

Desse modo, e devido à “herança [cultural] escravista”, o racismo aparece na obra de Florestan como mecanismo de preservação de lugares sociais, que produz efeitos na dominação política e econômica do branco sobre o negro⁵⁹. Não que para eles a noção de raça assumiria o mesmo significado na sociedade de castas e na emergência da nova ordem competitiva. Ao contrário: legalmente, patrões, empregados e operários “não se distinguiam como os senhores, os escravos e os libertos, mediante a combinação de posição social à cor da pele ou à ascendência racial”. No entanto, a adaptação de algumas “representações e estereótipos associados à cor e às diferenças raciais” da antiga estratificação racial à ordem social capitalista não só impediu que a população negra paulistana ocupasse posições sociais superiores às que acabaram por ocupar como, também, perpetuaram “a noção de que o negro é ‘inferior’ ao branco”⁶⁰.

Para Fernandes e Bastide, a industrialização, a urbanização de São Paulo, a vinda dos imigrantes e o surgimento das classes sociais, “deixando (...) subsistir subterraneamente, como num edifício em conserto, partes inteiras da antiga sociedade tradicional”⁶¹, devem necessariamente compor uma análise da sociedade paulistana que vincule os conceitos de raça e classe.

Ao fazer isso, ambos se contrapunham à visão conciliatória de Donald Pierson, segundo a qual o Brasil seria uma sociedade multirracial de classes – diferente da situação dos Estados Unidos, onde as divisões raciais entre as classes eram evidentes. Lá, segundo

58. BASTIDE & FERNANDES, *Branco e negro em São Paulo*, op. cit., p. 19.

59. *Ibidem*, p. 118.

60. É importante frisar o que foi dito na parte anterior desse texto. A esse processo de exclusão, Florestan Fernandes explica a partir de um labiríntico argumento que, *pari passu* disserta os efeitos negativos da estratificação racial na vida da população negra à paulistana, alardeia uma falsa “incapacidade de ajustamento econômico dos negros”. Cf. BASTIDE & FERNANDES, *Branco e negro em São Paulo*, op. cit., p. 140.

61. *Ibidem*, p. 154.

Pierson, a ascensão de uma nova classe média negra não garantiu condições de igualdade entre brancos e negros, já que os segundos não foram aceitos pelos primeiros social e institucionalmente. Caso diverso teria ocorrido no Brasil: aqui, os negros, ao ascenderem de classe, seriam aceitos tal qual os brancos. Portanto, o que existiria no Brasil seria um preconceito de classe, não o racial⁶².

Para confrontar essa afirmação, Bastide recorreu às entrevistas com negros e brancos em São Paulo:

Um negro de boa posição social quer entrar numa boate. O porteiro aborda-o: Por favor, entre pela porta de serviço. – Uma preta está à janela. Um vendedor ambulante passa: Vá dizer à patroa que tenho frutas bonitas. – Mas eu sou a patroa. – Não brinque, não tenho tempo a perder. Vá avisar a patroa⁶³.

Na lida cotidiana, a cor torna-se critério de distinção entre indivíduos e impõe lugares sociais subalternos aos negros. Portanto, o preconceito de cor identifica-se com o de classe. Na interpretação dos relatos colhidos pelo sociólogo francês, o “espanto admirativo” foi a regra, ao descreverem negros que ascenderam de classe. Mesmo quando respeitados, afirma Bastide, “o respeito é o segundo momento de uma dialética afetiva, que começa por rebaixar o negro e que corrige em seguida esse primeiro ponto de vista adotado”⁶⁴. Em suma, a cor serve como símbolo dos lugares sociais ocupados pelos sujeitos.

A análise vai além. Se o preconceito racial se confunde com o de classe, o que torna possível generalizar raça como um fato social a impor determinações que afetam as relações de classes? Para responder à questão, Bastide ressalta a importância do exame do

62. PIERSON, Donald. *Branco e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1945.

63. BASTIDE & FERNANDES, *Branco e negro em São Paulo*, op. cit., p. 166.

64. *Ibidem*, p. 166.

“preconceito de cor” dentro de uma mesma classe, “para ver em que momento a cor começa a ser um estigma racial e não apenas um símbolo de *status* social”⁶⁵.

Desse modo, o caráter heterogêneo do proletariado paulista explicaria a inexistência de uma consciência de classe que conseguisse dominar os conflitos étnicos existentes entre brancos e negros, nacionais e imigrantes europeus. A conclusão é que “a cor prevalece sobre a classe”. Ainda mais numa cidade em que, durante os primeiros anos republicanos, a “classe proletária” localizou-se socialmente “não no nível mais baixo da sociedade, mas num nível intermediário, acima da ‘plebe’, [...] constituída justamente pelos homens de cor, vagabundos, mulheres semiprostituídas, e por gente que só trabalha intermitentemente”⁶⁶.

Vimos que essa concepção de *plebe* e da população egressa do cativoiro sofria das imputações racistas e que fora contestada por diversos trabalhos historiográficos que, contra as acusações de vadiagem, de prostituição e de alcoolismo, comprovaram a existência de uma moral de trabalho e a permanência de laços familiares que contribuíram para a construção de diversos tipos de trajetórias de negras e negros antes e depois da Abolição. Longe de existirem em um estado de anomia social, a população de ex-escravizados soube tecer, manter e utilizar redes interpessoais que contribuíram para a construção de estratégias de vida em liberdade, inclusive estratégias políticas⁶⁷.

65. *Ibidem*, p. 167.

66. *Ibidem*, p. 167-168.

67. ANDREWS, *Negros e brancos em São Paulo*; CHALHOUB, *Trabalho, lar e botequim*; COSTA, Carlos Eduardo C. *De pé calçado: família, trabalho e migração na Baixada Fluminense*, RJ (1888-1940). 2013. (Tese de Doutorado em História Social do Programa de Pós-Graduação em História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013; DOMINGUES, Petrónio José. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-Abolição*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2004; FRAGA, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014; GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005; LARA, “Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil”, *op. cit.*; MACHADO, Maria Helena P. T. *O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da Abolição*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2010; MACHADO, Maria Helena P. T. e CASTILHO, Celso Thomas. *Tornando-se livre: agentes históricos e lutas sociais no processo de Abolição*. São Paulo: Edusp, 2015; MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX)*. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2013.

Ao que parece, a principal tese de Florestan Fernandes ainda tem peso interpretativo para a realidade do Brasil e, com tal, influencia, mesmo que subterraneamente, grande parte dos estudos sobre o pós-Abolição brasileiro. Primeiramente, ao lidar com as dificuldades de “integração” negra inseridas no processo de instituição da sociedade de classes na cidade de São Paulo, serve como pontapé inicial para a resolução de perguntas fundamentais. Esse movimento foi homogêneo em todo o país? Como se desenrolou a construção do mercado de trabalho livre em outras regiões? Qual o perfil racial desses trabalhadores? Qual a relação entre escravidão e liberdade no Brasil republicano?

Em segundo lugar, por meio da análise das relações raciais entre imigrantes europeus, nacionais brancos e negros, Florestan nos lega interpretações sobre os conflitos étnico-raciais que nos permitem perceber como as identidades raciais dos brasileiros brancos, dos imigrantes europeus e seus descendentes construíram barreiras raciais que inviabilizaram e ainda inviabilizam o acesso dos negros aos direitos básicos de cidadania durante os séculos XX e XXI.

Em síntese, ao reconhecermos os dois volumes d’*A integração do negro na sociedade de classe* como um todo, o que ainda hoje parece ter grande impacto em nossa produção acadêmica sobre o pós-Abolição é a noção de que as transformações histórico-sociais das estruturas e do funcionamento da sociedade brasileira, quando da passagem da sociedade de castas para a de classes, “quase não afetaram a ordenação das relações raciais, herdadas do antigo regime”⁶⁸.

A continuidade da ordenação das relações raciais perpetuou o problema da “absorção” econômica da “população de cor” na cidade de São Paulo. Esse é o problema central do primeiro volume d’*A integração do negro na sociedade de classes*. Essa ordenação teve o

68. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v. 2, op. cit. Locais do Kindle 65-69.

efeito de excluir a população afrodescendente de uma “vida social organizada” nos moldes da ordem social competitiva – argumento duramente questionado pela historiografia social dos anos 1980. Então, Florestan Fernandes conclui que mesmo o hipotético vencimento de todo “o estado de miséria, de desorganização e de abandono, em que vivia a maior parte dessa população” não bastaria para acabar com o “dilema do preconceito de cor”. Afinal, ele assumiria o significado de perduração da “velha associação entre cor e posição social ínfima”, excluindo o negro “de modo parcial ou total (conforme os comportamentos e os direitos sociais considerados), da condição de gente”. A citação literal de Fernandes, ainda que cause certa estranheza ao leitor de hoje, me parece apropriada para ressaltar a tese central de que a sociedade de classes e competitiva brasileira, na prática, ao negar a cidadania à parcela negra de sua população, não oferece condições de igualdade para que a competição se realize⁶⁹.

Esse enunciado já aparecia em *Branços e Negros em São Paulo*. Ali constatava-se que, durante os anos 1950, mesmo com a melhoria das condições profissionais do negro, “devido à interrupção do movimento migratório”, a relação do branco com o negro continuou a ser pautada pela defesa dos privilégios que a branquitude arrendava aos primeiros. “Numa palavra, os brancos não querem ver o esforço dos homens de cor para se integrar na sociedade de classe, como proletários” e “mantêm a imagem do ‘antigo negro’, a fim de isolá-lo em certos setores da sociedade e deixar a outros brancos os empregos mais bem remunerados ou mais ‘decentes’⁷⁰.”

Esse argumento fica ainda mais evidente no segundo volume d'*A integração do negro na sociedade de classes*. Em diversas passagens do livro, Fernandes fundamentou incontestavelmente que não bastaria

69. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v. 2, op. cit. Locais do Kindle 74-82.

70. BASTIDE & FERNANDES, *Branços e negros em São Paulo*, op. cit., p. 201-202.

reduzir a distância social do negro e do branco a explicações meramente econômicas. Atribuindo essa justificativa à doutrina da democracia racial, ele revela que o intuito de tal encadeamento de ideias era, na verdade, “confundir os aspectos visíveis do ‘preconceito de cor’ com algo que às vezes se subestima como ‘um simples preconceito de classe’”⁷¹.

Ainda pautando-se nas conclusões de Bastide, desde o início do segundo volume d’*A integração do negro* Florestan afirmava que, embora cruel e grave, talvez o drama econômico vivenciado pela população negra em São Paulo não fosse “o pior aspecto da condição humana oferecida ao ‘negro’ na era da civilização industrial”. Acompanhando relatos de brancos e negros sobre seus cotidianos, ele percebeu que as manifestações do racismo interferiram diretamente nos mecanismos de ascensão social criados ou alcançados pelos negros paulistanos. Por isso, a condição socioeconômica dessa parcela da população sempre esteve ligada a padrões de relações raciais tradicionalmente assimétricos. Podemos discutir a exatidão da ideia de tradição desses padrões, mas é inegável que, no pós-Abolição paulistano, a categoria *cor* serviu para justificar as posições de classe de uns e a exclusão de outros nos discursos do dia a dia, na imprensa, nas contratações de funcionários ou na elaboração de políticas públicas.

Esse tipo de relação entre raça e classe continua, conforme uma parcela da população negra passa a ocupar lugares profissionais e sociais antes destinados somente aos brancos. Nesses momentos, o “preconceito racial” como fato social expressa-se de maneira inconfundível, escancarando as tensões raciais. “O ‘branco’, que antes somente se empenhava numa defesa indireta e invisível de sua posição de supremacia, precisa descer ao corpo-a-corpo indisfarçável”⁷² da competição intraclasse.

71. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v. 2, op. cit. Locais do Kindle 7116-7126.

72. FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v. 2, op. cit. Locais do Kindle 4686-4689.

Permanecendo o racismo como uma autodefesa do branco contra a escalada de classe do negro e preservado o estigma de hierarquização racial, a sociedade de classes empurra aos pretos e pardos paulistanos à necessidade de, pelas suas próprias mãos, vencer as barreiras raciais que os impedem de usufruir integralmente a cidadania republicana, sem a qual nenhum tipo de democracia é possível.

De modo geral, durante muito tempo houve resistência, inclusive entre os intelectuais mais engajados nas lutas democráticas e/ou anticapitalistas, em caracterizar a luta antirracista como um componente importante para as pautas de diversos movimentos sociais. Inversamente, é conhecida a militância de Florestan para romper as amarras dessa resistência. Para ele, “nas lutas dentro da ordem, a solidariedade de classe não pod[ia] deixar frestas”: tanto greves, quanto outras modalidades de conflitos de classe “que visam o padrão de vida e as condições de solidariedade para os trabalhadores, não podem admitir a reprodução das desigualdades e formas de opressão que transcendem a classe”. Afinal, no capitalismo, “embora o trabalho seja uma mercadoria, onde há uma composição multirracial nem sempre os trabalhos iguais são mercadorias iguais”⁷³.

Embora apareça com maior força nos escritos declaradamente políticos de Fernandes, é importante que não percamos de vista que a relação de mútua complementaridade entre raça e classe já estava presente na elaboração das teses contidas em *Branços e Negro em São Paulo* e *A integração do negro na sociedade de classe*. Essa conexão ganha força à medida que se radicaliza a crítica ao mito da democracia racial:

Muitos afirmam que o preconceito de cor é um fenômeno de classe e que no Brasil não existem barreiras raciais. Todavia, estas se manifestam de

73. FERNANDES, Florestan. “Prefácio”. In: *Significado do protesto negro*. São Paulo: Expressão Popular/ Ed. da Fundação Perseu Abramo, 2017, p. 86.

vários modos e são muito fortes. Aqueles que conseguem varar as barreiras sociais, qualificando-se como técnicos ou como profissionais liberais, logo se defrontam com barreiras raciais. Promoção, reconhecimento de valor e acesso a vários empregos são negados por causa da condição racial, embora os pretextos apresentados escondam as razões verdadeiras. Para a massa de população negra a questão é ainda mais grave que para suas elites. Ela se vê expulsa da sociedade civil, marginalizada e excluída. E defronta-se com o peso de um bloqueio insuperável e de uma forma de dominação racial hipócrita, extremamente cruel e camuflada, que aumenta a exploração do negro, anula suas oportunidades sociais, mas, ao mesmo tempo, identifica o Brasil como um país no qual reina harmonia e igualdade entre as raças. A armadilha faz a cabeça do negro, que se desorienta e com frequência acaba capitulando, como se ele fosse responsável pelos seus “fracassos”⁷⁴.

A riqueza e a coragem da análise de Florestan Fernandes residem na análise desse mito como uma ideologia que, por ocultar “as razões verdadeiras” da exclusão econômica e social do negro, produz ilusões tanto para os brancos quanto para os negros. Como discurso hegemônico na sociedade capitalista paulistana, faz com que os primeiros, escorados em seus privilégios raciais, enxerguem a desigualdade social como mero reflexo da desigualdade econômica e os segundos, capturados pela crença no mito da democracia racial, ordenem os discursos sobre suas vidas de modo a enevoar os conteúdos reais advindos das tensões raciais em que estão inseridos⁷⁵.

A crítica à fábula racial da democracia adverte: “Nada de isolar raça e classe”! A análise de Fernandes acerca da luta de classes

74. FERNANDES, *Significado do protesto negro*, op. cit., p. 40.

75. Florestan Fernandes, pautando-se nos materiais produzidos pela Frente Negra Brasileira e pelos depoimentos de militantes negros históricos, como o de José Correia Leite, taxa esse tipo de estratégia como capitulação passiva do negro. Ora, tal argumento não pode ser corroborado, tendo em vista que a assimilação do mito da democracia racial não se dá de forma passiva e sem se levar em conta os contextos de manutenção material da vida dos sujeitos, conforme comprovado pela historiografia social brasileira sobre o pós-Abolição. Para uma melhor análise sobre o conceito de capitulação, ver FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v. 1, op. cit. Locais do Kindle 5213-5214; FERNANDES, *A integração do negro na sociedade de classes*, v. 2, op. cit. Locais do Kindle 1011-1091.

brasileira, desde *Branços e negros em São Paulo*, é primorosa e pode servir de guia para orientar nossos estudos e práticas. Sem negligenciar a raça como formação social fundamental, Florestan enxerga “um potencial revolucionário no negro”⁷⁶, ou melhor, na “consciência racial” do negro.

Sofrendo na pele a exclusão social das condições racial e proletária, “o negro nega duplamente a sociedade na qual vivemos”. Não se pode negar que a interação entre raça e classe existe objetivamente. Diante disso, essa interação “fornece uma via para transformar o mundo, para engendrar uma sociedade libertária e igualitária sem raça e sem classe, sem dominação de raça e sem dominação de classe”⁷⁷. Daí que, para Florestan Fernandes, só pode haver um vínculo efetivo entre raça e democracia quando o negro participar dos mais diversos movimentos sociais, sindicais e dos partidos políticos, “levando para eles as exigências específicas mais profundas da sua condição de oprimido maior”⁷⁸. É nesse ponto que classe e raça revigoram-se mutuamente, enlaçam elementos essenciais “para a negação e a transformação da ordem vigente”; a raça, como categoria social importante na luta de classes, dá lastro às “distintas radicalidades que precisam ser compreendidas (e utilizadas na prática revolucionária) como uma unidade, uma síntese no diverso”⁷⁹.

42 | A obra de Florestan Fernandes tem muito a dizer sobre os nossos dias e muito mais a nos orientar na luta por uma sociedade justa e por uma “democracia para valer”, que reflita verdadeiramente sobre a realidade racial e social brasileira e que “dê as mãos aos negros e a todos que exigem uma abolição que se atrasou historicamente e deve ser feita dentro do capitalismo, contra ele, ainda na era atual”⁸⁰.

76. FERNANDES, *Significado do protesto negro*, op. cit., p. 86.

77. *Ibidem*, p. 26.

78. *Ibidem*, p. 41.

79. *Ibidem*, p. 85.

80. *Ibidem*, p. 87.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Tradução: Magda Lopes; revisão técnica e apresentação: Maria Ligia Coelho Prado. Bauru: Edusc, 1998.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites (século XIX)*. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. [1955]. *Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. 4ª ed. rev. São Paulo: Global, 2008.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan [1955]. “O preconceito racial em São Paulo (Projeto de estudo)”. In: *Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. 4ª ed. rev. São Paulo: Global, 2008.

BENJAMIN, Walter. *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOBBIO, Norberto. *Teoria geral da política: a filosofia política e a lição dos clássicos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHALHOUB, Sidney & SILVA, Fernando Teixeira. “Sujeitos no ima-

ginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980”. *Cadernos AEL*, v. 14, n. 26, 2009, p. 15-45.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.

COSTA, Carlos Eduardo C. *De pé calçado: família, trabalho e migração na Baixada Fluminense, RJ (1888-1940)*. 2013. (Tese de Doutorado em História Social do Programa de Pós-Graduação em História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 6ª ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 1999.

DOMINGUES, Petrônio José. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-Abolição*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2004.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Lisboa: Presença, 2004.

FERNANDES, Florestan. [1964]. *A integração do negro na sociedade de classes*. 2 v. São Paulo: Ed. Globo; Edição do Kindle, 2013.

FERNANDES, Florestan. [1974]. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDES, Florestan. [1989]. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Expressão Popular/Ed. Fund. Perseu Abramo, 2017.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global/Edição do Kindle, 2013.

FRAGA, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil*. 7ª ed. Brasília: Ed. da UnB, 1988.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 27ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HARVEY, David. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo/Edição do Kindle, 2016.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2ª ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG/IUPERJ, 2005.

IANNI, Octavio. “A Sociologia de Florestan Fernandes”. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26, 1996, p. 25-33.

LARA, Silvia Hunold. “Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil”. *Projeto História*, v. 16, fev. 1998.

MACHADO, Maria Helena P. T. *O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da Abolição*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2010.

MACHADO, Maria Helena P. T. e CASTILHO, Celso Thomas. *Tornando-se livre: agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição*. São Paulo: Edusp, 2015.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital [1867] (trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2013.

MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX)*. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2013.

PIERSON, Donald. *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. 41ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROCHA, Fábio Dantas. *Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição (1887-1930)*. 2019. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em História). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava (Brasil, sudeste, século XIX)*. 2ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais, Parte 2*. São Paulo/Campinas: Cortez/Ed. da Unicamp, 1992.

CAPÍTULO 2

“Fazer o que não quer e não gosta em lugar que não lhe agrada”¹

| Visões sobre o exílio e atividade editorial na correspondência de Florestan Fernandes (1965-1972) |

JAIME RODRIGUES²

Florestan Fernandes é uma personagem bastante conhecida. Não pretendo fazer aqui um balanço da vida ou da obra do intelectual no ano de seu centenário, mas sim estabelecer um recorte nos períodos em que ele esteve afastado mais longamente do Brasil: entre setembro de 1965 e setembro de 1966, na Europa e nos Estados Unidos; e o exílio pós-AI-5, de novembro de 1969 a fins de 1971, na América do Norte³.

Um ponto de partida ao qual muitas vezes se recorre para iniciar uma abordagem acerca de personagens do período republicano pós-1930 no Brasil é o *Dicionário Histórico-Biográfico* do Centro

1. Trecho de uma carta de Thomaz de Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, escrita em São Paulo em 4 de dezembro de 1970, a propósito das queixas do amigo sobre o exílio.

2. Professor de História do Brasil no Departamento e Programa de Pós-Graduação em História da EFLCH/Unifesp.

3. Fernandes ainda passaria uma temporada como professor visitante na Yale University, nos Estados Unidos, em 1977. Não há documentação relativa a isso no acervo aqui selecionado e essa experiência não será apreciada aqui.

de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, vinculado à Fundação Getúlio Vargas⁴. Ali, no verbete sobre Florestan Fernandes, o exílio é mencionado, inclusive com os antecedentes que permitem compreender o lugar onde ele buscou segurança após o Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, que o levaria à aposentadoria compulsória da Universidade de São Paulo (USP). As perseguições contra o professor de Sociologia incluíram ainda um inquérito policial militar que afinal não o condenou, mas ajudou a tornar públicos os atos arbitrários da ditadura que recrudesceu no país. No exterior, os protestos foram mais veementes na Universidade de Toronto, no Canadá, e na cidade de Nova York,

onde alguns militantes norte-americanos do Movimento dos Direitos Civis chegaram a prender dentro de uma sala o então ministro das Relações Exteriores, José de Magalhães Pinto, até que este concordasse em autorizar sua saída [de Florestan Fernandes] do Brasil. Em novembro, transferindo-se para os Estados Unidos, Florestan atuou como professor visitante na Universidade de Colúmbia. Posteriormente, lecionou na Universidade de Toronto, até 1972⁵.

48 | A partida para o exílio faria crescer a epistolografia da nossa personagem. Ao longo de vinte anos, entre 1960 e 1980, Florestan Fernandes manteve contatos profissionais com a Companhia Editora Nacional (CEN), à qual prestou serviços e pela qual editou livros autorais ou organizados por ele. Aquelas foram também décadas de importantes transformações na história do Brasil, documentadas na correspondência trocada durante esse tempo entre Fernandes e funcionários da editora.

4. ABREU, Alzira Alves de et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

5. XAVIER, Libânia. “FERNANDES, Florestan”. In: ABREU, *Dicionário*, op. cit. Disponível em <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernandes-florestan>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2020. Ver também OLIVEIRA, Marcos Marques de. *Florestan Fernandes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010, p. 70.

Na CEN, Fernandes publicou obras importantes, como *Branços e negros em São Paulo* (1959), em coautoria com Roger Bastide e resultante de um amplo projeto encomendado pela Unesco acerca das relações raciais no Brasil, cuja premissa era o modelo brasileiro de convivência harmoniosa a ser seguido pelo restante do mundo. A pesquisa, todavia, chegou a “conclusões bastante diferentes, abrindo caminho para o desmonte do que chamam de ‘mito da democracia racial’”⁶. Na mesma editora, Fernandes tocou a organização da obra *Comunidade e sociedade*⁷, além de ter atuado como consultor editorial, sugerindo diversos títulos para tradução e inéditos de autoria de brasileiros para publicação.

É justamente em torno dessa grande atividade editorial que se reuniu a documentação do dossiê sobre ele no acervo da CEN. Mais de 230 documentos compõem o *Dossiê Florestan Fernandes*, custodiado pelo Centro de Memória e Pesquisa Histórica (CMPH) do Departamento de História da Unifesp. Por esses documentos, podemos conhecer aspectos da vida profissional e pessoal do cientista social raramente acessíveis em outras fontes. Seu empenho em organizar a coletânea *Comunidade e sociedade* e as sugestões de obras a serem publicadas pela CEN são alguns desses aspectos que, todavia, não serão abordados aqui.

Após o golpe de 1964 e com o sucessivo acirramento da ditadura, Fernandes deixaria o país e seus familiares nos dois períodos acima mencionados. Parte dessa experiência se traduziu em uma narrativa epistolar que pode ser encontrada na seleta de textos transcritos no capítulo 7 deste livro. Foi justamente a experiência do

6. RICUPERO, Bernardo. “Florestan Fernandes”. In: *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 186. Florestan Fernandes detalhou o processo dessa pesquisa em depoimento incluído no livro organizado por SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. *Revisitando a terra de contrastes: a atualidade na obra de Roger Bastide*. São Paulo: CERU/FFLCH/USP, 1986, p. 14-15. Ver também PEREIRA, João Baptista Borges. “A questão racial brasileira na obra de Florestan Fernandes”. *Revista USP*, v. 29, mar./maio 1996, p. 34-41.

7. FERNANDES, Florestan (org.). *Comunidade e sociedade no Brasil: leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1975.

exílio que selecionei para apresentar ao leitor, ao mesmo tempo em que publicamos um catálogo analítico do dossiê⁸, oferecendo um instrumento de pesquisa para os interessados nas atividades de um dos principais intelectuais brasileiros do século XX.

* * *

A correspondência selecionada tem como interlocutor principal Thomaz de Aquino de Queiroz⁹, diretor do Departamento Editorial da Companhia Editora Nacional a partir dos anos 1960 e correspondente de Florestan desde 1962. Nessa altura, Queiroz dividia “sua vida e suas esperanças”¹⁰ entre duas editoras: a CEN e a Dominus¹¹. Mais tarde, ele seria o proprietário, editor e epônimo da T. A. Queiroz, além de dirigir a LTC – Livros Técnicos e Científicos – em fins da década de 1970. Em todas essas empresas, Thomaz fez publicar textos clássicos das Ciências Humanas, traduzidos ou escritos por brasileiros.

A seleta inicia-se com a descrição de uma situação de normalidade laboral, em 14 de maio de 1965¹². Fernandes informa haver terminado a revisão de seu livro *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*¹³, com a inclusão de um prefácio inexistente na primeira edição, que fora publicada pela CEN em 1959. Certamente o trabalho concluído em 1965 iria se tornar a segunda edição da obra, datada de 1967. Talvez Florestan estivesse em seu gabinete na Rua Maria Antônia

8. Elaborado por Thaís Fogaça, graduada em História pela EFLCH/Unifesp, onde participou do grupo PET–História e descreveu o dossiê, no âmbito de um projeto que envolveu o grupo na organização de parte do Acervo da CEN entre 2016 e 2020.

9. Nos inúmeros documentos assinados por ele existentes no Acervo da CEN, o nome aparece grafado de duas formas: Thomaz Aquino de Queiroz e Thomaz de Aquino de Queiroz.

10. Fernandes a Queiroz. Paris, 17 de setembro de 1965.

11. Pela Dominus e com a edição de Queiroz, Florestan Fernandes publicaria *A integração do negro na sociedade de classes* (São Paulo: Dominus, 1965) e *Educação e sociedade no Brasil* (São Paulo, Dominus/Edusp, 1966). Para uma apreciação deste último livro, ver SAVIANI, Dermeval. “Florestan Fernandes e a educação”. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26: abr. 1996, p. 77-78. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100013>. Acesso em 26 de fevereiro de 2020.

12. Fernandes a Queiroz. São Paulo, 14 de maio de 1965.

13. Para uma apreciação dessa obra, ver OLIVEIRA Fº, José Jeremias de. “A reflexão metodológica em Florestan Fernandes”. *Revista USP*, v. 29: mar./maio 1996, p. 82-85.

concluindo a revisão, já que enviou os originais com um bilhete escrito em papel timbrado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde ele lecionava desde 1945, a princípio como assistente de Fernando de Azevedo, titular da cadeira de Sociologia II¹⁴. Na altura em que revia os *Fundamentos*, Fernandes já era professor catedrático de Sociologia I, cargo que ocupava desde 1964, ao defender a tese intitulada *A integração do negro na sociedade de classes*. A correspondência com Aquino em breve mencionaria essa obra também.

Ainda em 1965, após o golpe militar e depois de alguns dias passados na prisão, Fernandes viajou para Dinamarca, França e Estados Unidos – uma primeira experiência de afastamento que se estendeu por um tempo maior do que ele imaginava. Na França, avistou-se com o cientista social francês Roger Bastide (1898-1974), que conhecia desde o tempo em que fora seu aluno no Brasil. Bastide foi um dos membros do grupo de professores franceses vindos à USP em 1938, onde ocupou a cátedra de Sociologia I até seu regresso à França em 1954, sendo sucedido por Fernandes.

Nesse reencontro entre os dois, ocorrido em Anduze, no sul da França, em 1965, Bastide cedeu à CEN os direitos de tradução no Brasil de *Sociologie de Maladies Mentales*¹⁵, considerado “um doce de coco para vender...”¹⁶. Talvez para valorizar seu empenho, Florestan afirmava não ter sido fácil conseguir a autorização, pois o antropólogo e sociólogo francês se mostrava relutante por tomar essa decisão ainda sem ter obtido o aval da editora parisiense. Fernandes sugeriu também o tradutor – Joãozinho Ferri, mas afinal o trabalho foi traduzido por Maurício Rittner – e a inclusão do título na coleção que ele dirigia na Nacional¹⁷.

14. RICUPERO, op. cit., p. 184.

15. Publicada na França pela editora Flammarion, a obra teria edições no Brasil (*Sociologia das doenças mentais*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967) e em Portugal (*Sociologia das doenças mentais*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968). No Brasil, o livro tornou-se o volume 21 da Série Ciências Sociais da Biblioteca Universitária da CEN.

16. Fernandes a Queiroz. Nova York, 5 de novembro de 1965.

17. Fernandes a Queiroz. Paris, 17 de setembro de 1965.

Desde fins de setembro de 1965, Fernandes deixara a França e trabalhava no Institut of Latin American Studies da Columbia University, em Nova York. Apesar dos inúmeros compromissos, Florestan estava bem impressionado com a estadia nos Estados Unidos. “Tenho sido tratado de maneira irrepreensível e estou satisfeito com o modo pelo qual os norte-americanos se portam comigo”. O afastamento do Brasil em 1965 ainda não se afigurava como um exílio formal, mas se prolongaria para além do planejado. Em meio às queixas pelo excesso de trabalho, Fernandes concluía, sobretudo a partir da experiência em sala de aula, que os estudantes da Columbia eram uma elite e tinham uma “qualidade intelectual média (...) muito maior do que se diz e se teima em acreditar”, certamente comparando-os aos seus estudantes na USP.

No período estadunidense, em 1965, Florestan negociou a edição em inglês de *A integração do negro na sociedade de classes*, que recentemente fora publicado no Brasil por uma editora na qual Thomaz de Aquino era sócio, a Dominus¹⁸. O livro teria sido disputado por três editoras nos Estados Unidos, e todas as propostas convergiam quanto à necessidade de condensar o texto¹⁹. Antropólogo e professor de Columbia, Charles Wagley (1913-1991)²⁰ mediou a edição, feita pela Columbia University Press com o título *The Negro in Brazilian Society*²¹. Fernandes seguiu parcialmente o conselho de Queiroz, que sugeriu que “seria bom se eles [a editora interessada] escrevessem diretamente para a Dominus, assim cuidarei do contrato para você, sem perder de vista os interesses financeiros”²². Florestan deu o endereço da Nacional, por não ter o da Dominus, e recomendou a Queiroz uma negociação que chegasse a bom ter-

18. FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus, 1965.

19. Fernandes a Queiroz. Nova York, 23 de setembro de 1965.

20. Autor de *An Introduction to Brazil*. Nova York: Columbia University Press, 1963.

21. *The Negro in Brazilian Society*. New York: Columbia University Press, 1969.

22. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 29 de outubro de 1965.

mo, particularmente no quesito custos: “lembre-se, trata-se de uma editora universitária [a Columbia University Press]. Não pense que é como se você lidasse com um dos tubarões da indústria livreira!”²³. A edição de 1965 de *A integração do negro na sociedade de classes*, em dois volumes, pela Dominus, sucedia uma versão anterior com poucos exemplares, feita como tese para a cátedra de Sociologia I na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP em 1964. A tradução para o inglês foi elaborada por Jacqueline D. Skiles, A. Brunel e Arthur Rothwell, tendo Phyllis B. Eveleth como editor.

De início, mesmo que estivesse feliz pela publicação de seu livro pela Dominus, Florestan temia que ele fosse um fracasso editorial: “Espero que comprem, pois temo a retração do comprador diante de um livro sobre o negro fora do futebol...”²⁴. Seu pessimismo não se confirmou: uma vez traduzida para o inglês, a obra dividiu com Dan T. Carter (por *Scottsboro*), Vine Deloria Jr. (por *Custer Died for Your Sins: An Indian Manifest*) e Audrie Girdner e Anne Loftis (por *The Great Betrayal: The Evacuation of the Japanese-Americans During World War II*) o Anisfield-Wolf Book Award em 1970²⁵, naquele ano atribuído apenas à categoria de não ficção. O prêmio em dinheiro era pequeno (US\$ 750), “mas é muito cobiçado por ser muito antigo e honorífico”²⁶, sendo voltado exclusivamente a trabalhos considerados importantes no combate ao racismo. A premiação fora criada em 1935 e concedida pela primeira vez em 1936, pela poetisa e filantropa estadunidense de origem judaica Edith Anisfield Wolf. Em 1970, o júri composto por Ashley Montagu, Oscar Handlin e Pearl S. Buck destacou o trabalho de Florestan Fernandes, que

23. Fernandes a Queiroz. Nova York, 5 de novembro de 1965.

24. Fernandes a Queiroz. Nova York, 19 de novembro de 1965.

25. Cf. “Winners by Year”, disponível em <<https://www.anisfield-wolf.org/winners/winners-by-year/>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020. Ao relacionar os prêmio e títulos atribuídos a Florestan Fernandes, o volume sobre ele na *Coleção Educadores* não incluiu esta premiação. Ver OLIVEIRA, *Florestan Fernandes*, op. cit., p. 153.

26. Fernandes a Queiroz. Toronto, 19 de março de 1970.

se tornou, assim, o segundo brasileiro a receber o prêmio, antes concedido a Gilberto Freyre em 1957, por *The Masters and the Slaves: A Study in the Development of Brazilian Civilization* – a tradução para o inglês de *Casa Grande & Senzala*, publicado originalmente no Brasil em 1933. Octávio Ianni foi o portador da notícia da premiação a Thomaz de Aquino²⁷, e foi só com o reconhecimento da “edição norte-americana do nosso livro sobre o negro, apesar de estropeada e condensada”, que Fernandes reviu a ideia de que sua tese para o concurso de cátedra não teria êxito editorial²⁸. Mesmo assim, os sentimentos com relação a esse livro eram ambíguos e mutantes: em novembro de 1970, ainda que conhecesse a boa recepção da crítica, achava que o livro venderia pouco. Isso devido ao preço e à impressão de que o “*problema negro*” já saturara o estadunidense médio e “para o negro norte-americano, a situação brasileira é de dar risada (com algumas lágrimas de mistura)”²⁹.

Na mesma carta em que anunciava a possível publicação em inglês d’*A integração do negro*³⁰, Florestan cobrava de seu interlocutor o envio de exemplares de *Branços e negros em São Paulo*³¹ e de *A Sociologia numa era de revolução social*³², pedindo ainda a nova edição de *A organização dos Tupinambá*³³, livros com os quais ele pretendia

27. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 29 de março de 1970.

28. Fernandes a Queiroz. Toronto, 19 de março de 1970.

29. Fernandes a Queiroz. Toronto, 21 de novembro de 1970. Sublinhado no original.

30. Fernandes a Queiroz. Nova York, 23 de setembro de 1965.

31. BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*: ensaio sociológico sobre aspectos da formação e manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. 2ª ed., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1959. O livro tivera uma primeira edição em São Paulo, pela editora Anhembi, em 1955: *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo. Na missiva, Florestan decerto pede o envio de exemplar da 2ª edição do livro, já que a terceira só viria à luz em 1971, também pela CEN.

32. FERNANDES, Florestan. *A Sociologia numa era de revolução social*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1963.

33. FERNANDES, Florestan. *Organização social dos Tupinambá*. 2ª ed., São Paulo: Difel, 1963. A primeira edição dessa obra, originalmente sua dissertação de mestrado defendida na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo em 1947, havia sido publicada em 1948 em São Paulo pelo Instituto Progresso Editorial, “projeto de Francisco Matarazzo Sobrinho e de outros empresários de origem italiana” que funcionou entre 1947 e 1949. Ver NEVES, Juliana. “São Paulo no segundo pós-guerra: imprensa, mercado editorial e o campo da cultura na cidade”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 75: 2011, p. 119-132. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 de fevereiro de 2020. O doutorado, intitulado *A função social da guerra na sociedade tupinambá*, foi defendido na USP em 1952, e ganhou versão em livro pela editora paulista Pioneira em 1970.

presentear Wagley e encaminhar possíveis traduções de outros trabalhos seus nos Estados Unidos, o que acabou não acontecendo. Os livros foram levados por Octávio Ianni, amigo de Fernandes desde a USP e de quando Ianni era seu assistente na cadeira de Sociologia I, ao se encontrarem em Nova York em novembro de 1965³⁴. Finalmente, Florestan tinha em mãos, pela primeira vez, um exemplar de *A integração do negro na sociedade de classes*, lançado durante sua permanência nos Estados Unidos.

A Yale University o convidara para trabalhar lá e sua editora disputara os direitos de tradução d'*A integração do negro*, mas não se interessou pelas outras obras ou por uma coletânea de ensaios: “para não ficarem aborrecidos comigo, prometi-lhes um livro a ser escrito, em colaboração com Paulo Singer (se a coisa se realizar agora, [já que] é impossível prever o futuro em nossa terra)”³⁵. O convite de trabalho em Yale foi recusado devido à decisão de Fernandes de voltar ao Brasil em janeiro de 1966: “Quero ser avô aí, mesmo que tenha dissabores”³⁶. Nessa altura, ele estava prestes a ser avô pela primeira vez, com o nascimento da criança esperada por sua filha mais velha, Heloisa, razão de parte das aflições de Florestan Fernandes no exílio, na medida em que ele relatou ao amigo Queiroz a existência de algum problema com a gravidez, motivo pelo qual a filha teria voltado à casa dos pais até o nascimento da criança³⁷.

Enquanto não cumpria o plano de regresso ao Brasil, as aulas em Columbia e a atividade editorial ocupavam todo o tempo do sociólogo brasileiro. Ele deveria encontrar-se com Talcott Parsons

34. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 11 de novembro de 1965; Fernandes a Queiroz. Nova York, 19 de novembro de 1965.

35. A correspondência não mais faria menção a este projetado trabalho em conjunto com Singer. Provavelmente por sugestão de Fernandes, a tese de doutorado de Singer seria transformada em livro pela CEN: SINGER, Paul Israel. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1968. Florestan Fernandes escreveu o prefácio dessa obra e também selecionou as cidades a serem alvo da investigação sobre as causas não econômicas do desenvolvimento econômico. Ver SINGER, Paul. “Reminiscências de Florestan Fernandes”. *Revista USP*, v.29: mar./maio 1996, p. 42-47.

36. Fernandes a Queiroz. Nova York, 5 de novembro de 1965.

37. Fernandes a Queiroz. Nova York, 28 de dezembro de 1965.

em Harvard no início de dezembro de 1965 e gostaria de lhe dar notícias sobre a tradução de um livro cujo título não foi mencionado na missiva, mas que seguramente era *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas*, publicado no Brasil somente em 1969, por outra editora³⁸. A Prentice Hall, casa editorial detentora dos direitos sobre a obra de Parsons, pretendia ceder a tradução de todos os títulos da série em que o livro fora publicado, como Queiroz explicou: “Como temia, os direitos sobre todos os volumes da série *Foundations of Modern Sociology*, inclusive o do Parsons, foram vendidos englobadamente à Pioneira. Estamos [a CEN], portanto, fora da jogada”³⁹. Florestan também projetou levar adiante uma proposta de seu pupilo Fernando Henrique Cardoso de selecionar trabalhos para uma coletânea a ser editada na Argentina, “mas, cadê tempo para trabalhar nisso?”. Um manual de Sociologia, para o qual ele havia levado farto material a fim de escrevê-lo nos Estados Unidos, mantinha-se como um plano não realizado e um motivo de ele estar “envergonhadíssimo, pois não dou conta de todo o recado”, sobretudo diante de Octalles Marcondes Ferreira, proprietário e presidente da Companhia Editora Nacional, a quem ele chamava “o Dr. Octalles” e por quem declarava “muita amizade, admiração e consideração”:

Pensava, honestamente, que teria tempo para adiantar ou mesmo concluir o manual aqui. Ao conversar com o pessoal da Columbia, antes de sair do Brasil, disseram-me que eu teria tempo para isso. Contudo, só se ficasse sem dormir. Com a minha hipertensão, não posso me dar a esse luxo!⁴⁰.

Marialice Mencarini Foracchi (1929-1972), assistente de Florestan Fernandes na cadeira de Sociologia da Faculdade de Filoso-

38. PARSONS, Talcott. *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas*. São Paulo: Pioneira, 1969.

39. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 11 de novembro de 1965.

40. Fernandes a Queiroz. Nova York, 19 de novembro de 1965.

fia, Ciências e Letras da USP, trouxera a Thomaz de Aquino de Queiroz notícias sobre a estadia do mestre em Nova York antes mesmo das cartas deste chegarem ao Brasil. De acordo com ela, Fernandes estaria “gostando imensamente do trabalho nos Estados Unidos”. As notícias deram ensejo a que Aquino externasse sua opinião sobre os estudantes estadunidenses em comparação com os brasileiros, ao mesmo tempo em que sua resposta deixa entrever o conservadorismo político do editor da CEN naqueles tempos de grande mobilização estudantil contra o golpe de 1964:

Suas observações a respeito do estudante norte-americano coincidem com a[s] minha[s] (...). No plano estudantil, o que se nota (além do nível a que você se refere) é uma dedicação muito mais intensa do que aqui, uma preocupação com os estudos que deixa longe os estudantes brasileiros, hoje mais preocupados com a política do que com os estudos, mais preocupados com greves e *semanas* de folga a pretexto disto ou daquilo, do que com aulas. Não tenho razão?⁴¹.

Fernandes não fez referência a essas opiniões nas cartas posteriores, provavelmente por discordar do amigo Queiroz. Além da oposição genérica e por princípio ao golpe de 1964, a preocupação política expressada pelos estudantes brasileiros não se dava “a pretexto disto ou daquilo”. Decerto ela advinha do fato da União Nacional dos Estudantes (UNE) ter sido um dos alvos mais intensamente atacados pelo regime, com o saque seguido de incêndio à sede da entidade, no Rio de Janeiro, na primeira noite do golpe militar. A resistência se devia também à repressão que se seguiu ao golpe e à promulgação da Lei nº 4.464, em 9 de novembro de 1964, conhecida como Lei Suplicy de Lacerda, que colocou a UNE na clandestinida-

41. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 29 de outubro de 1965. Destaque no original.

de e vetou legalmente boa parte da atividade política dos estudantes universitários brasileiros⁴².

A decisão de regressar ao Brasil em janeiro de 1966 acabou não se realizando, ocorrendo apenas em setembro daquele ano. Como os planos foram adiados, Florestan passou a enfrentar novas apreensões. Ao longo dos meses que passou em Nova York entre fins de 1965 e meados de 1966, sua correspondência com Aquino de Queiroz remeteu sempre aos livros. Queixando-se da situação do Brasil após o golpe, Florestan afirmara conseguir muitas coisas “de graça ou com muitas reduções... Digo que nós no Brasil estamos assim assim, e ganho tudo que quero!”⁴³. Queiroz, com opiniões diversas em matéria de política e, eventualmente, não querendo perturbar o amigo no exílio com preocupações dessa ordem, deu a entender que Florestan poderia aproveitar os bons resultados de sua “choradeira” e usá-la para negociar com os editores, chegando “às lágrimas” na negociação dos direitos de livros prospectados para serem publicados no Brasil pela CEN:

creio que seu interesse e sua disposição em descobrir aí títulos bons, de aceitação quase certa no Brasil, são muito oportunos. Faça um levantamento do material que lhe pareça bom, se quiser peça exemplares de exame (*reading copies*) aos editores ou autores, e na sua volta vamos estudar caso por caso com a necessária calma (...). Talvez possamos conseguir condições excepcionais! (Hipótese em que, na sua volta, o convidaremos para ocupar na CEN um lugar no Departamento Editorial...)⁴⁴.

A resposta de Fernandes, se existiu, não está nos arquivos da CEN. As posturas políticas de Queiroz, ao menos da forma como ele

42. CUNHA, Luís Antônio. “Lei Suplicy”. Disponível em <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-suplicy>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2020.

43. Fernandes a Queiroz. Nova York, 19 de novembro de 1965.

44. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 6 de dezembro de 1965. Destaque no original.

as expressava ao amigo, se soavam bastante conservadoras, também eram marcadas por uma afetividade sincera e mútua. Em resposta às queixas sobre o frio canadense, Queiroz mencionou o desejo de sua família em visitar a Itália em janeiro, em pleno inverno, “se a Itália até lá não naufragar na confusão política perigosamente armada e que anda urgentemente necessitada de providências à moda (eficiente...) brasileira”⁴⁵. A “confusão política” a que ele se referia dizia respeito aos chamados “atos terroristas” e às composições incluindo partidos de esquerda nos instáveis governos italianos entre o fim dos anos 1960 e os primeiros anos da década de 1970. Já as “providências à moda brasileira” incluíam a intervenção militar no jogo político, que ele sugere serem aplicáveis ao caso italiano. Diversamente, em outra oportunidade, ao responder ao pedido de conselho sobre uma proposta de trabalho no Canadá, Queiroz reportou-se ao amigo como cientista com inúmeros compromissos que significavam o reconhecimento de seu valor e da perda para o país com a ausência de gente como ele:

[isso] dá bem a medida do que nós aqui, em decorrência de punições estapafúrdias e insensatas, estamos perdendo. Que fazer, a não ser esperar confiantemente numa lufada de ventos bons sendo capaz de limpar este país das bobagens que, da esquerda e da direita, foram semeadas nestes últimos anos? Tudo teria sido tão melhor, tão mais fácil e tão mais produtivo se não tivéssemos chegado àquela deplorável situação de 1964⁴⁶.

Às vésperas do Natal de 1965, Fernandes escreveu ao amigo e editor, informando, entre outras coisas, ter feito contato com um homem que propunha intermediar a tradução d’*A Integração* para o

45. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 29 de março de 1970.

46. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 30 de março de 1970.

idioma alemão, sobre os trabalhos que vinha desenvolvendo nas universidades de Harvard e Wisconsin e acerca de um seminário sobre relações raciais na América Latina organizado por Columbia e Cornell. Fernandes pedia especial atenção de Queiroz ao possível editor alemão, pois tinha “muitos interesses em suplementar a renda pelos direitos autorais”, tendo clareza das dificuldades financeiras que sua família enfrentava no Brasil, incluindo os custos da instrução escolar dos filhos, conforme Myrian⁴⁷, sua esposa, relatara recentemente⁴⁸.

Thomaz admitiu que “as coisas realmente andam ruinzinhas. Mas, a meu ver, apenas para a Faculdade”. Ele relata o corte de verbas para o ensino superior, fazendo com que a Editora da Universidade de São Paulo deixasse de repassar valores às coeditoras, como a Dominus, de sua propriedade, que “aos poucos vai chegando à situação de enfrentar dificuldades quase insuperáveis”. No mais, a situação do Brasil não lhe parecia especialmente preocupante:

Fora da faculdade, acredite no que digo, vai tudo muito bem. Continuamos trilhando aquele caminho seguro de reerguimento econômico e financeiro, a taxa de inflação caiu para índices relativamente razoáveis e suportáveis, a indústria voltou a trabalhar a regime normal, o desemprego (...) praticamente já não existe. Respiramos tranquilidade. O que é decisivo para um trabalho eficiente e produtivo (...). Você sem dúvida sentirá isso quando voltar, apesar da gradativa redução efetiva de vencimentos e, portanto, de poder aquisitivo (...). A vida *está* melhorando do ponto de vista financeiro e econômico, embora politicamente muitos desacertos possam ser criticados⁴⁹.

47. Myrian Rodrigues Fernandes (1926-2008), casada com Florestan Fernandes entre 1944 e 1995, ano da morte deste. Sobre ela, ver BERTONI, Estêvão. “O predileto era sempre o mais novo”. *Folha de S.Paulo*, 23 set. 2008. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2309200814.htm>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2020.

48. Fernandes a Queiroz. Nova York, 22 de dezembro de 1965.

49. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 30 de dezembro de 1965. Destaque no original.

Certamente para animar o amigo, Queiroz informava que toda a edição de *Sociologia numa era de revolução social* se esgotara, “demonstrando que o campo no Brasil para certos livros aumenta constante e continuamente”⁵⁰.

O ano de 1966 iniciou-se com a forte expectativa de Florestan de voltar ao seu país. Em 12 de janeiro, ele enviou a Queiroz o que seria “a última carta de N.Y.”, pois comprara uma passagem para o dia 25 daquele mês. Sobre a cidade que deixava para trás, ele disse gostar muito, mas “não lamento ir embora”: “É um frio que entra por toda parte – pelo sapato, pela roupa, e que deixa a gente gelado por dentro”. Fernandes não compartilhava o otimismo de Queiroz com a situação econômica que encontraria no Brasil: “as notícias que você me deu sobre a economia contradizem outras que recebo de casa”, tratando do forte aumento dos preços e da renda congelada ou em queda⁵¹.

Afinal, o regresso teve de ser adiado, devido a “complicações com o visto do meu passaporte (...) agora, estou numa posição dos diabos”. A solução demoraria meses: “Um abacaxi enorme, tendo em conta os gastos imprevistos, a inexistência de renda suplementar e o fato de que meu contrato termina este mês [janeiro de 1966]”. Amenizando ao menos as dificuldades financeiras, Fernandes recebeu ofertas de trabalho e convites para escrever livros nos Estados Unidos⁵². Queiroz acionou seus contatos para tentar auxiliar o amigo no prolongamento forçado da estadia em Nova York, incluindo um serviço particular de viagens, amigos no consulado dos Estados Unidos em São Paulo e na embaixada, no Rio de Janeiro⁵³. Nada disso adiantou: a correspondência entre os dois foi retomada somente em meados de setembro daquele ano, e sugere que Fernandes não con-

50. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 30 de dezembro de 1965.

51. Fernandes a Queiroz. Nova York, 12 de janeiro de 1966.

52. Fernandes a Queiroz. Nova York, 20 de janeiro de 1966.

53. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 27 de janeiro de 1966.

seguira trabalhar durante todo o tempo do prolongamento de seu exílio. Queiroz escreveu “umas rápidas linhas (para não estragar o seu “dolce far niente” nessa fabulosa cidade...)” e pediu que ele trouxesse uma encomenda de Nova York em seus últimos dias na cidade⁵⁴.

Florestan Fernandes voltaria ao exílio após sua aposentadoria compulsória na USP, e retomaria a correspondência com o amigo e editor Thomaz de Aquino de Queiroz em fins de 1969, desde o Canadá. Contratado pela Universidade de Toronto, trabalhou no Departamento de Sociologia da instituição, que passou a remunerá-lo a partir de julho de 1969, embora ele só tenha chegado ali em setembro daquele ano. Em fins da década de 1970, rememorando sua passagem pelo Canadá, Florestan afirmou que “a única vez em que, como professor, me ajustei ao papel intelectual de sociólogo marxista, de maneira bastante dogmática, foi durante o período em que estive em Toronto”⁵⁵. O tempo era de rupturas, mas também de estreitamento de laços. Queiroz seria um dos amigos com quem Florestan viria a se aconselhar sobre o andamento da situação brasileira e a quem pediria favores bissextos, como mandar entregar cartas e dinheiro à família. Na saída para o exílio, ele pode contar com outros amigos, inclusive para solucionar questões financeiras – como foi o caso de Atsuko Haga, que nessa altura trabalhava no Departamento de Economia e Sociologia da empresa Hidroservice e era graduada em Ciências Sociais pela USP em 1954, onde provavelmente fora aluna de Florestan Fernandes. Aproveitando que a Universidade de Toronto lhe pagara três meses antecipados de salário, Florestan quitou parte da dívida com Atsuko e preocupava-se porque “de agora em diante, vou entrar num cortado”⁵⁶. Ainda no âmbito das rupturas, ele menciona o amigo Maneco, “excelente pessoa (...) um gene-

54. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 15 de setembro de 1966.

55. Fernandes, 1978. Apud OLIVEIRA, *Florestan Fernandes*, op. cit., p. 71.

56. Fernandes a Queiroz. Toronto, 5 de outubro de 1969. Retoma o assunto em carta ao mesmo destinatário, Toronto, 8 de outubro de 1969.

roso irmão mais velho”, que foi despedir-se dele no aeroporto e com quem Fernandes já tivera relações mais amistosas, esfriadas após o golpe de 1964: “tenho a impressão que andou fundamente contrariado com as minhas ideias e posições. Paciência”⁵⁷.

Diversas preocupações passaram a povoar a mente do cientista social. Primeiramente, a adaptação à nova cidade e ao novo trabalho. O custo de vida em Toronto lhe parecia mais caro do que em Nova York, e “tereí de passar o cordão na cintura”, sobretudo por ter alugado um apartamento por um ano e ser obrigado a pagar uma multa pesada caso desistisse de permanecer na cidade. De todo modo, Toronto lhe parecia um bom lugar para viver: “Gosto do Canadá e de Toronto. A vida é um tanto monótona e tradicionalista (...), mas tem o encanto da autenticidade. Doutro lado, o liberalismo deles é firme – não é mera fachada”⁵⁸.

Em seguida, preocupava-se também com a decisão de fixar-se em Toronto ou em Nova York, atendendo ao chamado de Columbia, e conseguir trazer ou não a família para junto de si. Finalmente, o desejo de voltar logo ao Brasil, no que era desaconselhado por brasileiros que também estavam no exílio: em Nova York, onde estivera em setembro de 1969 para tratar da edição d’*A integração*, avistara-se com Josué de Castro e outros colegas, e todos foram pe-remp-tórios:

aconselharam-me a esquecer o Brasil pelo menos por uns 5 ou 10 anos. Não estou disposto a fazer isso. Todavia, não vejo perspectivas aí. O que você acha? Tenho de amadurecer depressa, pois no fim deste ano e no começo do ano que vem terei de *resolver* se fico ou se volto. Temo cometer um erro e, doutro lado, não sou derrotista. Vejo futuro no Brasil e no meu

57. Fernandes a Queiroz. Toronto, 5 de outubro de 1969.

58. Fernandes a Queiroz. Toronto, 5 de outubro de 1969.

trabalho lá, mesmo que tenha de lutar, como antes, contra incompreensões simultâneas da direita e da super-esquerda⁵⁹.

Queiroz respondeu às primeiras cartas de Fernandes em fins de outubro de 1969, explicando-lhe modos mais baratos e seguros de remeter dinheiro à família. Informou que algum dinheiro poderia vir do interesse da Losada, editora de Buenos Aires, em traduzir *A sociologia numa era de revolução social* para o castelhano⁶⁰. Florestan contava ainda com os direitos da prometida tradução de *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* pela Universidad Nacional Autónoma de México, a pedido de Pablo González Casanova⁶¹, obra também sondada por editoras do Chile e da Argentina⁶². Além do custo de vida menor no Brasil, Thomaz acreditava que Florestan deveria, sim, fazer planos de voltar ao país e não aceitar os conselhos “cretinos” de esquecê-lo por anos a fio. Ele próprio deu conselhos ao sociólogo, para que não se compromettesse nos Estados Unidos ou no Canadá de tal forma que ficasse impedido de voltar para sua família, seus amigos e seu trabalho no Brasil:

estou convencido de que nossa situação político-econômica evoluirá favoravelmente em prazo relativamente curto, criando novamente condições para que você, e quem mais quiser, desenvolva aqui o trabalho que deseja e que nós precisamos. É claro que essa evolução dependerá, de parte a parte, de concessões razoáveis e inteligentes, e disso você sem dúvida será capaz (...). Não seja derrotista. As dificuldades de hoje já estarão, amanhã, superadas⁶³.

59. Fernandes a Queiroz. Toronto, 5 de outubro de 1969. Destaque no original.

60. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 21 de outubro de 1969 e 29 de março de 1970.

61. Fernandes a Queiroz. Nova York, 6 de dezembro de 1969.

62. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 29 de março de 1970.

63. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 21 de outubro de 1969. Otimista, Queiroz referiu-se aos preparativos para a I Bienal Internacional do Livro, a ocorrer em São Paulo em agosto de 1970 e o quanto ela traduzia a pujança da “nossa indústria editorial, que já desponta como uma das maiores do mundo. Espantoso? Sim, chega a ser surpreendente principalmente para nós, acostumados e condicionados que fomos a uma imagem extremamente chinfrim e subdesenvolvida do nosso país e das nossas coisas... Mas, números são números, e embora as estatísticas às vezes não sejam o retrato rigoroso da realidade social, ainda são o único recurso disponível para avaliação e comparação”. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 29 de março de 1970.

Dessa vez, Florestan não se furtou a um comentário sobre as divergências em relação às posições políticas do amigo: “A sua carta foi muito interessante para mim: comparando-a com outras que recebi do Brasil, descobri que você não é ‘reacionário’, mas um conservador iluminista e esclarecido”. Diferentemente de outros amigos brasileiros, mesmo os reacionários, que unanimemente sugeriam que Fernandes não voltasse, apenas Queiroz, a família e Luiz Pereira diziam o contrário. Neste caso, o afeto pelo amigo falava mais alto:

De qualquer modo, fiquei contente com sua reação – pois mesmo que você não goste de certas ideias e posições políticas que tomo, você tem bastante amizade para desejar-me na nossa terra e bastante esclarecimento para perceber, no plano mais geral, o erro de uma política de esmagamento em massa dos intelectuais independentes⁶⁴.

Queiroz, provavelmente como todos os que liam a correspondência manuscrita de Fernandes, tinha dificuldade para entender a caligrafia. Ele queixou-se disso em ao menos duas ocasiões: em 27 de novembro de 1969, referindo-se à última carta recebida, disse que “consegui entender cerca de dois terços; quando chegar ao entendimento total, responderei... Que raio de letra difícil!”, e em 29 de março de 1970, quando sugeriu que o amigo deixasse de ser “pão-duro” e comprasse uma máquina de escrever mesmo que usada “e poupe, meu Deus, aos seus amigos o sacrifício de ‘decifrar’ seus manuscritos!”⁶⁵.

Em tom jocoso, Fernandes definia a si mesmo como “*travelling professor*” e não “*visiting professor*”, tal era a quantidade de convi-

64. Fernandes a Queiroz. Toronto, 13 de novembro de 1969.

65. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 27 de novembro de 1969 e 29 de março de 1970, respectivamente. Florestan aparentemente seguiu o conselho: a partir de 10 de abril de 1970, suas cartas passaram a ser, em sua maioria, datilografadas em uma máquina que simulava letra cursiva.

tes que recebia e que o tiravam constantemente de Toronto. Em novembro de 1969, fora ao México por dez dias; em dezembro, estava de volta a Nova York e iria a Buenos Aires entre 19 e 21, seguindo depois para São Paulo a fim de passar as festas de final de ano com a família⁶⁶ e fazer a revisão das provas de um livro seu – certamente *Elementos de Sociologia teórica*, pois ainda que a correspondência⁶⁷ não mencione o título, foi a única obra de Florestan editada pela Companhia Editora Nacional em 1970. Deveria estar de volta a Toronto em 5 de janeiro de 1970 para reiniciar seus cursos, e tinha planos de voltar aos Estados Unidos em fevereiro daquele ano e seguir à Europa em abril (Alemanha) e junho (Inglaterra). Neste último caso, colocava dúvidas acerca da viagem, em razão do plano de voltar ao Brasil exatamente nesse mês: “Eu não sabia que poderia ser tão solicitado, um pobre professor rústico, que mal sabe dizer $a+b$ em inglês e enfeitado na própria terra. Talvez seja uma espécie de compensação, psicológica e intelectual...”⁶⁸. Ele também era constantemente solicitado pelo Departamento Editorial da CEN, como no pedido de avaliação das obras sugeridas por Oracy Nogueira para tradução⁶⁹.

A preparação das aulas demandava bastante o sociólogo, ao mesmo tempo em que suas aulas atraíam um público ávido por ouvir o que Florestan tinha a dizer, particularmente sobre o tempo presente e a conjuntura latino-americana. Ele espantou-se com isso, mencionando que em uma de suas aulas sobre os significados da ditadura na América Latina “apareceu tanta gente, que tiveram de passar para o auditório maior e ainda assim ficaram muitos estudantes e professores sentados no chão e encostados em pé, na parede”⁷⁰. Os convites para palestrar sobre o tema não paravam de chegar, vindos da Ale-

66. Fernandes a Queiroz. Nova York, 6 de dezembro de 1969.

67. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 12 de janeiro de 1970; Fernandes a Queiroz. Toronto, 12 de fevereiro de 1970.

68. Fernandes a Queiroz. Nova York, 6 de dezembro de 1969.

69. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 27 de novembro de 1969.

70. Fernandes a Queiroz. Toronto, 12 de fevereiro de 1970.

manha, das universidades de Yale, Princeton e Rutgers, nos Estados Unidos e de Queens e Scarboro, no Canadá, tudo em meio à leitura de inúmeros *papers* dos estudantes⁷¹. O domínio de uma língua estrangeira ao ponto de ministrar aulas e conferências continuava a ser motivo de queixas de Fernandes: “Com tanto trabalho, iso-lo-me do mundo e o meu inglês continua manco das quatro pernas...”⁷².

A má fluência em inglês, o excesso de trabalho, o afastamento da família e de tudo o mais que deixara no Brasil foram queixas recorrentes nas cartas do exílio. Florestan expressava o dilema do exilado, ou seja, a constante vontade de voltar simultaneamente à impossibilidade de fazê-lo. Até que, em abril de 1970, ele foi colocado diante de uma situação concreta que, se traria a ele e à sua família uma estabilidade financeira que inexistia havia alguns anos, também era motivo de angústia. Sua vontade era atender aos convites de curto prazo, deixando sempre aberta a porta para regressar ao Brasil. “Minha ideia era marcar passo até poder voltar para um emprego estável no Brasil – *deixando de lado a universidade, que entra pouco nas minhas cogitações*”⁷³. Todavia, um *pool* de universidades estrangeiras negociava a permanência dele no exterior. Liverpool, Oxford, Columbia, Bielefeld e Münster participavam do *pool*, ao mesmo tempo em que a Universidade de Toronto lhe propunha a posição permanente de *full professor*, o que se mostrava muito promissor: “Eu iria como sociólogo trabalhar no meu campo mas numa posição que levei dez anos para conquistar na USP”⁷⁴. Além de Myrian, sua esposa, Florestan consultou duas outras pessoas antes de se decidir: Thomaz de Aquino de Queiroz e Antonio Candido. A Queiroz ele expôs o problema e declarou seu estado de espírito:

71. Fernandes a Queiroz. Toronto, 19 de março de 1970.

72. Fernandes a Queiroz. Toronto, 12 de fevereiro de 1970.

73. Fernandes a Queiroz. Toronto, 9 de abril de 1970. Destaque no original.

74. Idem, *Ibidem*.

Como a família não consegue viver com a minha aposentadoria, preciso de uma fonte suplementar e aqui posso trabalhar com o máximo de liberdade, compreensão e estímulo. Todavia, há um “mas”. Um cargo como esse tem implicações que não podem ser ignoradas. Como professor permanente eu assumo compromissos que vão além de um período limitado de tempo – é como se eu aceitasse a ideia de um afastamento demorado do Brasil, ou mesmo uma expatriação definitiva. São coisas que não entraram na minha imaginação e que eu não gostaria de fazer. A não ser em caso extremo⁷⁵.

Queiroz escreveu uma longa e ponderada resposta. Como já lhe dissera antes, reafirmou que “seu lugar é aqui”, no Brasil. Tudo o que lhe ofereciam no exterior e a situação política brasileira não pareciam ser motivos suficientes para a “expatriação”. A permanência no exterior era circunstancial. Apenas se a remuneração fosse excepcional e as condições de trabalho permitissem constantes e demoradas viagens ao Brasil, ele aconselhava o amigo a recusar a oferta. Por outro lado, Queiroz indagou sobre uma pesquisa no Brasil para a empresa alemã Volkswagen, aventada como possibilidades em ocasião anterior. Se confirmados, esses rendimentos se somariam aos direitos autorais e à aposentadoria e “talvez resultem mais favoráveis que as oferecidas pelo cargo de full prof.” e isso permitisse sua volta ao Brasil. Finaliza arriscando uma opinião: “se o convite significar amarras muito fortes e por tempo muito longo, diga ao Mr. Vice Chairman [da Universidade de Toronto] that you are very, very sorry but cannot accept it...”⁷⁶.

A partir dessa data, outro interlocutor começa a aparecer na correspondência entre Florestan Fernandes e a Companhia Editora Nacional. Trata-se de Luiz Roberto Malta, que escreve para tratar da

75. Fernandes a Queiroz. Toronto, 9 de abril de 1970.

76. Em tradução livre: “Que você sente muito, mas não pode aceitar...”. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 15 de abril de 1970.

revisão de *Elementos de sociologia teórica* e das edições de *Comunidade e sociedade no Brasil* e *Branco e negros em São Paulo*⁷⁷ em termos muito mais formais do que Thomaz de Aquino de Queiroz, decerto porque não havia entre ele e Fernandes a mesma intimidade dos velhos amigos.

Na correspondência com Queiroz, Florestan comentava sinceramente temas que decerto não trataria com outros interlocutores. O trabalho na Universidade de Toronto continuava a pesar-lhe, sobretudo as dificuldades com a língua inglesa, a quantidade de aulas, seminários, orientandos e pós-graduandos que exigiam novos cursos e colocavam novas demandas em pauta. “Estou comendo fogo”, disse ele, para emendar que perdera o entusiasmo pelo ensino e não se sentia bem com a passagem do tempo e os efeitos disso sobre o indivíduo:

essa devastação de tempo e de mim mesmo, que todo o ano se renova sob a forma circular de novas caras, de novas obrigações e de uma maçada sempre igual. Fico que nem passarinho em gaiola, querendo fugir e libertar-me de uma rotina que perdeu o sentido como fonte de autorrealização. Cumpro as obrigações como soldado disciplinado, ou melhor, como um artesão responsável, mas sem amor⁷⁸.

Uma breve viagem a São Paulo deixou claro que era inviável transferir toda a família para o Canadá. De mais a mais, a alternativa com a qual ele sempre lidou era a de voltar a viver no Brasil: “não coloco minha carreira acima dessa preferência e da minha afeição pelos meus”. Fernandes achava que já tinha feito o que podia como sociólogo, e sondava as possibilidades de trabalhar fora do ensino e mesmo da pesquisa em Sociologia. Trabalhar na CEN era uma possibilidade que ele acalentava e sobre o que pedia a Queiroz que sondasse Octalles (o

77. Malta a Fernandes. São Paulo, 20 de abril de 1970; Fernandes a Malta. Toronto, 4 de maio de 1970; Malta a Fernandes. São Paulo, 14 de maio de 1970; Malta a Fernandes. São Paulo, 15 de janeiro de 1971; Fernandes a Malta. Toronto, 26 de janeiro de 1971.

78. Fernandes a Queiroz. Toronto, 12 de outubro de 1970.

dono da Nacional) ou outras editoras de São Paulo onde ele pudesse se empregar permanentemente. “Poderia obter facilmente emprego em dois jornais de São Paulo. Mas a situação seria muito desconfortável para mim... por motivos que você pode imaginar!”⁷⁹.

Pouco mais de um mês decorrido da última carta, Florestan ainda não se reanimara completamente. Na casa dos cinquenta anos de idade, dava sinais de cansaço e desgosto com o ensino. Se em outros momentos ele afirmara a importância do ensino e da educação formal em sua carreira e em seu amadurecimento intelectual⁸⁰, o fato é que ser professor no exílio tornara-se um fardo. O sacrifício lhe parecia demasiado, mas também lhe permitia ajudar a família e, por isso, “vou ficando...”. De acordo com ele, fosse no Brasil ou em qualquer lugar, “empregam-nos [os professores] para dar aulas, não para ler e fazer pesquisa”. Não gostava do frio, estava enjoado dos restaurantes de Toronto e “a minha própria comida, por sua vez, está insuportável”. As viagens também o cansavam, embora nessa altura ocorressem em um ritmo mais lento e para lugares mais próximos, limitadas a Calgary, Buffalo, Bloomington e Harvard: “acontece com o trabalho o que acontece com a comida. Já estou farto disso tudo”:

“Carreira internacional” deve ser bom no começo, não no fim da carreira. Para mim, a oportunidade chegou tarde, em um momento em que gostaria mais é de fazer algumas viagens, reaprender e, quem sabe, começar uma pesquisa nova – a última – para dar sentido ao uso do tempo e da pouca inteligência (ou talento) que tenho⁸¹.

O pedido de trabalho na CEN feito por Florestan a Queiroz dependia de uma resposta de Octalles, mas o amigo já lhe adiantava

79. Fernandes a Queiroz. Toronto, 12 de outubro de 1970.

80. SAVIANI, “Florestan Fernandes e a educação”, op. cit., p. 74.

81. Fernandes a Queiroz. Toronto, 21 de novembro de 1970.

que, “de minha parte, acho problemático conseguir-lhe um lugar aqui na Editora, para trabalho regular e permanente”, pois as edições em Ciências Sociais teriam de ser infinitamente maiores para justificar a contratação de um profissional como ele. Emprego permanente não era viável, mas uma “colaboração mais estreita (e mais rendosa) não oferece problema algum”, além da perspectiva de direitos autorais mais polpudos⁸².

Ambos combinaram de conversar pessoalmente sobre isso, já que Florestan chegaria ao Brasil em 16 de dezembro de 1970. A promessa, todavia, falhou, pois Queiroz embarcou para a Europa, de férias com a família, onde encontrou amigos, entre eles Celso Furtado⁸³. A conversa sobre um possível futuro como empregado da CEN se deu entre Fernandes e Octalles, e a proposta deste foi frustrante: “Serei uma espécie de novo Monteiro Lobato, especialmente se tiver que fazer traduções em massa, só que serei uma repetição de segunda ordem...”. Todavia, era a única proposta aceitável se Florestan quisesse planejar seu retorno ao país, o que sugere que ele conversou com outros interlocutores durante sua curta estadia em São Paulo, em fins de 1970, sem sucesso.

De todo modo, o plano era mesmo voltar ao Brasil. Em janeiro de 1971, Fernandes informa a Queiroz que pedira demissão da Universidade de Toronto, mas J. Stefan Dupré, o diretor do Departamento de Economia Política, recusou o pedido, alegando que a universidade não queria perder sua colaboração e seu prestígio: “o homem está lelé da cuca, como dizemos aí”, e Florestan não queria ir embora “deixando mágoas ou aborrecimentos atrás de mim”. Dupré fez uma contraproposta, pela qual Florestan alternaria um semestre em Toronto e outro no Brasil, com recursos canadenses:

82. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 4 de dezembro de 1970.

83. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 15 de fevereiro de 1971.

Escrevi para Myrian. Se a família quiser que eu volte já, então terei argumentos para apresentar ao prof. Dupré. Caso contrário, começo o novo arranjo que ele propôs, com a ideia de praticá-lo só um ano. Até lá, terei condições de escrever-lhe uma carta, fazendo por escrito o que não pude fazer oralmente⁸⁴.

Queiroz opinou que a proposta de Dupré era quase ideal, evitando rupturas e proporcionando uma boa situação financeira. O editor lamentou os termos da conversa com Octalles e se esforçou para deixar clara sua disposição de receber Florestan “de braços abertos e fazer o possível e o impossível para ajustá-lo ao nosso trabalho e este a você”⁸⁵. A resposta familiar era inconclusiva: “a família concorda com qualquer loucura que eu faça”. Como Queiroz, os familiares viam vantagens na proposta de Dupré, mas Florestan estava “saturado de viver fora do Brasil e não sei o que fazer”. Ainda que quisesse voltar ao seu país e ao convívio familiar, as condições de trabalho que tinha no Canadá eram incomparavelmente melhores do que se afiguravam no Brasil:

digo coisas desagradáveis com bons modos, a torto e a direito, e assim mesmo querem me ouvir. Quase cheguei a decidir a ficar por aqui; mas no íntimo não quero e vou tomar uma decisão – que ainda não sei qual seja – por estes dias⁸⁶.

Em setembro de 1971, durante uma breve passagem pelo Brasil, Florestan lamentou ter visto o amigo Queiroz poucas vezes. As possibilidades do trabalho editorial na CEN começavam a se concretizar, embora uma lista de livros sugerida por ele à editora já tivesse perdido vários títulos para outras casas editoriais. A continuar

84. Fernandes a Queiroz. Toronto, 23 de janeiro de 1971.

85. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 15 de fevereiro de 1971.

86. Fernandes a Queiroz. Toronto, 16 de março de 1971.

nesse empenho, seria necessário saber das intenções dos concorrentes e tomar pé da nova organização do ensino de Ciências Sociais nos níveis médio e superior, a fim de organizar melhor os trabalhos. De todo modo, uma nova lista de traduções foi sugerida, acatando alguns títulos sugeridos por Octávio Ianni e insistindo ser necessário “*estimular a produção dentro do nosso país*”⁸⁷, com manuais e livros de leitura de Sociologia, Psicologia, Antropologia, Economia, Ciência Política, Comunicações e História. Entre os nomes sugeridos para escrever os manuais ou organizar coletâneas contavam-se os de Fernando Henrique Cardoso, Egon Schaden, Juarez Brandão Lopes e Cândido Procópio Ferreira de Camargo. Florestan propunha-se a fazer os contatos assim que chegasse ao Brasil⁸⁸.

Queiroz, todavia, demorava a responder e Fernandes insistiu, após esperar um mês pela carta do amigo: “Você está com câimbra no braço, com preguiça de escrever-me ou acha que não paga a pena?”⁸⁹. A carta mencionava um contratempo com o visto no regresso a Toronto a partir de uma viagem a Buffalo e, como notícia principal, contava sobre o pedido de demissão da Universidade de Toronto, depois de recusar a proposta de Dupré. O caminho de volta ao Brasil começava a ser decidido:

Prefiro ficar aí, sem nada de definido para completar a aposentadoria, que ficar circulando por fora do Brasil. É bobagem o que estou fazendo mas, se não tomar uma decisão firme, nunca cortarei as amarras e vou continuar nesse vai-e-vem, como se fosse um pêndulo humano... Como muitos outros, acredito que sobreviverei com o que me for possível fazer. E se não for possível fazer nada, paciência. Já trabalhei muito, já que comecei aos seis anos. Agora talvez tenha chegado a vez da família fazer algo por mim...⁹⁰.

87. Fernandes a Queiroz. Toronto, 5 de outubro de 1971. Sublinhado no original.

88. Fernandes a Queiroz. Toronto, 5 de outubro de 1971.

89. Fernandes a Queiroz. Toronto, 31 de outubro de 1971.

90. Fernandes a Queiroz. Toronto, 31 de outubro de 1971.

A última carta do período de exílio de Florestan foi a enviada por Queiroz em 15 de novembro de 1971. Nela, o remetente pede desculpas por não haver respondido antes e mostra-se feliz pelo fato de Fernandes ter pedido demissão da universidade canadense e aceitado o desafio de encontrar trabalho no Brasil: “não é o que o aconteceu com o Ianni, Fernando Henrique etc.?”⁹¹. A vida profissional de Florestan Fernandes e, no que interessava particularmente a Queiroz, a atividade editorial, prosseguiram no regresso ao país. A correspondência de Fernandes com interlocutores na CEN, em tons mais formais, traz vestígios das atividades desses anos nos quais ele, na visão de sua filha Heloísa, “adaptou-se, embora mal, à existência aprisionada, isolada e solitária da vida familiar em São Paulo. Conformou-se à sua ‘gaiola de ouro’ ou à ‘sua bela prisão’, como ele dizia, que lhe será imposta pela ditadura até 1977”⁹². Para um dos filhos, Florestan Fernandes Jr., foi depois da volta do pai ao Brasil, no início dos anos 1970, que “a doença dele começou a se manifestar. E, além disso, ele ficou muito isolado. Os amigos sumiram e ele não tinha mais o espaço da universidade. Ele não tinha a quem falar. Ele só se reencontrou novamente, recuperou a felicidade, quando entrou para a política partidária”⁹³, ingressando no Partido dos Trabalhadores, pelo qual se elegeu deputado constituinte.

Considerações finais

Os estudos que se debruçaram sobre a obra e aspectos da vida de Florestan Fernandes podem ser ampliados a partir da consulta à sua documentação de caráter pessoal. Conhecer a biografia para a com-

91. Queiroz a Fernandes. São Paulo, 15 de novembro de 1971.

92. FERNANDES, Heloísa. “Florestan Fernandes, um sociólogo socialista”. In: CEPÊDA, Vera Alves e MAZUCATO, Thiago (orgs.). *Florestan Fernandes, 20 anos depois*: um exercício de memória. São Carlos: Ideias Intelectuais e Instituições: UFSCar, 2015, p. 21-22.

93. IOKOI, Zilda e CRIPA, Marcos. “Entrevista: Florestan F. Júnior e Heloísa R. Fernandes. Tudo na vida é sério, mas nada é definitivo”. *Revista Adusp*, out. 1995, p. 25.

preensão da obra, nas investigações acerca do pensamento intelectual, traz luzes importantes para questões normalmente pouco consideradas.

No caso de Fernandes, a infância, a condição social, a formação intelectual, a experiência docente e, sobretudo, o tempo e as relações de trabalho na USP são aspectos fundamentais. A aposentadoria compulsória decorrente do AI-5 foi, certamente, um marco na vida pessoal e na produção intelectual do sociólogo. Ricupero afirma que, após o episódio, Fernandes “entra em profunda crise”⁹⁴. Nas palavras de Marcos Oliveira, “Florestan Fernandes vive um momento de profunda transformação pessoal (...), o sociólogo parte para o exílio questionando sua forte identificação com a academia”⁹⁵. Sylvia Garcia, em seu estudo sobre a formação de Florestan, define a casação em 1969 como o “desfecho violento dessa fase de sua vida”, ou seja, a docência na USP. Desligado daquela universidade, “após 28 anos de dedicação total, ele perdeu a principal referência de sua identidade pessoal, profissional e intelectual. Uma mágoa profunda sempre marcou a lembrança do expurgo e seguiu sendo o sentido fundamental do acontecimento ao longo dos anos”. Em suas memórias, inscritas em uma entrevista de 1975, Florestan Fernandes relembrou o exílio mostrando-se desencantado com a Sociologia e definindo a si mesmo como um sociólogo profissional convertido “numa pessoa que luta mais para sobreviver e ganhar a vida (...) do que pela verdade inerente à natureza científica e, portanto, revolucionária da explicação sociológica”⁹⁶.

Nas cartas do exílio remetidas a Thomaz de Aquino de Queiroz, tudo isso veio à tona, não sob a forma de uma memória coerente ou de uma autobiografia, mas como narrativa feita no calor

94. RICUPERO, op. cit., p. 187.

95. OLIVEIRA, *Florestan Fernandes*, op. cit., p. 69.

96. GARCIA, Sylvia Gemignani. *Destino impar*: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 162-164.

dos acontecimentos. A luta pela sobrevivência e pelo sustento familiar foram preocupações recorrentemente expressadas em sua correspondência. Fernandes comparou a perseguição de que fora alvo ao ser aposentado compulsoriamente da USP em 1969 ao pedido de demissão da Universidade de Toronto por iniciativa própria em 1971. Um trecho da carta que ele escreveu a Queiroz é decisivo: “Se deixar a U.[niversity] of T[oronto]., eles vão se sentir em relação a mim como eu me senti em relação à USP. Mas o que fazer?”⁹⁷. A analogia parece inusitada e, a rigor, compara situações incomparáveis. Mas o episódio ganha uma forma diversa de compreensão se considerarmos o impacto que sua aposentadoria, ainda recente, tivera em sua vida pessoal e aponta para a dimensão ética pautando suas posturas políticas, pessoais e profissionais, nesse e nos momentos subsequentes de sua trajetória.

97. Fernandes a Queiroz. Toronto, 16 de março de 1971.

BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. *Branco e negro em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação e manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. 2ª ed., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1959.

BERTONI, Estêvão. “O predileto era sempre o mais novo”. *Folha de S. Paulo*, 23 set. 2008. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2309200814.htm>>.

CUNHA, Luís Antônio. “Lei Suplicy”. Disponível em <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-suplicy>>.

FERNANDES, Florestan (org). *Comunidade e sociedade no Brasil: leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1975.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus, 1965.

FERNANDES, Florestan. *A Sociologia numa era de revolução social*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1963.

FERNANDES, Florestan. *Organização social dos Tupinambá*. 2ª ed., São Paulo: Difel, 1963.

FERNANDES, Heloísa. “Florestan Fernandes, um sociólogo socialista”. In: CEPÊDA, Vera Alves e MAZUCATO, Thiago (orgs.). *Florestan Fernandes, 20 anos depois: um exercício de memória*. São Carlos: Ideias Intelectuais e Instituições: UFSCar, 2015.

GARCIA, Sylvia Gemignani. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

IOKOI, Zilda e CRIPA, Marcos. “Entrevista: Florestan F. Júnior e Heloísa R. Fernandes. Tudo na vida é sério, mas nada é definitivo”. *Revista Adusp*, out.1995.

NEVES, Juliana. “São Paulo no segundo pós-guerra: imprensa, mercado editorial e o campo da cultura na cidade”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 75, 2011.

OLIVEIRA F^o, José Jeremias de. “A reflexão metodológica em Florestan Fernandes”. *Revista USP*, v. 29, mar./maio 1996.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. *Florestan Fernandes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

PARSONS, Talcott. *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas*. São Paulo: Pioneira, 1969.

PEREIRA, João Baptista Borges. “A questão racial brasileira na obra de Florestan Fernandes”. *Revista USP*, v. 29, mar./maio 1996, p. 34-41.

RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2007.

SAVIANI, Dermeval. “Florestan Fernandes e a educação”. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26: abr. 1996.

78 | SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. *Revisitando a terra de contrastes: a atualidade na obra de Roger Bastide*. São Paulo: CERU/FFLCH/USP, 1986.

SINGER, Paul Israel. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1968.

SINGER, Paul. “Reminiscências de Florestan Fernandes”. *Revista USP*, v. 29, mar./maio 1996.

XAVIER, Libânia. “FERNANDES, Florestan”. In: ABREU, Alzira Alves de et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernandes-florestan>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2020.

“Winners by Year”. Disponível em <<https://www.anisfield-wolf.org/winners/winners-by-year/>>.

CAPÍTULO 3

Florestan Fernandes: Ciência e Política

LINCOLN SECCO¹

“O capitalismo não é eterno. Ele terá, por contradições insanáveis, mais cedo ou mais tarde, de sofrer a ação renovadora imposta pela civilização sem barbárie”².

É um truísmo afirmar que a institucionalização da Sociologia universitária no Brasil deveu muito a Florestan Fernandes. Ele se esforçou para demonstrar o caráter científico de suas pesquisas a uma elite paulista de formação eclética e que havia criado a Universidade de São Paulo (USP) em 1934. Em contrapartida, Florestan surgiu no debate público nos anos 1980 sobre a redemocratização como um autointitulado publicista revolucionário e membro do Partido dos Trabalhadores (PT). Como se explica essa passagem do sociólogo ao socialista?

Como membro da primeira geração de professores da USP após a “Missão Francesa”³, Florestan se dedicou simultaneamente

1. Professor do Departamento de História, FFLCH/USP.

2. FERNANDES, Florestan. “Prefácio”. In: SECCO, Lincoln; e SANTIAGO, Carlos (orgs). *Um olhar que persiste*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1995, p. 12.

3. Como ficou conhecida a experiência do grupo de professores trazidos da França para formar as primeiras turmas da recém-criada Universidade de São Paulo na década de 1930.

aos clássicos da Sociologia, que ele divulgou em coletâneas e cursos ao público estudantil, bem como a sólidas pesquisas empíricas.

Ao acompanharmos essa trajetória inicial, tudo indicaria para uma carreira linear que teria sofrido uma rotação política depois do golpe de 1964. Mesmo se considerarmos a breve militância de Florestan no Partido Socialista Revolucionário liderado por Hermínio Sacchetta⁴, sua dedicação primordial sempre foi à USP. Florestan se envolveu em poucas atividades militantes. O registro mais importante de seu curto compromisso partidário foi um trabalho intelectual: a tradução e a introdução que escreveu a uma obra de Marx⁵.

No entanto, Antonio Candido lembrou que o marxismo persistiu no pensamento de Florestan como uma tendência recessiva ou um rio subterrâneo⁶. Em outras palavras, existiu sempre uma tensão entre ciência e engajamento. Uma pista sobre isso está nas suas escolhas temáticas: a criança, nos seus primeiros artigos científicos⁷; os Tupinambá, no seu mestrado⁸ e doutorado⁹; os imigrantes; os tupis; as favelas¹⁰ e o negro em inúmeros trabalhos ao longo da vida, cujo ponto máximo foi o concurso para a cadeira de Sociologia I¹¹, em que dissecou a condição heteronômica da raça negra¹². Outro traço de sua inclinação militante foi a entrada na Campanha em Defesa da Escola Pública, lançada em maio de 1960¹³.

4. VERAS, Eliane. *Florestan Fernandes: o militante solitário*. São Paulo: Cortez, 1997.

5. MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Economia Política*. Introdução de Florestan Fernandes. São Paulo: Flama, 1946. O livro se tornou raridade bibliográfica e é provável que seja uma tradução do francês. A introdução de Florestan tinha uma linguagem acadêmica e reapareceu em COGGIOLA, Osvaldo (org). *Florestan Fernandes: em busca do socialismo*. São Paulo: Xamã, 1995.

6. CANDIDO, Antonio; “Estudante e estudioso”. In: SECCO e SANTIAGO, op. cit., p. 287.

7. FERNANDES, Florestan. “As trocinhas do Bom Retiro”. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 113, 1947, p. 7-124.

8. FERNANDES, Florestan. *Organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, s/d, um trabalho que procurava mostrar erudição e cientificidade acompanhado de vinte gráficos.

9. FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1970.

10. DAVID, Antônio (orgs.). *O Brasil de Florestan*. São Paulo/Belo Horizonte: Ed. da Fundação Perseu Abramo/Autêntica, 2018.

11. FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*, 2 v. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

12. Embora a primeira pesquisa sobre relações raciais em São Paulo realizada com Roger Bastide não tivesse sido escolha dele, e sim uma encomenda da Unesco, cf. SOARES, op. cit., p. 45.

13. Campanha lançada a partir da mobilização de professores da USP, dentre eles Florestan Fernandes, mas que se expandiu para além da universidade, contra o projeto de lei desfavorável ao ensino público defendido pelos deputados da UDN, Carlos Lacerda e padre José Trindade da Fonseca e Silva.

As pesquisas acadêmicas sobre sua trajetória, suas biografias, depoimentos de colegas e mesmo seus relatos esparsos de natureza autobiográfica fornecidos através de entrevistas problematizam permanentemente essa transformação¹⁴, da qual nos ocuparemos nas próximas páginas, partindo de sua formação e atuação acadêmica como sociólogo socialista, até sua opção pelo socialismo revolucionário, posição que definiu sua ação política.

O sociólogo socialista

Nas Jornadas em homenagem a Florestan Fernandes ocorridas no *campus* da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), na cidade de Marília, em 1986, Barbara Freitag identificou uma *ruptura* epistemológica que separou o acadêmico reformista pré-golpe de 1964 e o político revolucionário que se desenvolveu depois. Não escapou a ela que havia continuidades, mas a escolha do conceito de ruptura, que foi proposto por Louis Althusser¹⁵ para periodizar a obra de Marx, não podia ser casual. Para a autora, a cesura e a mudança são predominantes em relação às permanências.

José de Souza Martins, observando o mesmo processo, optou por combinar as mudanças do entorno social com a continuidade temática na redação de *A revolução burguesa no Brasil*. Também não foi uma escolha casual, porque o livro começou a ser preparado a partir de material de cursos oferecidos na USP antes da cassação do autor, e o intervalo entre a escrita dos primeiros capítulos e do último foi de dez anos. Martins identifica que, na primeira parte, pre-

14. Convidado pela Fundação Perseu Abramo para escrever um artigo em pouco tempo e sem possibilidade de perscrutar os arquivos, vou me limitar a reconstituir brevemente aquela trajetória com base nas leituras que fiz no passado de algumas de suas obras e na memória militante colhida direta ou indiretamente e com todos os riscos que os historiadores conhecem bem.

15. Louis Althusser indicava em *A ideologia alemã* uma “ruptura consciente” de Marx com seu passado teórico, no qual ele era comunista, mas não “marxista”. ALTHUSSER, L. *Pour Marx*. Paris: Maspero, 1965, p. 39.

dominaram as referências a Weber e Durkheim, e na terceira parte a Lenin. Todas permeadas pela “interpretação dialética da história”. Os temas já estavam no projeto acadêmico redigido em 1962 e intitulado *Economia e sociedade no Brasil*.

As indagações daquele projeto, as pesquisas empíricas dos assistentes de Florestan e o engajamento típico das Ciências Sociais latino-americanas já apresentariam dúvidas a respeito das “certezas políticas” da esquerda. A reorientação do trabalho teria a ver menos com o “alargamento da consciência política” e uma “esquerdização da reflexão sociológica” e mais com uma “aguda consciência sociológica” do momento histórico. Portanto não haveria descompasso entre as duas primeiras partes da obra e a terceira porque, segundo José de Souza Martins, o que o autor expõe naquelas já contém os desdobramentos políticos que vieram em seguida a vitimar Florestan Fernandes com a cassação pela ditadura¹⁶.

Em 1969, Florestan reuniu artigos que escrevera desde 1946. A intenção declarada era subsidiar professores de cursos de Introdução à Sociologia¹⁷. Aparentemente, ele teria tentado escrever a partir daqueles textos um manual de Sociologia, mas isso não fazia mais sentido em função da reforma universitária de 1968, que substituiu o sistema de cátedras pelos departamentos e desmembrou as faculdades de filosofia, e, provavelmente, de seu próprio afastamento da USP.

Num artigo de 1962 que resolveu publicar novamente em 1970 e em 1974, Fernandes faz uma defesa do método de interpreta-

16. MARTINS, José de Souza. “Prefácio”. In: FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2005, p. 23.

17. Para uma análise quantitativa dos principais autores citados por Florestan Fernandes nas obras *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada* (1960), *Elementos de Sociologia Teórica* (1970) e *A Natureza Sociológica da Sociologia* (1980), vide: MAZUCATO, Thiago. “Uma abordagem preliminar sobre a constituição das Ciências Sociais no Brasil: Florestan Fernandes e seus diálogos intelectuais”. In: CEPÊDA, Vera e MAZUCATO, Thiago (Orgs). *O intelectual Florestan Fernandes e seus diálogos intelectuais*. São Carlos: UFSCar, 2015. Cabe a ressalva que as obras são reuniões de artigos de diversas épocas. Por exemplo: no livro de 1970 há textos escritos desde 1946.

ção funcionalista, o qual não se ocuparia apenas com a compreensão dos mecanismos de reprodução da ordem social existente, permitindo também encontrar os fatores dinâmicos de um sistema e entender como sua continuidade libera “forças ou mecanismos socialmente inovadores”¹⁸. O funcionalismo não é insensível aos aspectos diacrônicos da vida social, embora apresente limites que só podem ser resolvidos através do método dialético.

Meu objetivo não é julgar se Florestan Fernandes foi ou não bem sucedido em combinar dois métodos diferentes, ou mesmo se se trata de uma combinação. Afinal, ele os utilizou de acordo com o objeto. Para ele, o funcionalismo não é uma teoria e sim uma via para formular “proposições empíricas, testá-las e incorporá-las à teoria”. Em Florestan, o uso de diferentes métodos para diversos objetos não representa um problema. A análise estrutural funcional pode abranger os conflitos sociais que se tornam estruturais e apreender fenômenos com “alto teor de estabilidade”, mas para a explicação sistemática e a generalização ele recorre ao marxismo.

Para escrever seu longo (e, aliás, belo) artigo sobre as brincadeiras infantis do bairro paulistano do Bom Retiro¹⁹, Florestan Fernandes fez trabalho de campo, registrou a amizade com as crianças, as estruturas recorrentes, os ritos de iniciação e outros fenômenos que dispensavam alusões a Marx. Nos *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, o autor vinculou o uso das correntes teóricas mais importantes da Sociologia à natureza do objeto a ser investigado.

Para Martins, numa obra em que precisa lidar com a história *in flux*, como Florestan Fernandes gostava de dizer, ele teve de se munir de diferentes instrumentos de análise²⁰. Essa opção era estranha

18. FERNANDES, Florestan. *Elementos de Sociologia Teórica*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974, p. 196.

19. FERNANDES, Florestan. “As trocinhas do Bom Retiro”. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 113, 1947, p. 7-124.

20. Cf. MARTINS, op. cit., p. 21.

à maioria dos marxistas. Além disso, nos seus trabalhos acadêmicos anteriores Florestan jamais se utilizou explicitamente do “método marxista”. Portanto, as mudanças que se evidenciam entre a primeira e a terceira partes de *A revolução burguesa no Brasil* são salientes. O autor pretendeu escrever um ensaio de interpretação sociológica da História. Embora pareça guiado por um conceito apriorístico de revolução burguesa à qual sua reconstituição histórica deveria se moldar, não é isso o que ele faz. Parece uma teleologia, porque o vocabulário sempre nos remete a tarefas inconclusas, processos interrompidos, revoluções incompletas. A não realização plena da revolução burguesa é uma constatação empírica do presente e a partir disso ele interroga o passado e o reconstitui.

Florestan escreveu seguramente um clássico, mas nada parecido com os ensaios de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Gilberto Freyre e Celso Furtado, que o antecederam, e nem a Gorender, que o sucedeu²¹. Em contrapartida, Fernandes não produziu um texto acadêmico que pudesse ser aceito enquanto tal, ao menos para os padrões da USP naquela época. Seu livro é desbalanceado: a terceira parte é muito maior e a segunda, apenas um fragmento. Além disso, ele não rompe com as referências acadêmicas iniciais na terceira parte. Recorre a distinções weberianas entre autoridade e poder mas, ao mesmo tempo, suas referências bibliográficas mudam qualitativamente.

Isso não é visível no texto porque ele usa poucas notas de rodapé. Mas, pelas datas das edições que inseriu na bibliografia, podemos saber que entre o início da redação e o término, Florestan leu

21. No caso de Jacob Gorender, nota-se uma direção contrária. Ele transita do comunista ao marxista, do dirigente político ao historiador que troca os artigos e resoluções pela “tese”. Evidentemente *O escravismo colonial* não é uma tese, mas é inteiramente referenciado em notas de rodapé, debate historiográfico e documentação primária. Como os acadêmicos em geral, o autor também ataca acerbamente a tradição do PCB (Nelson Werneck Sodré) e suas críticas a Caio Prado Júnior seguem a forma respeitosa com a qual ele era citado na USP. Aliás, Gorender participou nos anos 1980 tanto de debates partidários quanto acadêmicos, aceitando um reconhecimento que a universidade lhe dava, embora em doses homeopáticas. Já Florestan revisitou a universidade apenas como “político” e mesmo sua docência na pós-graduação da PUC-SP “não significou um retorno à atividade acadêmica”, que não pode se resumir a aulas, obviamente. Ver VERAS, op. cit., p. 81.

Rosa Luxemburgo (uma edição mexicana de 1967) e Paul Baran, citados no capítulo sete. Recorre a autores latino-americanos, como o historiador Tulio Halperin Donghi (1969), Jose Carlos Mariátegui (edição peruana de 1972) e Juan Carlos Portantiero (1973). Obviamente, há a presença marcante de Lenin, cujas *Oeuvres* (edição francesa citada) ainda estavam sendo publicadas. A maioria dos livros usados é de 1967 e 1968. O seu Lenin, no entanto, é legitimado com valores da ciência: rigor, precisão, base empírica e amplitude do conhecimento teórico. Florestan Fernandes dirigiu a publicação de vários autores marxistas ao lado de clássicos acadêmicos. Mas é sintomático que Mao Tsé-Tung, Trotsky, Stalin e Lenin estivessem numa coleção chamada *Grandes Cientistas Sociais*²².

O inacabamento formal aparece nos avisos de omissões que ele faz para “não estender desnecessariamente a explanação”, nas “repetições e sobreposições inevitáveis” ou quando escreve que não vai discutir determinados aspectos de fora de um período histórico depois de muita “indecisão”. Mesmo na bibliografia, Florestan lembra que recorreu a levantamentos feitos em 1941 com Donald Pierson e aos programas de cursos de terceiro e quarto anos aplicados na USP em 1966.

Não se espera de um ensaio essas explicações típicas de um intelectual universitário nem de uma tese a tomada de partido anunciada já na nota explicativa: o livro é a resposta intelectual à ditadura por um socialista militante. Seria um programa de pesquisa que não pode ser sequer tangenciado aqui reconstituir de fato a oficina de *A revolução burguesa no Brasil* na biblioteca de Florestan. E, ao mesmo tempo, entender porque, na época em que escreveu, ele não conseguiu operar completamente a passagem do acadêmico ao político.

22. RODRIGUES, Lidiane S. *Entre a academia e o partido: a obra de Florestan Fernandes (1969-1983)*. (Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo, 2006, p. 66.

Isso não derivou da incapacidade do autor. Ele era o mais importante cientista social da sua geração e até hoje um dos mais importantes representantes do pensamento social brasileiro. Quando Florestan Fernandes escreveu sua obra máxima, a universidade que o formou e o marcou de modo indelével já estava transitando para uma especialização incontornável. Talvez aquele fosse o último momento em que alguém poderia se propor a um ensaio como o que Florestan pretendeu escrever. Mas talvez só fosse possível uma obra já carregada pelo acúmulo de monografias de base que a USP havia produzido.

Para uma obra de tema histórico como a *Revolução burguesa no Brasil*, a expansão do fragmento da segunda parte, dez anos depois de ter sido esboçado, teria que levar em conta novos avanços da historiografia. Um exemplo era a *História Geral da Civilização Brasileira* dirigida por Sergio Buarque de Holanda e publicada entre 1960 e 1972²³.

Nem Caio Prado nem Sérgio Buarque haviam escrito seus ensaios com tal profusão de pesquisas anteriores. Até mesmo o marxismo que Caio Prado conhecia nos anos 1930 era muito incipiente²⁴. E nem eles e nem Gilberto Freyre ou Celso Furtado tinham tido propriamente uma carreira acadêmica como a de Florestan Fernandes.

O que há de insólito na obra é que, na verdade, ela ficou a meio caminho da tese acadêmica e do “ensaio livre”, como ele a denominou. A querela entre a descontinuidade e a continuidade não se resolve no plano do conteúdo, mas da *forma difícil*. No plano do conteúdo, podemos discutir muito tempo se ele trocou Weber e Durkheim por

23. A coleção só atingiu a fase republicana já sob direção de Boris Fausto no ano em que *A revolução burguesa no Brasil* foi publicada, em 1975. Até então só havia poucos livros de síntese sobre a época republicana feitos por não especialistas como Sertório de Castro, José Maria Belo, Leoncio Basbaum e Cruz Costa. No entanto, particularmente para a terceira parte de sua obra Florestan já dispunha de fontes nos livros de Edgard Carone, que foi o pioneiro da historiografia republicana universitária. Vide MARCHETTI, Fabiana. *A Primeira República: a ideia de revolução na obra de Edgard Carone (1964-1985)*. (Dissertação de mestrado, Departamento de História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Carone está na bibliografia de Florestan e suas obras foram editadas sob a direção de um aluno dele: Fernando Henrique Cardoso.

24. Vide CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil*. Belo Horizonte: Dois Pontos, 1986; SECCO, Lincoln. *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo, 2008.

Marx e Lenin. Mas, no inacabamento formal, podemos descobrir que talvez não haja na sua trajetória uma evolução linear em que textos anteriores já revelariam os resultados posteriores, nem um salto no escuro no qual se evidenciasse a ruptura com o passado.

A sua biografia não demonstra isso. Por razões de natureza pessoal e talvez política, como ele revela em sua correspondência com Barbara Freitag, Florestan não se fixou no exterior como outros (Emília Viotti da Costa estendeu sua carreira nos Estados Unidos, por exemplo). Mas também não adentrou nenhuma organização política até 1986, quando a ditadura já estava formalmente terminada. Obviamente, além das razões geracionais, isso se explica pela inexistência de um movimento socialista que pudesse dar amparo material e moral para a reflexão intelectual.

O hiato entre a Academia e o Partido

Florestan Fernandes não poderia ter escrito *A revolução burguesa no Brasil* não fosse sua formação sociológica na USP. Ao mesmo tempo, não o faria se não tivesse passado pelo golpe de 1964, que o afastou progressivamente da universidade. Sem discutir o mérito e o conteúdo do livro, ainda assim podemos afirmar que a tensão entre ciência e engajamento se expressou na forma do texto.

A geração de Florestan rompeu conscientemente com a forma ensaística que vigorava nos estudos históricos e sociológicos brasileiros. Seguramente, isso foi mais visível nas Ciências Sociais do que na historiografia. *A revolução burguesa* ficou a meio caminho entre o erudito e árido trabalho do *scholar* e a liberdade do ensaio militante.

Por isso, Florestan marca muito mais uma ruptura no próprio modo de pesquisa dos problemas brasileiros do que uma mu-

dança pessoal apenas. Com ele, a escrita científica alcança um alto padrão. E exatamente no momento em que o sociólogo afasta-se da USP e busca a “escrita pública”, as Ciências Sociais se espalham pelo território em novos cursos universitários e suas formas de expressão se padronizam. A universidade se departamentaliza e os critérios de rigor, controle e metrificação do saber começam a se impor.

A revolução burguesa no Brasil é uma obra necessariamente inacabada entre o ensaio e a tese; um livro de intenção unitária e, ao mesmo tempo, uma coletânea de longos artigos escritos em momentos diferentes; uma resposta intelectual ao golpe de 1964 e um exercício científico; uma obra revolucionária em busca do marxismo sem romper com o ecletismo daquela formação uspiana; um clássico entre Weber e Lenin.

O sociólogo que publicara antologias acadêmicas, artigos do mais perfeito rigor funcionalista e oferecera os cursos de sólida erudição foi dar aulas nos Estados Unidos e no Canadá, mas acabou por voltar e dar lugar, ao longo dos anos 1970, ao professor engajado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao articulista de jornal, ao divulgador de Lenin, ao diretor da coleção *Grandes Cientistas Sociais*, ao apoiador do jornal *Portugal Democrático* e das atividades da resistência anti-salazarista no Brasil, ao autor de cursos que se tornavam livros e de sua bela obra sobre a Revolução Cubana. Por fim, o publicista revolucionário encontrou no Partido dos Trabalhadores o seu lugar de “retorno” ao compromisso militante.

O publicista revolucionário

A Constituição de 1988 foi fruto de uma década de intensa participação popular no Brasil. Naquele período o PT, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Movimento dos Trabalhadores

Rurais Sem Terra (MST) e inúmeras outras organizações de combate foram fundadas e o país assistiu ao maior movimento de massas de sua história: as “Diretas Já!”.

Florestan Fernandes foi eleito deputado constituinte. Sem perder aquela característica que o definia, a de “publicista revolucionário”, analisou todo o processo constituinte. Graças a ele, foi possível compreender porque uma Assembleia conservadora produziu um texto socialmente avançado, apesar das suas limitações históricas. É que, após dez anos de pressão popular, os deputados do chamado “centrão” (o grupo conservador da Constituinte) sentiram-se “moralmente” cercados. Foi o suficiente para aprovar, por exemplo, o Sistema Único de Saúde, o direito de greve e a universalização da aposentadoria rural.

Florestan acompanhava as lutas de classes dentro e fora do parlamento. Sua escrita, amparada em sólida cultura histórica e sociológica, era também plena da humanidade de um menino pobre que quase foi tragado pelo abismo da miséria: “Lembro-me das experiências da infância e do trabalho precoce aos seis anos de idade (...): via-me como alguém segurando-se nas bordas de um poço profundo e vultos humanos pisando minhas mãos para que eu despencasse e sumisse, tragado pela água”²⁵. Nestes textos, ele denunciava os “senhores da fala, da riqueza e do poder” que erigiram uma sociedade civil não civilizada e deixaram aos de baixo o rancor emudecido e a esperança radical.

Sem peso ou voz na sociedade civil, jovens, negros, indígenas, mulheres e deserdados da terra foram todos excluídos em função da própria dinâmica de reprodução da ordem existente. Ao lado de um punhado de deputados da esquerda, Florestan buscou representá-los. Foi uma luta desigual, como ele nos mostrava em seus artigos

25. FERNANDES, Florestan. *A transição prolongada*. São Paulo: Cortez, 1990, p. 165.

e nas palestras e conversas que mantinha em todo o Brasil. Ainda assim, aquela Constituição provocou os poderosos. Sucessivas tentativas de revisar o texto constitucional buscaram revogar direitos ou impedir sua regulamentação. O “Florestan” dos militantes do PT foi fundamentalmente o que escrevia artigos corajosos na *Folha de S. Paulo* a partir de 1983. Nos estertores da ditadura, ele citava Prestes e Marighela, Marx e Lenin. Desencavava a utopia do socialismo de cada luta parcial e momentânea. Depois, seus artigos se reuniam em coletâneas que comprávamos ou emprestávamos avidamente.

Florestan apresentava uma escrita difícil para a juventude de periferia que se reunia nos núcleos petistas de São Paulo. E, no entanto, seus livros repercutiam. Claro que sua escrita se desdobrava em momentos fortes, em sentenças socialistas e revolucionárias atraentes. Mas o seu vocabulário recorria a metáforas “operárias” (circuito fechado, martelo, bigorna, malho); a interjeições como safá!, hélas; provérbios como “Mateus, primeiro os teus”; a expressões longínquas da infância: mão de gato, poções milagrosas, braço de ferro, jogo da amarelinha; termos insólitos: ranger de dentes, butim, esbulho etc; à Bíblia (deus Mamon); latim (*primus inter pares, servus, manu militari, locus, ex officio, quantum, mores*); verbos como aluir, soldar, esboroar; referências latino-americanas a *los de abajo*; poesias do momento, como de Affonso Romano de Sant’Anna; cartuns de Henfil; à autobiografia de um cineasta como Bergman ou a trabalhos de ex-alunos; conceitos como estamentos, castas, estratos e classes; longa duração da História; proletários, miseráveis da terra, condenados da terra, desenraizados, massa e classe; e expressões clássicas da esquerda, como a lata de lixo da história, bandeira estrelada do socialismo proletário, vanguardas etc.; títulos sem concessões como “Luta de classes e socialismo proletário”; “Os subterrâneos da História não entram nas enquetes”.

Que intelectual escreveria com um estilo tão incisivo um artigo como “Os desenraizados”? Florestan inicia com uma citação de *Os desclassificados do ouro* da historiadora Laura de Mello e Souza, referencia-se em Marx e, de repente, o conceito de exército industrial de reserva se torna a imagem de massas humanas excluídas de Lima e Caracas vistas do avião. Sua quantidade física visível não se torna fator revolucionário porque a cultura que lhes é imposta exclui o uso da contraviolência e elas “deixam-se cozinhar no banho frio de surdos rancores”²⁶.

É certo que neste Florestan que encantava aquela juventude militante da classe média baixa ou do proletariado tinha uma combinação de experiências que nenhum outro acadêmico importante da época possuía: sua condição de estudioso das crianças (o que transparece no vocabulário), seu estudo dos negros, sua aproximação com comunistas, reformistas católicos, sociais democratas autênticos, suas reminiscências trotskistas, suas alusões ao anarquismo: “Os anarquistas tiveram a virtude de estender os braços a esses companheiros e a grandeza de compreender o seu infortúnio. Os revolucionários nacionalistas e comunistas da periferia acabaram aprendendo, pela prática, que eles são os humildes mais exigentes de amor”²⁷.

No entanto, havia também a marca de uma origem pobre do filho da mãe solteira, lavadeira; do menino carregador de feira e do jovem garçom: “Com dez anos, eu próprio, lúmpen e miserável da terra, corria pelas ruas gritando ‘queremos Getúlio!’”²⁸. Florestan ampliou sua base de apoio porque não se prendeu à classe média progressista (numerosa nos anos 1980), máquinas sindicais ou tendências do próprio partido. Ele se dirigiu aos menores, às mulheres, aos velhos, aos cegos, aos humilhados, aos estropiados anônimos,

26. FERNANDES, Florestan. *A Constituição inacabada*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989, p. 24-26.

27. *Ibidem*.

28. *Ibidem*.

aos dependentes de drogas, aos solitários das ruas, aos mendigos, aos seres humanos encurralados.

Assim, não pregava no deserto e nem fazia o papel de Cassandra. Tinha um discurso transversal que apanhava os setores organizados da classe operária, os rebentos indesejáveis da pequena burguesia que aderiam ao socialismo, os desempregados, os excluídos, a luta pela cidadania – essas duas últimas palavras passavam a dominar o vocabulário petista.

A sua linguagem era um diferencial que o destacava de outros intelectuais públicos que ou escreviam como os políticos profissionais ou enquanto universitários que não conseguiam despir-se de suas especialidades.

A disputa intramuros

Além do vocabulário, havia algo de diferente em Florestan. Afinal, o que o teria levado a usar aquela linguagem e a tomar as posições que outros não tomaram, de maneira tão enfática? Ele costumava dizer que estava liberto das constrições acadêmicas. Mas que também não teria sido o socialista que era sem ter sido antes o sociólogo da USP. Outros acadêmicos disputavam o espaço político da esquerda.

Cinco professores do curso de Ciências Sociais da USP foram candidatos às eleições em 1986. Francisco Weffort tinha em seu currículo simplesmente a direção da Fundação Wilson Pinheiro e o cargo de secretário geral do PT. Além disso, era o preferido da cúpula para ser o líder intelectual da bancada na constituinte, mas sua candidatura a deputado federal naufragou com 8.592 votos. Entre os candidatos a deputado estadual, José Álvaro Moisés teve 8.008 votos; Éder Sader, 8.959; e Bolívar Lamounier (pelo PSB) teve 5.948 votos. Florestan foi eleito a deputado federal constituinte com 50.024 votos.

Vencido o páreo entre intelectuais tradicionais, Florestan não se deixou enredar pelas disputas do dia a dia no PT. Não soçobrou no “internismo”. Em parte porque trazia uma bagagem acadêmica ímpar que se imbricou muito rapidamente com o reconhecimento eleitoral. Apesar do PT ter 290 mil filiados em 1985, o peso político de um mandato era grande numa bancada de apenas 16 deputados federais.

No PT

Florestan pode ter percebido logo que ele tinha estatura suficiente para não se prender a uma corrente de esquerda específica dentro do PT e, de certa forma, representar as diversas correntes em conjunto. Seu apelo transcendia as tendências internas. Transitava entre elas, como se pode observar em prefácios, cartas de apoio e documentos internos escritos por Florestan para lideranças com posicionamentos diversos entre si, como Ivan Valente, Adelmo Genro Filho, Markus Sokol, Miguel Carvalho, Mané Gabeira e Artur Scavone²⁹, entre outros. Debateu com José Dirceu, Lula, Perseu Abramo, Gushiken e Gorender. Mantinha interlocução com o movimento negro.

Aqui, a memória seletiva me leva a registrar seu contato com sindicalistas da oposição metalúrgica de São Paulo. Florestan costumava falar com admiração de Cleodon Silva. Outros sindicalistas da *CUT pela Base* e da esquerda em geral debatiam com ele, e interagiam também com categorias como os coureiros e os vidreiros. Seus espaços como palestrante eram os dos petistas em geral: associações de amigos de bairro, sindicatos (coureiros, químicos, condutores e o Centro do Professorado Paulista), faculdades privadas da Grande São

29. Florestan ajudou a campanha de Scavone a vereador e escreveu para ela um documento sobre a cidade de São Paulo em 1992.

Paulo (em Guarulhos, por exemplo), salas de câmaras municipais e até conventos, onde grupos de esquerda faziam seus seminários³⁰.

Florestan defendia o caráter socialista do PT, embora preferisse que se tornasse um partido marxista. Isso o separava até mesmo de alguns companheiros da esquerda partidária. Ele aceitava que o PT se limitasse à revolução dentro da ordem, mas sempre se declarava favorável à revolução contra a ordem. Ele foi um intelectual *de* esquerda no PT, mas não *da* esquerda partidária. Algumas vezes esteve em contradição com ela e em outras se articulou na defesa de suas teses³¹.

Isso não foi apenas produto de uma condição objetiva ditada pelos seu peso eleitoral e reconhecimento intelectual. Também foi uma opção consciente. Ele declarou em 1986 que, antes do golpe de 1964, ele tinha se mantido equidistante da esquerda democrática – PSB, PCB e PTB: “Preferi me manter como um intelectual de esquerda que servia a todas as correntes socialistas”³².

Claro que havia ali uma reconstituição interessada de sua própria trajetória política. Ele não citou a militância trotskista e esteve, como já vimos, muito mais a serviço da USP do que de qualquer partido. Ao ser indagado sobre o trotskismo, respondeu:

Acho que num país como o Brasil temos que superar divergências que não foram criadas aqui. Não podemos nos dividir em função do passado revolucionário de outros povos. Durante um tempo eu me opunha a Stalin em nome do trotskismo. Posteriormente superei essa posição, estudando melhor a Revolução Russa, especificamente a participação de Lenin, e as várias correntes que formaram a Revolução Chinesa. Minha posição atualmente é que deveríamos construir no Brasil um caminho diferente, que nos levasse às raízes verdadeiramente clássicas do marxismo³³.

30. Seu assessor Paulo Henrique Martinez invariavelmente o conduzia a esses locais de automóvel.

31. SECCO, Lincoln. *História do PT*. Prefácio de Emília Viotti da Costa. 5ª ed. São Paulo: Ateliê, 2016.

32. FERNANDES, Florestan. *Pensamento e ação: o PT e os rumos do socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 168.

33. FERNANDES. *Pensamento e ação*: op. cit., p. 169.

Florestan esgrimia três argumentos que lhe eram altamente convenientes num partido de esquerda plural como o PT: atribuía sua posição ao estudo, o que deslocava a opção para uma zona imune às disputas internas imediatas; simultaneamente, reconduzia o debate da esquerda para o solo histórico real, o Brasil; e, finalmente, se refugiava no próprio campo da esquerda socialista num salto sobre o século XX que o levava às raízes do marxismo.

Isso também se traduzia no ecletismo das citações, no ecumenismo das homenagens e na recusa das modas. Florestan conjuminava referências mistas a cientistas sociais desconhecidos dos militantes e a revolucionários: Mannheim, Durkheim e Weber estavam ao lado de Mao, Fidel e Lenin; Joaquim Nabuco, Raimundo Faoro e Caio Prado Júnior ao lado de Antonio Bento, Gregório Bezerra e Lula. Seus artigos homenageavam o socialista italiano Sandro Pertini, o guerrilheiro Carlos Marighela, o trotskista Hermínio Sacchetta, o comunista Luiz Carlos Prestes. Aliás, Prestes foi a São Paulo para participar do programa Roda Viva, da TV Cultura, em 1986. Ele havia lido a obra de Florestan no exílio. No programa, talvez porque algum militante da campanha eleitoral de Florestan tivesse ido lá, Prestes apareceu na TV com o broche de Florestan e acabou declarando apoio a ele.

Fernandes também escreveu sobre a União Soviética e a Albânia, jamais se declarando contra aquele “socialismo difícil” ou “socialismo de acumulação”. Apoiou Deng Xiaoping no episódio do massacre da praça da Paz Celestial. Defendia acaloradamente Cuba. Escreveu vários textos sobre Lula. Muitas vezes seus artigos eram copiados e distribuídos no seu escritório paulistano da Rua Santo Antônio, no Bixiga. Artigos que ainda não tinham sido publicados já eram lidos antes pelos militantes. Recordo-me particularmente de um dos textos sobre o Primeiro Congresso do PT que depois integrou o opúsculo *O PT em Movimento*.

Florestan Fernandes não referenciou exaustivamente seus textos em Althusser nos anos 1970 nem em Gramsci nos anos 1980. Carlos Nelson Coutinho procurou Gramsci em *A revolução burguesa no Brasil*. Bem, ele estava lá, com um livro numa vasta bibliografia, mas o uso do conceito de hegemonia não era o gramsciano³⁴. Ao citar o bloco histórico hegemônico, por exemplo, Florestan opinou que a modernização brasileira era gerenciada a partir de fora. É o capital monopolista internacional que calibra e dirige o setor interno “nacional” que “simula a hegemonia”. Numa situação assim, os capitalistas só se unem em torno do mínimo comum (a defesa da propriedade privada), a sociedade civil não se civiliza, o poder político não é compartilhado, a reforma é substituída pela conciliação no topo.

A burguesia compradora (Florestan recorre a um conceito maoísta) só é “nacional” na medida em que “ela é a verdadeira nação” sem espaço para os outros, particularmente a massa de pobres e despossuídos. Qualquer reforma radical é disfuncional para o tipo de desenvolvimento de um capitalismo periférico,³⁵ portanto não se pode esperar nada da burguesia.

A hegemonia simulada só deixa espaço na sociedade civil para os “iguais” e não admite qualquer brecha para a classe trabalhadora. A luta de classes só poderá assumir desde o início um caráter de contra violência e, no ponto máximo, chegar à luta armada³⁶ e ao esboroamento da tutela militar.

Florestan defendeu para o PT o marxismo e o socialismo revolucionário. Apelou até o fim aos “verdadeiros anarquistas, socialistas e comunistas”, desvencilhou-se das armadilhas de um “socialismo democrático” ambíguo e oportunista e não deixou que o muro de Berlim caísse em sua cabeça. A crise do Leste Europeu era para ele

34. COUTINHO, Carlos Nelson. “Marxismo e ‘imagem do Brasil’ em Florestan Fernandes (2000)”. Disponível em <<https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&cid=90>>.

35. FERNANDES, Florestan. *Nova República?* 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 67.

36. FERNANDES, *Pensamento e ação*, op. cit., p. 166.

“o êxito passageiro de contrarrevoluções bem arquitetadas”³⁷ e uma chance de repensar o socialismo “voltando às raízes”³⁸, mas o foco do PT deveria continuar sendo os problemas brasileiros. A radicalidade que ele esperava do partido não proviria do melhor balanço do socialismo real, mas das iniquidades intoleráveis do que ele denominou pioneiramente de capitalismo selvagem.

Conclusão

Historicamente, o debate sobre a Revolução Brasileira a definiu das seguintes formas: um processo de reformas de longa duração; um projeto de modernização; a passagem da colônia à nação; e a ruptura radical com o imperialismo³⁹. O reformismo de Florestan nos anos 1960 talvez o tenha aproximado das três primeiras acepções. Mas, no PT, ele soldou-se a uma concepção de revolução como ruptura (no singular) sob a forma inequívoca do socialismo revolucionário.

Ao herdar tarefas burguesas irrealizáveis, o PT teria que levá-las adiante como exigências socialistas, sob o risco de sucumbir ao canto de sereia da conciliação de classes. Conciliação que não seria para ele, pois como já vimos ela é sempre um contrato entre iguais e não admite ninguém de fora do círculo do poder econômico, social, cultural e racial.

Florestan de fato teve uma posição socialista desde os estereótipos do Estado Novo, mas o adjetivo daquela opção era “reformista”. Depois, o socialismo permaneceu, mas se fez “revolucionário”. A continuidade substantiva deriva dos circuitos de suas relações pessoais, de aspectos geracionais e da fase em que se definiu conscien-

37. FERNANDES, Florestan. *O PT em movimento*. São Paulo: Cortez, 1991, p. 12.

38. FERNANDES, Florestan. *Tensões na educação*. Salvador: SarahLetras, 1995, p. 46.

39. PERICÁS, Luiz Bernardo. “Introdução”. In: PERICÁS (org). *Caminhos da revolução brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 9. O autor definiu esses quatro caminhos a partir de exaustiva pesquisa empírica de textos produzidos pela esquerda brasileira até 1964.

temente na esfera política. Claro que isso se refletiu em alusões a um Marx técnico ou que podia comparecer às aulas como mais um método alternativo para a pesquisa.

Já a descontinuidade resultou de alterações objetivas que não dependeram da vontade de Florestan: o golpe de 1964 e a cassação que o afastou do *locus* institucional de sua produção teórica original.

Ser revolucionário não é apenas opção do intelectual. Ele pode assim se declarar, mas se sua atuação é universitária (especialmente na USP da época de Florestan), seu revolucionarismo será mera extravagância individual. O intelectual revolucionário se liga ao partido ou ao movimento social revolucionário.

Assim, é necessário ligar as opções individuais com a história vivida. O indivíduo empírico Florestan Fernandes não desaparece por isso. Ele é reconfigurado como um indivíduo concreto que fez suas escolhas. Mas estas só importam no quadro geral em que se torna compreensível a forma como as tensões objetivas da história do país foram filtradas subjetivamente por ele.

A biografia materialista e dialética tem em vista as tensões que permeiam os espaços institucionais, os limites da época e as oportunidades históricas que se abrem para as opções individuais. Florestan Fernandes podia ter optado pelo cientista que se encerra no circuito fechado. Mas preferiu o engajamento revolucionário.

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, L. *Pour Marx*. Paris: Maspero, 1965.

CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil*. Belo Horizonte: Dois Pontos, 1986.

CEPÊDA, Vera; MAZUCATO, Thiago (Orgs.). *O intelectual Florestan Fernandes e seus diálogos intelectuais*. São Carlos: UFSCar, 2015.

COGGIOLA, Osvaldo (Org). *Florestan Fernandes: em busca do socialismo*. São Paulo: Xamã, 1995.

COUTINHO, Carlos Nelson. “Marxismo e ‘imagem do Brasil’ em Florestan Fernandes (2000)”. Disponível em <<https://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&cid=90>>.

DAVID, Antônio (Orgs.). *O Brasil de Florestan*. São Paulo/Belo Horizonte: Ed. da Fundação Perseu Abramo/Autêntica, 2018.

FERNANDES, Florestan. “As trocinhas do Bom Retiro”. *Revista do Arquivo Municipal*, n. 113, 1947, p. 7-124.

FERNANDES, Florestan. *A Constituição inacabada*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1970.

_____. *A integração do negro na sociedade de classes*. 2 v. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *A revolução burguesa no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2005.

_____. *A transição prolongada*. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. *Elementos de Sociologia Teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

_____. *Nova República?* 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. *O PT em movimento*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. *Organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, s/d.

_____. *Pensamento e ação: o PT e os rumos do socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Tensões na educação*. Salvador: SarahLetras, 1995.

MARCHETTI, Fabiana. *A Primeira República: a ideia de revolução na obra de Edgard Carone (1964-1985)*. (Dissertação de mestrado, Departamento de História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Economia Política*. Introdução de Florestan Fernandes. São Paulo: Flama, 1946.

PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). *Caminhos da revolução brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2019.

RODRIGUES, Lidiane S. *Entre a academia e o partido: a obra de Florestan Fernandes (1969-1983)*. (Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Universidade de São Paulo, 2006.

102 | SECCO, Lincoln e SANTIAGO, Carlos (orgs.). *Um olhar que persiste*. Prefácio de Florestan Fernandes. São Paulo: Anita Garibaldi, 1995.

SECCO, Lincoln. *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SECCO, Lincoln. *História do PT*. 5ª ed. São Paulo: Ateliê, 2016.

VERAS, Eliane. *Florestan Fernandes: o militante solitário*. São Paulo: Cortez, 1997.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
 FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
 CAIXA POSTAL, 8105
 SÃO PAULO (BRASIL)

Meu caro Thomas:

O meu inglês é tão capenga e deficiente, que perderia algum tempo para responder ao questionário que me enviou. Como me deixou, gentilmente, a alternativa, poderia providenciar a passagem para o inglês em algum conveniente? Quanto ao M.A., Ph.D. e aos dois títulos de assistant professor e full professor, que se concretizarem, já seitei na vossa carta.

Muito obrigado e com efusivo abraço,

Flaviano

21/8/63

CAPÍTULO 4

“Poderíamos ter dado cem passos à frente”

| As análises de Florestan Fernandes sobre o Estado e a sociedade brasileira em seus escritos sobre a Constituinte e a Constituição de 1988 |

EDILENE TOLEDO¹

Este capítulo tem por objetivo central fazer uma análise dos textos escritos pelo intelectual e militante Florestan Fernandes sobre a Constituinte, da qual ele fez parte como deputado do Partido dos Trabalhadores, e sobre a Constituição de 1988. Buscamos compreender suas interpretações do Estado e da sociedade brasileira, numa síntese entre teoria e empiria que elaborou, a partir das reflexões sobre a constituinte, o texto constitucional e as forças e resistências presentes na sua elaboração.

Os ataques à Constituição e as tentativas de desqualificação de seu conteúdo e efeitos começaram logo após a aprovação do texto, por parte dos industriais, das multinacionais, do próprio governo e

1. Professora de História do Brasil no Departamento e Programa de Pós-Graduação em História da EFLCH/Unifesp.

de partidos, entre outros grupos. Alvo central dos ataques eram as garantias que a Carta dava aos trabalhadores. Antes mesmo que os direitos entrassem efetivamente em vigência, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a Fiesp, já atribuiu ao texto constitucional a responsabilidade pela inflação, em virtude de um suposto aumento do custo da mão de obra². Essa oposição e esses ataques à Constituição seguiram desde então e se intensificaram amplamente nos últimos tempos. A direita tem atacado a Constituição por considerar que ela instituiu uma presença excessiva do Estado na economia, nas relações de trabalho, no sistema de saúde, acusando-a de ter contribuído para o aumento da corrupção, dos privilégios e da criminalidade, da lentidão da justiça, do aumento da carga tributária, além da crítica aos direitos sociais de trabalhadores, indígenas, negros e mulheres, e sua defesa do meio ambiente contra o capitalismo predatório. Nessa lógica, o Brasil seria um país com excesso de direitos, os quais entravariam seu avanço.

Há também, do outro lado, quem evidencie que a Constituição nunca foi plenamente efetivada, sobretudo considerando seu artigo 3º, que declara serem objetivos fundamentais da República brasileira construir uma sociedade livre, justa e solidária, erradicar a pobreza, a marginalização e a desigualdade, e promover o bem de todos, sem distinção de origem, raça, sexo, cor, idade ou qualquer outra forma de discriminação³.

Durante a construção do texto constitucional, Florestan Fernandes destacou o fato de que empresários importantes, nacionais e estrangeiros, entidades patronais, militares e o próprio governo alardeavam seus objetivos claramente, “como se a nossa sociedade de

2. COSTA, Ruy. “Ataques à Constituição”. *Jornal de Brasília*, 19 out. 1988. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/119066/11_19%20out88%20-%200043.pdf?sequence=3>. Acesso em 1 de junho de 2020.

3. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 18 de maio de 2020.

classes se dividisse em duas nações: uma, válida e dominante; a outra, nula e subalterna”⁴.

Considerando a polarização política que tem caracterizado o Brasil nos últimos anos, que se manifesta também no embate em torno dos ataques e defesas do texto constitucional, pareceu oportuno, no centenário do nascimento de Florestan Fernandes, refletir sobre suas interpretações a respeito da construção e dos resultados da Constituição aprovada em 1988 e ainda em vigor, no momento histórico atual em que, alvo de amplos ataques, em tempos de antipolítica, de descrédito da democracia representativa, de demonização do Estado Social e em que grupos políticos se consideram acima da lei, “ela segue sendo uma boia de salvação para quem defende uma sociedade mais justa”⁵.

As análises de Florestan Fernandes sobre a construção do texto constitucional ensinam muito sobre um capítulo importante da longa e difícil história da construção da democracia e da cidadania no Brasil e do esforço para que as organizações e lutas dos trabalhadores sejam reconhecidos como um elemento legítimo na sociedade brasileira. Concentrei-me nas partes de seus escritos dedicados à temática da democracia política e social, sem adentrar nas suas esperanças socialistas. A experiência da Constituinte foi, para ele, um espaço privilegiado para pensar o Estado e a sociedade brasileira, a partir da sólida base histórica e sociológica do seu pensamento, construído nas décadas precedentes como estudioso, professor e escritor. Seus escritos são documentos preciosos para pensar a história política

4. FERNANDES, Florestan. “Esperanças ameaçadas”. *Folha de S.Paulo*, 22 maio 1988. In: FERNANDES, Florestan. *Florestan Fernandes na constituinte: leituras para a reforma política*. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2014, p. 240.

5. SAKAMOTO, Leonardo. “Constituição faz 30 anos sob ataque de quem acha que temos direitos demais”. Disponível em <<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2018/10/05/constituicao-faz-30-anos-sob-ataque-de-quem-acha-que-temos-direitos-demais/>>. Acesso em 15 de maio de 2020.

do Brasil daquele momento, com suas heranças do passado e, através dela, a história social, considerando a política o encontro do social⁶.

Uma origem humilde

Florestan Fernandes nasceu na cidade de São Paulo há exatos cem anos, mais precisamente no dia 22 de julho de 1920, filho da imigrante portuguesa Maria Fernandes, empregada doméstica⁷. Como destaca Bernardo Ricupero, a origem social de Florestan foi muito diferente da dos outros grandes intérpretes do Brasil⁸. Como muitos meninos e meninas pobres, começou a trabalhar cedo, aos 6 anos, num conjunto variado de atividades, como ajudante de barbeiro, engraxate, depois num açougue, alfaiataria, bar e restaurante, e mais tarde como representante comercial. Dividido entre períodos em casas ricas dos patrões da mãe e outros em cortiços, a típica habitação dos pobres na São Paulo daquela época, pode observar os dois extremos da escala social. Trabalhando desde cedo, estudou apenas três anos na escola, vindo a completar os estudos escolares mais tarde, após os 17 anos⁹. Pouca gente pensaria que ele, contrariando as estatísticas, viria a ter um “destino ímpar”¹⁰, tornando-se professor universitário, deputado e um dos maiores intelectuais brasileiros, apesar, e por causa, da sua humilde origem social. Um intelectual marxista, enriquecido pelas experiências de outras teorias, como afir-

6. Segundo René Rémond, a nova história política, em ação desde os anos 1980, ao se ocupar da vida política, elege as massas como seu objeto central, entendendo o político como domínio privilegiado de articulação do todo social. Para o autor, o político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social. RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 35-36

7. XAVIER, Libânia. “FERNANDES, Florestan”. In: ABREU, Alzira Alves de, et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernandes-florestan>> Acesso em 15 de maio de 2020.

8. RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 183.

9. XAVIER, op. cit. e RICUPERO, op. cit.

10. Parafraçando o belo título do livro de GARCIA, Sylvia. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

mou Antonio Candido¹¹, e que, nas palavras de Libânia Xavier, articulava a realidade empírica com as reflexões teóricas¹².

Um testamento intelectual

Entre as pesquisas de Florestan Fernandes, destacam-se aquelas em que contestou o que considerava o mito da democracia racial no Brasil, que orientaram suas reflexões sobre a formação e as transformações da sociedade brasileira e sobre os limites da democracia no país¹³. Florestan Fernandes demonstrou como a desigualdade do acesso dos negros ao mercado de trabalho constituiu um dos obstáculos à construção de uma sociedade democrática no Brasil¹⁴, questão que permaneceu no centro de suas preocupações.

Preso após o golpe de 1964, viveu a experiência do exílio, foi aposentado compulsoriamente e seguiu denunciando e lutando contra o regime¹⁵, que ele entendia como uma expressão da histórica dominação de classes. Essa luta pela (re)democratização orientou também sua produção acadêmica, sua militância política e os dois mandatos como deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores, os quais exerceu com grande dedicação entre 1987-1990 e 1991-1994.

Em seu livro *A revolução burguesa no Brasil*, escrito ao longo dos anos 1960¹⁶ e 1970, obra fundamental para entender seu pensamento e considerada o seu testamento intelectual¹⁷, ele refletiu sobre o par estrutura e história, concluindo que “a estrutura criaria as pos-

11. CANDIDO, Antonio. “O jovem Florestan”. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26, 1996, p. 14.

12. XAVIER, op. cit.

13. RICUPERO, op. cit., p. 186.

14. XAVIER, op. cit.

15. *Ibidem*.

16. Iniciado em 1966 e pensado como uma resposta ao golpe.

17. ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “Apresentação”. In: FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2006.

sibilidades que os agentes poderiam ou não aproveitar”¹⁸, e argumentando que estrutura e agência não poderiam ser entendidas separadamente¹⁹. Considerava, portanto, que as escolhas econômicas, sociais e políticas dos agentes humanos tornavam os processos dinâmicos, ainda que no interior de fenômenos estruturais²⁰. O autor confessou aos leitores, no próprio texto, que o livro, que dava centralidade à temática da difícil construção da democracia no Brasil, continha “as frustrações e esperanças de um socialista militante”²¹.

Nesse livro, ele definiu “revolução burguesa” como o conjunto das transformações econômicas, sociais, psicoculturais e políticas que só se realizam plenamente quando o desenvolvimento capitalista atinge o auge de sua evolução industrial. Para ele, o início da modernidade no Brasil ocorreu na Primeira República, quando houve uma recomposição do poder, ainda sob a hegemonia da oligarquia²². Burguesia e oligarquia viviam, para o autor, num mesmo horizonte cultural, um estreito mundo provinciano, essencialmente rural, com suas “preocupações particularistas” e um “entranhado conservantismo sociocultural e político”²³.

A periferia do capitalismo, no qual o Brasil estava inserido, possuiria, portanto, traços estruturais e dinâmicos, mas a ausência de ruptura definitiva com o passado mantinha um peso importante, limitando o dinamismo²⁴. Florestan Fernandes inseriu o Brasil num plano macro, que é o do desenvolvimento do capitalismo como sistema mundial²⁵, considerando que não havia um único padrão de desenvolvimento²⁶. O Brasil seguiria, então, um padrão de de-

18. RICUPERO, op. cit., p. 189.

19. *Ibidem*, p. 190.

20. *Ibidem*.

21. FERNANDES, Florestan. “Nota explicativa”. In: *A revolução burguesa*, op. cit., p. 26.

22. FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa*, op. cit., p. 239.

23. *Ibidem*, p. 241.

24. RICUPERO, op. cit., p. 191.

25. *Ibidem*, p. 203.

26. FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa*, op. cit., p. 261.

envolvimento típico do capitalismo dependente e subdesenvolvido, caracterizado externamente pela dominação imperialista e internamente pelo desenvolvimento regional desigual²⁷. Destacava também a extrema concentração social e regional da riqueza e a ligação entre as classes dominantes brasileiras e o imperialismo²⁸. Para o autor, permitir, facilitar e acelerar a irrupção do capitalismo monopolista tinha sido também uma “decisão interna”, com peso econômico menor, mas central, pois as burguesias e governos pró-capitalistas no Brasil e outros países da América Latina incorporaram a “decisão externa” do “mundo capitalista”, ocorrida após a Segunda Guerra Mundial, de controlar as periferias, vistas como espaços disponíveis para a expansão do capitalismo²⁹. As grandes corporações internacionais encontram espaço econômico e político no Brasil, havendo articulação entre os elementos “de fora” e “de dentro”. Essas burguesias dependentes são, para Fernandes, fracas como classe, mas poderosas nas sociedades que dominam, porque, para ele, na versão dependente do capitalismo, a expropriação do trabalho, inerente ao próprio capitalismo, se torna superexpropriação, com miséria e exclusão despóticas, configurando um “capitalismo selvagem”³⁰.

Outro aspecto muito importante no pensamento do sociólogo é o de que a relação entre liberalismo e conservadorismo no Brasil não é de oposição, mas de complementaridade³¹.

No amálgama do novo com o velho, funcional para o tipo de capitalismo praticado na periferia do sistema, permanecia um substrato material, social e moral. Assim, a oligarquia não perdeu sua base de poder, bastando para isso se modernizar, assimilando

27. RICUPERO, op. cit., p. 198.

28. Ibidem.

29. FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa*, op. cit., pp. 297 e 301.

30. LIMOEIRO-CARDOSO, Miriam. Capitalismo dependente, autocracia burguesa e revolução social em Florestan Fernandes. pp. 5 e 7. Disponível em <<http://www.ica.usp.br/publicacoes/textos/limoeirocardosoflorestan1.pdf>>. Acesso em 9 de julho de 2020.

31. RICUPERO, op. cit., p. 204.

novos padrões capitalistas na esfera comercial, de modo que o mundo oligárquico e seus horizontes culturais se reproduziram mesmo fora da oligarquia, havendo uma unificação das classes possuidoras³². Para Fernandes, assim se deu a metamorfose “do senhor agrário em cidadão da República”, no contexto da inevitável desagregação da ordem escravocrata e senhorial, com o objetivo de manter o monopólio do poder, o controle do governo e a liderança da vida econômica nas mãos dos grandes proprietários³³. A associação com a oligarquia faria da burguesia brasileira uma classe ultraconservadora e mesmo reacionária, determinando um padrão de dominação e de repressão tanto dos trabalhadores escravizados quanto dos livres. Assim, a democracia não valeria para todos, mas seria restrita apenas aos grupos que exercem essa dominação. Para Florestan Fernandes, as classes dominantes brasileiras se unificariam em torno do Estado. O golpe de 1964 teria, para ele, explicitado o caráter autocrático da dominação burguesa no Brasil, com seu caráter exclusivista e privatista de poder³⁴. Em grande medida, esses eram os instrumentos que ele trouxe para a análise do Estado e da sociedade brasileira quando elaborou suas muitas reflexões sobre esses temas no interior da Assembleia Nacional Constituinte, durante a construção do texto constitucional e logo após a sua aprovação, como veremos em seguida.

A Constituinte e a luta pela democracia

Para Florestan Fernandes, logo após o fim da ditadura, que no seu entender tinha destruído a sociedade civil e o Estado³⁵, São Paulo era o estado que servia de foco para demonstrar como “os

32. *Ibidem*, p. 192 e 197, respectivamente.

33. FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa...*, op. cit., p. 131.

34. COHN, apud RICUPERO, op. cit., p. 201.

35. FERNANDES, Florestan. “A crise institucional”. *Folha de S.Paulo*, 13 jul.1986. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 21.

donos do poder” entendiam os seus papéis políticos e sua relação com a “transição democrática”. Ele avaliava que a traição das Diretas-Já e do pluralismo democrático permitiu a unificação conservadora da transição pactuada³⁶ em torno do nome de Tancredo Neves e que a “*politicalha* se restabeleceu por completo” naquele momento³⁷. Em outro texto, ele destacaria como essa “conciliação conservadora” tinha sido uma estratégia para impedir que a crise permitisse a entrada das forças populares na cena histórica. Ele destacou como era generalizada no discurso político a necessidade de evitar as “explosões sociais” e como esse argumento político vinha carregado de “desprezo pelo povo”³⁸. As alterações ocorridas, que tinham suscitado tantas esperanças, não contrabalançaram a “herança trágica”³⁹, que teria esmagado, no seu entender, a rápida democratização espontânea⁴⁰ que as mobilizações das Diretas-Já tinham promovido, processo no qual o Partido dos Trabalhadores tinha sido um dos elementos centrais. Ele destacava também como as elites dirigentes das classes dominantes e os militares repudiavam a democratização do Estado e da sociedade civil, apresentando-a como uma ameaça de expansão do comunismo⁴¹.

Para ele, “a transição lenta, gradual e segura” tinha garantido o reposicionamento dos que tinham tido papel importante na ditadura na nova ordem que, para ele, era um regime que se constituía num equivalente civil da ditadura: “Até o pessoal é o mesmo, os pro-

36. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “Crise da ditadura e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985”. In: FERREIRA Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, op. cit., p. 273.

37. FERNANDES, Florestan. “O politicismo burguês”. *Folha de S.Paulo*, 26 jun.1986. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, p. op. cit., 16.

38. FERNANDES, Florestan. “A questão dos partidos”. *Folha de S.Paulo*, 2 set.1986. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 27.

39. *Ibidem*, p. 28.

40. Assim como Florestan Fernandes, Alberto Tosi Rodrigues considera que o movimento suprapartidário das Diretas-Já não teria encontrado eco se não houvesse atores políticos que, mesmo fora dos partidos e da política parlamentar, souberam organizar-se de modo autônomo e assumir papel de protagonistas na democracia brasileira. Ver RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já. O grito preso na garganta*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 12. O movimento, por sua vez, teria, na visão de Florestan Fernandes, ampliado esse desejo de democracia das bases, sendo um catalisador das energias na reconstrução da sociedade civil pós-ditadura.

41. FERNANDES, Florestan. “A questão dos partidos”. *Folha de S.Paulo*, 2 set.1986. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 28.

cedimentos tecnocráticos são os mesmos, o desprezo pelo povo é o mesmo”⁴², escreveu o sociólogo. Ele considerava que a “Nova República era filha da ditadura”⁴³. Eram, na sua visão, as práticas políticas das “velhas oligarquias”, retomando as ideias de seu livro-testamento, inseridas no jogo de forças do capitalismo monopolista e como satélite dos dinamismos internos de desenvolvimento desigual⁴⁴, que subsistia graças “ao *quantum* de ordem ilegal que subsiste, viva, na sociedade brasileira”⁴⁵. Florestan Fernandes alertou que, nessa lógica perversa, os trabalhadores, os assalariados, não pertencem à nação, são o “grupo dos outros”, a antinação, ou subnação, “subversivos que aspiram a destruir a ordem natural e sagradas das coisas, com a pretensão de se incorporarem à nação, como se fossem gente”⁴⁶. O Brasil não atingia a nação como um universal. A redemocratização, para ele, poderia ser a oportunidade de fundir entre si as várias nações, “dissolvendo a nação dos que podem e dos que mandam” em uma nação global⁴⁷, “uma comunidade nacional (e democrática) de poder”⁴⁸. Os defensores dessa revolução política eram, para ele, os analfabetos, os excluídos, os miseráveis da terra, os trabalhadores manuais, os jovens revoltados, os assalariados técnicos e intelectuais, os radicais das classes médias e até da grande burguesia⁴⁹, no interior da possível comunhão de interesses de uma social-democracia.

Ele via alguma variação e modernização na presença do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o PMDB, mas considerava que o círculo vicioso maior se perpetuava indefinidamente,

42. *Ibidem*, p. 27.

43. FERNANDES, Fernandes. “Missão impossível”. *Folha de S.Paulo*, 22 dez.1986. In: FERNANDES, Florestan *Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 43.

44. FERNANDES, Florestan. “O politicismo burguês”, op. cit., p. 17.

45. FERNANDES, Florestan. “Missão Impossível”, op. cit., p. 43.

46. FERNANDES, Florestan. “Pacto social e desmobilização”. *Folha de S.Paulo*, 8 jan. 1987. In: FERNANDES, Florestan *Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 47.

47. FERNANDES, “Pacto social e desmobilização”, op. cit., p. 47.

48. *Ibidem*.

49. *Ibidem*, p. 47-48.

porque “os partidos se inscrevem nesse mesmo”⁵⁰, que incluía o clientelismo, o paternalismo e o fisiologismo tradicionais⁵¹. Havia, porém, no seu julgamento, duas grandes esperanças. Uma era o Partido dos Trabalhadores⁵², que tinha nascido fora dos dois grandes partidos da ordem ditatorial, e com as bandeiras daqueles que eram estigmatizados como inimigos públicos, os operários⁵³, mas com uma abrangência social ampla. Lincoln Secco destaca que o Partido dos Trabalhadores (PT) foi o único partido na história brasileira que conseguiu atingir uma enorme capilaridade de uma maneira muito rápida⁵⁴. A outra esperança, para Florestan Fernandes, era o Partido Democrático Trabalhista, o PDT, que, junto com o PT, “remava contra a corrente” e que tinha nas mãos as bandeiras da democracia, inclusive a da própria formação de um sistema democrático de partidos políticos. Para ele, o PDT ainda lutava, porém, contra a persistência de “uma demagogia populista”, que “anulava com a mão direita o que oferecia com a esquerda”⁵⁵, avaliando assim negativamente a experiência histórica do trabalhismo varguista.

Nesse contexto, Florestan pensa e valoriza o Partido dos Trabalhadores com o qual ele colaborou desde a criação, como um partido nascido dos de baixo, com ideais políticos e clara identidade ideológica, que avança e força a entrada, mas cuja presença, para ele, em alguns momentos mais pessimistas, mais evidencia do que abala o que ele qualifica como a “história podre” e o “lodaçal” da vida política organizada no país. A burguesia brasileira, que ele apresenta

50. FERNANDES, Florestan. “A questão dos partidos”, op. cit., p. 27-28.

51. FERNANDES, Florestan. “Crise de poder e Assembleia Nacional Constituinte”. *Folha de S.Paulo*, 7 jul.1987. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 94.

52. Na Assembleia Nacional Constituinte, o PT conseguiu eleger dezesseis deputados: além de Florestan Fernandes, participaram do combate Benedita da Silva (RJ), Eduardo Jorge (SP), Gumercindo Milhomem (SP), Irma Passoni (SP), João Paulo Pires Vasconcelos (MG), José Genoíno (SP), Luiz Gushiken (SP), Luiz Inácio Lula da Silva (SP), Olívio Dutra (RS), Paulo Delgado (MG), Paulo Paim (RS), Plínio Arruda Sampaio (SP), Virgílio Guimarães (MG), Vitor Buaiz (ES) e Vladimir Palmeira (RJ).

53. FERNANDES, Florestan Fernandes. “O cerco ao PT”. *Pasquim*, 18 set. 1986.

54. SECCO, Lincoln. *História do PT*. Cotia: Ateliê Editorial, 2011, p. 79.

55. FERNANDES, “A questão dos partidos”, op. cit., p. 28.

como dependente e impotente, rústica e incompatível com um Estado burguês moderno e racional, debilitava a luta política das classes trabalhadoras e das massas populares. Uma fonte de esperanças eram, para ele, justamente esses excluídos, os que estavam fora de tal circuito “de horizontes mesquinhos” e “apetites insaciáveis”, que permitiam esperar pelo aparecimento de práticas políticas de outra natureza⁵⁶.

Como sociólogo e militante, ele destacava, no contexto político da redemocratização, o aparecimento de novas instituições e organizações que interferiam ativamente sobre as iniquidades humanas seculares no Brasil: a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), as comissões de Justiça e Paz, a Pastoral da Terra, a renovação da Ordem dos Advogados do Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base, as comissões de fábrica, as associações de bairro, as organizações dos indígenas, dos negros, das mulheres, dos movimentos de liberação sexual, dos favelados, entre tantos outros⁵⁷. Em alguns momentos, ele acreditou que a paciência dos de baixo tinha limites e que o subterrâneo da sociedade brasileira era como um vulcão, que poderia explodir de maneira dramática e avassaladora⁵⁸.

Acreditava que a sociedade brasileira era desorganizada de alto a baixo e que um sintoma perigoso disso era a oscilação das massas que buscavam heróis populistas, porque os milhões de humildes, oprimidos e espoliados estariam desorientados e apostavam em Jânio e Maluf para tentar “sair do atoleiro”⁵⁹. Para ele, o PT teria ficado confinado nos setores mais radicais do proletariado e da “pequena burguesia”, não dando conta de uma massa imensa de oprimidos, vistos pelo partido como uma base potencial de candidatos a ditadores⁶⁰, em referência a um dos elementos ainda hoje debilitantes da democracia brasileira: o personalismo.

56. *Ibidem*, p. 18.

57. FERNANDES, “A crise institucional”, *op. cit.*, p. 20-21.

58. FERNANDES, “O politicismo burguês” e “A crise institucional”, *op. cit.*, p. 19 e 21.

59. FERNANDES, “A crise institucional”, *op. cit.*, p. 21.

60. *Ibidem*, *op. cit.*, p. 21.

O Parlamento, na sua interpretação, estava submetido ao despotismo da iniciativa privada dos grandes proprietários e dos mais ricos, com raras exceções que confirmavam a regra e cujas vozes permaneceram, muitas vezes, inócuas. O parlamentar observou em um de seus escritos que Engels considerava que o Estado não determina a sociedade, mas sim o contrário, corrigindo a ideia ao acrescentar que existe uma relação de reciprocidade entre ambos. Considerava que a sociedade brasileira tinha se transformado profundamente e dela poderia vir uma renovação do Congresso e demais instituições do governo e do Estado, ainda que houvesse uma demora, um hiato entre as transformações da sociedade e o das instituições-chave, que se modificam devagar e com resistência. Aqui vem a defesa da Constituinte: uma Assembleia Nacional Constituinte exclusiva aceleraria os ritmos da transformação, diminuindo as distâncias entre Estado e Nação, na qual as forças de esquerda conseguiriam alterar as estruturas do Estado e levar adiante as grandes reivindicações dos trabalhadores e dos excluídos⁶¹.

Para ele, era preciso tentar decifrar o que se passava pelo coração e pela mente do povo brasileiro. Para isso, Florestan participou de vários encontros com as populações dos bairros periféricos da cidade de São Paulo, durante sua campanha eleitoral para deputado federal à Constituinte. Nos relatos desses encontros, com os quais Florestan considerava ter aprendido muito, o intelectual revela um profundo respeito pela “gente humilde e trabalhadora”, que lhe apresentava ora perguntas inocentes, outras diretas, que revelavam um grande desejo de conhecimento e de democracia, o que lhe fez pensar que os “ignorantes” não estavam ali, mas “nos palácios onde ficam os que mandam”, na sua “rusticidade imprópria a uma sociedade civil civilizada”⁶².

61. *Ibidem*, p. 22 e 23.

62. FERNANDES, Florestan. “Os subterrâneos da história não entram nas enquetes”. Leia, set. 1986. In: FERNANDES, Florestan *Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 25.

Ao refletir sobre a Constituinte, Florestan observou a dificuldade de transformá-la em uma instituição libertadora, com o necessário entendimento democrático, para a superação da pobreza, a construção de uma sociedade nova e de uma comunidade nacional livre, porque historicamente o poder econômico tinha sempre afastado os melhores representantes e permitido o triunfo do “provincianismo obscurantista” contra “as esperanças e necessidades de uma nação moderna”, colocando a iniciativa privada, a propriedade privada e o lucro como “entidades divinas”⁶³. Restava lutar “no estreito campo de batalha” aberto aos “cidadãos mais firmes e decididos”. Ele se colocava como um dos representantes escolhidos pelos humildes e, portanto, com o orgulho de uma representação clara, livre e autêntica, sem agendas ocultas, ao contrário dos representantes da burguesia. Continuou pensando sobre a pergunta ansiosa de uma mulher numa favela durante a campanha: “E depois, o senhor não se esquecerá de nós?”. Ele sentia com ela uma “fidelidade recíproca jurada, fundada em uma comunhão de valores e grandes aspirações”⁶⁴.

Já os demais eleitos, representantes do que ele considera uma burguesia pró-imperialista, tinham para ele, na Constituinte, a função de impedir a revolução democrática, a revolução nacional, a descolonização, a reforma agrária e o desenvolvimento, a libertação do oprimido, a felicidade humana para todos, a autonomia sindical, a greve irrestrita, a educação, a pesquisa científica e tecnológica etc. De acordo com Florestan, o Brasil precisava de uma Constituição que garantisse a construção de “uma sociedade civil civilizada, um Estado aberto à luta de classes e a uma democracia que o associasse à nação e à promoção do seu desenvolvimento”⁶⁵, sem as iniquidades de uma minoria de ricos e poderosos.

63. FERNANDES, Florestan. “Congresso Constituinte sem sonhos”. *Pasquim*, 11 a 18 dez. 1986. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 37-38.

64. *Ibidem*, p. 38.

65. *Ibidem*.

Considerava, porém, que era um problema o fato de que muitos trabalhadores fossem vítimas das técnicas de propaganda e dos paradigmas eleitorais difundidos pelos partidos da ordem, como se “a cabeça do trabalhador estivesse feita pelos donos do poder”⁶⁶. Ele explica isso pela subalternização permanente dos oprimidos, gerada e difundida pelas classes dominantes⁶⁷. Considerando esse vazio, parte das sequelas negativas de uma matriz histórica complexa, ele atribuía também responsabilidades aos sindicatos e ao partido, argumentando que o PT e a Central Única dos Trabalhadores estavam defasados em relação às necessidades históricas dos trabalhadores. Florestan considerava também que, se não fossem superadas essas debilidades organizativas, o Brasil continuaria tendo “um congresso domesticado” e “um governo disposto a manter os proletários e os oprimidos ‘em seu lugar’”⁶⁸.

A Constituição possível e o avanço democrático

Florestan Fernandes afirmava nunca ter havido uma Constituição tão importante quanto a de 1988⁶⁹. Considerava que poderia parecer estranho que um marxista como ele defendesse a validade de uma “constituição burguesa”, mas argumentava que ela era um fato histórico da evolução nacional, inexorável, do qual não se podia fugir⁷⁰. Em um discurso proferido na Assembleia Nacional Constituinte, ele retomou a ideia das várias nações que formam o Brasil e a de que havia a possibilidade de elaborar uma constituição para todas elas, que representasse um salto histórico qualitativo que colocasse o

66. FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 39.

67. FERNANDES, Florestan. “Luta de classes e socialismo proletário”. *Folha de S.Paulo*, 28 nov. 1986. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 40.

68. *Ibidem*, p. 42.

69. FERNANDES, Florestan. “Discurso proferido durante a sessão de 11 de fevereiro de 1987 na Assembleia Nacional Constituinte”. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 50.

70. *Ibidem*.

país entre as nações democráticas do mundo⁷¹. Para isso, era preciso aceitar o conflito como algo normal e legítimo e deixar de isolar o Estado das pressões das massas⁷².

O otimismo em relação ao potencial da constituinte se alterou com vários momentos de desilusão e indignação. Florestan considerava que a Assembleia Nacional Constituinte tinha revelado sua verdadeira face quando os parlamentares do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), do Partido da Frente Liberal (PFL), do Partido Democrático Social (PDS) e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) autolimitaram o poder do Congresso Constituinte e vincularam a Constituição à “ordem ilegal vigente” e ao “Frankenstein constitucional” construído pela ditadura⁷³, impedindo a remoção “para a lata de lixo da história” de toda a herança nefasta reciclada no pós-ditadura⁷⁴, com seu “barbarismo dissimulado” e “um primarismo que cega as elites das classes dominantes”⁷⁵. Nessa situação, que ele via como uma encruzilhada histórica, seria absurdo perder a oportunidade de levar até o fim “a descolonização, a revolução nacional e a revolução democrática”⁷⁶, repetindo a ideia da necessidade premente de construção de “uma sociedade civil civilizada”⁷⁷, da qual a nova constituição poderia lançar as bases, marcando uma ruptura dentro e através da lei, mas ao mesmo tempo revolucionária, num país como o Brasil⁷⁸. Ainda que fosse pouco para seu gosto e suas esperanças, seria muito para os trabalhadores do campo e da cidade⁷⁹. Sob pressão popular, a Constituição poderia definir requisitos mínimos para a extinção do

71. *Ibidem*, p. 52.

72. FERNANDES, “A prática da representação constitucional”. *Folha de S.Paulo*, 10 mar. 1987. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 58.

73. FERNANDES, Florestan. “Autofagia”. *Folha de S.Paulo*, 18 mar. 1987. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 59.

74. *Ibidem*, p. 60.

75. *Ibidem*, p. 61.

76. *Ibidem*, p. 61.

77. *Ibidem*.

78. FERNANDES, Florestan. “A fragmentação do processo constituinte”. *Folha de S.Paulo*, 12 abr. 1987. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 68.

79. *Ibidem*, p. 70.

que Florestan considerava o subcapitalismo e o capitalismo perverso e selvagem vigentes no país⁸⁰. Se a constituinte se abrisse às pressões da sociedade, que segundo ele vieram à tona justamente graças ao processo constituinte, seria possível a construção da democracia e a superação das sobrevivências ditatoriais.

Em discurso proferido em 31 de março de 1987, na Assembleia Nacional Constituinte, Florestan Fernandes afirmava que o Congresso tinha que construir uma soberania plena, “capaz de deter as ambições de todos aqueles que sonharam com a ditadura no passado, que continuam a sonhar com a ditadura no presente e que continuarão a sonhar com a ditadura no futuro”⁸¹. Acusava também a Assembleia de não se empenhar para acabar com a violência e a brutalidade que, em nome da ordem, matava, massacrava trabalhadores, pobres e oprimidos em todo o país⁸².

O sociólogo e deputado caracterizou o momento de elaboração da Constituição como de crise de poder: latifundiários, militares – que ele considera um quarto poder –, empresários nacionais e estrangeiros – que temiam perder seus privilégios –, burocratas e a Igreja católica foram apresentados como ângulos dessa crise⁸³. Do outro lado da barricada, apresentou os operários, setores das classes médias, trabalhadores da terra e os oprimidos que buscam saídas para a miséria, os sindicatos e os partidos de esquerda. O chamado “grupo de centro” teria garantido a manipulação de todos os assuntos vitais, em troca de cargos, que a imprensa da época noticiou chegarem a dez mil⁸⁴. De acordo com Fernandes, a resistência veio não somente dos partidos de esquerda, mas

80. FERNANDES, Florestan. “A Constituição como projeto político. Discurso proferido durante a sessão de 29 de abril de 1987”. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 78.

81. FERNANDES, Florestan. “Defesa da Constituinte”. Discurso proferido na sessão de 31 de março de 1987, na ANC”. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 62.

82. *Ibidem*, p. 63.

83. FERNANDES, Florestan. “Crise de poder e Assembleia Nacional Constituinte”. *Folha de S.Paulo*, 7 jul. 1987. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 92.

84. *Ibidem*, p. 95.

também de alguns integrantes do PMDB, do PFL, do PTB e do PDS, que foram apelidados de “minoría radical” e acusados de querer impor ideias “exóticas” e “alheias ao temperamento do povo brasileiro”⁸⁵. Argumentou também que “as classes burguesas” procuraram apresentar a Constituinte como uma instituição neutra, acima das classes, e que respeitava igualmente os interesses de “todo o povo”. Para desconstruir esse discurso apresentado como fantasioso e ficcional, Florestan trouxe como exemplos os investimentos nas campanhas eleitorais, as alianças para conquistar a qualquer preço o controle do processo constituinte e todas as formas de pressão e agressão, sendo o caso-limite a questão da reforma agrária⁸⁶, quando a violência foi aplicada maciçamente⁸⁷. Ele observou esse autoritarismo – considerado reprodutor das “lições da ditadura”, “o mandonismo dos senhores de escravos” ou “a velha oligarquia da Primeira República” – entre os defensores das escolas privadas e a indústria da comunicação de massa, por exemplo⁸⁸.

Em alguns momentos, Florestan revelou uma grande desilusão sobre o resultado do trabalho constituinte, como nesse desabafo: “Uma constituição sem vida, para um país que é um barril de pólvora e no qual fermentam todas as contradições do desenvolvimento capitalista desigual, da miséria como estilo de vida e da violência institucionalizada”⁸⁹. Tudo isso, que ele afirmou poder ser

85. *Ibidem*, p. 96.

86. No debate sobre a reforma agrária formaram-se, na Assembleia Constituinte, dois grupos fortemente antagonistas e um Centrão que oscilava de posição. O grupo conservador tinha o apoio da União Democrática Ruralista e outras organizações que defendiam o uso de armas na proteção da propriedade privada no campo. O grupo progressista tinha o apoio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, da Pastoral da Terra, entre outras organizações que defendiam o direito a uma vida digna para os trabalhadores rurais. Muitos dos parlamentares favoráveis à reforma agrária sofreram ameaças durante o processo constituinte. Ver MAIA, Gretha Leite; OLIVEIRA, Letícia Fernandes de. “Três décadas depois: a Assembleia Nacional Constituinte de 1987 e o debate (inconcluso) da reforma agrária no Brasil”. *Revista Brasileira de Direito*. Vol. 13, n. 2, 2017. Disponível em <<http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/18449>> Acesso em 10 de julho de 2020; e SILVA, José Gomes da. *Buraco Negro: a reforma agrária na constituinte de 1987/88*. 10 de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

87. FERNANDES, Florestan. “Controle burguês do processo constituinte”. *Boletim Nacional da CUT*, jul.-ago. 1987. In: FERNANDES, Florestan Fernandes na constituinte, op. cit., p. 107-108.

88. FERNANDES, Florestan. “Um depoimento curto e grosso”. Publicado com o título “Uma casa de negociatas”. *Jornal do Jornalista*, n. 14: ago./set. 1987. In: FERNANDES, Florestan Fernandes na constituinte, op. cit., p. 111.

89. FERNANDES, Florestan. “A qualidade da Constituição”. *Jornal do Brasil*, 22 maio 1998. In: FERNANDES, Florestan Fernandes na constituinte, op. cit., p. 237.

designado como um “totalitarismo de classe”, caracterizaria um “fascismo larvar” forte e amplamente difundido em toda a América Latina⁹⁰. A constituinte teria revelado a corrupção econômica, política e moral do governo, das classes privilegiadas e dos partidos da ordem, colocando grandes limites ao sonho de revolução democrática dos excluídos e oprimidos⁹¹.

Outro aspecto interessante de suas reflexões é a que se atendeu para os boatos que circularam durante a elaboração da Constituição e suas dinâmicas: “postos no mercado (...) vão de bolso em bolso, de cabeça a cabeça, de língua em língua. O seu volume se agiganta e o seu peso torna-se esmagador. (...) Compelem os setores decisivos do capital a pensar e a agir (...) como uma minoria ameaçada”. “Os boatos abrem o solo histórico para o golpe de Estado preventivo”. Fernandes destacou como esses boatos circulavam espontaneamente em alguns círculos sociais, mas eram planejados em determinados centros de poder: “Existem intelectuais orgânicos da reação e esquadrões organizados que atuam clandestina e abertamente nessa rede de comercialização do golpe preventivo”⁹².

A Constituição tinha que se confrontar com dois grandes problemas: os que nasciam do horizonte cultural retrógrado da nossa burguesia e os referentes à conquista de padrões decentes de vida para os trabalhadores e a capacidade de terem peso e voz na sociedade civil⁹³. Apesar de tudo, já durante a elaboração, Florestan concluiu que, “Por pobre que venha a ser, a Constituição abrirá outros horizontes ao Brasil”. Se era pouco em comparação com o que mui-

90. FERNANDES, “Controle burguês do processo constituinte”, op. cit., p. 107-108.

91. FERNANDES, “Um depoimento curto e grosso”, op. cit., p. 113.

92. FERNANDES, Florestan. “Teoria e prática do golpe preventivo”. *Folha de S.Paulo*, 30 out. 1987. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, p. 158. Um paralelo entre os boatos de que falava Florestan Fernandes e as atuais *fake news* é inevitável, assim como os discursos que mobilizam um suposto “perigo comunista” e o consequente golpismo preventivo.

93. FERNANDES, Florestan. “Perspectivas socialistas na Constituição. Discurso proferido durante a sessão de 9 de julho de 1987, na Assembleia Nacional Constituinte”. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 100-101.

tos aspiravam, constituía um ponto de partida para conquistas efetivas⁹⁴. A metáfora apresentada no título desse texto sintetizava sua análise do processo de construção da Constituição: poderíamos ter dado cem passos à frente, ele afirmou, mas foram dados cinquenta e voltados vinte e cinco para trás⁹⁵. Ainda assim, fomos para frente.

Em sua visão, a Constituição poderia ser avaliada de várias perspectivas. Àqueles que esperavam da Assembleia Constituinte a solução dos grandes problemas do Brasil, ele respondeu que esse era um milagre impossível de realizar: uma Constituição possível nasceria do parto das conciliações⁹⁶. Com o incentivo da iniciativa popular, chegou-se não a uma Constituição ótima, mas satisfatória, com vários pontos altos. Como teria sido possível, apesar dos tantos obstáculos? Em parte, pela atuação de alguns parlamentares dos partidos da ordem, que se aliaram ao trabalho incansável dos progressistas: o setor mais radical do PMDB, o PDT, o PT, o Partido Socialista Brasileiro, o Partido Comunista do Brasil e o Partido Comunista Brasileiro: “operou-se, assim, a metamorfose do monstro em uma constituição com espinha vertebrada e com sentido moderno, e de conteúdo democrático inegável”⁹⁷. A tal ponto que, assim que nasceu, já havia grupos buscando o retrocesso. Florestan Fernandes criticou também a difusão da vitória do que já se autodenominava “Centrão” e a derrota das “esquerdas”. Ele concluía, ao contrário, que tinha havido uma vitória do PT, que tinha renunciado a encadear o debate sobre o socialismo e tinha concentrado esforços no que era viável: garantir liberdade política e direitos sociais na Constituição, que reduzissem o despotismo e criassem condições para a luta dos trabalhadores e dos oprimidos.

94. *Ibidem*.

95. FERNANDES, Florestan. “A Constituição e seu espelho”. *Jornal do Brasil*, 2 jun. 1988. In: FERNANDES, Florestan. *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 244.

96. FERNANDES, Florestan. “A Constituição em perspectiva”. *Folha de S.Paulo*, 11 ago. 1987. In: FERNANDES, Florestan. *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 114-116.

97. FERNANDES, Florestan. “O apogeu do processo constituinte”. *Jornal do Brasil*, 2 nov. 1987. In: FERNANDES, Florestan. *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 165.

Fernandes considerava que a grande esperança da Constituinte era assegurar os requisitos mínimos de uma democracia liberal, na qual as desigualdades econômicas, políticas e culturais inerentes ao capitalismo ficam contidas dentro de certos limites. Condições históricas persistentes – ligadas internamente às elites das classes dominantes (industriais, comerciantes e fazendeiros) e externamente à comunidade internacional de negócios (“pessoas e grupos que andam livremente por toda a parte do monumental conjunto arquitetônico do Parlamento”, que “se olham como a sociedade civil e o *povo*”, “ditando o que a Constituição tinha que conter para que o Brasil fosse um ‘país civilizado’ e ‘viável’”) – tinham tornado essa esperança fora do alcance⁹⁸. Sua indignação foi demonstrada inúmeras vezes com o fato de que a Constituinte tinha se tornado um congresso comum, com os mesmos procedimentos legislativos, com as parcialidades da mesa diretora e os acordos e fusões de emendas⁹⁹.

Outro aspecto da sua análise é a reflexão sobre a concretude dos personagens históricos presentes na elaboração da Constituição e a cultura política deles. Florestan destacou justamente que os constituintes eram seres humanos socializados para viver, naturalizar e reproduzir um regime de classes impregnado de desigualdades extremas, no interior de uma sociedade “moldada pelos e para os poderosos e os privilegiados, na qual as classes trabalhadoras, o povo pobre, é a ralé”¹⁰⁰. Desse modo, as condições da sociedade civil, do Estado e da cultura reduziam as possibilidades de mudança.

A direita e a extrema direita formaram, para ele, uma “muralha da China”. A esquerda só conseguiu vitórias ou conquistas relativas com o apoio do centro, sem tocar no essencial. Em alguns

98. FERNANDES, Florestan. “Esperanças ameaçadas”. *Folha de S.Paulo*, 22 maio 1988. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 238-239.

99. *Ibidem*, p. 240.

100. FERNANDES, “A Constituição e seu espelho”, op. cit., p. 241.

momentos, essa avaliação o levou a descrever da importância do texto, afirmando que a história não era determinada por via constitucional, mas que os seres humanos eram quem faziam a sua história¹⁰¹. Mas era um desabafo momentâneo: ele sabia que os avanços ali obtidos a duras penas tinham sido importantes, representaram a saída de uma ditadura, a extinção de uma ordem ilegal e arbitrária e o início de um Estado democrático com participação ampliada, e são, ainda hoje, uma salvaguarda da nossa frágil democracia. Uma reforma social importante a partir da qual seguir em frente, para impedir que ela “se tornasse letra morta” e se tornasse “o início de uma era de reformas sociais”¹⁰². A extrema direita e a extrema esquerda repudiaram a Constituição. Para ele, os primeiros agiam dentro dos limites de seus interesses de classe, e os últimos ignoravam que faziam o jogo do inimigo, caindo num radicalismo abstrato e retórico¹⁰³.

A Constituição de 1988 preservava uma ampla herança do passado, mas abria muitas portas para a mudança. A participação popular tinha se expandido: para Florestan, uma verdadeira “eclosão do povo na história”, com entidades da sociedade civil, sindicatos, organizações de trabalhadores rurais, mulheres, índios, negros, professores, idosos, menores, que elaboraram listas de assinaturas endossando muitas das emendas populares, engendrando “uma realidade histórica nova, em matéria de pressão popular”¹⁰⁴. Eram passos importantes para a construção de uma sociedade nova. A democracia tinha que ser colocada em prática¹⁰⁵, voltando-se contra “a erva daninha da antidemocracia”¹⁰⁶.

101. *Ibidem*, p. 244.

102. FERNANDES, Florestan. “A Constituição: a perspectiva dos trabalhadores”. *Folha de S.Paulo*, 27 abr. 1988. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 257.

103. FERNANDES, Florestan. “Fluxo e refluxo”. *Jornal do Brasil*, 15 ago. 1988. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 270-272.

104. FERNANDES, Florestan. “O produto final”. *Folha de S.Paulo*, 12 set. 1988. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 279.

105. FERNANDES, Florestan. “A ‘transição’ pós-constitucional”. *Folha de S.Paulo*, 25 out. 1988. In: FERNANDES, *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 301.

106. *Ibidem*, p. 303.

A luta de um humanista e a atualidade de suas reflexões

Da leitura desses textos, surge um intelectual extremamente rigoroso, com uma formação teórica sólida, posta à prova através de minuciosa observação, do que resulta uma análise profunda do Estado e da sociedade brasileira extremamente importante para pensar o Brasil daqueles anos, mas também o de hoje. É dessa reflexão que nasce sua atuação política, sua necessidade de fazer parte da mudança que ele desejava. Fiel a seus ideais socialistas, Florestan Fernandes considerava que a memória histórica era parte dos dinamismos decisivos dos processos de mudança, mas aconselhava os jovens a lutar fora e acima de utopias fixadas no passado, sem idealizações e com criatividade¹⁰⁷. Além disso, os textos evidenciam o olhar de um homem e um intelectual de grandíssima humanidade e sensibilidade rara, bem como seu profundo respeito pela pessoa humana, pelos trabalhadores e pelos humildes. Defendeu uma Constituição que estabelecesse as bases de uma ordem social que consagrasse “tudo o que é humano”¹⁰⁸. Apesar de às vezes ser pessimista, ele não perdeu a confiança numa história que desafia as estruturas, que nos põe diante da esperança política num futuro diferente para o Brasil, mais democrático, mais justo, mais igualitário e mais humano.

Alfredo Bosi o definiu como um militante e estudioso em tempo integral, “um Dom Quixote da sociologia crítica, em tempos adversos tanto às ciências sociais quanto à resistência política”¹⁰⁹. Bosi lembrou dele também como alguém que, apesar das duras lutas que travou e das não poucas derrotas, conservou um caráter mais voltado para as esperanças do futuro do que para as decepções do passado¹¹⁰.

107. FERNANDES, Florestan. “Os dilemas políticos dos jovens”. *Folha de S.Paulo*, 15 set. 1986.

108. FERNANDES, Florestan. “Controvérsias sobre a Constituição”. *Folha de S.Paulo*, 16 jul. 1987. In: *Florestan Fernandes na constituinte*, op. cit., p. 105.

109. BOSI, Alfredo. “Homenageando Florestan Fernandes”. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26, 1996, p. 8.

110. *Ibidem*.

Como afirmou Boaventura de Souza Santos, nem tudo na obra de Florestan Fernandes é atual em termos metodológicos. Isso porque ele procurou responder às circunstâncias históricas do seu tempo, mas “os fantasmas com os quais ele teve que lutar, os seus inimigos, são ainda hoje os nossos fantasmas e inimigos”¹¹¹. Vale destacar então o quanto algumas das questões sobre o Estado e a sociedade brasileira analisadas por Florestan Fernandes há mais de 30 anos são, no contexto atual, apesar das grandes transformações empreendidas por vários governos, de uma atualidade inquietante.

111. SANTOS, Boaventura de Souza. “Florestan: um sociólogo comprometido com o seu tempo”. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26, 1996, p. 19.

BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antonio. “O jovem Florestan”. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26, 1996.

COSTA, Ruy. “Ataques à Constituição”. *Jornal de Brasília*, 19 out. 1988. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/119066/11_19%20out88%20-%200043.pdf?sequence=3>.

FERNANDES, Florestan. *Florestan Fernandes na constituinte: leituras para a reforma política*. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2014.

GARCIA, Sylvia. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

LIMOEIRO-CARDOSO, Miriam. *Capitalismo dependente, autocracia burguesa e revolução social em Florestan Fernandes*. Disponível em <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/limoeirocardosoflorestan1.pdf>

MAIA, Gretha Leite; OLIVEIRA, Letícia Fernandes de. Três décadas depois: a Assembleia Nacional Constituinte de 1987 e o debate (inconcluso) da reforma agrária no Brasil. *Revista Brasileira de Direito*. Vol. 13, n. 2, 2017. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/18449>

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já. O grito preso na garganta*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SAKAMOTO, Leonardo. “Constituição faz 30 anos sob ataque de quem acha que temos direitos demais”. Disponível em <<https://blog-dosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2018/10/05/constituicao-faz-30-anos-sob-ataque-de-quem-acha-que-temos-direitos-demais/>>.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Florestan: um sociólogo comprometido com o seu tempo”. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26, 1996.

SECCO, Lincoln. *História do PT*. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “Crise da ditadura e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, José Gomes da. *Buraco Negro: a reforma agrária na constituinte de 1987/88*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

XAVIER, Libânia. “FERNANDES, Florestan”. In: ABREU, Alzira Alves de et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernandes-floresta>>

PARTE II

**ARQUIVOS
E PESQUISAS**

CAPÍTULO 5

O acervo de Florestan Fernandes como lugar de memória

CLAUDIA DE MORAES BARROS RAMALHO¹

Desde 1996, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) tem a honra de salvaguardar a memória de Florestan Fernandes por meio de seu acervo de livros, documentos e objetos pessoais. A coleção encontra-se no prédio da Biblioteca Comunitária da UFSCar (BCo).

Inaugurada em 1995, a Biblioteca Comunitária possui uma área de 9.000m², distribuídos em cinco pisos. Atualmente, conta com mais de duzentos mil livros, teses, dissertações e periódicos nacionais e internacionais. Faz parte da biblioteca um conjunto de auditórios, anexos e o Teatro Florestan Fernandes, que recebeu o nome do sociólogo em homenagem feita logo após sua morte.

No quinto piso do edifício localiza-se a Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico da UFSCar (UMMA), antigo Departamento de Coleções de Obras Raras e Especiais (DECORE). A UMMA abarca nove coleções especiais em seu acervo,

1. Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela UFSCar, mestre e doutoranda pelo Programa de Ciência, Tecnologia e Sociedade da mesma universidade. Atualmente, dirige a Unidade Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico (UMMA) da UFSCar. Este capítulo teve a colaboração de toda a equipe da UMMA: Prof^a Dr^a Luzia Sigoli Fernandes Costa, coordenadora da Unidade; Izabel da Mota Franco, bibliotecária; e Siomara Mello de Almeida Prado, cientista social e assistente administrativa.

a saber: Florestan Fernandes; Florestan Fernandes – Distrito Federal; Luís Martins; Henrique Luis Alves; Ficção Científica; Brasília; Ruy Barbosa, Revista Ilustração Brasileira e Coleção Luís Carlos Prestes, esta última adquirida recentemente.

A UMMA promove, com frequência, exposições e eventos abertos a toda a comunidade, que colocam em evidência suas coleções como forma de rememorar a vida e obra de personagens destacadas do meio científico e acadêmico, entre elas Florestan Fernandes. A Unidade organizou exposições com diversos materiais do Fundo Florestan Fernandes, tais como cartões postais, cartões de Natal, livros autografados por pessoas conhecidas e objetos pessoais, entre outros.

Em 2015, ano em que se rememorou os vinte anos da morte do titular, a equipe publicou um capítulo de livro sobre o acervo². A Unidade considera importante a divulgação do acervo de Florestan por diversos meios, a fim de manter viva a memória do grande sociólogo. Atuando como centro de memória da instituição, a UMMA tem obtido apoio e visibilidade, especialmente devido ao cinquentenário completado pela UFSCar em 2020.

Podemos ver a seguir algumas obras presentes no acervo, dentre outras que vieram a compor uma exposição na UMMA, com os exemplares que possuíam dedicatória de seus contemporâneos a Florestan Fernandes (Imagens 1, 2 e 3).

Em 2015, a Unidade inaugurou em seu espaço uma linha do tempo da vida pessoal, acadêmica e política de Florestan Fernandes, assinalando os principais acontecimentos e as respectivas datas, como forma de rememorar os vinte anos da morte do sociólogo (Imagem 4).

2. OLIVEIRA, Claudia de Moraes Barros de; REIS, Livia de Lima. "O acervo de Florestan Fernandes na Biblioteca Comunitária da UFSCar". In: CEPÊDA, Vera Alves; MAZUCATO, Thiago (Orgs.). *Florestan Fernandes, 20 anos depois: um exercício de memória*. São Carlos: Ideias Intelectuais e Instituições: UFSCar, 2015. Disponível em <http://www.centrocelsofurtado.org.br/interna.php?ID_M=1385>.

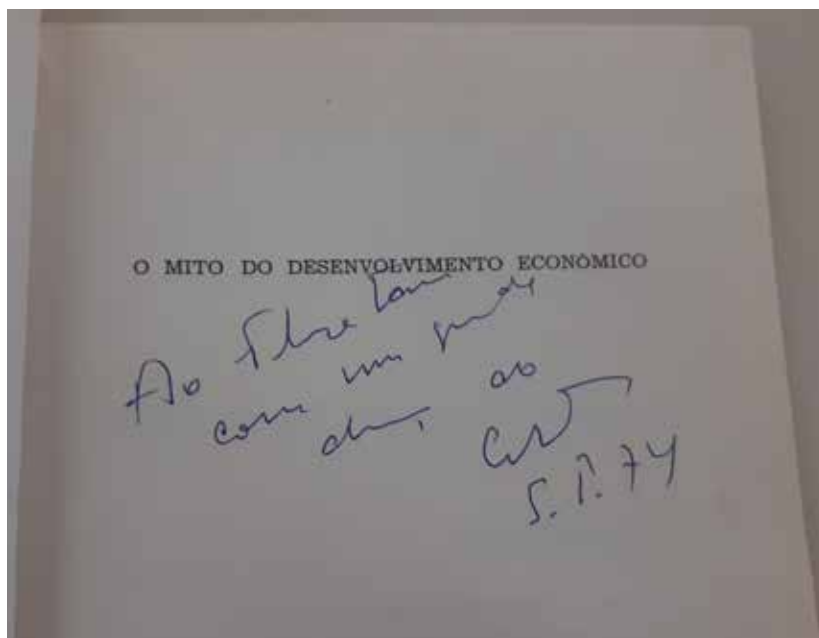


Imagem 1: *O mito do desenvolvimento econômico*, de autoria de Celso Furtado, com dedicatória a Florestan Fernandes.

(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2020.



Imagem 2: Obras de Celso Furtado existentes no acervo de Florestan Fernandes.

(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2020.



Imagem 3: *Estado e desenvolvimento industrializado*, de Luiz Carlos Bresser Pereira, com dedicatória a Florestan, 1977.
(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2020.



Imagem 4: Linha do tempo de Florestan Fernandes.
(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2015.

Florestan Fernandes reuniu um acervo com aproximadamente 12.000 exemplares de livros; foi autor de 55 livros e recebeu um total de 17 prêmios e honrarias (Imagem 6).

A família do titular esteve presente na inauguração do Teatro Florestan Fernandes, em São Carlos (SP), ocasião em que a BCo demonstrou seu interesse em receber o acervo do sociólogo. Desta forma, iniciaram-se as negociações para a aquisição da biblioteca particular de Fernandes pela Reitoria da UFSCar³.

O sociólogo mantinha um apartamento em São Paulo exclusivamente para a guarda de seu acervo. Após a efetivação da compra pela UFSCar, uma equipe de bibliotecários foi até São Paulo e realizou o levantamento e a organização dessas obras, de maneira que, ao chegar em São Carlos, a ordem de disposição dos livros feita por Florestan foi mantida (Imagens 6 e 7).

O acervo foi dividido no que se convencionou chamar de *salas*, totalizando cinco áreas. A organização dos livros na estante é chamada de *arranjo fixo*. No Quadro 1, é possível observar como se realizou essa divisão de acordo com os assuntos das obras.

A classificação das obras não seguiu as normas tradicionais. Devido à decisão de manter a organização feita pelo sociólogo, convencionou-se utilizar filipetas posicionadas entre as páginas dos livros (Imagem 8).

Os livros de Florestan devem ser consultados no próprio local, não sendo permitido o empréstimo das obras, consideradas uma coleção especial. Não é necessário agendamento prévio para visitar a UMMA e consultar o acervo. Os agendamentos devem ser feitos apenas quando se tratam de um número maior de pessoas, como os grupos escolares, por exemplo. Há sempre o acompanhamento de um servidor da equipe nas visitas guiadas.

3. CÔSCIA, Vera Lúcia. *Análise de fotografias*: Florestan Fernandes no tempo da ditadura militar. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2012.

Quadro 01 – Divisão do acervo Florestan Fernandes na UMMA/BCo–UFSCar⁴

Salas	Conteúdo	Detalhamento do conteúdo
1	Sociologia Geral	Obras gerais de Sociologia e disciplinas ou áreas afins, tais como Filosofia, Economia e Psicologia, entre outras.
2	Sociologia nas Américas	Obras sobre povos indígenas, imigrantes e personalidades como Che Guevara e Fidel Castro, entre outras.
3	Sociologia no Brasil	Obras de intelectuais como Antonio Candido, Celso Furtado, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e do próprio Florestan Fernandes, entre outros. Nessa sala, encontram-se também obras de referência, como dicionários, enciclopédias e similares.
4	Literatura e periódicos	Composta por títulos de literatura de ficção estrangeira e brasileira, publicações periódicas e seriadas como revistas e anuários, entre outros.
5	Política Partidária	Obras que se encontravam no gabinete de Florestan em Brasília, quando atuou como deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

A UMMA faz escaneamento e envia até dez por cento do conteúdo das obras do acervo de Florestan aos pesquisadores que solicitam esse serviço. O sociólogo tinha por hábito fazer marginais ou anotações na beirada das páginas dos livros. Por esta razão, muitos pesquisadores, mesmo tendo acesso aos mesmos títulos em outros acervos, fazem questão de consultar o exemplar que pertenceu a Florestan justamente por suas considerações a respeito de determinado assunto do livro (Imagem 9).

4. Fonte: CÓSCIA, op. cit.



Imagem 5: Florestan Fernandes aos quatorze anos, com sua mãe, Maria Fernandes.

(c) Fundo Florestan Fernandes, UMMA–UFSCar, 1934.



Imagem 6: Acondicionamento do acervo de Florestan Fernandes.
(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2020.



Imagem 7: Transferência da Biblioteca de Florestan Fernandes para o antigo DeCORE da Biblioteca Comunitária da UFSCar.
Fonte: (c) DeCORE/BCo–UFSCa, 1995.

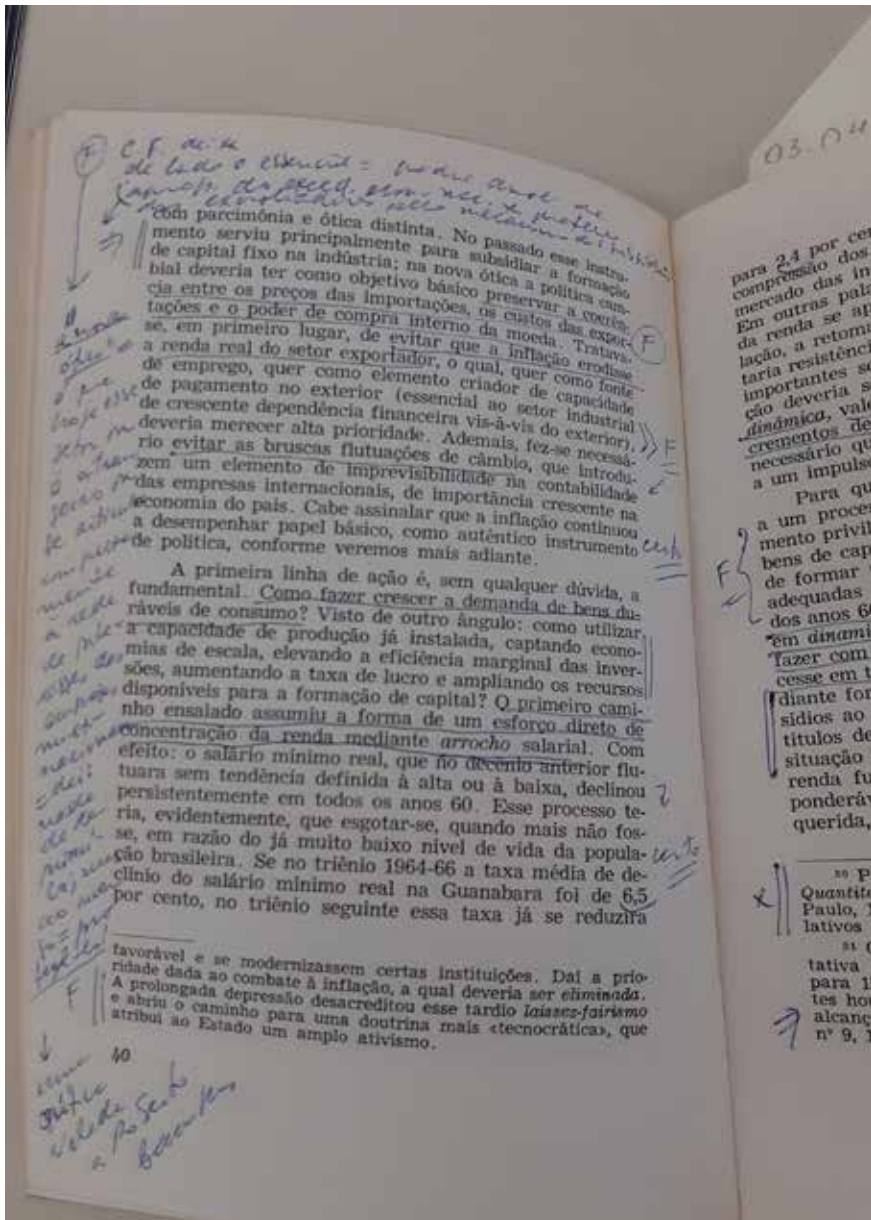


Imagem 8: Exemplar de *Análise do “modelo” brasileiro*, de Celso Furtado, em que se observam as anotações de marginais feitas pelo próprio Florestan.

(c) Claudia Ramalho, UMMA-UFSCar, 2020.



Imagem 9: Fotografia da sala central da Biblioteca Florestan Fernandes.
(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2020.



Imagem 10: Fotografia do arquivo deslizante onde está acondicionado o Fundo Florestan Fernandes.
(c) Antigo DeCORE (BCo-UFSCar).



Imagem 11: Logomarca criada pela Unesco para o Fundo Florestan Fernandes.

Além do acervo de livros, a UMMA também é responsável pelo arquivo pessoal do sociólogo, contendo um conjunto de documentos criados ou reunidos por ele durante sua vida. O tratamento arquivístico do Fundo Florestan Fernandes permitiu que, em 2010, houvesse o lançamento de uma base de dados que oferece aos usuários opções de pesquisas nos documentos e solicitar *online* cópias digitais destes. Atualmente, estamos em processo de migração dos documentos da base intitulada *Alexandria* para a base *Pergamum*. A intenção é de que os pesquisadores possam ter acesso aos documentos na íntegra, após a assinatura de um termo de responsabilidade pelo seu uso, sem a necessidade de solicitá-los formalmente à UMMA.

Os documentos do Fundo passaram por processos de higienização, pequenos reparos, escaneamento, inserção em base de dados e arquivamento em envelopes ou jaquetas de poliéster em arquivo deslizante. Apenas os bibliotecários da Unidade têm acesso aos documentos físicos (Imagem 10).

Em 2009, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) reconheceu o Fundo Florestan Fernandes como parte da Memória do Mundo, identificando-o como um dos arquivos relevantes para a humanidade. A Unesco criou e disponibilizou em 2015 uma logomarca para o conjunto documental (Imagem 11).

O Fundo contém uma grande quantidade de documentos de atividades políticas, como a fotografia a seguir, de um comício eleitoral realizado em frente ao Teatro Municipal de São Paulo (Imagem 12).

Um registro importante no âmbito acadêmico refere-se à participação de Florestan no II Colóquio Científico Ultramarino das Universidades e Escolas Superiores da Alemanha Federal, ocorrido na Universität Münster (Imagem 13).

Os cartões postais e as fotografias estão presentes em grande quantidade no Fundo Florestan Fernandes. Reproduzimos um cartão postal pertencente ao acervo (Imagem 14).



Imagem 12: Na fotografia estão Eduardo Suplicy (esq.), Plínio de Arruda Sampaio, Lula e Florestan Fernandes (dir.), 1986.

(c) Fundo Florestan Fernandes/UMMA–UFSCar



Imagem 13: Florestan Fernandes (esq.), Emilio Willems e Fernando Henrique Cardoso (dir.), seu orientando de doutorado. Alemanha Ocidental, novembro de 1967.

(c) Fundo Florestan Fernandes/UMMA–UFSCar.

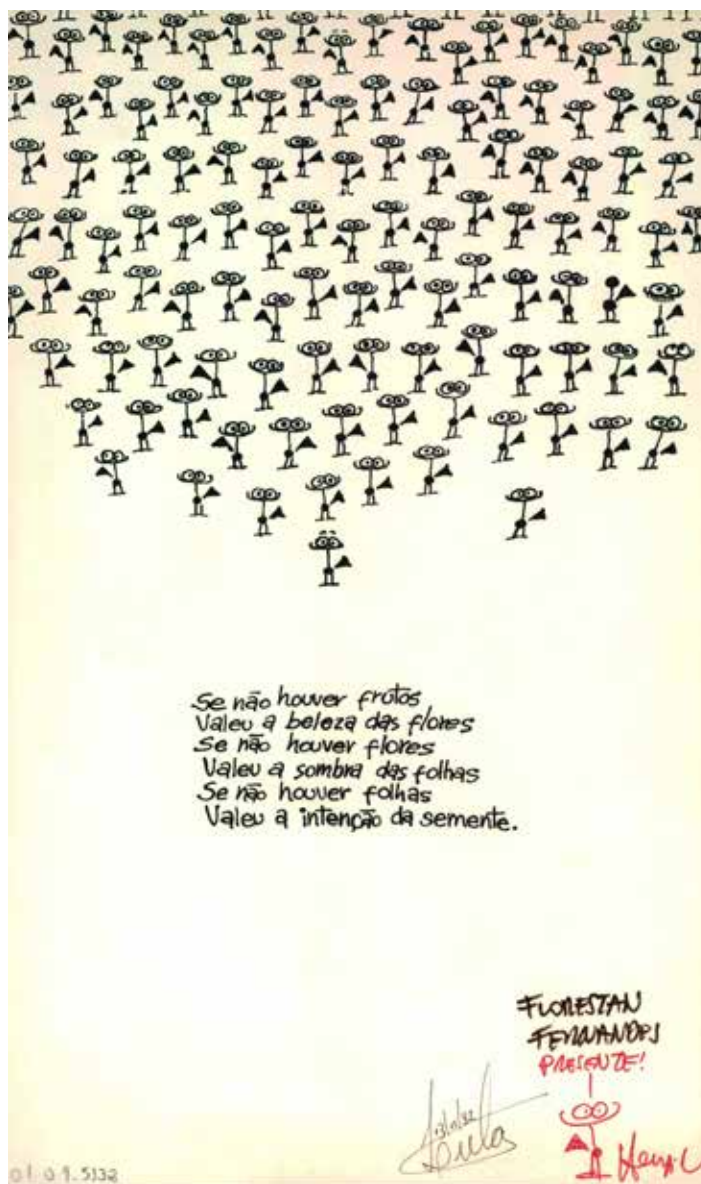


Imagem 14: Cartão postal com arte de Henfil enviado por Lula a Florestan Fernandes.

(c) Fundo Florestan Fernandes/UMMA-UFSCar



Imagem 15: Objetos pertencentes ao Fundo Florestan Fernandes.
(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2020.



Imagem 16: Beca pertencente ao acervo de Florestan Fernandes.
(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2020.

A classificação dos documentos do Fundo Florestan Fernandes foi feita da forma como se apresenta no Quadro 2.

Quadro 2 – Quadro de arranjo do Fundo Florestan Fernandes⁵

Série	Notação	Denominação
01	VP	Vida Pessoal
02	VA	Vida Acadêmica
03	PO	Vida Política
04	PI	Produção Intelectual
05	PIT	Produção Intelectual de Terceiros
06	HP	Homenagens Póstumas

O Fundo Florestan Fernandes reúne documentos tais como fichas manuscritas, cadernos e cadernetas de pesquisa, trabalhos de alunos, fotografias, entrevistas concedidas, artigos publicados, prefácios, panfletos de campanha política, recortes de jornais e correspondências trocadas com seus correligionários, dentre outras tipologias.

Além dos livros e documentos pessoais, a BCo recebeu também vários objetos pessoais de Florestan, totalizando 133 peças tridimensionais que integram o fundo do titular. A maior parte desses objetos, cerca de 79 peças, fica permanentemente exposta no que denominamos *Museu Florestan Fernandes* (Imagem 15).

No museu, encontra-se também a beca usada por Florestan ao receber o título de doutor *Honoris Causa* na Universidade de Coimbra, em Portugal (Imagem 16).

Também se encontra exposto no museu um retrato de Florestan feito por Bernardino de Souza Pereira (1895-1965), pintor brasileiro premiado em edições do Salão Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro. A obra, datada de 1965, foi pintada em uma casa de veraneio em Itanhaém (Imagens 17 e 18).

5. CÓSCIA, op. cit.



Imagem 17: Florestan Fernandes, retrato pintado em 1965. e em exposição na UFSCar.

(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2020.



Imagem 18: Florestan Fernandes (dir.) com o pintor Bernardino de Souza Pereira e família, em 1965.

(c) Fundo Florestan Fernandes/UMMA–UFSCar



Imagem 19: Máquina de datilografar de Florestan Fernandes, também exposta no museu, trazida em 1996, juntamente o acervo bibliográfico.
(c) Claudia Ramalho, UMMA–UFSCar, 2020.



Imagem 20: Florestan Fernandes em manifestação de trabalhadores rurais, em Brasília.
(c) Fundo Florestan Fernandes/UMMA–UFSCar

Reproduzimos a imagem da máquina de escrever de Florestan Fernandes, também exposta no Museu, trazida em 1996, com o acervo bibliográfico (Imagem 19).

A Imagem 20 é, talvez, uma das mais simbólicas da vida política de Florestan Fernandes. Na fotografia, Fernandes aparece em uma manifestação de trabalhadores rurais em frente ao Congresso Nacional em Brasília. Ao ouvir o comentário de que ele estava parecido com um “burguês”, Florestan tirou sua gravata e a jogou em direção à multidão.

Neste momento, a UMMA tem a intenção de criar um museu virtual, expondo as coleções pessoais de Florestan Fernandes e de Luís Carlos Prestes, esta última recebida mais recentemente. A proposta de museu virtual tem crescido nos últimos anos e, devido ao momento de isolamento social em que toda a sociedade se encontra em 2020, a ideia ganha força por ser uma maneira de divulgar e ampliar o acesso a acervos importantes, rememorando a história e trajetórias de vida. No caso da UMMA, é uma honra ser responsável pela guarda do acervo de um dos mais reconhecidos e importantes sociólogos brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

CERQUEIRA, Laurez. *Florestan Fernandes: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CÓSCIA, Vera Lúcia. *Análise de fotografias: Florestan Fernandes no tempo da ditadura militar*. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2012.

RAMALHO, Claudia de Moraes Barros. *Florestan Fernandes: seus objetos pessoais que integram a Coleção Especial da Biblioteca Comunitária da UFSCar*. Trabalho de Conclusão de Curso. 2008. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2008.

CAPÍTULO 6

O dossiê Florestan Fernandes no acervo da Companhia Editora Nacional

THAÍS APARECIDA FOGAÇA¹

Este instrumento de pesquisa resulta de um projeto coletivo que envolve docentes e estudantes do curso de História da EFLCH/Unifesp na organização do arquivo da Companhia Editora Nacional (CEN) desde 2014. Em outubro daquele ano, foi assinado um contrato de comodato entre a Universidade Federal de São Paulo e o Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, proprietário da CEN desde 1980, finalizando uma negociação capitaneada ao longo de anos por Maria Rita de Almeida Toledo, docente do Departamento de História da Unifesp. Pelo contrato, o acervo foi transferido para o Centro de Memória e Pesquisa Histórica (CMPH) e, desde então, vem recebendo tratamento arquivístico.

Para que o trabalho de descrição tivesse início, foi criada uma planilha destinada à catalogação da correspondência da CEN, elaborada pela professora Márcia Eckert Miranda, do Departamento

1. Graduada em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

de História da Unifesp e então coordenadora do CMPH. A planilha organiza as informações da forma a seguir²:

1. Espécie documental: gênero que reúne tipos documentais por seu formato (por exemplo ata, carta, decreto, disco, filme, folheto, fotografia, memorando, ofício, planta ou relatório).

2. Emissor:

- Nome: nome da pessoa que assina o documento.

- Cargo: se houver (Gerente do Departamento Editorial; Professor)

- Instituição: se houver (Departamento Editorial, Escola Epitácio Pessoa, Diretor do PNL). No caso da instituição ser a CEN, indicar somente o setor (Departamento Financeiro, Direção, Gráfica etc.).

3. Destinatário: a quem se destina a correspondência.

- Nome: nome da pessoa a quem o documento é endereçado.

- Cargo: se houver (Gerente do Departamento Editorial; Professor).

- Instituição: se houver (Departamento Editorial, Escola Epitácio Pessoa, Diretor do PNL). No caso da instituição ser a CEN, indicar somente o setor (Departamento Financeiro, Direção, Gráfica etc.).

4. Ativa/Passiva: se a correspondência foi enviada (A) ou recebida (P) pela CEN. Deve-se indicar apenas as iniciais maiúsculas: A ou P.

5. Ação: o tema do documento, assunto. Deve comportar um verbo no gerúndio: “informando o despacho dos livros encomendados”, “informando a aprovação do livro encaminhado para a avaliação editorial”.

6. Data tópica: lugar onde foi datado: cidade, estado no caso do Brasil; cidade e país no caso de países estrangeiros. Quando não houver: s.l.

2. RODRIGUES, Jaime; MIRANDA, Márcia Eckert; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. “O acervo da Companhia Editora Nacional: negociação, organização e potencial para a pesquisa histórica”. *Revista de Fontes*, v. 3, jun./dez. 2015, p. 61-69.

7. Data cronológica: dia, mês e ano no formato: dd/mm/aaaa, ou seja, usar para dia e mês sempre dois algarismos. Quando não houver: s.d.

8. Páginas: número de páginas do documento.

9. Anexo/Observações: se houver.

10. Localização: onde se encontra o documento na ordem original.

A planilha foi adaptada para a descrição da parte do acervo denominada Dossiês de Autores e Obras. Mantida a maior parte das informações da planilha original, os campos foram reduzidos a três: Tipo, Data e Ação, permitindo uma descrição mais rápida do material volumoso que tínhamos para classificar. Tratava-se de 843 dossiês, com tamanhos variados. Dentre esses dossiês, o grupo de estudantes vinculado ao Programa de Educação Tutorial (PET História/Unifesp), sob a tutoria dos professores Jaime Rodrigues e Denilson Botelho entre 2017 e 2019, recortou os autores cuja produção se concentrava nas Ciências Humanas e Sociais, descrevendo 198 dossiês nos dois anos de desenvolvimento do projeto.

A atribuição de um número definitivo para cada documento descrito só será possível mediante a organização de todo o arquivo. Do mesmo modo, o estabelecimento de remissões entre as partes do arquivo também depende da finalização do trabalho.

Todavia, nada disso impede a consulta de dossiês como o de Florestan Fernandes, que reúne 232 documentos, entre ofícios, bilhetes e papéis de cunho administrativo. Nossa intenção é que cada parte do acervo que venha a receber tratamento, ainda que parcial, possa ser disponibilizada aos pesquisadores, como fazemos aqui, divulgando fontes para a ampliação do conhecimento sobre um dos principais cientistas sociais brasileiros.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL		
DOSSIÊS DE AUTORES E OBRAS		
Dossiê Florestan Fernandes		
Tipo	Data	Ação
Sumário	s.d.	Da obra de Florestan Fernandes, <i>Sociedade</i> , dividida em 21 itens. 1 p.
Sumário	s.d.	Da obra de Florestan Fernandes, <i>Comunidade</i> , dividida em 21 itens. 2 p.
Ficha de orçamento	s.d.	Preliminar e não preenchida, contendo o nome do antropólogo A. R. Radcliffe-Brown no campo título. 1 p.
Ofício	s.d.	Modelo datilografado pela CEN para ser enviado a outras editoras, a fim de obter os direitos de reprodução de textos para compor a coleção Grandes Cientistas Sociais, dirigida por Florestan Fernandes. Contendo no verso da página a contabilização dos valores devidos, discriminando-os por editora (MacMillan; Ronald Press; Pouton; C. A. Matts; Basic Books e Harper). 2 p. Idioma inglês.
Ofício	s.d.	Remetente não identificado a Luiz Roberto, apontando quatro títulos que tiveram excertos traduzidos por Paulo A. da Silveira Filho: <i>Introducción a la Sociología e Sociología, ciencia de la realidad</i> , de Hans Freyer; <i>Sociología</i> , de Georg Simmel; <i>La Lutte de Classes</i> , de Raymond Aron e <i>Comunidade e sociedade</i> , de Ferdinand Tonnies. 1 p., cópia.
Sumário	s.d.	Do primeiro volume de <i>Política</i> , de Lênin, dividida em dez capítulos. 1 p., manuscrita. Anexa, cópia do mesmo documento.
Bilhete	s.d.	Remetente e destinatário não identificados, informando sobre o número de exemplares da obra <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> , vendidos em algumas cidades. 1 p., rascunho manuscrito.
Trechos de livro	s.d.	Da obra <i>Aculturação indígena</i> , de Egon Schaden (p.75, 83-84, 87-88, 91-92 e 99-100). 4 p., cópia.
Histórico	s.d.	Informações sobre <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes. 1 p.
Histórico	s.d.	Informações sobre <i>Branco e negro em São Paulo</i> , de Florestan Fernandes e Roger Bastide. 1 p.
Histórico	s.d.	Informações sobre <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> , de Florestan Fernandes. 1 p.
Bilhete	s.d.	Remetente e destinatário não identificados, informando que, em carta de 12/1969, Reiss concordou que Florestan Fernandes incluísse em <i>Comunidade e sociedade</i> uma das duas variantes de trabalho de sua autoria (não cita título), enviadas com a carta supracitada. 1 p.
Currículo	22/07/1960	De Florestan Fernandes, contendo informações sobre sua formação e atuação, tendo sido assinado por Myriam Rodrigues Fernandes e remetido para dois endereços. 1 p.

Ofício	10/02/1962	Thomaz Aquino a Florestan Fernandes, informando que a editora Faber and Faber Ltd. não aceitou as sugestões propostas para a “nova edição do Roll”, citando um excerto em inglês do ofício remetido pelos editores. 1 p., em idiomas português e inglês.
Solicitação de débito	30/03/1962	Informando os livros entregues: Sangiorgi, <i>Matemática</i> , 3º gin. e Coimbra, <i>Ciências</i> , 3º gin. 1 p., com carimbo do Departamento de Propaganda.
Ofício	31/08/1962	Florestan Fernandes a Thomaz Aquino de Queiroz, enviando “duas listas, uma de obras clássicas, outra de livros de provável aceitação e de muito interesse” e afirmando que os livros “suportam edição capaz de prestigiar a editora”. 1 p. Não constam as listas de livros mencionadas.
Ofício	20/10/1962	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, enviando parte da tradução do livro do Touraine, a fim de que o autor a examine, para o tradutor prosseguir com o trabalho. Enviando dois livros encaminhados pela embaixada dos Estados Unidos, pedindo parecer para a edição destes e informando que a relação dos outros livros que Fernandes lhe havia deixado será logo enviada à embaixada. 1 p.
Ofício	31/10/1962	Florestan Fernandes a Thomaz Aquino de Queiroz, do Departamento Editorial, constando seu parecer sobre <i>A History of Economic Thought</i> , de Taylor, e <i>Introduction to Labor Economics</i> , de Phelps, que haviam sido enviados por Thomaz “com o objetivo expresso de saber se seria recomendável ou não sua incorporação à coleção de livros universitários em Ciências Sociais”.
Ofício	28/11/1962	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, informando que a tradução do livro do Touraine foi finalizada, mas deseja que o autor a leia para que tal trabalho seja “escoimado de eventuais pequenos lapsos”. O remetente solicita, ainda, que Fernandes indique a ordem dos capítulos. 1 p.
Ofício	09/01/1963	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, lamentando o desencontro entre o autor e o tradutor na CEN, dizendo ter o último entregado o restante do trabalho. O remetente solicita um último exame da tradução por parte de Fernandes e diz que marcará uma reunião com ele, o tradutor e Fernandes. 1 p. Aparentemente refere-se à tradução do livro de Touraine.
Ofício	13/08/1963	Thomaz Aquino de Queiroz, do Departamento Editorial, a Florestan Fernandes, solicitando o preenchimento de um questionário com urgência, se possível em inglês, e o envio ao Departamento, pois se tratava de uma solicitação dos editores de <i>Who is Who in Publishing</i> .
Ofício	21/08/1963	Florestan Fernandes a Thomaz Aquino de Queiroz, do Departamento Editorial, informando sua opção de preencher o questionário em português, argumentando: “o meu inglês é tão capenga e deficiente, que perderei algum tempo para responder o questionário”. 1 p.

Ofício	09/09/1963	Florestan Fernandes a Jayme de Abreu, informando que não será possível acabar o livro que o destinatário deseja a tempo de publicá-lo no próximo ano [não informa o título]. Diz que dirige uma coleção para a CEN no campo das Ciências Sociais, questionando: "Como poderia organizar um livro de Sociologia Educacional para ser publicado pela Mundo de Cultura?"; observando que o assunto central do ofício é a programação da edição dos dois volumes de <i>Educação e sociedade no Brasil</i> pela CEN, protestando que "o custo e a responsabilidade da edição são inegavelmente fora do comum" e perguntando se Abreu poderia fazer algo a respeito. Envia um "plano global do livro". 2 p. Consta em anexo cópia do "plano global" referente aos dois volumes de <i>Educação e sociedade no Brasil</i> , informando o número de páginas de ambos os volumes e a diagramação.
Ofício	17/10/1963	Thomaz Aquino de Queiroz a Jayme de Abreu, coordenador do CBPE, constando uma estimativa do preço de venda de <i>Educação e sociedade no Brasil</i> e calculando o preço para o ano de 1964, incluindo "os próximos aumentos salariais e de produção gráfica". Constam na estimativa informações como série, formato, tiragem, número de páginas, composição, edição, capa e preço dos dois volumes da obra. 3 p.
Telegrama	30/01/1964	Darcy Ribeiro a Florestan Fernandes, comunicando que encaminhou ao ministro da Educação o pedido relativo ao livro <i>Educação e sociedade no Brasil</i> . 1 p.
Telegrama	07/03/1964	Darcy Ribeiro, chefe do Gabinete da Casa Civil, a Florestan Fernandes, informando a autorização dada pelo Ministério da Educação para a aquisição de 500 exemplares do livro. 1 p.
Ofício	10/08/1964	Jayme de Abreu a Florestan Fernandes, enviando por intermédio de Carlos Mascaro, "para maior segurança", pedido de desculpas ao autor pela demora em responder suas cartas, argumentando que não havia nada concreto para informar. Fala sobre a falta de dinheiro disponível no CBPE e que não será possível a edição de <i>Educação e sociedade no Brasil</i> "neste ano e mesmo em 1965", sugerindo a compra de alguns exemplares à vista, com o desconto de 30%. 1 p., cópia.
Ofício	14/05/1965	Florestan Fernandes a Thomaz Aquino de Queiroz, informando ter finalizado a revisão dos <i>Fundamentos</i> e que escreveu um pequeno posfácio. 1 p.
Recibo	22/07/1965	Comprovando retenção na fonte dos rendimentos do autor referente ao mês 04/1965. 1 p.
Ofício	17/09/1965	Florestan Fernandes a Thomaz Aquino de Queiroz, comunicando que esteve com Roger Bastide no Centro de Psiquiatria Social, na Sorbonne (desde onde remete o ofício), e conseguiu "convencê-lo a nos dar o livro <i>Sociologia das doenças mentais</i> ". 1 p.

Ofício	23/10/1965	Florestan Fernandes a Thomaz Aquino, desejando que o destinatário tenha recebido sua carta de Paris, na qual enviou os originais do livro de Roger Bastide para tradução, informando, também estar aprendendo muito sobre “a qualidade intelectual média do estudante norte-americano” (o ofício provém de Nova York) com a sua experiência didática na Universidade de Colúmbia. Informa que três editoras se interessaram pelo seu livro sobre relações sociais. Cobra de Thomaz o recebimento de alguns exemplares, comunicando que vai a Yale fazer uma conferência e a Harvard em dezembro e solicita que informe Carla que está enviando os tubos de Congestaid. 2 p.
Ofício	29/10/1965	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, em resposta ao ofício de 23/10, informando não ter recebido os ofícios anteriores remetidos da Europa, pedindo o endereço particular de Fernandes a fim de ir visitá-lo em julho e o parabenizando por sua fala no congresso. Queiroz afirma que suas impressões sobre o estudante americano foram parecidas com as de Fernandes. Faz observações sobre o homem comum estadunidense, ressaltando seu interesse por museus e exposições, sugerindo ao autor a visita a alguns museus e bibliotecas e comunicando que enviará os exemplares de <i>Branços e negros</i> . Diz juntar à carta um cheque no valor de US\$ 10,00 para a despesa com os tubos de Congestaid.
Ofício	05/11/1965	Florestan Fernandes, em Nova York, a Thomaz Aquino de Queiroz, comentando <i>Sociologia das doenças mentais</i> , de Bastide, dizendo ter arranjado com o autor, ainda na França, a tradução do livro para a publicação em uma das editoras de Queiroz, “a Nacional ou a Dominus”, acrescentando ser a obra “um doce de coco para vender” e indagando sobre o recebimento desta. Diz ter gostado das sugestões de Queiroz, mas não ter tempo para as visitas pois está trabalhando. Florestan diz que Wagley irá a CEN conversar sobre a edição de seu livro “sobre a integração do negro”, informando também ter sido convidado para trabalhar em Yale.
Ofício	11/11/1965	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, em resposta ao ofício de 05/11, informando não ter recebido até o momento os originais do livro de Bastide e pedindo que Fernandes não se preocupe com a consulta que Wagley fará à CEN. Lamenta o extravio do pacote que enviou a Fernandes com o “exemplar do negro”, pergunta se deseja que sejam enviados outros exemplares e diz que mandará alguns livros pelo [Octavio] Ianni.
Ofício	19/11/1965	Florestan Fernandes, em Nova York, a Thomaz Aquino de Queiroz, agradecendo os livros mandados por Ianni. Pede para que Thomaz não entenda mal a devolução do cheque e lamenta não conseguirem editar o livro de Parsons. Diz que aproveitaria sua estada em Nova York para ver o que poderia ser lançado em português ali. Pede desculpas por não ter tido tempo para escrever “o nosso manual”.

Ofício	06/12/1965	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, justificando a demora em escrever por ter estado na coordenação do I Seminário de Editores. Informa ter recebido a carta de Fernandes remetida de Paris, acompanhada das provas do livro do Bastide. Pede a Fernandes que descubra bons títulos nos Estados Unidos e os traga a CEN. Sugere que, na volta, possa haver para o autor um lugar no Departamento Editorial. Comenta a boa aceitação da <i>Integração</i> [do negro na sociedade de classes]. Informa que <i>Educação e sociedade no Brasil</i> será lançado em dezembro ou janeiro. Expõe a situação da CEN e comenta <i>Sociologia</i> , de Pinto Ferreira.
Ofício	13/12/1965	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, informando o início da tradução de <i>The Cultural Background of Personality</i> , de Ralph Linton, e a obtenção, pela CEN, de <i>The Science of Man in the World Crisis</i> , do mesmo autor, relatando a dificuldade de se encontrar <i>Acculturation in Seven American Indian Tribes</i> e solicitando o auxílio de Fernandes para consegui-lo.
Ofício	22/12/1965	Florestan Fernandes, em Nova York, a Thomaz Aquino de Queiroz, informando os arranjos para uma possível tradução da <i>A integração do negro na sociedade de classes</i> para o alemão por intermédio de Rolf Reichert. Lamenta a “irremediável situação financeira” da CEN, que veio a conhecer por meio de Octavio e de Myrian, que o informaram sobre a alta das anuidades escolares.
Ofício	28/12/1965	Florestan Fernandes, em Nova York, a Thomaz Aquino de Queiroz, informando que ele pode encontrar um exemplar de <i>Acculturation in Seven American Indian Tribes</i> na biblioteca do Departamento de Antropologia da Escola de Sociologia Política ou na Biblioteca Municipal. Caso contrário, poderia tomar emprestado o seu exemplar, informando o endereço de sua casa. Menciona os trâmites da tradução de <i>Integração do negro na sociedade de classes</i> para o alemão. 1 p.
Ofício	30/12/1965	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, informando cuidar de seus direitos autorais na possível tradução de <i>Integração do negro na sociedade de classes</i> para o alemão. Comenta a situação financeira da CEN. Critica o governador Ademar de Barros, observando que o problema maior é o caixa da Editora da Universidade [Edusp]. Analisa a conjuntura econômica do Brasil, concluindo que “respiramos tranquilidade”, expondo seu espanto pelo aumento do consumo observado às vésperas do Natal. Informa que <i>Educação e sociedade</i> está prestes a ser lançado e que a edição de <i>Sociologia numa era de revolução social</i> esgotou-se, dizendo juntar carta do dia 13/12. 2 p.
Ofício	12/01/1966	Florestan Fernandes, em Nova York, a Thomaz Aquino de Queiroz, fazendo críticas a Ademar de Barros. Menciona que as cartas que recebe da família contradizem a tranquilidade financeira do país exposta por Queiroz e informa que retornará ao Brasil em 25/01. 1 p.

Ofício	20/01/1966	Florestan Fernandes, em Nova York, a Thomaz Aquino de Queiroz, informando ter sido cancelado o voo marcado para 25/01, pois houve problemas com o visto, e que a resolução disso poderá atrasar seu retorno em até três meses. Menciona ter recebido propostas de trabalho e convites para escrever dois livros. 1 p.
Ofício	27/01/1966	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, lamentando a questão do visto e informando conhecer uma organização que trabalha na solução desses problemas, enviando o endereço desta e dizendo ter contatos no consulado e na embaixada, perguntando se isso pode ajudar em algo. 1 p.
Ofício	15/09/1966	Remetente não identificado a Florestan Fernandes, solicitando receber de Alfred van der Marck, da McGraw-Hill, os originais das ilustrações de um livro de Zoologia que a CEN vai publicar. 1 p.
Ofício	22/09/1966	Remetente não identificado a Florestan Fernandes, informando ter sido necessário cancelar a programação de <i>Doença e sociedade</i> , de Helena Maria, devido aos altos custos e ao desinteresse por traduções. 1 p.
Relação	03/09/1966	Relação dos livros e revistas de Florestan Fernandes devolvidos aos cuidados do Departamento de Sociologia pelo Departamento Editorial e de Produção da CEN: <i>Sociological studies of health and sickness</i> ; <i>Social problems and social policy</i> ; <i>Social problems</i> e <i>Social pathology</i> . Constam ainda quatro revistas: <i>Social Problems</i> (dois volumes); <i>Rural Sociology</i> ; <i>The American Journal of Sociology</i> (4 volumes) e <i>American Sociological Review</i> (5 volumes). 1 p.
Ofício	24/10/1966	Florestan Fernandes a Thomaz Aquino de Queiroz, lembrando ter deixado sob a responsabilidade deste o contato com os responsáveis pela tradução de <i>A integração do negro na sociedade de classes</i> para o alemão; informando que a obra será publicada pela editora Colloquium, de Berlim, e enviando o endereço dela. 1 p.
Listagem	31/05/1967	Número de exemplares de <i>Fundamentos empíricos</i> distribuídos por São Paulo, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Londrina, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza e Belém. 1 p.
Ofício	26/06/1967	Remetente não identificado a Florestan Fernandes, solicitando parecer sobre "o trabalho da mulher de Saffioti". 1 p.
Ofício	23/07/1967	Florestan Fernandes a Thomaz Aquino de Queiroz, informando o pagamento de uma fatura. 1 p., em papel timbrado da USP.
Resumo	00/00/1967	De <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> , expondo suas principais contribuições para compor a 2ª edição em 1967. 1 p.
Ofício	05/03/1968	Florestan Fernandes a Mário Guimarães Ferri, presidente da Comissão Editorial da Edusp, solicitando apoio à publicação da monografia de Herbert Baldus sobre os Tapirapé, ressaltando a importância da obra e do autor. 1 p., cópia

Ofício	24/04/1968	José Pastore a Thomaz Aquino, tratando da sugestão feita por Florestan Fernandes para a publicação de seu livro “sobre Brasília” pela Edusp. Informa que a Universidade de Wisconsin estuda o financiamento da obra e que deve receber resposta em breve. Afirma o término da sua tradução e que o texto está em fase de adaptação à audiência brasileira. 2 p. Anexada, cópia de ofício de Florestan Fernandes a Mario Guimarães Ferri, recomendando o livro de José Pastore, <i>Satisfaction among Migrants to Brasilia, Brazil: a Sociological Interpretation</i> para publicação na Edusp.
Ofício	16/06/1968	Florestan Fernandes a Thomaz de Aquino, informando o envio do “livro de Leonard”, ressaltando a qualidade do sociólogo. Afirma que, se for preciso, talvez o autor abra mão dos direitos autorais. 1 p.
Nota	03/09/1968	De autores, remetida a Florestan Fernandes e indicando “2 fundamentos empíricos”. 1 p.
Recibo	12/05/1969	De adiantamentos solicitados por Florestan Fernandes, contendo o valor para um período de cinco meses. 2 p. Anexada, estimativa dos direitos autorais futuros de livros de Florestan Fernandes, por decisão de Octalles Marcondes [Ferreira].
Ofício	06/06/1969	Florestan Fernandes para Press Universitaires de France, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e informa que gostaria de utilizar trechos de <i>La vocation actuelle de la Sociologie</i> , solicitando aprovação de uma citação dessa obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	06/06/1969	Florestan Fernandes para Editorial Losada, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>La Sociología, ciencia de la realidad</i> e solicita autorização para uso de citação da referida obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p.
Ofício	06/06/1969	Florestan Fernandes para Zahar Editores, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>The Sociological Imagination</i> , solicitando autorização para uso de citação da referida obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 2 p. Há uma cópia do documento assinada pela Zahar Editores.
Ofício	06/06/1969	Florestan Fernandes para Espasa-Calpe Argentina, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>La Sociología</i> , solicitando autorização para uso da citação da referida obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p.

Ofício	06/06/1969	Florestan Fernandes para The University of Chicago Press, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>Community Life and Social Policy</i> , solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	06/06/1969	Florestan Fernandes para Presses Universitaires de France, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>Communauté et Société</i> , solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	06/06/1969	Florestan Fernandes para MacMillan & Co., informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>Society: An introductory Analysis</i> , solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	06/06/1969	Florestan Fernandes para J. B. Mohr (Paul Siebeck), informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>Grundriss der Sozialökonomik III. Wirtschaft und Gesellschaft</i> , solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	06/06/1969	Florestan Fernandes para J. B. Mohr (Paul Siebeck), informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>Grundriss der Sozialökonomik III. Wirtschaft und Gesellschaft</i> , solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês. Cópia assinada por J. B. Mohr (Paul Siebeck).
Ofício	06/06/1969	Florestan para The University of Chicago Press, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>Introduction to the Science of Sociology</i> , solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português, enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Introdução	01/07/1969	Referente à coletânea em quatro volumes: <i>Comunidade e sociedade</i> ; <i>Comunidade, Sociedade</i> ; e <i>Comunidade e sociedade no Brasil</i> , informando, entre outras coisas, o motivo da produção dessa coletânea, um resumo de seu conteúdo e a qual público se destina. 8 p.
Bilhete	07/07/1969	Impresso do serviço postal, remetido pela diretoria da University of Toronto, indicando “dois pacotes ao professor Florestan Fernandes”. 1 p.

Ofício	15/07/1969	J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), de Tübingen, a Florestan Fernandes, solicitando preencher três formulários que permitiriam incluir em Comunidade e sociedade passagens de <i>Grundriss der Sozialökonomik</i> e que sejam dados os devidos créditos. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	16/07/1969	David Howell Jones, diretor da Vanderbilt University Press, a Florestan Fernandes, informando que <i>A Review and Evaluation of Research on Community</i> , de A. J. Reiss, não foi publicado pela Vanderbilt University Press e sugerindo que, para a permissão do uso de citações da referida obra, Fernandes se dirigisse ao próprio autor. Envia o endereço institucional de A. J. Reiss. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	17/07/1969	Joyce Goodwin, de Nova York, a Florestan Fernandes, solicitando informação sobre a porcentagem que a citação de obra não mencionada, requerida pelo autor, ocupará em <i>Comunidade e sociedade</i> , para que possa aplicar a taxa. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	18/07/1969	Teresa Sacco, de Londres, a Florestan Fernandes, informando a impossibilidade de permitir o uso dos trechos de obra não citada solicitados pelo autor, pois esse pedido deve ser encaminhado a outro endereço, informado no ofício. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	23/07/1969	Thea H. Leenders, da The Macmillan Company, de Nova York, a CEN, informando o valor da taxa para o acordo de permissão do uso da citação em português da obra <i>Sociology</i> , de Mclver e Persons. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	25/07/1969	Diretor geral da Presses Universitaires de France, de Paris, a Florestan Fernandes, informando os direitos para a reprodução referentes a cada obra solicitada. Aponta as taxas e o endereço para os casos em que é necessário tratar com outras instituições ou com o próprio autor. As obras são: <i>La Vocation Actuelle de la Sociologie, Sciences Humaines et Philosophie, Communautés et Sociétés</i> , e <i>Sociologie du Milieu Rural</i> . 1 p., em idioma francês.
Ofício	05/08/1969	Routledge & Kegan Paul, de Londres, a Florestan Fernandes, informando os direitos para a reprodução referentes a cada obra solicitada, apontando as taxas no caso dos livros: <i>Studies in the Development of Capitalism</i> , de Maurice Dobb, <i>Revolution of Environment</i> , de E. A. Gutkind e <i>Essays on Sociology and Social Psychology</i> , de Karl Mannheim. 2 p., em idioma inglês.
Ofício	05/08/1969	David McKay Company, de Nova York, a Florestan Fernandes, informando que não foi possível identificar a obra solicitada (<i>Poverty and Social Change</i> , de Singh) e solicitando que o autor confirme se é exatamente esse o título e que ofereça outras informações sobre a sua publicação. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	07/08/1969	Shirley Kupelian, da Yale University Press, de Connecticut, a Florestan Fernandes, confirmando o recebimento de sua solicitação dos direitos de reprodução de trechos em português de <i>The Dynamics of Culture Change</i> , de Malinowsky. Informa que tais direitos devem ser tratados com a viúva do autor, indicando o endereço dela no México. 1 p., em idioma inglês.

Ofício	16/09/1969	Companhia Editora Losada, de Buenos Aires, a Florestan Fernandes, informando que não é possível conceder a autorização dos direitos da obra <i>Sociologia</i> de Simmel, pois pertencem à editora da <i>Revista de Occidente</i> , informando o endereço desta em Madri. 1 p.
Ofício	23/09/1969	Florestan Fernandes para Herder Editora e Livraria, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>Sociologia</i> , de J. H. Fichter, solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português e enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p.
Ofício	23/09/1969	Luiz Alberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Joyce Goodwin, informando a percentagem que as páginas de citação da obra <i>Community and Society</i> , de Arensberg e Kimball, representarão no livro <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	23/09/1969	Florestan Fernandes a A. J. Reiss Jr., do Departamento de Sociologia da Universidade de Michigan, informando a preparação de <i>Comunidade e Sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>A Review and Evaluation of Research on Community</i> , de A. J. Reiss Jr., solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português e enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	23/09/1969	Florestan Fernandes para Holt, Rinehart & Winston, informando a preparação de <i>Comunidade e Sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>The Urban Communities: a world perspective</i> , de N. Anderson, solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português e enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	23/09/1969	Florestan Fernandes para Holt, Rinehart & Winston, informando a preparação de <i>Comunidade e Sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>Society: An Introductory Analysis</i> , de R. M. Maclver e C. H. Page, solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português e enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	23/09/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento editorial da CEN, para Oxford University Press, informando não ter recebido resposta ao ofício remetido em 06/06/1969, anexando-o novamente. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	23/09/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Editorial Losada, informando enviar cópia de carta remetida em 06/06/1969, para a qual não obteve resposta. 1 p.

Ofício	23/09/1969	Florestan Fernandes para <i>Revista de Occidente</i> , informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>La Sociología</i> , de C. Simmel, solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português e enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. Cópia assinada pela <i>Revista de Occidente</i> . 1 p.
Ofício	23/09/1969	Florestan Fernandes para <i>Revista de Occidente</i> , informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>La Sociología</i> , de C. Simmel, solicitando autorização para o uso de citação da referida obra em português e enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado. 1 p.
Ofício	23/09/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Longmans, Green & Co., enviando cópia de carta remetida em 06/06/1969, para a qual não obteve resposta. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	26/09/1969	Herder Editora Livraria a Florestan Fernandes, informando ter feito contato com a University of Chicago Press, editora do livro <i>Sociologia</i> , de Fichter, para obter a permissão solicitada pelo autor. 2 p. Em anexo, cópia de ofício enviado a Curtis Brown, em idioma inglês.
Ofício	21/10/1969	Tomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, em Toronto, em resposta aos ofícios de 05 e 08/10/1969, informando o recebimento de um pedido de edição de <i>A Sociologia numa era de revolução social</i> pela Editorial Losada, aconselhando ao autor a melhor forma de envio de dinheiro para o Brasil e que o mesmo não se comprometa com trabalhos de longo prazo nos Estados Unidos, para que possa retornar logo ao Brasil, onde poderá desenvolver suas pesquisas, visto que o remetente está convencido de uma melhora a curto prazo da situação político-econômica do país. 9 p. Anexados, dois ofícios manuscritos remetidos de Toronto por Florestan Fernandes a Tomaz Aquino de Queiroz, informando que o livro <i>A integração do negro na sociedade de classes</i> está para sair pela Columbia e que há muito interesse pelo seu trabalho nos Estados Unidos, mas que ainda não tomou sua decisão se retornará logo ao Brasil. Pede favores ao destinatário e conta como é a vida em Toronto.
Ofício	23/10/1969	Editorial Losada, de Buenos Aires, a CEN, confirmando o recebimento da cópia do ofício de 06/06/1969 e lamentando por não ser o responsável pela concessão de direitos de <i>La Sociologia: ciencia de la realidad</i> , e também por não saber informar quem seria.
Ofício	23/10/1969	Florestan Fernandes a Hausbuch Verlag, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN. Faz breve descrição do livro e diz que gostaria de utilizar trechos de <i>Communauté et société</i> , de F. Tönnies, solicitando autorização para citação da referida obra em português e enviando duas vias da carta, caso esse acordo seja assinado.

Ofício	31/10/1969	Alisson Grane, do Departamento de Permissões da Oxford University Press, para Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, informando que os direitos sobre <i>The Power Elite</i> , de C. Wright Mills, foram vendidos para a Zahar e informando a taxa de permissão para a citação do capítulo de <i>Freedom, Power and Democratic Planning</i> , de Karl Mannheim.
Ofício	13/11/1969	Florestan Fernandes, em Toronto, a Thomaz Aquino de Queiroz, agradecendo por desejar sua volta ao Brasil, dizendo que todos os outros conselhos têm sido em direção oposta. Dá parecer positivo para a tradução solicitada pela Editorial Losada e agradece as operações de cheque que havia pedido a Thomaz. 2 p.
Demonstrativo	13/11/1969	The University of Chicago Press a Florestan Fernandes, referente a pagamento de taxa de permissão para citação de excertos em português em <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes, dos seguintes livros: <i>The American Journal of Sociology</i> , de R. Redfield; <i>Sociology</i> , de J. H. Fichter; <i>Introduction to the Science of Sociology</i> , de R. E. Park e E. W. Burgess e <i>Community Life and Social Policy</i> , de L. Wirth. 1 p.
Ofício	13/11/1969	Departamento de Permissões da University of Chicago Press a Florestan Fernandes, expondo as condições para a concessão de pedidos de material para publicação e informando a taxa.
Ofício	26/11/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Holt, Rinehart & Winston. Não tendo obtido resposta aos ofícios de 23/09/1969, envia novamente cópia destes, que se referem ao pedido de concessão de direitos de duas obras para que essas (não cita quais) possam ser citadas em <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes, que está sendo desenvolvida. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	27/11/1969	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, confirmando o recebimento de sua carta, informando que Oracy Nogueira tem feito traduções para a CEN e sugerindo alguns títulos para publicação que Thomaz envia em anexo para ter a opinião do autor. 1 p. Não consta a lista de livros.
Ofício	06/12/1969	Florestan Fernandes, em Toronto, a Thomaz Aquino de Queiroz, contando o quanto tem sido solicitado nos Estados Unidos e na Europa, dizendo-se surpreso. Menciona os eventos de que participará e remete aos "problemas sobre os livros" relatados por Queiroz em ofício anterior, dizendo que retornará ao Brasil para passar o Natal e o Ano-Novo e que poderá resolver tais problemas. Lembra sobre os direitos de tradução de <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> concedidos à Universidade do México, acrescentando que gostaria de completá-lo antes de finalizar tal concessão. 2 p.

Ofício	23/12/1969	Thomaz Aquino de Queiroz a Pablo González Casanova, do Instituto de Investigaciones Sociales, no México, solicitando confirmar a publicação de <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> e informando que também recebeu o pedido de direitos dessa obra de uma editora chilena interessada em publicá-la em língua espanhola. 1 p.
Ofício	26/09/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Hausbuch Verlag, enviando em anexo cópia de carta datada de 23/10/1969, para a qual não obteve resposta. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	26/11/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Walter Knapp, da Herder Editora, solicitando respostas sobre a autorização de Curtis Brown para a utilização de trechos de Fichter em <i>Comunidade e sociedade</i> . 1 p.
Ofício	26/11/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Joyce Goodwin, enviando em anexo cópia de carta de 23/09/1969, para a qual não obteve resposta. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	26/11/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para A. J. Reiss Jr., da Universidade de Michigan, enviando ofícios trocados entre a CEN e a Vanderbilt University Press, esclarecendo sobre a produção de <i>Comunidade e sociedade</i> . 1 p., em idioma inglês.
Ofício	26/11/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Thea H. Leenders, da MacMillan Company, confirmando o interesse da CEN na tradução de excertos de <i>Sociology</i> , de Maclver e <i>Society</i> , de Parsons, e solicitando o envio do contrato de permissão. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	26/09/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Lucien Goldmann, informando o envio de cópia de ofício de 23/09/1969, que parece não ter chegado ao seu destino. 1 p., em idioma francês.
Ofício	26/11/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para A. V. Malinowsky, incluindo cópia de ofício remetido havia dois meses. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	01/12/1969	Diana E. Batho, da Holt, Rinehart and Winston, de Nova York, para a CEN, informando não poder responder no momento, argumentando que há muitos pedidos semelhantes ao da CEN aguardando resolução e o atendimento é realizado por ordem de chegada. Aguarda detalhes dos direitos autorais das duas obras solicitadas (não cita títulos), informando o valor cobrado por página para a reprodução em português. 1 p., em idioma inglês.

Ofício	03/12/1969	Herder Editora Livraria para a CEN, informando o recebimento do ofício de 23/09/1969 a respeito de <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes, e dizendo que ainda não obteve resposta de Curtis Brown referente à licença para a reprodução de trechos de Sociologia, de Fichter. 1 p.
Ofício	08/12/1969	Diana E. Batho, da Holt, Rinehart and Winston, de Nova York, para a CEN, enviando documentos para serem assinados referente às obras solicitadas, cujos excertos comporão a antologia <i>Comunidade e sociedade</i> , expondo também uma redução na taxa cobrada por página a ser reproduzida em português. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	08/12/1969	Joyce Goodwin, do Harcourt, Brace & World, de Nova York, informando a permissão do uso do capítulo 2 de <i>Culture and Community</i> , de Conrad Arensberg e Solon Kimball, em <i>Comunidade e Sociedade</i> , organizado por Florestan Fernandes, informando também a taxa referente ao uso e a declaração, indicando-os como editores, que deve ser inserida na publicação. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	15/12/1969	Thea H. Leenders, da The Macmillan Company, de Nova York, para a CEN, agradecendo a confirmação do interesse na tradução de excertos das obras de Sombart, Maclver e Parsons e dizendo incluir acordos de permissão referente a essas três seleções a fim de serem assinadas. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	19/12/1969	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, a Diana E. Batho da Holt, Rinehart and Winston, agradecendo a permissão para que a CEN reproduza excertos de livros publicados por essa editora, acrescentando, porém, que se trata na verdade de três páginas e não duas, sendo duas páginas do livro de Maclver e outra do livro de N. Anderson. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	24/12/1969	Diana E. Batho, da Holt, Rinehart and Winston, de Nova York, para a CEN, em resposta ao ofício de 19/11/1969, lamentando as alterações no contrato de permissão e informando as taxas referentes às páginas a serem reproduzidas. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	12/01/1970	Thomaz Aquino de Queiroz [atribuído a] a Florestan Fernandes, enviando provas acompanhadas dos originais de uma edição em andamento na CEN, para que o autor, que não estava no Brasil, pudesse revisar. Não especifica o título, mas trata-se de obra de Fernandes. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	20/01/1970	Gela J. Peters, da Routledge & Kegan Paul, de Londres, para a CEN, lamentando não ter encontrado em seus catálogos o título de Erich Fromm solicitado, acrescentando que a editora não tem os direitos sobre nenhum dos títulos desse autor e apontando as editoras que possivelmente os teriam. Aponta erro nas taxas contido no ofício de 05/08 e informa as taxas corretas. 1 p., em idioma inglês.

Ofício	12/02/1970	Florestan Fernandes, em Toronto, a Thomaz Aquino de Queiroz, informando o recebimento dos originais, acrescentando que só poderá revisá-los depois de 10/03, pois tem andado comprometido com aulas e conferências, e expondo o interesse pela editora argentina Losada para traduzir sua obra [não identificada]. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	04/02/1970	Thea H. Leenders, da MacMillan Company, de Nova York, para a CEN, informando o não recebimento das cópias assinadas referente aos acordos de permissão de números 287 e 288 [não informa as obras] e solicitando saber se a CEN planeja ainda adaptar material referente a <i>Cultural Sociology</i> , de Gillin & Gillin. 1 p.
Ofício	28/02/1970	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Alisson Crane, da Oxford University Press, solicitando o envio da fatura referente à taxa acordada para o uso de capítulo de Mannheim, da <i>Freedom, Power and Democratic Planning</i> , para a antologia de Fernandes, <i>Comunidade e sociedade</i> . 1 p., em idioma inglês.
Ofício	28/02/1970	Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Thea H. Leenders, da Macmillan Company, em resposta ao ofício de 12/02/1970, solicitando a inclusão de três cópias referentes ao acordo de número 287 para serem incluídas em <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes, e informando que o acordo de número 288 chegará em dois ou três dias à editora. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	09/03/1970	Thea H. Leender, da Macmillan Company, de Nova York, para Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN, solicitando o envio do acordo de permissão assinado, referente a <i>Society</i> , de T. Parsons, fornecendo as taxas deste. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	19/03/1970	Florestan Fernandes, em Toronto, a Thomaz Aquino de Queiroz, informando, entre outras coisas, que a edição norte-americana de sua obra <i>A integração do negro na sociedade de classes</i> ganhou um prêmio muito reconhecido, o Anisfield-Wolf Book Award. 2 p.
Ofício	23/03/1970	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, desculpando-se por não responder ao seu ofício de 12/02/1970, pois anda muito ocupado com a organização da primeira Bienal Internacional do Livro, que ocorrerá em São Paulo em agosto. Solicita que Fernandes, que está nos Estados Unidos, faça propaganda do evento. Informa que não há um “prazo fatal” para que Fernandes revise os originais enviados. Discute a possível tradução em língua espanhola de <i>Fundamentos empíricos</i> , questionando o autor sobre um prêmio “significativo” que ganhou em Nova York, argumentando a importância de isso aparecer em orelhas de livro. 3 p.
Ofício	30/03/1970	Thomaz Aquino de Queiroz [atribuído a] a Florestan Fernandes, lamentando os rumos políticos do país ocasionados pelo golpe de 1964, parabenizando pelo prêmio recebido e queixando-se da perda, pelo mercado editorial do país, em decorrência de “punições estapafúrdias e insensatas”. 1 p.

Ofício	01/04/1970	The Macmillan Company, de Nova York, para Thomaz Aquino de Queiroz, referindo-se às cessões de trechos de obras para compor a <i>Encyclopedia of the Social Science</i> e solicitando o retorno das remessas assinadas. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	06/04/1970	Lucien Goldmann, de Paris, para Florestan Fernandes, confirmando o recebimento do pedido de permissão para publicar trechos de <i>Sciences Humaines et Philosophie</i> em português em <i>Comunidade e sociedade</i> , concedendo tal permissão, mas solicitando que o autor escreva para seu editor, indicando o endereço. 1 p., em idioma inglês.
Carta	09/04/1970	Florestan Fernandes, em Toronto, a Thomaz Aquino de Queiroz, pedindo conselho sobre convite que recebeu para se tornar professor permanente da Universidade de Toronto, considerando as implicações disso, como uma possível expatriação. 1 p.
Ofício	s.d. [1970]	Remetente e destinatário não identificados, aparentemente escrito por Thomaz de Aquino para Florestan Fernandes, lembrando ao autor que o conjunto dos seus livros pode render-lhe “uma soma anual nada desprezível” e orientando-o a não aceitar um convite recebido do “Mr. Vice Chairman” se isso significar “amarras muito fortes e por tempo muito longo” fora do Brasil. 1 p., cópia. Embora não haja data, supõe-se que seja a resposta ao ofício de Fernandes em 09/04/1970.
Ofício	10/04/1970	Florestan Fernandes, em Toronto, a Thomaz Aquino de Queiroz, informando que, por falta de tempo, confiará na revisão da editora, enviando os originais e as provas do livro. 2 p. Anexado, bilhete datilografado em que o autor especifica que fez apenas as correções requeridas e menciona a Bial do Livro.
Carta	15/04/1970	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, pedindo informações mais detalhadas sobre a sua possível contratação como professor permanente na Universidade de Toronto, para poder aconselhá-lo. 1 p.
Ofício	20/04/1970	Luiz Roberto Malta, da CEN, para Florestan Fernandes, solicitando cópia do índice de <i>Elementos de Sociologia Teórica</i> . 1 p.
Ofício	21/04/1970	Thomaz Aquino de Queiroz a Marie-Ange Mosca, editora de Lucien Goldmann, solicitando permissão para a reprodução em português de excertos de <i>Sciences Humaines et Philosophie</i> na obra organizada por Florestan, <i>Comunidade e sociedade</i> . 1 p, em idioma inglês.
Ofício	28/04/1970	Marie-Ange Mosca, de Paris, para Thomaz Aquino de Queiroz, referente à permissão para a reprodução em português de páginas de <i>Sciences Humaines et Philosophie</i> , de Lucien Goldmann. 1 p, em idioma francês.
Ofício	04/05/1970	Florestan Fernandes, em Toronto, a Luiz Roberto Malta, da CEN, em resposta ao ofício de 20/04/1970, informando já ter remetido os originais e as provas de <i>Elementos de Sociologia Teórica</i> e que o pacote já deveria ter chegado. 1 p.

Ofício	07/05/1970	Thomaz Aquino de Queiroz, do Departamento Editorial da CEN, para Thea H. Leenders da Macmillan Company, agradecendo as concessões dos direitos de tradução em português de artigos de <i>Society</i> , de T. Parsons, e <i>Sociology</i> , de R. M. Maclver. 1 p.
Ofício	11/05/1970	Thea H. Leenders, da The MacMillan Company, de Nova York, para Thomaz Aquino de Queiroz, questionando se a CEN ainda tem interesse em fazer uso do material solicitado (<i>People, Society and Mass Communication</i> , de Dexter e White). Se sim, solicita que as cópias do acordo de permissão e as taxas correspondentes sejam remetidas. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	14/05/1970	Luiz Malta para Florestan Fernandes, informando que as provas [de <i>Elementos de Sociologia Teórica</i>] já foram enviadas à oficina e que a editora está trabalhando na preparação dos originais de <i>Comunidade e sociedade no Brasil</i> . 1 p.
Recibo	11/06/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora Harcourt, Brace & World pela tradução do capítulo <i>Culture and Community</i> , de Conrad Arensberg e Solon Kimball. 1 p. Consta no anexo a primeira via do recibo de pagamento do Imposto de Renda aplicado sobre a taxa de direitos autorais paga pela CEN a Holt, Rinehart and Winston e o contrato firmado com essa editora.
Recibo	11/06/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora Routledge & Kegan Paul, pela tradução do capítulo <i>Revolution of Environment</i> , de E. A. Gutkind. 1 p. Consta no anexo a primeira via do recibo de pagamento do Imposto de Renda aplicado sobre a taxa de direitos autorais paga pela CEN a Holt, Routledge & Kegan Paul Ltd. e o contrato firmado com essa editora.
Recibo	11/06/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora Holt, Rinehart and Winston, pela tradução dos capítulos <i>Society: an introductory analysis</i> , de R. M. Maclver e C. H. Page e <i>The Urban Communities: a world perspective</i> , de N. Anderson. 1 p. Consta no anexo a primeira via do recibo de pagamento do Imposto de Renda aplicado sobre a taxa de direitos autorais paga pela CEN a Holt, Rinehart and Winston e o contrato firmado com essa editora.
Recibo	11/06/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora Presses Universitaires de France, pela tradução do capítulo <i>La Vocation Actuelle de la Sociologie</i> , de Georges Gurvitch. 1 p. Consta no anexo a primeira via do recibo de pagamento do Imposto de Renda aplicado sobre a taxa de direitos autorais paga pela CEN a Presses Universitaires de France e o contrato firmado com essa editora.

Recibo	11/06/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora The MacMillan Company, pela tradução dos capítulos <i>Society</i> , de Talcott Parsons e <i>Sociology</i> , de R. M. MacIver. 1 p. Consta no anexo a primeira via do recibo de pagamento do Imposto de Renda aplicado sobre a taxa de direitos autorais paga pela CEN a The MacMillan Company e o contrato firmado com essa editora.
Recibo	11/06/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora Librairie Armand Colin, pela tradução do capítulo <i>Pionniers et Planteurs de São Paulo</i> , de Pierre Monbeig. 1 p.
Recibo	11/06/1970	Remessa datilografada remetida pela CEN ao Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora Harper & Row, Publishers, pela tradução do capítulo "The Levels Concept in the Study of Social Organization in Animal", de J. H. Rohder e M. Sherif. 1 p.
Recibo	11/06/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora Basic Books, Publishers, pela tradução do capítulo "Comparative Urban Sociology", de Gideon Sjoberg. 1 p.
Recibo	11/06/1970	Remessa datilografada remetida pela CEN ao Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora C. A. Watts and Co. Ltd, pela tradução de páginas da obra <i>Elements of Social Organization</i> , de R. Firth. 1 p.
Recibo	11/06/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora Mouton & Co., Publishers, pela tradução de páginas da obra <i>Le Structures Élémentaires de la Parenté</i> , de Claude Lévi-Strauss. 1 p.
Recibo	11/06/1970	Remessa datilografada remetida pela CEN ao Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à editora The Ronald Press Company, pela tradução de páginas da obra: <i>Human Ecology: A theory of community structures</i> , de A. H. Hawley. 1 p.
Recibo	11/06/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à Editora The MacMillan Company pela tradução do capítulo "Cultural Sociology", de J. L. Gillin e J. P. Gillin. 1 p.
Ofício	08/07/1970	Departamento Editorial da CEN à Gela J. Peters, da Routledge & Kegan Paul, informando ter sido realizado o depósito da taxa referente à tradução de trechos de <i>Revolution of Environment</i> , de E. A. Gutkind. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	08/07/1970	Departamento editorial da CEN a Tea H. Leenders, da The MacMillan Company, informando ter realizado o depósito da taxa referente ao uso de trechos de <i>Society, from the Encyclopedia of the Social Sciences</i> , de Talcott Parsons, e <i>Sociology</i> , de R. M. MacIver. 1 p., em idioma inglês.

Ofício	08/07/1970	Departamento Editorial da CEN à Joyce Goodwin, da Harcourt, Brace & World, informando ter realizado o depósito da taxa referente ao uso de trechos de <i>Culture and Community</i> , de Arensberg & Kimball. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	08/07/1970	Departamento Editorial da CEN a Presses Universitaires de France, informando ter realizado o depósito da taxa referente ao uso de trechos de <i>La vocation actuelle de la Sociologie</i> , de George Gurvitch. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	21/07/1970	Ofício datilografado por Luiz Roberto Malta, do departamento editorial da CEN, remetido a Allison Crane, da Oxford University Press, informando o reenvio do ofício de 28 de fevereiro, por não ter recebido resposta da universidade. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	21/07/1970	Luiz Roberto Malta, do Departamento Editorial da CEN, à Diana E. Batho, da Holt, Rinehart and Winston, informando o reenvio do ofício de 19/12 no qual solicita autorização para a reprodução de edições, por não ter recebido resposta. 1 p., em idioma inglês.
Nota fiscal	20/08/1970	Referente à reprodução em <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes, de excertos em português de <i>Freedom, Power and Democracy Planning</i> , de Karl Mannheim. Os direitos foram concedidos pela Oxford University. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	27/07/1970	Oxford University Press ao Departamento Editorial da CEN, informando o não recebimento do ofício de 28/02/1970 no seu primeiro envio e informando o valor da taxa referente à reprodução do capítulo solicitado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	27/07/1970	Diana Batho, da Holt, Rinehart and Winston, lamentando que o ofício com o acordo de concessão, datado de 24/12, não tenha chegado a CEN e remetendo-o novamente. 1 p., em idioma inglês.
Guia do Recolhimento	18/07/1970	De impostos, referente aos <i>royalties</i> pagos pela CEN à Oxford University Press. 1 p.
Recibo	19/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à McGraw-Hill Book Company, pela tradução de trechos de <i>Social Stratification</i> , de E. E. Bergel. 1 p.
Recibo	19/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à Columbia University Press, pela tradução de trechos de <i>Town and country in Brazil</i> , de M. Harris. 1 p.
Recibo	19/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à Oxford University Press, pela tradução de trechos de <i>Freedom, Power and Democratic Planning</i> , de Karl Mannheim. 1 p. Anexado, comprovante de remessa (via do comprador) com o valor referente aos direitos autorais pagos pela CEN.
Recibo	19/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à Librairie Armand Colin, pela tradução de trechos de <i>Traité de Sociologie du Travail</i> , de J. R. Tranton. 1 p.

Recibo	19/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à Prentice Hall, pela tradução de <i>Tribesmen</i> , de M. D. Sahlins. 1 p.
Recibo	19/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à The MacMillan Company, pela tradução de <i>Capitalism</i> , de W. Sombart. 1 p.
Recibo	19/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à Princeton University Press, pela tradução de trechos de <i>Small Town in Mass Society: Class, power and religion in a rural community</i> , de A. J. Vidish e J. Bensman. 1 p.
Recibo	19/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à Yale University Press, pela tradução de trechos de <i>The Social Life of a Modern Community</i> , de M. L. Warner e P. S. Lunt. 1 p.
Recibo	19/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à University of California Press, pela tradução de trechos de <i>Social Mobility in Industrial Society</i> , de S. M. Lipset and R. Bendix. 1 p.
Recibo	27/08/1970	De remessa de direitos autorais pela CEN via Banco do Brasil, referente aos direitos autorais pagos à Press Universitaires de France, pela tradução de trechos de <i>Essai sur le Régime de Castes</i> , de C. Bougle. 1 p.
Ofício	02/09/1970	CEN à Oxford University Press, informando a remessa referente aos direitos autorais de tradução de trechos de <i>Freedom, Power and Democratic Planning</i> , de Karl Mannheim, para publicação em <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes. 1 p., em idioma inglês.
Guia do Recolhimento	25/09/1970	De impostos, referente aos <i>royalties</i> pagos pela CEN à University of Chicago Press. 1 p.
Ofício	12/10/1970	Florestan Fernandes, em Toronto, a Thomaz Aquino de Queiroz, comentando suas atividades como professor na Universidade de Toronto, relatando as dificuldades com a língua inglesa, lamentando sua falta de entusiasmo pelo ensino e solicitando a Queiroz um emprego permanente em editoras de São Paulo. 1 p.
Ofício	15/10/1970	CEN à University of Chicago Press, informando a remessa referente aos direitos autorais da tradução de trechos de <i>The American Journal of Sociology</i> , de R. Redfield; <i>Introduction to the Science of Sociology</i> , de J. H. Fichter e <i>Community Life and Social Policy</i> , de L. Wirth para <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes. 1 p., em idioma inglês. Anexada cópia do ofício.
Ofício	15/10/1970	CEN à University of Chicago Press, informando a remessa referente aos direitos autorais de tradução de trechos de <i>The American Journal of Sociology</i> , de R. Redfield; <i>Introduction to the Science of Sociology</i> , de J. H. Fichter e <i>Community Life and Social Policy</i> , de L. Wirth para <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes. 3 p., em idioma inglês. Anexadas, duas vias da guia de recolhimento referente aos <i>royalties</i> pagos à University of Chicago Press.

Ofício	15/10/1970	CEN à University of Chicago Press, informando a remessa referente aos direitos autorais de tradução de trechos de <i>The American Journal of Sociology</i> , de R. Redfield; <i>Introduction to the Science of Sociology</i> , de J. H. Fichter e <i>Community Life and Social Policy</i> , de L. Wirth, para <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes. 2 p., em idioma inglês. Anexadas, duas vias da guia de recolhimento referente aos royalties pagos à University of Chicago Press.
Ofício	21/11/1970	Florestan Fernandes, em Toronto, a Thomaz Aquino de Queiroz, comentando novamente sobre as suas atividades como professor na Universidade de Toronto, mostrando-se cansado e preocupado com a recepção de seu livro no Brasil, que ainda seria publicado [<i>Comunidade e sociedade</i>] e refletindo sobre a crítica recebida pela edição americana de <i>A integração do negro na sociedade de classes</i> . 2 p.
Ofício	24/11/1970	Departamento de Permissões da University of Chicago Press a Florestan Fernandes, informando que o valor depositado pelo autor referente aos direitos de tradução do material solicitado estava incorreto. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	04/12/1970	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, em resposta aos ofícios de 12 e 21/11/1970, tratando da questão do cargo que Fernandes solicitou. 2 p.
Ofício	28/12/1970	Thomaz Aquino de Queiroz, do Departamento Editorial da CEN, ao Departamento de Permissões da University of Chicago Press, em resposta ao ofício de 24/12/1970, informando que a diferença entre a taxa devida e a remessa realizada refere-se aos 25% recolhidos como Imposto de Renda, conforme a legislação do país. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	15/01/1971	Luiz Roberto Malta, do Departamento Editorial da CEN, a Florestan Fernandes, tratando da reedição de <i>Branços e negros em São Paulo</i> . 1 p.
Ofício	23/01/1971	Florestan Fernandes, em Toronto, para Thomaz Aquino de Queiroz, informando que comunicou sua demissão à Universidade de Toronto e que recebeu desta a proposta de lecionar apenas um semestre por ano. 1 p.
Ofício	26/01/1971	Florestan Fernandes, em Toronto, a Luiz Roberto Malta, informando o nome do professor a quem a CEN devia comunicar a reedição de <i>Branços e negros em São Paulo</i> . 1 p.
Ofício	15/02/1971	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, descrevendo sua viagem pela Europa, comentando positivamente a proposta de trabalho recebida por Fernandes e acrescentando que a colaboração do autor na CEN deve ser aproveitada. 1 p.
Ofício	16/03/1971	Florestan Fernandes, em Toronto, para Thomaz Aquino de Queiroz, descrevendo as atividades acadêmicas que tem desenvolvido na Universidade de Toronto e os muitos congressos de que tem participado, citando um que ocorreu em Cambridge, "The Nature of Fascism and the Relevance of the Concept in Contemporary Politics", e declarando sua insatisfação por estar longe do Brasil. 1 p.

Declaração	26/03/1971	Afirmando que Paulo Argimiro da Silveira foi o tradutor de excertos de obras que seriam incluídas na antologia <i>Comunidade e sociedade</i> , organizada por Florestan Fernandes, indicando o título e autoria das obras. 3 p. Em anexo, cópia da declaração e breve manuscrito contendo os títulos das obras traduzidas.
Relação	03/08/1971	De livros devolvidos pela CEN a Florestan Fernandes, com as traduções solicitadas para compor <i>Comunidade e sociedade</i> . 1 p.
Tabela	08/09/1971	Contendo relação dos excertos de obras traduzidas para a antologia <i>Comunidade e sociedade</i> a serem revisados, os nomes dos revisores e datas das revisões já finalizadas. 1 p. Anexado memorando com a recomendação de um revisor, feita por Octavio Ianni, com o endereço deste.
Ofício	05/10/1971	Florestan Fernandes, em Toronto, para Thomaz Aquino de Queiroz, sugerindo obras de Sociologia para a programação editorial da CEN, listando também obras sugeridas por Octavio Ianni, ressaltando a importância de se incentivar a produção brasileira de obras de Sociologia e sobretudo de manuais elementares sobre as diversas áreas das Humanidades. 2 p.
Ofício	31/10/1971	Florestan Fernandes, em Toronto, para Thomaz Aquino de Queiroz, pedindo opinião sobre o valor que poderia ser pago pelos serviços prestados por Paulo [Argemiro, tradutor dos excertos de <i>Comunidade e sociedade</i>], que organizou a bibliografia da antologia, completando-a com novos títulos. Relatando problemas relativos ao visto no Canadá, dizendo já ter comunicado ao seu departamento na Universidade de Toronto a sua demissão e revelando o desejo de retornar ao Brasil e finalizar a sua carreira. 1 p.
Ofício	15/11/1971	Thomaz Aquino de Queiroz a Florestan Fernandes, respondendo aos ofícios de 5 e 31/10/1971, informando o valor que a CEN pagaria por serviços semelhantes aos prestados por Pedro [Argemiro]. Mostrando satisfação em receber a notícia do pedido de demissão de Florestan. Informando que a CEN realizará o levantamento de publicações brasileiras no campo das Ciências Sociais e que a editora está em busca de “um novo e mais dinâmico estilo, um ritmo mais rápido” para a sua próxima fase programática.
Ofício	06/03/1972	CEN a Florestan Fernandes, contendo a relação de pagamento por tradução e revisão, referente ao ano de 1971, para livros de sua autoria. 1 p. Anexada uma lista contendo data, nome do beneficiário e valor pago pelos trabalhos de tradução e revisão.
Rascunho	00/03/1972	De ofício, sem informação de destinatário, assinado por Florestan Fernandes, informando sobre os propósitos da Biblioteca Universitária da CEN, criada em 1969, em atender à nova estrutura do mercado do livro com publicações de autores clássicos e contemporâneos dedicados às Ciências Sociais, solicitando para tanto sugestões de publicação. 6 p. Trata-se de duas versões do mesmo ofício, contendo 3 folhas cada, que são, aparentemente, rascunhos do texto concebido por Florestan, já que contém pequenas correções manuscritas.

Ofício	00/03/1972	Florestan Fernandes a destinatário não identificado, informando os propósitos da Biblioteca Universitária da CEN, criada em 1969, em atender a nova estrutura do mercado do livro com publicações de autores clássicos e contemporâneos dedicados às Ciências Sociais, solicitando para tanto sugestões de publicação. 2 p. Cópia anexada.
Ofício	17/05/1972	Fernando Mazzuia, de Catanduva, “professor de curso superior e estudioso de Geografia”, informando, em resposta ao ofício de Florestan Fernandes de março do mesmo ano, sobre a importância de autores franceses na área da Geografia, e de obras, dentro dessa mesma área, que abordem conteúdo, fundamentos teóricos e métodos e técnicas de pesquisa para publicações da CEN. 1 p.
Ofício	24/08/1972	Florestan Fernandes a Thomaz Aquino de Queiroz, enviando lista sobre o sociólogo Karl Mannheim, composto por ele mesmo, para o livro de Marialice Mencarini Foracchi que a CEN editaria. 1 p. A lista não se encontra junto ao ofício.
Ofício	22/01/1973	Florestan Fernandes a CEN, concordando com as bases de remuneração propostas pela editora, constando a discriminação dos valores referentes aos direitos autorais e à tradução da obra <i>Lenine: Política</i> , organizada por ele. 2 p.
Ofício	23/03/1973	Florestan Fernandes a David McKay Company, informando que o livro de T. Singh requerido foi publicado em 1945, indicando o endereço do editor, lamentando não ter informações sobre os direitos autorais da obra. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	26/03/1973	Florestan Fernandes a A. V. Malinowski, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN, fazendo breve descrição do livro e dizendo que gostaria de utilizar trechos de <i>The Dynamics of Culture Change</i> , de B. Malinowski, solicitando autorização para o uso de trechos da referida obra em português e dizendo enviar duas vias do ofício, caso esse acordo seja assinado. 2 p., em idioma inglês. Cópia anexada.
Ofício	26/03/1973	Florestan Fernandes para Hans Buske Nachg, informando a preparação de <i>Comunidade e sociedade</i> para publicação pela CEN, fazendo breve descrição do livro e dizendo que gostaria de utilizar trechos de <i>Communauté et Société</i> , de F. Tönnies, solicitando autorização para o uso de trechos da obra em português e dizendo enviar duas vias do ofício, caso esse acordo seja assinado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	08/06/1973	Thomaz Aquino de Queiroz a Mouton Publishers, agradecendo a permissão para reprodução de excertos de <i>Les Structures Élémentaires de la Parenté</i> , de Lévi-Strauss, para a série da CEN intitulada Grandes Cientistas Sociais, acrescentando que informará assim que o pagamento referente aos direitos editoriais for realizado. 1 p., em idioma inglês.
Listagem	11/06/1973	Página de um documento discriminando valores de venda de propriedade literária de tradução, de 11/11/1973 a 26/11/1974, apontando o total de traduções e de direitos adquiridos do exterior. 1 p. Os títulos não são especificados.

Apontamentos	00/07/1973	Da CEN sobre o saldo em conta corrente de Florestan Fernandes, advindo de direitos autorais e também sobre as despesas de tradução, referentes a <i>Comunidade e sociedade no Brasil</i> , <i>Elementos de Sociologia Teórica</i> , <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> e <i>Branços e negros em São Paulo</i> . 4 p.
Ofício	10/09/1973	Asia Publishing House a CEN, informando que a solicitação de uso da obra de <i>Essays on Economic Planning</i> , de Oskar Lange, foi atendida, e informando a taxa referente aos direitos autorais. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	18/09/1973	Thomaz Aquino de Queiroz a Asia Publishing House, agradecendo a permissão para que a CEN reproduza excertos de <i>Essays on Economic Planning</i> , de Oskar Lange, acrescentado que informará assim que o pagamento dos direitos editoriais for realizado. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	29/10/1973	Maria José Menéres Cudell a CEN, confirmando o recebimento de ofício e informando que contactará A. Tajan na França e comunicará sobre o interesse da editora. 1 p.
Ofício	29/01/1974	Tomaz de Aquino, chefe do Departamento Editorial da CEN, para Harvard University Press, informando sobre a produção de um livro, sobre a supervisão de Florestan Fernandes, que pretende reunir textos clássicos e fundamentais da Ciências Sociais. Solicita autorização para reproduzir trechos de <i>Economic Growth of Nations: Total Output and Production Structure</i> , de S. Kuznets. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	13/02/1974	Susan C. Metzger, da Harvard University Press, para CEN, em resposta ao ofício de 29/01/1974, informando que havia estabelecido acordo com a Editorial Atlas para a publicação em português da obra completa requisitada pela CEN. O direito de reprodução poderia ser obtido com essa editora, apontando endereço para contato. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	22/02/1974	Corina Lombardi, assistente do Departamento Editorial da CEN, para Luís Hermann, da Atlas, informando sobre a produção da nova coleção Grandes Cientistas Sociais e solicitando autorização para reproduzir páginas de S. Kuznets, de <i>Economic Growth of Nations: Total Output and Production Structure</i> . 2 p. Possui cópia.
Relação	28/08/1974	Referente a créditos de Florestan Fernandes, constando cinco livros e os valores, porcentagem de direitos autorais e exemplares em estoque. 1 p.
Recibo	03/12/1974	Comprovando lançamentos efetuados pela CEN na conta de Florestan Fernandes, referentes à publicação dos livros da série Biblioteca Universitária. 1 p.
Ofício	22/01/1975	Departamento Editorial da CEN para Florestan Fernandes, referindo as condições de publicação de <i>Comunidade e sociedade no Brasil</i> , contendo informações sobre a tiragem e a edição. 1 p.

Tabela	23/03/1976	Produzida pelo Depto. de Contabilidade da CEN, relacionando os direitos autorais de Florestan sobre a publicação de cinco de seus títulos. 1 p.
Demonstrativo de vendas	01/06/1976	Tabela produzida pelo Departamento editorial da CEN, prestando contas sobre edição, exemplares vendidos, preço de venda, valor dos direitos autorais e exemplares em estoque referentes a cinco títulos de autoria de Florestan Fernandes entre as datas 01/06/1976 e 31/05/1977. 1 p.
Ofício	29/07/1976	Departamento de Permissões da Princeton University Press para CEN, informando que em seus registros não constam as taxas referentes à reprodução do material disponibilizado para a série Grandes Cientistas Sociais, acrescentando o pedido de mais um exemplar desse livro a ser encaminhado para um dos autores do material concedido. 1 p., em idioma inglês.
Ofício	11/08/1976	Editora Ática para Florestan Fernandes, informando o montante dos gastos com 47 títulos da coleção Grandes Cientistas Sociais, acrescentando que 17 desses já estão praticamente finalizados. Remete dois exemplares de <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> . 1 p.
Memorando	14/12/1976	Gerente editorial para o diretor presidente da CEN, referindo-se à cessão à LCT de obras de Florestan Fernandes (<i>Comunidade e sociedade e Comunidade e sociedade no Brasil</i>), demonstrando custos diretos e indiretos e o prazo para a editora efetuar o pagamento. 1 p.
Bilhete	07/06/1977	Indicando que nessa data foram cedidos direitos à Editora Ática. 1 p.
Bilhete	02/12/1977	Remetente não identificado a Carlos [Rizzi], onde se lê: "Carlos, nada referente ao autor-CEN-LTC foi encontrado. Em que pé ficamos com esse caso mais em descaso?". 1 p.
Ofício	05/12/1977	Thomaz de Aquino, diretor da Livros Técnicos e Científicos, a Ézio Távora dos Santos, da CEN, informando a possibilidade dessa editora publicar <i>Comunidade e sociedade</i> , de Florestan Fernandes, e solicitando, para tanto, os originais das traduções. Informa sobre a manutenção dos valores de traduções e direitos já combinados no início do ano. 2 p. Anexado: ofício datilografado, informando qual havia sido a proposta verbal feita (entre 12/1976 e o início de 1977) acerca da publicação dessas obras de Fernandes.
Ofício	02/01/1978	Florestan Fernandes a CEN, declarando ter recebido os originais de <i>Comunidade e sociedade</i> e estabelecendo o preço que pagará caso essas obras sejam contratadas, para publicação, por outra editora. 3 p. Possui duas cópias.
Prestação de contas	02/01/1978	Rascunho com valores dos direitos autorais de Florestan Fernandes referentes a <i>Fundamentos empíricos</i> ; <i>Comunidade e sociedade</i> ; <i>Comunidade e sociedade no Brasil</i> ; <i>Branco e negro em São Paulo</i> e <i>Elementos de Sociologia Teórica</i> . 1 p.

Ofício	24/02/1978	Ofício datilografado, remetido de São Paulo, por Thomaz de Aquino, diretor da Livros Técnicos e Científicos Editora (LTC), a Dr. Ézio Távora dos Santos da CEN, informando sobre a publicação de nova edição do livro <i>Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica</i> e solicitando, para tanto, a autorização da CEN para a reprodução fotográfica do texto da última edição, com o acréscimo das modificações necessárias. 1 p.
Ofício	16/03/1978	Carlos Rizzi, gerente editorial da CEN, a Thomaz de Aquino, diretor da LTC, em resposta ao ofício anterior, autorizando a reprodução fotográfica do texto da última edição de <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> , de Florestan Fernandes. 2 p. Possui cópia.
Memorando	02/05/1978	Remetente não identificado a Ezio, lembrando que <i>Branços e negros em São Paulo</i> está entre as prioridades na lista de reedições. 1 p.
Memorando	20/09/1978	Contendo apontamentos sobre providências a serem tomadas para a publicação de trechos de <i>Comunidade e sociedade</i> , referente, sobretudo, às autorizações das editoras que detêm os direitos sobre algumas das obras reproduzidas. 1 p.
Ofício	03/10/1978	Remetente ilegível a João Camilo, comentando a saída lenta das obras de Florestan Fernandes e solicitando que o destinatário informe a Luiz Forte sua sugestão de que se adote “posição mais liberal para a transferência das obras para outra editora”, acrescentando: “diante do quadro geral, e em homenagem ao Prof. Florestan Fernandes, eu chegaria a extremos”. 1 p.
Ofício	20/02/1979	Carlos Rizzi, gerente editorial da CEN, a Florestan Fernandes, lamentando a impossibilidade da editora publicar <i>Comunidade e sociedade</i> e informando a disposição de estudar meios de transferência dessas obras para outras editoras. 3 p. Possui duas cópias.
Protocolo	27/04/1979	Referente à entrega pela CEN dos originais de <i>Comunidade e sociedade</i> para Diaulas Riedel, indicando o recebimento do material em 02/05/1979. 1 p. Anexado, ofício datilografado, de Carlos Rizzi para Diaulas Riedel, informando encaminhar os originais de <i>Comunidade e sociedade</i> para exame e possível publicação pela Cultrix.
Memorando	24/05/1979	Remetente não identificado para Ezio, contendo a relação de títulos a ser considerados para reedição. 8 p. Anexadas, 6 páginas listando títulos para possível reedição.
Memorando	27/06/1979	Remetente não identificado para Ezio, em resposta à nota de 05/06/1979 [não consta no dossiê], apresentando argumentos a serem considerados nas reedições de <i>Aculturação dos alemães no Brasil</i> ; <i>Medicina rústica</i> ; <i>Novo Mundo nos trópicos</i> e <i>Branços e negros em São Paulo</i> , acrescentando sugestões de títulos a serem incluídos na lista.

Ofício	08/08/1980	Ofício datilografado, remetido de São Paulo por Carlos Rizzi , gerente editorial da CEN, para Florestan Fernandes, informando enviar o demonstrativo de vendas/prestação de contas, relativo ao período de 1º de junho de 1979 a 31 de maio de 1980, cujos direitos autorais já lhe foram pagos, informando também que o Comprovante de Rendimentos, para fins de declaração de imposto sobre a renda, ainda será remetido. 1 p. Anexada, tabela datilografada pela CEN, constando a prestação de contas referente a vendas de <i>Fundamentos empíricos da explicação sociológica</i> ; <i>Comunidade e sociedade</i> ; <i>Comunidade e sociedade no Brasil</i> ; <i>Branco e negros em São Paulo</i> e <i>Elementos de Sociologia teórica</i> , e as respectivas informações sobre preço de venda, porcentagem dos direitos autorais e exemplares em estoque.
Ofício	15/12/1980	Carlos Rizzi, gerente editorial da CEN, para Florestan Fernandes, devolvendo ao autor os originais de <i>Comunidade e sociedade</i> , decorrente do desinteresse da CEN em publicá-las e liberando Fernandes para procurar uma nova editora, sem ônus. 1 p. Possui duas cópias.

PARTE III

DOCUMENTOS

CAPÍTULO 7

Uma seleta da correspondência entre Florestan Fernandes e Thomaz de Aquino de Queiroz (1965-1971)¹

JAIME RODRIGUES

1. Na transcrição das cartas, optamos por manter a grafia e a pontuação exatamente da forma como se apresentam os originais, evitando o cotejamento com a norma ortográfica da época e a correção de eventuais erros nos termos dessas mesmas normas. Trata-se de procedimento corriqueiro na transcrição de fontes primárias, sobretudo missivas de caráter pessoal, em que a forma de escrever dos interlocutores também é uma fonte de informação relevante.

[man.]

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras²

Thomaz³:

Terminei a revisão dos “Fundamentos”⁴ e escrevi um pequeno prefácio. Seria bom incluí-lo na paginação romana, para [ileg.] na forma anterior e acrescentar-se o índice analítico e de outros como está, O. K.?

Obrigado e um abraço,

Florestan⁵
14/5/65

2. Papel timbrado no qual consta o nome da instituição no cabeçalho.

3. Nos documentos da Companhia Editora Nacional (CEN) custodiados pelo Centro de Memória e Pesquisa Histórica (CMPH/UNIFESP), o nome aparece grafado de dois modos: Thomaz Aquino de Queiroz e Thomaz de Aquino de Queiroz. Trata-se do então diretor do Departamento Editorial da Companhia Editora Nacional.

4. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica.*

5. Assinatura.

[man.]

ÉCOLE PRATIQUE
DES HAUTES ÉTUDES
(VI^e SECTION)
Sciences Economiques et Sociales
SORBONNE⁷

17, Rue de la Sorbonne (ODEon 24-13)
Paris, le 17 *septembre* 1965⁶

Meu caro Thomaz:

Escrevo-lhe do Centro de Psiquiatria Social do prof. Bastide⁸. Estive com êle no sul da França e consegui convencê-lo a me dar o livro que vai sair pela Flammarion⁹ – Sociologia das Doenças Mentais. Ele me deu os originais revistos da edição que vai sair em Novembro. Seria ótimo se fosse providenciada uma tradução rápida (talvez pelo Joãozinho Ferri?), pois acredito que êsse livro terá êxito fácil. Você deverá, naturalmente, entender-se com a Flammarion (26, rue de Racine – Paris VI^e) e também com Bastide (Centre de Psiquiatrie Sociale – 8, Boulevard des Invalides – Paris VII^e). Deixo a seu critério a coleção. Talvez o melhor fosse publicar na minha...

Tenho tido uma vida ocupada. Uma semana em Copenhagen e, em seguida, desde o dia 11 em Paris. Espero que tudo esteja indo bem com você e as duas editoras¹⁰, entre as quais você divide sua vida e suas esperanças. Recomendações para Carla¹¹, a filha¹² e um saudoso abraço para você,

Florestan¹³

6. Papel timbrado no qual consta o nome da instituição e o endereço no cabeçalho.

7. Os destaques em itálico são manuscritos; o que não está destacado é impresso.

8. Roger Bastide.

9. Éditions Flammarion, editora francesa fundada em 1876 por Ernest Flammarion.

10. Referências à Dominus e à Companhia Editora Nacional.

11. Mulher de Thomaz de Aquino de Queiroz.

12. Cláudia, a quem Fernandes se refere em outras cartas.

13. Assinatura.

[man.]

Columbia University in the City of New York |
Institute of Latin American Studies*New York, N. Y.* 10027
Uris Hall³¹⁴

New York, 23 de setembro de 1965

Meu caro Thomaz:

Espero que tudo corra bem com você e a família. Escrevi-lhe um cartão e duas cartas. Espero que os tenha recebido, principalmente a carta de Paris, que ia acompanhada dos originais do livro de Roger Bastide, para tradução e edição (embora as coisas = não foram fáceis de conseguir, pois Bastide relutava um pouco, talvez por causa de estar em Anduze¹⁵, longe de Paris, e não saber se a casa editora concordava plenamente).

O trabalho, aqui, vai a galope. Não tenho tempo livre para o essencial e algumas recepções, almoços ou jantares. Tenho sido tratado de maneira irrepreensível e estou satisfeito com o modo pelo qual os norte-americanos se portam comigo. Doutro lado, a experiência didática está me ensinando muita coisa importante sobre a qualidade intelectual média do estudante norte-americano. Ela é muito maior do que se diz e se teima em afirmar, embora na Universidade de Columbia eu só veja a “nata” dos estudantes.

O livro sobre relações raciais interessou a três editoras, simultaneamente. Todavia, querem preparar uma edição condensada (texto em português de 500 pp). Por isso, a partir da semana subsequente (não da próxima, que tenho de ir a Yale) – vou ver se posso fazer algo a respeito. Dou preferência à editora da Columbia, que me

14. As duas linhas acima são impressas.

15. Localidade francesa no Departamento de Gard, região da Occitânia.

trouxe para cá. O Wagley¹⁶ deverá escrever (ou mandar escrever) a você para obter autorização?

Até agora não recebi nem o exemplar sobre “Branços e Negros” nem o sobre “A Sociologia numa Era”; você se esqueceu? Ao remetê-los, poderia acrescentar um exemplar da nova edição de “A Organização dos Tupinamba”? Acho que o Monteil daria um, a meu pedido. É para o Wagley.

Doutro lado, devo ir a Yale, fazer uma conferência e um seminário, na próxima semana; e a Harvard no dia 1 de Dezembro. Será que você pode escrever-me em que pé está o assunto da tradução do livro de Parsons¹⁷, sobre o qual falamos. Irei encontrá-lo em Harvard e a oportunidade seria boa para dizer-lhe se a coisa marcha.

Diga a Carla que já comprei dois tubos do “Congestaid” Colgate, só que não sei se poderei levar os dois – são pesados (escolhi o tamanho gigante). Farei o que for possível, ao embarcar.

Lembranças à Carla e à filha. Um abraço saudososo para você,

Florestan Fernandes¹⁸

N.B. – Peço-lhe dar recomendações ao Roberto.

16. Charles Wagley (1913-1991).

17. Talcott Parsons (1902-1979), sociólogo estadunidense, vinculado à Harvard University.

18. Assinatura.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 29 de outubro de 1965

Meu caro Florestan,

acabo de receber sua carta do dia 23. O que não recebi foram as anteriores, enviadas da Europa, e já era tempo de terem chegado. Teriam extraviado? Ou estariam demorando por terem sido expedidas por mala comum, não aérea? O cartão da Dinamarca chegou em ordem e, de fato, encheu os olhos de Cláudia, que já começou a pensar com ansiedade em nossa próxima viagem (julho) à Itália. Aliás, pretendemos passar na ida por Nova York e Boston, quando esperamos poder filar (nós seremos os hóspedes...) um bom jantar do amigo, naquela base de vinhos franceses, queijos suíços, frios alemães etc., etc.! Mande-me, na primeira oportunidade, seu endereço particular.

Já havia tido notícia, através de Marialice¹⁹, de que você está gostando imensamente do trabalho nos Estados Unidos, e de que sua comunicação ao Congresso foi um sucesso enorme. Meus parabéns. Suas observações a respeito do estudante norte-americano coincidem com a minha; coincidirão, também, estou certo, sobre o homem comum. No plano estudantil, o que se nota (além do nível a que você se refere²⁰) é uma dedicação muito mais intensa do que aqui, uma preocupação com os estudos que deixa longe os estudantes brasileiros, hoje mais preocupados com a política do que com os estudos,

19. "Em cima dos acontecimentos que levaram à fragmentação da esquerda, Marialice Mencarini Foracchi (falecida em 1972) fez importantes estudos sobre a práxis estudantil, que já indicavam as motivações pequeno-burguesas dos jovens universitários de então e o caráter de classe média de seu impulso revolucionário. Cf. FORACCHI, Marialice Mencarini. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1965; *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972; *A participação social dos excluídos*. São Paulo: Editora Hucitec, 1982". MARTINS, José de Souza. Impasses políticos dos movimentos sociais na Amazônia. *Tempo soc.* [on-line]. 1989, v.1, n.1, p.134. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701989000100009&lng=en&nrm=i-so. Sobre Foracchi, ver também MARTINS, Tatiana Gomes. *Marialice Mencarini Foracchi: uma Sociologia do protagonismo social*. Disponível em <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2016/02/MM-Foracchi-Tatiana-Martins.pdf>.

20. Rasurado.

mais preocupados com greves e semanas de folga a pretexto disto ou daquilo, do que com aulas. Não tenho razão? Quanto ao homem comum, constitui um povo admirável pelo extremo interêsse pelas artes, pela cultura em geral: já observou os museus e exposições? Notou a quantidade de visitantes e, principalmente, o interêsse efetivo que demonstram? Em certos lugares, como no Metropolitan, cheguei a ficar comovido com o quadro desenvolvido diante de meus olhos, até mesmo mais do que com as extraordinárias obras de arte! Por falar em museu, e já que você irá a Harvard, não deixe de visitar o Isabela Gardner Museum, em Boston: é a coisa mais extraordinária do mundo. Procure visitar também o Museum of Science, no Science Park, a caminho de Cambridge, e, se possível, assistir a uma das aulas de ciência que dão a estudantes do nível elementar. São fantásticas, e dão bem a medida do abismo que separa o ensino deles do nosso. Não²¹ deixe de visitar, também, as bibliotecas Widener e Houghton, na Universidade de Harvard, que valem a pena, principalmente a de obras raras onde, aparentemente, só falta a bíblia de Gutemberg... Ótima a notícia sôbre o interêsse que seu livro sôbre o negro despertou aí e pelas favoráveis perspectivas de publicação nos States. Você receberá alguns exemplares dentro de 15 dias, no máximo. Está ficando uma excelente edição (modéstia à parte!), e acredito que à vista dela os gringos se interessarão pela tradução completa, e não por uma “condensação” de +- 500 págs. Seria bom se eles escrevessem, diretamente para a Dominus, assim cuidarei do contrato para você, sem perder de vista os interêsses financeiros.

Seus livros (Branços e negros, e A sociologia numa era de revolução social) seguiram por via aérea há muito tempo. Não tenho à mãos dados precisos quanto à data da remessa, mas creio que isto se deu enquanto você ainda estava na Europa. Por isso, convém que você

21. Rasurado.

faça uma investigação aí na Universidade: quem sabe receberam antes da sua chegada e o pacote ficou arquivado em algum lugar.

Estou de saída, a caminho de Peruíbe, onde passaremos estes feriados. Mas deixarei instruções para que o Luís²² solicite do Monteil um exemplar da “Organização social dos Tupinambá”, que lhe será enviado sem perda de tempo.

Já escrevi à Prentice-Hall (Divisão Latino Americana, no México) a respeito do livro do Parsons, mas ainda não obtive resposta. Creio que será meio difícil obtermos os direitos, pois a obra faz parte de uma série nova que, como outras nos campos da economia, psicologia, biologia etc., êles cedem apenas integralmente, isto é, todos os títulos em conjunto. Em todo caso, fale com o autor, e quem sabe êle poderá ou desejará intervir e conversar a editôra.

Muito obrigado pelos tubos de “Congestaid”. Não se preocupe com o pêso. Se houver excesso de bagagem, pagaremos a nossa parte. Esqueci-me de lhe dar o dinheiro antes de você embarcar, de modo que junto à esta um cheque de US\$10.00 para essa despesa e para as outras que puder atender. O que sobrar, peça-lhe gastar na compra de lâminas de barbear marca GEM, um tipo especial para um barbeador muito bonzinho que comprei aí e cuja munição acabou. É um tipo daquela antiga Valette, de um só fio, lembra-se?

Com um grande abraço, e esperando que continui mandando notícias daí²³.

22. Referência a Luiz Roberto Malta, assistente editorial da Companhia Editora Nacional.

23. Sem assinatura ou identificação do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

Columbia University in the City of New York |
Institute of Latin American Studies

New York 27, N. Y.
417 West 117th Street²⁴

[dat.]²⁵

New York, 5 de Novembro de 1965

Meu caro Thomaz:

Recebi a sua carta e ela me lembrou de que tinha de lhe escrever com urgência. Na França, arranjei com o Bastide a tradução do livro dele para uma das suas editoras – a Nacional ou a Dominus²⁶. É o livro sobre o qual conversei com você, sociologia das doenças mentais. Um dôce de côco para vender... Recebeu a minha carta e os originais do livro? Responda-me com urgência, pois preciso escrever ao Bastide e colocá-lo a par do que está ocorrendo.

Gostei da sua carta e do seu conhecimento dos States. No entanto, eu estou trabalhando. Não posso me dar aos luxos que você recomenda...

Sobre o livro: tem de ser condensação, pois o custo da tradução paralisaria todo o programa de edição deste instituto por um ano... Darei ao Wagley o endereço da Nacional, para êle se entender com você. Não tenho o da Dominus. Mas, lembre-se, trata-se de uma editora universitária. Não pense que é como se você lidasse com um dos tubarões da industria livreira!

Em Harvard, falarei de novo com Parsons. Acho que êle terá interesse em facilitar as coisas. Ai, escreverei para voce. Doutro lado, os tubos de Congesteid me assustam pelo pêso. Já tinha excesso de

24. As duas linhas acima são impressas.

25. No documento original, os acentos agudos e circunflexos, bem como o til, foram inseridos à mão, decerto por se tratar de um teclado apropriado à escrita em língua inglesa, na qual não há acentuação.

26. Rasurado.

bagagem, pois vim com roupa para passar cinco meses e ainda tive de comprar mais aqui. O pessoal em casa também fez encomendas (sendo que dois querem calças rancheiro, que pesam mais de 3 kilos cada!). Vou ver o que me é possível fazer. No entanto, peço licença para devolver-lhe o cheque. Era só o que faltava.

Não recebi nenhum dos livros e ninguém sabe dizer onde param. Todavia, os planos que tinha a respeito deles goraram. A universidade de Yale queria, mesmo, era editar a integração do negro; como tinha de dar preferência ao Wagley, a coisa foi por água abaixo. Doutro lado, a assistente editorial deles disse²⁷ que o “editorial board” excluiu a possibilidade de publicar coletâneas de ensaios. Por isso, para não ficarem aborrecidos comigo, prometi-lhes um livro a ser escrito, em colaboração com Paulo Singer (se a coisa se realizar agora, é impossível prever o futuro em nossa terra).

Fui convidado para trabalhar em Yale. Mas, preferi manter os planos anteriores, de voltar em janeiro para a nossa terra. Quero ser avô ai, mesmo que tenha dissabores. Portanto, você não vai filar nenhum jantar de mim em New York...

Lembranças para a Carla e a Claudia. Um saudoso abraço para você,

Florestan Fernandes²⁸

27. Rasurado.

28. Assinatura.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 11 de novembro de 1965

Meu caro Florestan,

recebi ontem sua carta do dia 5. Renovo agora minha informação de que não recebi, até agora, os originais do livro do Bastide e tampouco suas cartas. É inexplicável, pois não tenho lembrança de nenhum extravio de correspondência da Europa, em anos e anos. Em todo caso, é bem possível que se trate de simples atraso, particularmente se veio por correio de superfície.

Quanto à sua falta de tempo para andanças extra-didáticas, lembre-se, meu caro, de que também eu estava lá trabalhando e no entanto sempre consegui uma escapada – esporádica, é verdade – para andanças meio turísticas, o que, inclusive, no meu entender, é indispensável para que se evite a estafa inevitável decorrente não só do trabalho, mas dos hábitos diversos, da língua estranha (que chega a dar dor de cabeça a tensão e atenção ininterrupta no que falam e no que se fala...) e, enfim, do trem de vida totalmente diferente. Faça uma forcinha, e procure sentir e ver outros aspectos da realidade norte-americana. Valerá a pena.

Não se preocupe com relação à consulta que nos fará o Wagley: é claro que levarei em conta não só os seus interesses, mas a natureza educacional do empreendimento. Gregos e troianos serão atendidos satisfatoriamente.

Veja a cópia anexa da carta que recebi hoje da Prentice-Hall. Como temia, os direitos sobre todos os volumes da série Foundations of Moderns Sociology, inclusive o do Parsons, foram vendidos englobadamente à Pioneira. Estamos, portanto, fora da jogada.

E uma lástima que aparentemente se tenha extraviado o pacote que lhe enviei. O exemplar do Negro²⁹ era filho único de mãe viúva! Continuo esperando, e a oficina continua prometendo, os primeiros exemplares de “A integração do negro”. Mas é aquela velha estória: o amanhã é sempre outro amanhã que custa a chegar como o diabo... Mas espero que o Ianni³⁰ possa levar-lhe pelo menos dois ou três exemplares. Quer que envie outros pelo Correio? Quantos? Não se preocupe, então, com as encomendas. Embora, naturalmente, esteja disposto a reembolsá-lo das despesas decorrentes de excesso de bagagem, não quero de maneira alguma que a preocupação de procurar e comprar as coisas (que, afinal, são bobagens perfeitamente dispensáveis) aumente ainda mais as amolações naturais numa viagem dessa natureza. Ademais, dentro de poucos meses pretendo passar por aí, quando poderei dar largas aos nossos ímpetos de compras. Com um grande abraço, o³¹

29. Referência ao livro *A integração do negro na sociedade de classes*.

30. Referência a Octavio Ianni, cientista social pela USP desde 1954. Nessa altura, era assistente de Florestan Fernandes na cadeira de Sociologia I da mesma universidade.

31. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

Columbia University in the City of New York |
Institute of Latin American Studies³²

New York, N. Y. 10027

[dat.]³³

New York, 19 de Novembro de 1965

Meu caro Thomaz:

Muito obrigado pelos livros que mandou pelo Ianni. Estão ótimos. Acho que, mesmo para amostra, o êxito de vocês é indiscutível. Espero que comprem, pois temo a retração do comprador diante de um livro sobre o negro fora do futebol...

Não leve a mal a devolução do cheque. Compro e levo o que voces quiserem. Só não acho que seria o caso de cobrar por isso... Trata-se de um gesto de amizade, no qual não deve entrar dinheiro. Eu tenho uma cara tão pamonha que obtenho as coisas de graça ou com muitas reduções... Digo que nós no Brasil estamos assim assim, e ganho tudo que quero! Quanto às laminas, preciso que me diga que tipo prefere (temo que existam vários, de uma mesma marca). Já falei com o Octavio, para ver se podemos fazer um arranjo³⁴ mutuamente vantajoso (para mim e você) a respeito dos dois tubos de “Conges-teid”. O.K.? Não fica aborrecido comigo?

Uma pena o assunto do livro do Parsons. Parece que temos de aceitar a derrota. Agora, existem outros livros interessantes, inclusive um ABC muito acessível sobre o Brasil, escrito por Wagley³⁵ (já falamos dele)[,] e outras coisas. Não querem que aproveite minha estada aqui para ver o que se poderia lancar em portugues ou as edicoes continuam morosamente congeladas?

32. As duas linhas acima são impressas.

33. No documento original, os acentos agudos e circunflexos, bem como o til, foram inseridos à mão, decerto por se tratar de um teclado apropriado à escrita em língua inglesa, na qual não há acentuação.

34. Rasurado.

35. Rasurado.

Os dois livros chegaram. Infelizmente, dei-lhe terrível trabalho por nada! Yale queria mesmo a “integração”³⁶; o livro com o Bastide, por causa dos dois capítulos dele serem meramente descritivos, não despertam muito interesse. A “Sociologia numa Era de Revolução Social”³⁷ eu queria para preparar uma seleção de trabalhos que seriam traduzidos e editados na Argentina (proposta e iniciativa³⁸ do Fernando Henrique³⁹). Mas, cadê tempo para trabalhar nisso? Ando envergonhadíssimo, pois não dou conta de todo o recado e até agora nem pude escrever uma letra do nosso manual, apesar de ter trazido todo o material comigo! Peço-lhe [para] explicar isso ao Sr. Octales⁴⁰. Tenho muita amizade, admiração e consideração por ele. Pensava, honestamente, que teria tempo para adiantar ou mesmo concluir o manual aqui. Ao conversar com o pessoal da Columbia, antes de sair do Brasil, disseram-me que eu teria tempo para isso. Contudo, só se ficasse sem dormir. Com a minha hipertensão, não posso me dar a êsse luxo!

Lembranças para Carla e Claudia. Um cordial abraço para você,

Florestan Fernandes⁴¹

P.S. – A minha conta já engrossou ou as vacas magras continuam a pastar no meu campo? E, quando sai a Educação e Sociedade. Antes de eu sair daqui?⁴²

Ff.

36. Aspas e sublinhado manuscritos.

37. Aspas manuscritas.

38. Rasurado.

39. Referência a Fernando Henrique Cardoso, bacharel em Ciências Sociais pela USP em 1952. Nessa altura, encontrava-se em exílio no Chile. Foi assistente de Florestan Fernandes na cadeira de Sociologia I, doutorou-se em 1961 e foi professor de Ciência Política na mesma universidade.

40. Octalles Marcondes Ferreira, proprietário e presidente da Companhia Editora Nacional.

41. Assinatura.

42. Manuscrito.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 6 de dezembro de 1965

Meu caro Florestan,

recebi há dias sua carta do dia 19, que só agora respondo por fôrça de uma trabalhadeira dos diabos, engrossada pela realização em São Paulo do I Seminário de Editôres, do qual fui coordenador. Sorry... Recebi também, com atraso de meses, sua carta de Paris acompanhando as provas do livro do Bastide. Vamos estudar a coisa com carinho e, depois, entrar em contacto com o autor e com a Flammarion. Parece-me que as possibilidades de uma edição brasileira são bastante razoáveis, inclusive porque nosso Big Boss⁴³ voltou da Europa com outra disposição, com outro entusiasmo: aos poucos vamos desen-cravando dos arquivos casos congelados há anos e, assim, lentamente pondo em ordem a casa. Por isso, creio que seu interêsse e sua disposição em descobrir aí títulos bons, de aceitação quase certa no Brasil, são muito oportunos. Faça um levantamento do material que lhe pareça bom, se quiser peça exemplares de exame (“reading copies”) aos editôres ou autores, e na sua volta vamos estudar caso por caso com a necessária calma. Já que sua choradeira tem dado bons resultados em outros setores, também no caso dos direitos dêsses livros procure chegar às lágrimas... Talvez possamos conseguir condições excepcionais! (Hipótese em que, na sua volta, o convidaremos para ocupar na CEN um lugar no Departamento Editorial...)

Fiquei satisfeito com o fato de nossa edição da “Integração” haver agradado. Fiz o possível, como você sabe, e com o maior carinho, de modo que sua aprovação representa a melhor paga pelos meus

43. Alusão a Octalles Marcondes Ferreira, o proprietário da Companhia Editora Nacional.

esforços. O outro (“Educação e Sociedade no Brasil”) ainda procura galhardamente vencer os entraves da oficina. Mas devo receber as últimas provas por êstes dias (já reuni os três volumes num só) e acredito poder lançá-lo ainda em dezembro, ou na primeira quinzena de janeiro, na pior das hipóteses. Vai ficar um livrão!

Quanto à sua conta, infelizmente as vacas magras ainda continuam firmes. Agora, o que ocorreu foi o súbito desaparecimento de tôdas as verbas da Editôra Universitária⁴⁴ (coisas do famigerado Adhemar⁴⁵), com o que todos os pagamentos estão suspensos, inclusive o relativo ao fornecimento do seu livro. Espero, contudo, que a situação melhore sensivelmente nas próximas semanas, a julgar pelas broncas antológicas do Ferri⁴⁶ à Secretaria da Fazenda.

Perfeito o seu arranjo relativo ao Congestaid. O que você fizer estará ótimo. Nem quero que se preocupe exageradamente com isso. Quanto às lâminas, há um único tipo: GEM, de um só fio (como as antigas Vallet), especificamente para o aparelho de barba GEM. Não há possibilidade de engano.

Já que você não utilizará o exemplar que lhe enviei do “Branços e Negros em São Paulo”, queira por favor devolvê-lo, pois pertence à nossa biblioteca e o livro hoje constitui verdadeira môsca⁴⁷ branca. Mande-o pelo correio comum, que chegará em ordem. Alguém⁴⁸ aí da Columbia poderá eventualmente cuidar disso, livrando-o do trabalho ~~XXX~~ (e do pêso) de trazê-lo com sua bagagem.

Quanto ao manual, paciência. O que não tem remédio – diz com muita sabedoria o velho ditado – remediado está. Estou certo de que na volta você poderá prepará-lo, ou melhor, terminá-lo com a urgência requerida pelo projeto. E por falar em manual, você conhece

44. Referência à Editora da Universidade de São Paulo (Edusp).

45. Alusão a Adhemar de Barros (1901-1969), então governador do estado de São Paulo.

46. Mário Guimarães Ferri (1918-1985), botânico, professor da USP e então presidente da Comissão Editorial da Edusp.

47. Rasurado.

48. Rasurado.

aquela Sociologia do Pinto Ferreira⁴⁹, de Pernambuco? Uma obra em dois volumes, publicada há cerca de sete ou oito anos, e hoje esgotada? Ele acaba de oferecer-nos a reedição, e estou procurando colher pareceres. Disse-me Isaura⁵⁰ que ele não chega a ser bem visto nos meios universitários, em consequência de insuficiências profissionais inadmissíveis. Marialice não conhece nem obra nem autor, mas enviei-lhe o livro para um parecer. Apesar disso, gostaria muito de conhecer sua opinião. Está claro que o estudo das possibilidades de publicação dessa Sociologia não altera, absolutamente, nosso acôrdo para o manual.

Quando você volta? Já marcou definitivamente passagem?

Com um grande abraço, o⁵¹

49. Referência à obra *Sociologia*. Rio de Janeiro: Konfino, 1955. Seu autor, Luiz Pinto Ferreira (1918-2009), foi advogado, promotor, político e professor da Faculdade de Direito do Recife a partir de meados dos anos 1940. Suplente do senador José Ermírio de Moraes em 1962, ambos eleitos pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), assumiu o mandato entre 1962 e 1963. Presidente do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) pernambucano, redigiria um anteprojeto de Constituição em 1988.

50. Provável alusão a Maria Isaura Pereira de Queiroz (1918-2018), socióloga e então professora na Université de Paris antes de sua divisão nos moldes como se apresenta hoje.

51. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 13 de dezembro de 1965

Meu caro Florestan,

um rapidíssimo bilhete apenas para informá-lo de que já começamos a tradução do livro The Cultural Background of Personality⁵², de Ralph Linton⁵³. Conseguimos aqui (além, é claro, do volume base, acima citado) o livro The Science of Man in the World Crisis⁵⁴, de que aproveitaremos o capítulo inicial (“The Scope and Aims of Anthropology”). Mas está sendo difícil localizar o outro, Acculturation in Seven American Indian Tribes⁵⁵, publicado pela D. Appleton-Century Co. Nem a biblioteca do seu Departamento o possui.

De modo que sou obrigado a pedir o seu auxílio: não seria possível obter aí o volume, mesmo por empréstimo?

Com um grande abraço, e desejando ao prezadíssimo amigo um bom Natal e um felicíssimo ano novo, o⁵⁶

52. Publicado originalmente em Nova York e Londres pela D. Appleton-Century Company em 1945.

53. Antropólogo estadunidense, nascido em 1893 e falecido em 1953.

54. Publicado originalmente em Nova York e Londres pela Columbia University Press e pela Oxford University Press, em 1945.

55. Publicado originalmente em 1940.

56. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

Columbia University in the City of New York |
Institute of Latin American Studies

New York, N. Y. 10027
Uris Hall⁵⁷

[dat.]

New York, 22 de Dezembro de 1965

Meu caro Thomaz:

Escrevo-lhe a presente á propósito de uma carta que recebi do sr. Rolf Reichert⁵⁸. No mês passado, êle escreveu-me da Bahia propondo-se ser intermediário da tradução de *A Integração* para o alemão. Depois, escreveu-me três cartas, comunicando endereços em que estaria na Europa e pedindo-me para enviar um exemplar do livro para o dr. Hans Albert Steger⁵⁹, da Sozialforschungstelle and⁶⁰ des Universität Münster-COSAL. Não tive tempo de atender ao pedido, por causa das andanças por Harvard, Wisconsin e do Seminário sôbre Relações Raciais na Amèrica Latina, organizado pelas universidades de Columbia e Corneel. Sob o peso de nova carta, resolví tomar uma decisão heroica. Enviei ao dr Steger uma das duas cópias que me sobravam (a outra tinha dado ao Dr. Charles Wagley, em função dos projetos em andamento de tradução). Agora, queria que você soubesse dêsses arranjos e, principalmente, que atendesse ao dr. Reichert ou⁶¹ ao dr. Steger como for possível. Tenho muitos interesses em suplementar a renda pelos direitos autorais (o Octavio⁶² contou-me coisas de assustar sôbre a nossa irremediavel situa-

57. As duas linhas acima são impressas.

58. Professor alemão que, em 1968, ministraria um curso sobre a História da Palestina no Centro de Estudos Afro-Orientais da então Universidade da Bahia.

59. Latino-americanista alemão, nascido em 1923 e falecido em 2015. Em 1965, chefiava o Dortmund Social Research Center da Universidade de Münster, fundado em 1946.

60. Rasurado.

61. Rasurado.

62. Alusão a Octavio Ianni.

ção financeira e a Myrian⁶³ mandou-me um relato sôbre a alta das anuidades escolares que me desanimou). Mas, também vejo alguma compensação na tradução do livro. Por isso, você precisa ser como o antigo governador⁶⁴, o dr. Carvalho Pinto: é preciso colher os ovos sem matar a galinha... (norma que devia ser universalizada no Brasil, pois a galinha é mais importante que o ôvo!.. Que o diga quem goste de canja).

O Octavio se foi ontem. Não tive coragem de mandar os tubos de “Congesteid” com êle. Tinha um tal excesso de bagagem, que mais pedia a alguém que repartisse com êle o pêsô de sua bagagem⁶⁵. Darei um jeito; diga⁶⁶ para a Carla não desanimar... Comprei um pequeno⁶⁷ conjunto de lâminas Gem (18 unidades). Até o embarque, é capaz que compre outro para você e um pouco de lâminas tradicionais para mim. A nossa é uma porcaria.

Abraços para você e todo o pessoal,

Florestan Fernandes⁶⁸

P.S. – Dei o seu endereço da Dominus – Av. São João. O.K.⁶⁹

63. Myrian Rodrigues Fernandes, sua esposa.

64. Rasurado.

65. Rasurado.

66. Rasurado.

67. Rasurado.

68. Assinatura.

69. Manuscrito à margem esquerda.

Columbia University in the City of New York |
Institute of Latin American Studies

New York, N. Y. 10027
Uris Hall⁷⁰

[dat.]

New York, 28 de Dezembro de 1965

Meu caro Thomaz:

Já tinha escrito para você quando me chegou às mãos uma carta de 13 de dezembro, na qual você me dá conta das dificuldades⁷¹ relacionadas com a tradução de Linton. Procurei Acculturation in Seven American Indian Tribes. Mas, a obra não existe nem para remédio.

Solução: ou você usa o exemplar da biblioteca do Departamento de Antropologia (ela não pode ter sumido). Ou apela: 1) para mim; 2) para a biblioteca da Escola de Sociologia e Política; 3) para a Biblioteca Municipal. O meu exemplar está à sua disposição, sob sua responsabilidade pessoal, é claro. Só que não sei onde está. Você pode ir à minha casa (Rua Nebraska, 392); a Heloisa, minha filha mais velha, agora está em casa, por causa da gravidez (conta com uns⁷² problemas que a inabilitam para tomar conta dos afazeres domésticos; por isso, está morando lá até o nascimento da criança). Ela conhece bem a biblioteca. O livro está numa estante de antropologia, dedicada a obras sobre mudança cultural. Se o livro não estiver lá, então ainda se encontra em poder do Schaden⁷³. Nesse caso, você pode falar com êle para ceder-lhe o livro. O.K.? Em último caso, se

70. As duas linhas acima são impressas.

71. Rasurado.

72. Rasurado.

73. Egon Schaden, (1913-1991), cientista social pela USP em 1937. Especializou-se em Antropologia indígena.

não descobrirem o meu exemplar, acredito que a Gioconda⁷⁴ também possui um. Fale com ela, que acredito que ela terá o maior gosto em emprestá-lo a você⁷⁵.

Passsei os dias anteriores e posteriores⁷⁶ ao Natal com os Wagle, em Connecticut; e vou passar os de passagem de ano com os Morse, em New Haven. A pressão subiu muito e os meus remédios não estão me adiantando muito. No resto, tudo vai bem. Hoje, recebi uma carta do dr. Hanns-Albert Steger, pedindo⁷⁷ a remessa da “Integração do Negro à Sociedade de Classes”. Respondi-lhe dizendo que já enviara um exemplar (DominusS.A.) sob a recomendação⁷⁸ do Dr. Reichert e frizei que êle deveria se entender com você /sôbre a tradução para o alemão⁷⁹. O.K.?

Renovo-lhe meus desejos de um Feliz Ano Novo, para você, a Carla e a filha, enviando-lhe um cordialíssimo abraço,

Florestan Fernandes⁸⁰

74. Gioconda Mussolini (1913-1969), antropóloga e professora da USP.

75. Rasurado.

76. Rasurado.

77. Rasurado.

78. Rasurado.

79. O trecho após a barra é manuscrito.

80. Assinatura.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 30 de dezembro de 1965

Meu caro Florestan,

recebi sua carta de 22, e fico ciente de seus contactos com os srs. Rolf Reichert e Hans-Albert Steger, da Sozialforschungstelle an der Universität Münster-Cosal. Esteja tranqüilo: defenderei como se fôsem meus os seus direitos autorais sôbre a eventual tradução, usando para isto de arte, engenho e moderação... Vamos preservar a galinha, colhendo cuidadosamente os ovos.

Muito obrigado pela compra das lâminas, com o que salvarei, pelo menos por algum tempo, o barbeador que comprei aí. Peço-lhe mais uma vez não se preocupar com os tubos de Congestaid: se forem um trambolho na volta, use-os⁸¹ desde já nas noites frias daí – sei que os resfriados e a secura de nariz andam à sua volta... – evitando as preocupações de última⁸² hora. Sem qualquer constrangimento.

Aqui, as coisas realmente andam ruizinhas. Mas, a meu ver, apenas para a Faculdade. As verbas andam sumidas ou congeladas, os aumentos salariais capengando com a má vontade tradicional do cacique Adehamr de Barros (veja como estropiei, sem querer, o nome do homem: subconsciente funcionando!), em virtude da permanente crise de hemorróidas do governador e do reestabelecimento das famosas e famigeradas caixinhas. A Dominus, por exemplo, aos poucos vai chegando à situação de enfrentar dificuldades quase insuperáveis com os atrasos de pagamento da Editôra da Universidade de São Paulo. O Ferri anda uma fera com isso tudo, o pessoal da Comissão

81. Rasurado.

82. Rasurado.

Editorial desgostosíssimo, o Brito da Cunha⁸³ pensando em pedir demissão do cargo de conselheiro, e assim por diante. Uma verdadeira “merde”, como diriam os franceses sem pestanejar... O quadro é o resultado natural de haver, o povo paulista, levado aos Campos Elísios⁸⁴ um cafageste da pior espécie.

Fora da faculdade, acredite no que digo, vai tudo muito bem. Continuamos trilhando aquêlê caminho seguro de reerguimento econômico e financeiro, a taxa de inflação caiu para índices relativamente razoáveis e suportáveis, a indústria voltou a trabalhar a regime normal, o desemprego (que sempre foi relativo, mesmo nos piores momentos) praticamente já não existe. Respiramos tranqüilidade. O que é decisivo para um trabalho eficiente e produtivo. Para que você tenha uma idéia do que digo, basta reproduzir em rápidas palavras o que vivemos em São Paulo às vésperas do Natal: lojas abarrotadas de gente, na cidade e nos bairros, a tal ponto que pretendi fazer umas compras no Mappin⁸⁵ e, depois de cinco minutos, saí de lá horrorizado⁸⁶ com um verdadeiro oceano humano tomando literalmente tudo quanto era espaço! Uma coisa de espantar, mas paradoxalmente estimulante por ser a demonstração viva de que as finanças domésticas estão melhores do que muita gente pensa e diz, às vésperas maliciosamente, tendenciosamente. Você sem dúvida sentirá isso quando voltar, apesar da gradativa redução efetiva de vencimentos e, portanto, de poder aquisitivo. O que ocorre com Carla que, entretanto, não deixa de constatar o que digo e o que todos sentimos. A vida está melhorando do ponto de vista financeiro e econômico, embora politicamente muitos desacertos possam ser criticados.

83. Antônio Brito da Cunha (1925-2019), biólogo pela USP, onde lecionou, além de ser professor visitante em diversas universidades nos Estados Unidos, em Porto Rico e na Inglaterra.

84. O Palácio dos Campos Elísios, no bairro paulistano de mesmo nome, sediava então o Executivo estadual.

85. Tradicional loja de departamento no centro de São Paulo. A loja aqui referida provavelmente era a maior e mais conhecida, situada na Praça Ramos de Azevedo. Encerrou suas atividades, por falência, em 1999.

86. Rasurado.

E você, quando volta? Fevereiro? Vamos ver se até lá a caixa da Editora da Universidade terá melhorado, com o que melhorarão as finanças da Dominus e, por consequência, as suas. Terei imenso prazer em poder pagar-lhe uma bolada razoável.

Recebi ontem novas provas – e últimas, acredito – da Educação e Sociedade. Pedi ao Ferri uma revisão urgentíssima, para podermos lançar o livro ainda em janeiro, no máximo e[m] fevereiro. Gostaria de tê-lo pronto à sua volta.

Por outro lado, esgotou-se a Sociologia numa era de revolução social. Boa vendagem, demonstrando que o campo no Brasil para certos livros aumenta constante e continuamente.

Não pude concluir, pela sua carta, se recebeu as minhas dos dias 6 e 13 do corrente. Como a última levava um pedido importante, junto uma cópia.

Com um grande abraço, e renovando aqui meus melhores e mais sinceros votos para um ano nôvo cheio de saúde e felicidade,⁸⁷

87. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

Columbia University in the City of New York |
Institute of Latin American Studies

New York, N. Y. 10027
Uris Hall⁸⁸

[dat.]

New York, 12 de janeiro de 1966

Meu caro Thomaz:

Aquí vai a última carta de N.Y.. O frio ficou tão brabo, que apesar de gostar muito da cidade, não lamento ir embora. É um frio que entra por toda parte – pelo sapato, pela roupa, e que deixa a gente gelado por dentro. Transforma o pinto em picolé, você nem queira saber.

As notícias sôbre a Universidade não podiam ser outras. E com o governador que temos, deveremos “dar graças a Deus” se sobre alguma coisa pela época do fim do seu mandato. O que me consola é que êle foi eleito pelas elites, para “salvar o país” e com a segurança de que “êle mudou, já está muito velho para agir como antes”. Ora, não me consta que as pessoas mudem com a idade: aperfeiçoam-se. Está aí a prova. Todavia, não se preocupe comigo. Quando estiver aí, depois que tudo for acertado, então se você puder me chamará às falas. Gosto muito dessas falas sonantes... O que importa e me preocupa: tenho medo que o livro não saia tão ^{bem}⁸⁹ depressa quanto você imagina. Vai vendendo?

As notícias que você me deu sôbre a economia contradizem outras que recebo de casa: cartas pedindo dinheiro, da Mirian e cartas dizendo o custo das coisas. Só o colégio do Jor. vai custar 980 (no-

88. As duas linhas acima são impressas.

89. Correção manuscrita.

vecentos e oitenta contos, mesmo) no ano⁹⁰ letivo em curso. Tudo aumenta, como se a prática fosse mais forte que as pessoas. Como vamos aguentar isso, com a renda congelada ou em declínio (que é a situação do pessoal docente da U.S.P.)?

Quanto à volta: arranjei na Columbia para embarcar logo depois do dia 22, em que vencem as obrigações letivas. Marquei o vôo 855, da Varig, que parte dia 25 de N.Y. (19,30) e chega em Congonhas dia 26 (10 e 20). Trata-se de uma experiência que faço, em matéria de voo, pois acho que a temperatura aí está muito quente para a aviação moderna. Como p[ileg.] de pato a ganso no Rio, trocando de avião, tenho esperanças de não sentir tanto os efeitos do calor...

Mando-lhe um saudoso abraço,

Florestan Fernandes⁹¹

90. Rasurado.

91. Assinatura.

Columbia University in the City of New York |
Institute of Latin American Studies

New York, N. Y. 10027
Uris Hall³²

[dat.]

New York, 20 de Janeiro de 1966

Meu caro Thomaz:

Eis um recado, só para pôr você a par da situação. Tive de cancelar o vôo dia 25, por causa de complicações com o visto do meu⁹³ passaporte. Imagine que devia possuir visa J-2 e me dera^{m94} B-2; agora, estou numa posição dos diabos. O Instituto e a Universidade estão empenhados no caso. Mas, parece que a solução poderá demorar de duas a três semanas até a dois ou três meses! Um abacaxi enorme⁹⁵, tendo-se em conta os gastos imprevistos, a inexistência⁹⁶ de renda suplementar e o fato de que meu contrato termina êste mês. Ainda, por cima, é possível que tenha a pagar a mais, no imposto de renda, de 800 a 1200 dólares!

Espero vencer êste contratempo e voltar para o Brasil imediatamente em seguida. Recebí ofertas de trabalho; uma delas me interessa de perto, se for possível combiná-la⁹⁷ com as minhas obrigações aí. Estou pensando. Douro lado, recebí dois convites para escrever livros, que estou estudando⁹⁸.

Na semana passada, estive em New Haven⁹⁹ de novo e fui a Hanover, onde está a Universidade de Dartmouth. Ví o que é neve

92. As duas linhas acima são impressas.

93. Rasurado.

94. Letra "m" manuscrita.

95. Rasurado.

96. Rasurado.

97. Rasurado.

98. Rasurado.

99. Rasurado.

de verdade e como ela fica bonita numa paisagem de tons rurais.

Recomendação para a Carla e sua linda filha, com um abraço cordial para você,

Florestan Fernandes¹⁰⁰

100. Assinatura.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 27 de janeiro de 1966

Meu caro Florestan,

um rápido bilhete, em resposta ao seu não menos rápido recado do dia 20, apenas para dizer-lhe que tenho aí¹⁰¹ um grande amigo, de uma organização traquejada em problemas de viagens – a Franklin Book Programs, que foi quem me proporcionou a ida aos States – que provavelmente terá meios de ajudá-lo nessa trapalhada inesperada do visto. Você o encontrará na Park Avenue South, 432 – tel. MU 3-2500. Se ele não estiver, uma de suas secretárias, Miss Susan Hertelendy – que já morou no Brasil, e fala um português corretíssimo – talvez possa ajudar. Procure-o em meu nome.

É uma barbaridade essa perspectiva de ser obrigado a ficar por aí mais um ou dois meses, com contrato vencido, com possibilidade de entrar pelo cano no “income tax” e, além de tudo, agüentando um frio que não deve ser brinquedo.

Por outro lado, tenho (como bom gorila...) bons amigos tanto no Consulado Americano de São Paulo, como o Brenno Silveira, como na Embaixada, no Rio, particularmente na USAID e no USIS. Se isto puder ajudar em algo, diga-me como devo agir e imediatamente começarei os contactos. Escreva-me, se for o caso.

Com um grande abraço, o¹⁰²

101. Rasurado.

102. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 15 de setembro de 1966

Meu caro Florestan,

apenas umas rápidas linhas (para não estragar o seu “dolce far niente” nessa fabulosa cidade...) para pedir-lhe um enorme favor: tomei a liberdade de sugerir a Mr. Alfred van der Marck¹⁰³, da McGraw-Hill Book Company, que confie a você um pequeno embrulho contendo os originais das ilustrações de um livro de Zoologia que vamos publicar. Eles estavam com medo de perdê-las num eventual extravio!

Não sei se esta carta, e a outra que estou escrevendo à editôra, chegarão em tempo. De qualquer modo, fico-lhe imensamente grato.

Um abraço do¹⁰⁴

103. 1933-2003.

104. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 22 de setembro de 1966

Meu caro Florestan,

não vi outra saída para o problema criado com o livro de D. Helena Maria: colaboração, não conseguimos de ninguém; traduções, por incrível que pareça, mal saíram da estaca zero, coisa inédita na Editora; o tempo, passando, e com êle aumentos de custos tornando ainda mais salgadas as estimativas iniciais; e assim por diante.

À sua revelia, fui obrigado a decidir de uma vez a interrupção dos trabalhos e o cancelamento da programação do Doença e Sociedade. Mas sei que você compreenderá e, mais, saberá consolar a autora. Oportunamente conversaremos.

Grande abraço do¹⁰⁵

105. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[dat.]

Companhia Editora Nacional
 Depto. Editorial e de Produção¹⁰⁶

RELAÇÃO DOS LIVROS E REVISTAS DO PROF.
 FLORESTAN FERNANDES
 DEVOLVIDOS AOS CUIDADOS DO DEPTº
 DE SOCIOLOGIA, NO DIA 23 DE SETEMBRO DE 1966

Livros

Sociological studies of health and sickness
 Social problems and social policy
 Social problems
 Social pathology

Revistas

Social Problems (Vol. 6 nº 4)
 Social Problems (Vol. 4 nº 1)
 Rural Sociology (Vol. 27 nº 4)
 The American Journal of
 Sociology
 (Vol. 68 nº 3)
 Idem (Vol. 66 nº 6)
 Idem (Vol. 68 nº 4)
 Idem (Vol. 66 nº 3)
 American Sociological Review
 (Vol. 26 nº 2)
 Idem (Vol. 26 nº 1)
 Idem (Vol. 23 nº 1)
 Idem (Vol. 27 nº 1)
 Idem (Vol. 28 nº 1)

Rua dos Gusmões, 639 – Caixa Postal, 7032 – Endereço Telegráfico “EDITORA” ·
 Fones 34-5721 – 36-0036 – São Paulo 2, SP¹⁰⁷

106. Papel timbrado no qual consta o nome da empresa no cabeçalho.

107. Timbrado no rodapé da folha.

[dat.]

Thomaz:

Deixo-lhe os originais do livro, com uma leitura tão criteriosa quanto me foi possível. A revisão¹⁰⁸ pareceu-me ótima e o revisor merece os nossos ecômios. Como você poderá verificar, escaparam apenas alguns senões, todos de pequena monta.

Quanto ao índice analítico: com as diferenças de paginação, entre uma edição e outra (ou entre uma composição e outra) as referências precisaram ser reformuladas. Não tenho tempo para isso. Qual a solução que você dará ao problema?

Recebi uma carta da Alemanha, na qual se trata da tradução do livro¹⁰⁹ A Integração do Negro à Sociedade de Classes¹¹⁰. O ator da carta reporta-se à conversa que tive, aqui, com o dr. Hanns Albert Steger. Lembra-se, que eu lhe dei conta da conversa (bem como da correspondência anterior)? Seria necessário¹¹¹ que você escrevesse para o dr. Jürgen Gräbener, em nome da Dominus, para garantir que está de acôrdo com a minha concordância de ceder-lhes os direitos de versão e edição. A obra será publicada pela Editôra “Coloquium”, de Berlim. Endereço: COSAL, Sozialforschungsstelle an der Universität Münster, D-4600, Dortmund, Rheinlanddamm 199, Alemanha. Eles temiam exigências que dificultassem a tradução e a edição, pois não contam com recursos para a envergadura da obra e só podem empreendê-la graças a um auxílio do Sr. Teves, de Frankfurt.

108. Rasurado.

109. Rasurado.

110. Publicado como FERNANDES, Florestan. *Die Integration des Negers in die Klassengesellschaft*, v.1, Berlin/Zurich: Verlag Gehlen; Bad Homburg v.d.H., 1969. Tradução de Jürgen Gräbener; v.2, Munchen, Wilhelm Fink Verlag, 1977. Tradução de Angela Dulle.

111. Rasurado.

Mando-lhe um cordial abraço,

Florestan¹¹²

24/X/66

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Mod. 02.03.088 · 2.000x50 · 3/66

Secção Gráfica F.F.C.L., U.S.P. imprimiu¹¹³

112. Assinatura.

113. Timbrado no rodapé da folha.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 26 de junho de 1967

Meu caro Florestan,

você poderia dar o seu parecer sobre o trabalho da mulher do Saffioti¹¹⁴, baseado nos quesitos anexos? Lembre-se de que você aventara a possibilidade, eventualmente conveniente, de publicarmos apenas uma parte do livro.

Muito grato, o¹¹⁵

114. Trata-se da socióloga Heleieth Lara Bongiovani Saffioti (1934-2010), mulher do químico Waldemar Saffioti. Ela foi a autora de uma tese de livre-docência defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara em 1967 e publicada como livro dois anos depois: *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969, além de reedições posteriores.

115. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[dat.]

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
 FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
 CAIXA POSTAL 8 105
 SÃO PAULO (BRASIL)¹¹⁶

Thomaz:

A parte que me coube no concêrto é a que consta da fatura e recibo (NCr800,00). O meu sôgro já pagou.

Seria preciso mandar depositar na conta bancária dele aquela quantia: Banco Moreira¹¹⁷ Sales S. A., agência¹¹⁸ da consolação. Rua Augusta, 1.198. Sr. Sebastião Rodrigues¹¹⁹.

Obrigado por tudo. Um abraço,

Florestan¹²⁰

23/7/67

Mod. 45 – 200x50 – 3/61¹²¹

116. Papel timbrado no qual consta o nome da instituição no cabeçalho.

117. Rasurado.

118. Rasurado.

119. Sublinhado à mão.

120. Assinatura.

121. Timbrado no rodapé da folha.

[dat.]

CÓPIA¹²²

São Paulo, 5 de março de 1968

Prezado amigo:

Tomo a iniciativa e a liberdade de submeter à sua apreciação e, portanto, à consideração da Comissão Editorial da Editôra da Universidade de São Paulo, a possibilidade da Editôra da Universidade de São Paulo dar seu apoio à publicação da monografia sôbre os Tapirapé¹²³, do iminente professor Dr. Herbert Baldus¹²⁴. Essa obra consome a maior parte da infatigável e profícua carreira dêsse mestre, que ajudou a formar alguns dos melhores especialistas no campo, em nosso país, cuja influência foi decisiva, inclusive para a nossa escola (Lucila Herrmann¹²⁵, Gioconda Mussolini, o autor desta carta e vários outros fizeram mestrado sob sua orientação).

A obra já é conhecida em parte, por causa da publicação prévia de alguns capítulos (em português, inglês ou alemão) e está sendo aguardada sob grande expectativa científica. Constitui uma monografia exemplar, que aponta todos os aspectos da cultura Tapirapé, das relações com a natureza e das relações sociais às relações com o sagrado.

Em meu entender, ela deveria merecer da Editôra da Universidade de São Paulo todo o apoio possível. Trata-se da obra magna de um mestre que nos prestou tantos serviços, que é uma rara oport-

122. Carimbo no alto, à esquerda.

123. BALDUS, Herbert. *Tapirapé*: tribo tupi no Brasil Central. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1970.

124. Nascido na Alemanha em 1899 e falecido em São Paulo em 1970, era antropólogo formado na Friedrich-Wilhelms-Universität em 1928. Ele regressou à Alemanha para sua formação depois de passar anos no Brasil, para onde voltou e onde permaneceu até seu falecimento, tendo trabalhado na Escola de Sociologia e Política e na USP.

125. Doutora em Sociologia, foi assistente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e, nessa altura, chefiava o setor de Pesquisas Sociais do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da mesma universidade.

tunidade poderemos demonstrar, dessa forma, o nosso reconhecimento. Além disso, ela é importante, como marco da evolução da etnologia no Brasil. Nimuendajú¹²⁶ e Baldus representam o momento em que a pesquisa de campo, no estudo do índio brasileiro, adquiriu maior complexidade, passando a abranger, sistematicamente, todos os aspectos não-materiais da cultura. Foi o mestre de uma geração e, embora não encontrasse no Brasil uma situação compatível com seus méritos, nem por isso deixou de trabalhar com entusiasmo e de estimular os jovens com vocação científica, contribuindo de modo singular para que a “etnologia brasileira” grangeasse o prestígio internacional que desfruta atualmente.

Vejo-me na contingência de insistir sôbre êsses aspectos porque, malgrado o valor do livro, a importância e notoriedade do autor, e a significação que a obra possui, sua edição envolve sérios riscos editoriais. Se a Editôra da Universidade de São Paulo puder dispensar-lhe o se patrocínio, será então mais fácil publicá-la e colocá-la ao alcance dos especialistas ou estudantes nacionais e estrangeiros.

Agradeço ao prezado amigo o que puder fazer em consequência desta recomendação. Aproveito o ensejo para subscrever-me, cordialmente,

Dr. Florestan Fernandes¹²⁷

Professor da Cadeira de Sociologia I

Exmo. Sr. Prof.

Dr. Mário Guimarães Ferri

DD. Presidente da Comissão Editorial da Ed. da Univ. de S. Paulo
Cidade Universitária

126. Alusão ao etnólogo Curt Nimuendajú, nascido Curt Unckel na Alemanha em 1883 e falecido no Brasil em 1945.

127. Sublinhado à mão, com seta desenhada na margem esquerda apontando para o texto.

[dat.]

S. Paulo, 26/4/68

De: Prof. José Pastore¹²⁸

Para: Sr. Thomas Aquino Queiroz

Re: Publicação de livro

Em anexo, envio-lhe copia de carta do Dr. Ferri em que o Prof. Florestan Fernandes recomenda o meu livro sobre Brasília¹²⁹ – para publicação na Editora da USP. Isso resolve o problema do lado da USP. Por outro lado, recebi carta da Universidade de Wisconsin dizendo que estão estudando o financiamento da obra havendo problema apenas no que se refere ao quantum. Resposta definitiva deve chegar dentro de 3 semanas. Finalmente, informo que o livro já está totalmente traduzido e em fase de adaptação à audiência brasileira¹³⁰. Espero ter tudo pronto para Julho, 1968.

128. Nascido em 1935, sociólogo e professor da Faculdade de Economia e Administração da USP.

129. PASTORE, José. *Brasília: a cidade e o homem*. Uma investigação sociológica sobre os processos de migração, adaptação e planejamento urbano. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1969.

130. A obra foi originalmente defendida como tese de PhD na University of Wisconsin em 1968: *Satisfaction Among Migrants to Brasilia, Brazil: A Sociological Interpretation*.

[dat.]

São Paulo, 18 de Abril de 1968

Senhor Presidente:

Tomo a liberdade de recomendar à alta¹³¹ consideração de Va. Excia. e, por seu intermédio, da Comissão Editorial da Editôra da Universidade de São Paulo, o trabalho do dr. José Pastore, Satisfaction among Migrants to Brasilia, Brazil: a Sociological Interpretation (University of Wisconsin, 1968). Trata-se de obra de investigação muito criteriosa e de alto interesse científico, que enriqueceria a nossa bibliografia sociológica se fosse prontamente publicada em português.

As razões que me levam a recomendar a edição do livro em português são as seguintes. Primeiro, o assunto. Brasília é uma cidade que ainda não foi suficientemente estudada e a obra do dr. Pastore constitui uma tentativa de investigação sociológica que focaliza o principal aspecto da fixação de populações migrantes (estudando a satisfação dos vários estratos sociais de migrantes e principalmente a privação relativa de satisfação). Segundo, as implicações que tem sobre o desenvolvimento da pesquisa sociológica. É uma das poucas obras recentes em que se procura explorar técnicas quantitativas na análise e no teste de hipóteses formuladas de modo rigoroso. Nesse sentido, é uma obra altamente educativa, que pode ser de enorme utilidade na preparação do estudante avançado ao uso criterioso da quantificação na sociologia. Terceiro, a qualidade intelectual do trabalho. É uma obra digna de êncômios, por revelar não só a sólida formação científica do autor[,] mas sua capacidade de planejar uma pesquisa, em todas as suas etapas, e de explorar construtivamente

131, As letras "al" são manuscritas.

os dados empíricos relevantes para a elaboração teórica. Sob esse aspecto, coloca-se como um trabalho que merece a recompensa da publicação, como um estímulo especial e como recurso para elevar o padrão intelectual médio dos pesquisadores em nosso meio.

Apesar de todas as qualidades do trabalho, dificilmente êle poderá ser editado, malgrado um auxílio especial da Universidade de Wisconsin, sem o patrocínio da Editôra da Universidade de São Paulo. É presumível que a obra encontre um bom público, mas não tão numeroso que represente, por si mesmo, um estímulo comercial suficiente para que uma editôra se abalance a enfrentar sozinha e sem nenhum apoio os riscos financeiros da edição. Como antigo professor, colega e admirador do dr. Pastore peço vênha para ressaltar essa dificuldade e para insistir, em função dela, no sentido de que a Comissão Editorial dispense à sua obra as prioridades que forem admissíveis.

Agradeço a atenção que Va. Excia. dispensar a esta recomendação e aproveito a oportunidade para subscrever-me, atenciosamente,

Florestan Fernandes¹³²

Dr. Florestan Fernandes

Prof. da Cadeira de Sociologia

Dr. Mário Guimarães Ferri

DD. Presidente da Comissão Editorial

Editôra da Universidade de São Paulo

Reitoria da Universidade de São Paulo

Em Mãos

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Mod. 02-03-088 · 2.000X50 · 3/66

Secção Gráfica F.F.C.L., U.S.P. imprimiu¹³³

132. Assinatura.

133. Timbrado no rodapé da folha.

[man.]

Thomaz:

Aqui vai o livro de Lenhard¹³⁴. Peço-lhe requer urgência do prof. Anísio¹³⁵, pois o autor está apreensivo com a perspectiva de publicação. O estudo¹³⁶ é bem feito e sólido, [ileg.] três situações diferentes (Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul; Mococa, em São Paulo; e Macaé, na Baixada Fluminense).

Agradeço-lhe o que puder fazer pelo A., que é um sociólogo modesto, mas de espírito instintivo e bem intencionado. Se for necessário, é capaz que êle abra mão dos direitos autorais.

Com um abraço,

Florestan¹³⁷

16/6/68

134. Rudolf Lenhard, formado em Direito pela Universität zu Köln, na Alemanha (1935), naturalizou-se brasileiro em 1942. Trabalhou em São Paulo, entre outras instituições, na Escola de Sociologia e Política, no Senai e no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

135. Anísio Teixeira (1900-1971), educador brasileiro, membro do movimento conhecido como Escola Nova. Formado em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro em 1922 e graduado pela Columbia University em 1928, tornou-se professor de Filosofia e História da Educação na Escola Normal de Salvador. Mais tarde, foi diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal (RJ).

136. Refere-se à tese de livre-docência de Lenhard: *A escola rural e o desenvolvimento sócio-econômico: estudo sobre os objetivos do ensino primário rural e os requisitos estruturais para a sua consecução*. São José do Rio Preto, 1966. A tese, nunca publicada, foi defendida “numa das faculdades que vieram a integrar a Universidade do Estado de São Paulo (Unesp), baseando-se nas pesquisas que realizou para a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, nos centros-pilotos de Macaé, no estado do Rio de Janeiro, e Júlio de Castilhos, no estado do Rio Grande do Sul. Ao mesmo sociólogo deve-se um relatório sobre a pesquisa que realizou no centro-piloto de Mococa, estado de São Paulo”, cf. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Oracy Nogueira: esboço de uma trajetória intelectual. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, v. 2, n. 2, p. 133, 1995.

137. Assinatura.

[man.]

University of Toronto

Department of Sociology
563 Spadina Avenue
Toronto 179¹³⁸

Meu caro Thomaz:

Aqui estou eu, tentando adaptar-me à vida de Toronto e aos seus padrões de vida universitária. O trabalho é intenso e não sei como voltar aos livros de leituras... Quando você julgar que seja tempo, é bom avisar-me com certa antecedência.

Como vão as coisas por aí? Carla e Claudia passam bem? Você já resolveu a questão do seu apartamento? Afinal, até no momento de partir deixei uma chateação, pedindo-lhe que levasse o Maneco com vocês. Mas, ele é excelente pessoa. Descende de uma velha estirpe e de gente que ajudou a construir a República. Para mim, foi um generoso irmão mais velho. Fiquei emocionado quando o vi no Aeroporto e, com a chuva, preocupei-me com êle. Já estive duas vezes à beira da morte, por causa da pneumonia. Por causa dos últimos acontecimentos, depois da implantação do regime de 64 as nossas relações esfriaram. Embora ele seja civilista, por tradição dos Lopes de Oliveira e convicção pessoal, tenho a impressão que andou fundamentalmente contrariado com as minhas ideias e posições. Paciência. Ao dar com êle lá, fiquei contente e pensei que talvez você poderia ajudá-lo sem grande inconveniente. Na verdade, ele poderia ser um bom amigo para você, como foi para mim.

138. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

O livro da Columbia (A Integração do Negro na Sociedade de Classe – *The Negro in Brazilian Society*)¹³⁹ está para sair. Estive lá na terça feira passada. O editor e seu assistente foram ao almôço e levaram o boneco do livro. Todavia, houve um contratempo qualquer e o livro ainda vai demorar um pouco, se é que já não saiu. A contra-capa pareceu-me um pouco pesada, apesar da sofisticação. E o preço é proibitivo = 12.50!

Há muito interesse pelo meu trabalho e começo a me preocupar pelo futuro. Aqui me sondaram sobre as possibilidades de trazer a família. Em New York, a Sra. Magyspery disse-me que eu não posso passar outras universidades e organizações à frente de Columbia. Mas, não sei o que fazer. Alguns brasileiros, como uma professora que leciona aqui[,] e Josué de Castro¹⁴⁰ – que encontrei em N. Y. – aconselharam-me a esquecer o Brasil pelo menos por uns 5 ou 10 anos. Não estou disposto a fazer isso. Todavia, não vejo perspectivas aí. O que você acha? Tenho de amadurecer depressa, pois no fim dêste ano e no comêço do ano que vem terei de resolver se fico ou se volto. Temo cometer um êrro e, doutro lado, não sou derrotista. Vejo futuro no Brasil e no meu trabalho lá, mesmo que tenha de lutar, como antes, contra incompreensões simultâneas da direita e da super-esquerda.

Recebi dois convites para trabalhos especiais – uma conferência em New York e uma comunicação presentante, sobre os intelectuais na América Latina × regime autoritários. Talvez aceite as duas obrigações, embora esteja sobrecarregado.

139. *The Negro in Brazilian Society*. New York: Columbia University Press, 1969. A tradução para o inglês foi feita por Jacqueline D. Skiles, A. Brunel e Arthur Rothwell. O editor do livro foi Phyllis B. Eveleth, possivelmente o companheiro a quem Fernandes referiu-se no almoço citado. A obra recebeu o Anisfield-Wolf Book Award em 1970, premiação dada a trabalhos importantes no combate ao racismo, criada em 1935 por Edith Anisfield Wolf. A primeira edição brasileira de *A integração do negro na sociedade de classes*, em dois volumes, foi feita em São Paulo, em 1965, pela editora Dominus, tendo havido uma versão anterior como tese para a cátedra de Sociologia I na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1964.

140. Nascido em 1908 e falecido em 1974, foi médico e professor em universidades no Brasil e na França, sendo um dos nomes mais conhecidos no estudo do problema da fome em seu país e no mundo. Cassado após o golpe de 1964, quando era embaixador do Brasil na Conferência Internacional de Desenvolvimento, em Genebra, partiu para o exílio em Paris, onde trabalhou e veio a falecer.

Gosto do Canada e de Toronto. A vida é um tanto monótona e tradicionalista (curioso = numa cidade grande e num país novo e rico!), mas tem o encanto da autenticidade. Doutro lado, o liberalismo deles é firme – não é mera fachada.

(1) – Posso pedir-lhe dois favores muito especiais? O primeiro, seria de mandar alguém lá em casa, para entregar a carta anexa para a Myrian. Ela deve estar precisando de dinheiro e estou fazendo uma remessa considerável, para o meu ganho (descontam-me 476,39 de “income tax” e 27,60 de C.P.P., que eu não sei o que é, ao todo 503,99 dolares!). (2) – O segundo, é de mandar um [ileg.] entregar uma das cartas anexas para Atsuko Haga¹⁴¹ (Hidroservice, Av. Paulista nº 726 – 16º andar, departamento de economia e de sociologia). Não posso pagar-lhe o dinheiro que ela me emprestou. Todavia, estou enviando o que posso, enquanto é tempo. De agora em diante, vou entrar num cortado. Ao chegar, tinha 3¹⁴² pagamentos à minha espera (de Julho, Agosto e Setembro). Daqui por diante, no entanto, estarei condicionado aos vencimentos de cada mês. Não poderei viver como em Nova Iorque, da vez passada: terei de passar o cordão na cintura.

Embora pareça difícil (ou até impossível), a vida aqui é muito mais cara que em Nova Iorque. Estou na Hart House, uma instituição da Universidade, e aqui deveria ficar até conseguir um apartamento. Todavia, os apartamentos são caríssimos. Não existem hotéis residenciais propriamente ditos. Os disponíveis são ultra-caros. Apartamentos mobiliados, só gastando muito. Apartamentos por mobiliar, só tendo dôr de cabeça. Afinal, resolvi-me por uma solução de pão duro – apartamento sem mobília + mobília alugada

141. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo em 1954, onde provavelmente foi colega (ou aluna?) de Florestan Fernandes. Mais tarde, especializou-se em Sociologia Urbana pela University of Edinburgh (1959), em Evolução Urbana e Sociologia da Urbanização pela Universidade de São Paulo (1968) e em Urban and Regional Planning pela University of Toronto (1970). Fernandes trabalhava nesta última universidade quando Haga cursou essa especialização.

142. Rasurado.

+ os inconvenientes e gastos dessa situação. Ainda assim, o meu alojamento vai custar, por mês, uma média de 220 dolares, sem contar a comida! É uma barbaridade. Conhecidos daqui explicaram a situação como parte de especulações de elementos estranhos à Toronto (de outras partes do Canadá e do exterior). O fato é que fazem barba e cabelo do freguês! Em Nova Iorque, gastava 10 dolares mais que a metade dessa soma e tinha tudo (serviço de arrumadeira, roupas [?] de cama, limpeza, etc.). O que fazer? Agora não adianta chorar. O mais engraçado: o apartamento que arrendei só entrará em minha posse no mês que vem e, tecnicamente, estou obrigado por contrato a um ano (o que significa que terei de pagar uma pesada multa, se sair daqui em junho). Não é fantástico?

Posso contar com você para atender aos dois favores? Peço-lhe o maior cuidado e discrição. Para o futuro, só poderei fazer pequenas remessas para a Myrian. Mas não sei como proceder. O correio é arriscado e a remessa por banco tem inconvenientes (o imposto de renda está deduzindo 30% aqui; se tiver de pagar outro tanto no Brasil, por causa das operações bancárias e da documentação [ileg.], estarei trabalhando para o fisco). Mas é difícilimo arranjar um portador.

Será que você pode fechar os dois envelopes e providenciar a remessa segura, como pedi¹⁴³. Procurarei, no futuro, descobrir outra solução, para não amolá-lo.

Haverá alguma coisa que possa fazer para você aqui? Fico envergonhado de sempre solicitar a sua cooperação e de não ter como corresponder às suas atenções.

Lembranças e abraços para a Carla e a Cláudia. Lembranças também para o pessoal da Editora, especialmente para o Sr. Oc-

143. Seta desenhada na margem esquerda apontando para o texto.

tales¹⁴⁴, o sr. Rubens¹⁴⁵ e o Luiz Roberto¹⁴⁶. Um grande e saudoso abraço para você,

Florestan¹⁴⁷

5/X/69

P.S. – Você se esqueceu de remeter-me o livro de José Carlos Pereira¹⁴⁸ e Os Dois Brasis de Lambert¹⁴⁹. O livro de Marialice também poderia ser útil. Poderia mandá-los? Naturalmente, por correio comum.

Obrigado!

Ff.

144. Octalles Marcondes Ferreira.

145. Rubens de Barros Lima, funcionário do Departamento de Produção da Companhia Editora Nacional.

146. Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da Companhia Editora Nacional.

147. Assinatura.

148. Provavelmente *Estrutura e expansão da indústria em São Paulo*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967.

149. Jacques Lambert.

[man.]

University of Toronto

Department of Sociology
563 Spadina Avenue
Toronto 5¹⁵⁰

Meu caro Thomaz:

Escrevi-lhe uma longa carta. Ela deverá chegar (talvez antes desta) às suas mãos. Desculpe-me por ter recorrido a você. Mas, apelei para o amigo que sempre foi mais gentil e generoso. Nela lhe peço para entregar um cheque à Myrian e outro a Atsuko. Fiquei reduzido a 300 dólares e tenho de enfrentar a instalação (aluguei um apartamento sem mobília, que custa 150 dolares por mês e só me será entregue no início de Novembro). É uma barbaridade! Mas, que fazer? Toronto é assim. Muita gente procurando apartamentos num clima de especulação desenfreada.

No entanto, como encontrei três cheques à minha espera, aproveitei para remeter o máximo para a Myrian e para pagar pelo menos uns quinhentos do que recebi da Atsuko. Afinal, não sou pro-xeneta. Mas sei como ela vai reagir, mas acho que cumpri pelo menos parte de um dever.

Escrevo-lhe de novo porque hoje o Wagley me telefonou de New York. Êle vai ter um portador para o Rio (numa banca de advocacia). Trata-se de um advogado que trabalha para De Vries¹⁵¹, um professor de Columbia que eu conheço. Pelo telefone, insisti que a remessa para São Paulo fosse feita por portador ou por meio

150. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

151. Henry P. de Vries, especialista em Direito Internacional, sócio do escritório de advocacia Baker & McKenzie. Atuou como consultor jurídico para governos estrangeiros. Nasceu em Curaçao, formou-se no Columbia College em 1934 e na Columbia Law School em 1937. Na Segunda Guerra Mundial, serviu como tenente do Exército dos Estados Unidos, designado para o Escritório de Serviços Estratégicos. Ingressou em Columbia em 1948, sendo diretor-adjunto da Parker School of Foreign and Comparative Law de Columbia entre 1952 e 1980. Dirigiu o Inter-American Law Center da mesma universidade. Informações obtidas no obituário publicado no *The New York Times* de 25 de setembro de 1986, p. 27: "Henry P. de Vries, a Lawyer and Professor at Columbia", disponível em <https://www.nytimes.com/1986/09/25/obituaries/henry-p-devries-a-lawyer-and-professor-at-columbia.html>.

do Serviço de Entregas Rápidas. Não sei o que fara e se postarem pelo Correio comum peço-lhe ficar de sobreaviso... Como pode haver confusão: o portador terá de ler as duas cartas c/os cheques correspondentes, peço-lhe para fazer uma verificação, de modo que não me saia nada errado.

Um grande abraço para você,

Florestan¹⁵²

8/X/69

[dat.]

21 de outubro de 1969

Meu caro Florestan,

devo, antes de mais nada, desculpar-me pela demora com que respondo às suas cartas de 5 e 8 do corrente, que me chegaram às mãos respectivamente nos dias 15 (por portador) e 16. Estive ocupadíssimo nestes últimos dias. De qualquer modo, fique tranqüilo com relação às cartas de cuja entrega me encarregou: já no dia 16, pela manhã, foram recebidas pela Myrian e pela Atsuko. E, à tarde dêsse mesmo dia, conversei pelo telefone com Atsuko (a quem você deve ter sugerido que me procurasse) sôbre o cheque e as hipóteses de desconto. Não pude, de pronto, atinar com outra fórmula que não fôsse o desconto puro e simples num banco qualquer, ou de preferência num banco de matriz estrangeira como o City Bank ou o Bank of Boston. De qualquer modo, fiquei de telefonar-lhe outra vez, quem sabe com uma idéia mais brilhante. A propósito, devo dizer-lhe, por experiência própria, que o melhor meio de enviar dinheiro para o Brasil é, no caso de pessoa física, a remessa bancária (ordem de pagamento). A única despesa será o pagamento, aí mesmo, de uma taxa de serviço quase insignificante. Aqui, não haverá despesa alguma e tampouco problemas de I. R.¹⁵³, além da necessidade (existente, a rigor, em qualquer hipótese) de incluir os recebimentos na declaração de renda. O nome dêsse tipo de remessa, em inglês, deve ser money order. Sugiro que na próxima oportunidade entre em contato com o The Royal Bank of Canada, agência de Toronto (disseram-me aqui, no Banco Real do Canadá, que essa filial – ou matriz? – existe).

153. Imposto de Renda.

Será muito mais segura, a remessa, e evitará eventuais problemas de desconto de cheque. Se, contudo, você preferir a solução do cheque direto, e se quiser contar comigo como intermediário, não faça a menor cerimônia: sirva-se sempre dos meus préstimos aqui. Estou à sua disposição, e com o maior prazer.

Não sei porque se preocupou tanto com o “trabalho” que eu poderia ter tido com a carona que pediu para o seu amigo Maneco. Foi apenas um prazer acompanhar o casal naquela chuvarada: conversamos muito, sôbre tudo e sôbre todos, menos sôbre nós mesmos... acabamos sem saber quem é o Maneco, e vice-versa! Uma dessas coisas curiosas e inexplicáveis que acontecem sem sabermos como. Pareceu-me, de fato, pessoa excelente, impressão aliás reforçada pela notícia que me deu em sua carta de que é homem da minha área “reacionária”...

Não compreendi inteiramente sua informação sobre a edição do The Negro in Brazilian Society pela Columbia: “... e o livro ainda vai demorar um pouco, se é que já não saiu.” Demora, ou não demora? Achei ótimo o preço de US\$12.50. Primeiro, porque mais uma vez demonstra que o livro tupiniquim é muito mais barato (nossa edição custa NCr\$16.60¹⁵⁴, ou US\$3.94 ao câmbio atual), e segundo porque seus direitos autorais serão muito mais saudáveis, direitos que poderão ajudá-lo a desapertar um pouco o cinto na vida apertada de Toronto que, pelos dados que expôs, é de amargar! Não sei que tamanho tem o apartamento que pretende alugar, pelado, por 150 dólares e mais 70 de aluguel de mobília, mas deve ser dos pequenos, tipo “apartamento”. Mas vale a pena comparar êsse peço com o que meu irmão, que acaba de alugar um mobiliado aqui no prédio da Editora, pagará: 250 cruzeiros, sem mais nada (cêrca de 60 dólares). É um apartamentinho, de sala, kitchenette, banheiro e

154. A moeda corrente na época no Brasil, denominada Cruzeiro Novo.

pequeno terraço, mas muitíssimo mais em conta. Conclusão: ganha-se aí no Canadá, ou nos Estados Unidos, duas ou três vezes mais do que aqui, mas gasta-se quatro vezes mais! Essa é uma das razões (as outras você conhece) pelas quais acho que os conselhos que lhe deram pra esquecer o Brasil por cinco ou dez anos são, desculpe-me, cretinos. Não apenas porque acredito que seria impossível a um homem como você simplesmente “esquecer” o Brasil por tanto tempo, mas também porque estou convencido de que nossa situação político-econômica evoluirá favoravelmente em prazo relativamente curto, criando novamente condições para que você, e quem mais quiser, desenvolva aqui o trabalho que deseja e que nós precisamos. E claro que essa evolução dependerá, de parte a parte, de concessões razoáveis e inteligentes, e disso você sem dúvida será capaz. Por falar em trabalho aqui, ouvi de alguém que um grupo alemão, ou o próprio governo alemão, estaria disposto a criar aqui no Brasil condições financeiras adequadas para que você se dedicasse a um enorme trabalho de pesquisa.

Vou procurar saber, da cumpinxada da área sociológica e econômica, se essa notícia tem fundamento. Mas, voltando aos “conselhos”, tome o meu conselho: não se envolva demais em compromissos de que não possa desligar-se, aí ou nos Estados Unidos. Seu futuro está aqui, nesta terra de futuro que já desponta no horizonte; sua família está aqui, como seus amigos, seu trabalho. Não seja derrotista. As dificuldades e os entraves de hoje já estarão, amanhã, superados.

Uma boa notícia: recebi da Editorial Losada, de Buenos Aires, um pedido de opção do livro A sociologia numa era de revolução social para os direitos em língua espanhola. Como tenho quase certeza de que você não se comprometeu ainda com gringo portenho algum, tomei a iniciativa de conceder a opção e enviar um exemplar do livro. Se o interesse subsistir, oportunamente discutiremos as ba-

ses de cessão dêsses direitos, mais ou menos¹⁵⁵ na linha clássica: cêrca de US\$ 300.00 de adiantamento por conta de 10% sôbre os exemplares vendidos. Está bem?

Enquanto isso, os originais para a reedição continuam adormecidos nas famosas burras da veterana CEN¹⁵⁶! Que vergonha¹⁵⁷! Vamos ver se agora, com a volta do Big Boss¹⁵⁸ da Europa, revigorado pelos passeios, consigo convencê-lo definitivamente da conveniência e oportunidade da reedição.

Bem, meu velho, vou ficando por aqui. Carla e Cláudia mandam-lhe um saudoso abraço (e esperam um cartão postal “torontense” para a sua coleção...). Envie sempre notícias, e disponha sempre de todos nós: será um prazer atendê-lo no que quer que seja.

Com um abraço muito amigo, o¹⁵⁹

PS.- Os livros pedidos seguirão amanhã por via aérea.

155. Rasurado.

156. Companhia Editora Nacional, com a razão social abreviada no original.

157. Rasurado.

158. Provável alusão a Octalles Marcondes Ferreira.

159. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[man.]¹⁶⁰

University of Toronto

Department of Sociology
 563 Spadina Avenue
 Toronto 179¹⁶¹

Meu caro Thomaz:

A sua carta foi muito interessante para mim: comparando-a com outras que recebi do Brasil, descobri que você não é “reacionário”, mas um conservador iluminista e esclarecido. Os meus amigos reacionários, uniformemente – como outros amigos “politizados” da esquerda – sugerem em côro que eu nao volte. Você é o primeiro, fora da minha família, alem do Luiz Pereira¹⁶², que se encontra [?] na outra direção. De qualquer modo, fiquei contente com sua reação – pois mesmo que você nao goste de certas ideias e posições políticas que tomo, você tem bastante amizade para desejar-me na nossa terra e bastante esclarecimento para perceber, no plano mais geral, o êrro de uma política de esmagamento em massa dos intelectuais independentes.

Quanto à tradução, se a editora argentina deseja, nao seja inconveniente. Você se lembra que nós tinhamos um plano de traduzir mais um capítulo, para a segunda edição. Nao sei se a editora está interessada apenas no volume original ou no plano da segunda edição. Em todo caso, você tem carta branca. O que resolver, está bem resolvido!

Recebi alguns exemplares da edição inglesa do livro sobre o negro – da alemã, só recebi a notícia que me haviam aumentado um volume!... Nunca cheguei a vê-lo. Porém, da edição norte-americana

160. Nome manuscrito no canto superior esquerdo, com uma seta desenhada à esquerda dele, apontando para o texto.

161. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

162. Nascido em 1933 e falecido em 1985, foi professor de Sociologia na USP.

enviei um exemplar para você e a Carla. Uma homenagem que ambos merecem. Já recebeu o volume?

Quanto aos cheques, muito obrigado pela cooperação. Foi uma oportunidade que apareceu [?] uma senhora que ia representando editoras ou bibliotecas dos U. S.A. e que já percorreu algumas cidades brasileiras. Enviei os cheques ao Wagley para a senhora entregá-los a você – ela irá visitá-lo de qualquer jeito, em setembro. Depois, o Wagley alterou o pre-estabelecido, aproveitando outro amigo, cujo advogado ia ao Rio e a São Paulo. O bom é que tudo foi feito a contento. Agora, devo remeter meu novo cheque para a Myrian. Estive pensando na sua sugestão da remessa bancária. No entanto, o Miguel Urbano Rodrigues escreveu-me que a taxa bancária é menor, que pagam mais no mercado paralelo. Como só vou poder reunir alguns cobs no começo do mês que vem, tenho tempo para tomar a melhor solução.

Muito obrigado por tudo. Recomendações e abraços para Carla e Cláudia. Um afetuoso abraço para você,

Florestan
13/XI/69

[dat., cópia carbonada]

27 de novembro de 1969

Meu caro Florestan,

recebi há poucos dias sua carta: até agora, consegui entender cêrca de dois têrços; quando chegar ao entendimento total, responderei... Que¹⁶³ raio de letra difícil!

A razão dêste bilhete é mandar um pouco de trabalho¹⁶⁴ para você. Não pense que se livra dêle com a viagem para o Canadá. Ao contrário, esteja certo de que sempre terá uma peninha tupiniquim para atrapalhar suas andanças geladas nessas terras que já foram reais...

O Oracy Nogueira¹⁶⁵, que tem mantido ùltimamente algum contacto conosco (está precisando de \$ e tem feito traduções para nós), sugeriu que estudássemos as possibilidades de publicação dos livros indicados na fôlha anexa. Que acha? Conhece-os? Gostaria de ouvi-lo antes de procurar saber se os direitos estão livres e se o Big Boss nos dá o sinal verde.

Temos sentido¹⁶⁶ sua ausência. Sentimos falta de suas visitas na hora do almôço e dos bons bate-papos.

Abraços do¹⁶⁷

163. Rasurado.

164. Rasurado.

165. Cientista social (1917-1996), a partir de 1968 tornou-se docente da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas. Com a reforma universitária de 1969-70, foi transferido para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, onde permaneceu até 1978, quando tornou-se professor titular de Sociologia Aplicada à Economia na Faculdade de Economia e Administração da mesma universidade, se aposentando em 1983. Ver CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Oracy Nogueira: esboço de uma trajetória intelectual. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*. v.2, n.2, p. 124, 1995.

166. Rasurado.

167. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[man.]

Centerway at Market Street
The Baron SteubenTelephone Area Code 607 936-4661
Corning, New York

A Treadway Inn168

Meu querido Thomaz:

Estou em grande falta com você – uma falta que aumentou com a última carta bilíngue! Mas, espero que você perdõe essa falta: como costume dizer aqui, não sou “visiting professor”, mas “traveling professor”, tal o número de convites que recebi, dos U.S. e da Europa. Para não prejudicar a Universidade de Toronto, fiz um programa. Ainda assim, de vez em quando eles levam na cabeça, como no mês passado, em que interrompi as aulas por 10 dias, para ir ao México. A mesma coisa vai acontecer em fevereiro (U S) e em Abril (Alemanha) e só não acontecerá em Junho (Inglaterra), se eu voltar ao Brasil em junho. Eu não sabia que poderia ser tão solicitado, um pobre professor rústico, que mal sabe dizer $a+b$ em inglês e engeitado na própria terra. Talvez seja uma espécie de compensação, psicológica e intelectual...

Quanto aos problemas sobre os livros, que você levantou, acho que poderemos resolver aí. Uns amigos meus, que trabalham em instituições internacionais, deslocaram o período de um encontro sobre problemas da universidade na America Latina, no tempo e no espaço. Assim, irei a Buenos Aires para a reunião (19-21 deste mês). Em seguida, irei para Sao Paulo, passar o Natal e o Ano Novo com a família. Deverei reiniciar os meus cursos a 5 de janeiro. Apesar do apertadinho do tempo, poderemos conversar sobre as várias questões.

Por enquanto, só queria lembrá-lo que você concedeu direitos de tradução dos “Fundamentos”¹⁶⁹ à Universidade do México (Pablo Gonzales Casanova¹⁷⁰). Seria bom consultá-los antes de tocar em frente. A nova editora seria ótima.

Lembranças e abraços para Carla e Cláudia. Um carinhoso abraço para você,

Florestan¹⁷¹

6/XII/69

169. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, livro de autoria de Florestan Fernandes.

170. Sublinhado no original em preto. Como a carta está manuscrita em tinta azul, supõe-se que o sublinhado foi feito na CEN.

171. Assinatura.

[dat., cópia carbonada]

12 de janeiro de 1970

Meu caro Florestan¹⁷²,

se você tivesse retardado sua partida por uma semana, ou se nós tivéssemos iniciado a revisão alguns dias antes, talvez pudéssemos evitar o envio das provas. Aí vão elas, acompanhadas dos originais (eventualmente necessários) e de uma lista de dúvidas levantadas¹⁷³ pela nossa Revisão.

Sugiro-lhe não ficar no exame das dúvidas: se puder, leia tôdas as provas, o que será uma garantia para a “integridade” editorial da edição. Embora nossa Revisão seja boa, nunca será demais o ôlho crítico do autor.

Espero que tenha feito boa viagem, e que não tenha estranhado o frio que, dizem os jornais, está de amargar por essas bandas! Aqui, o verão tem andado civilizado: os dias verdadeiramente quentes têm sido poucos, tendo-se a impressão mais de outono ou primavera do que de verão. Com Cláudia e Carla em Peruíbe, procurando apanhar um pouco do sol arredio e fugindo da sujeira de São Paulo, acabei ficando sòzinho... Eu, o trabalho, e o “Estadão”¹⁷⁴ para matar o tempo! Com um abraço amigo, o¹⁷⁵

172. Nome manuscrito no canto superior esquerdo.

173. Rasurado.

174. Referência ao jornal *O Estado de São Paulo*.

175. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[man.]

University of Toronto

Department of Sociology
 563 Spadina Avenue
 Toronto 179¹⁷⁶

Meu querido Thomaz.

Estou em grande falta com você e com a Editora. Mas, na verdade, nao sobra tempo para nada. Entre as aulas, os “papers” e as conferências, estou sendo literalmente espremido. Recebi os¹⁷⁷ originais. Só dei uma olhada. Mas nao tenho jeito¹⁷⁸ de fazer nada até 10 de março (e nao sei como = porque, entao, as classes continuarao e eu terei de ler os “papers” dos estudantes). É que, ai, acabam minhas “lectures” publicas. Tenho 3 aqui – a ultima vai ser em 10 de março. Ainda nao a redigi. Na que dei a 20 de janeiro (The Meaning of Military Dictatorship in Present Day Latin America) apareceu tanta gente, que tiveram de passar para o auditório maior e ainda assim ficaram muitos estudantes e professores sentados no chao e encostados em pé, na parece. Parecia a conferência que dei em Porto Alegre em março de 67. Depois, o diretor da Faculty of Arts and Sciences, que presidiu à conferência, ofereceu-me um drink no Faculty Club e um jantar ao qual compareceram todas as [ileg.] de departamento daquela faculdade. Sabado vou para Nova Iorque. Vou pronunciar uma conferência na Columbia University e, em seguida, participar¹⁷⁹ de uma [ileg.] sobre regimes autoritários nas Americas. E os convites

176. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

177. Rasurado.

178. Rasurado.

179. Rasurado.

para conferência estão chovendo, sem que eu possa atender os que me interessam mais! Essa é a minha vida. Com tanto trabalho, isole-me do mundo e o meu inglês continua manco das quatro pernas...

No entanto, assim que ler os originais, tentarei enviá-los de volta com a rapidez possível. Quanto à tradução do livro, eu penso que surgiu algum problema editorial no México. Quando estive lá, soube que a tradução estava pronta, que a Universidade não ia poder editar e que o Fondo de Cultura poderia assumir a responsabilidade. Mas, se o Casanova desiste, eu me interessaria mais pela Losada (na Argentina), que tem uma ótima distribuição e é uma editora com uma boa coleção de obras sociológicas.

Estarei de volta dia 26. Até lá, não sei se poderei me comunicar com você. O tempo em New York está todo organizado. Queria agradecer o auxílio que você tem dado à Myrian, em ligação com o meu imposto de renda. Do mesmo modo, peça-lhe para dar meus cumprimentos ao Sr. Octales e minhas recomendações para o sr. Rubens¹⁸⁰ e o Luiz Roberto¹⁸¹.

Lembranças para a Carla e a Claudia. Diga-lhes que elas não perdem nada em não vir para cá – o frio é de congelar a alma da gente. O queixo fica duro, a orelha vira gelo e os olhos lacrimejam, formando um gelinho em torno dos óculos. É bom para purgar o espírito e descansar o corpo, porque quando a gente¹⁸² chega em casa não quer mais sair. Um saudoso abraço para você,

Florestan¹⁸³

12/2/70

180. Rubens de Barros Lima, funcionário do Departamento de Produção da CEN.

181. Luiz Roberto Malta, assistente do Departamento Editorial da CEN.

182. Rasurado.

183. Assinatura.

P.S. – Você pode me escrever dando o prazo que seria imprescindível
para vocês, a respeito os originais? Obrigado!
Ff

[dat., cópia carbonada]

23 de março de 1970

Meu caro Florestan¹⁸⁴,

you precisa criar vergonha e deixar de ser pão-duro... Procure uma máquina usada, numa dessas lojas de artigos de ocasião, e poupe, meu Deus, aos seus amigos o sacrifício de “decifrar” seus manuscritos”! Sua letra já não é das melhores, e a caligrafia de suas cartas, talvez por causa do frio, às vezes reclama a interferência de calígrafos especializados em interpretar¹⁸⁵ velhor autógrafos...

Há muitos dias recebi sua carta do dia 12, antes, portanto, da sua viagem a Nova York, e apenas agora – e ainda assim motivado por um pedido que acabo de receber da Argentina – encontro um tempinho para respondê-la. Desculpe-me por êste atraso, e aparente falta de atenção, tipicamente brasílicas: o diabo é que, para variar, o trabalho aqui tem sido intenso, e o tempo curtíssimo para dar conta de tudo. Nestes últimos meses, como se não bastassem as preocupações rotineiras, tivemos e ainda estamos tendo uma trabalhadeira danada com a organização da I Bienal Internacional do Livro, a ter lugar aqui em São Paulo no próximo mês de agosto. Sendo um empreendimento inédito, o volume de trabalho é imenso, mas estou certo de que compensará: promoverá a imagem do país, e de modo especial a nossa indústria editorial, que já desponta como uma das maiores do mundo. Espantoso? Sim, chega a ser surpreendente principalmente para nós, acostumados e condicionados que fomos a uma imagem extremamente chinfim e subdesenvolvida do nosso país e das nossas

184. Nome manuscrito no canto superior esquerdo.

185. Rasurado.

coisas... Mas, números são números, e embora as estatísticas às vezes não sejam o retrato rigoroso da realidade social, ainda são o único recurso disponível para avaliação e comparação. Vou mandar-lhe, em separado, o material já preparado para a Bienal Internacional do Livro: estando fora do Brasil há algum tempo, desligado pelo menos fisicamente do nosso dia-a-dia, gostaria de saber qual a sua reação, qual a impressão do empreendimento. E gostaria também, e muito, que você fizesse aí uma propagandazinha da coisa... Esperamos que os canadenses, mesmo que sejam dois ou três gatos pingados, venham prestigiar a mostra editorial.

Quanto às suas provas: não há, de nossa parte, prazo fatal. Podemos esperar o que fôr necessário. Você é quem deverá decidir o prazo. É claro que tenho interêsse em ver o livro pronto, à venda (e vendendo!), e créditos lançados em sua conta/corrente. Mas, com a vida que você está levando, ou gelando, nesse fim de mundo, não vejo como fixar-lhe um prazo para devolução das provas. Deixo tudo em suas mãos. Talvez deva dizer-lhe, contudo, que as provas foram lidas aqui com o maior cuidado, e que a hipótese de você limitar-se à verificação das dúvidas levantadas pelos revisores deve ser considerada, o que reduziria o seu trabalho e diminuiria o prazo de devolução.

O pedido que recebi hoje da Argentina é relativo aos Fundamentos empíricos. A casa Amorrortu Editores, de Buenos Aires, está querendo adquirir os direitos para a língua espanhola. Como não somos (ainda!) uma empresa que “exporte” regularmente direitos autorais, também não temos um controle rigoroso dos contactos eventuais, e poucos, relativos a contratos de tradução. Por isso não sei se já tivemos algum entendimento com editores argentinos com relação aos Fundamentos. Só você poderá dizer. Poderia dizer-me algo?

(Ora bolas: acabo de ver, através das cópias da nossa correspondência, que havíamos dado uma opção para o Instituto de Investigaciones Sociales, do México, e que em dezembro reclamei deles uma

decisão, já que outra editôra, do Chile, manifestara interêsse pelo mesmo título. Preciso tomar fosfato... Escreverei imediatamente ao Amorrortu que êle terá uma terceira opção.)

A Losada (Argentina) pediu e conseguiu uma opção para A revolução numa era de revolução social¹⁸⁶. A que livro você se refere no parágrafo de sua carta em que diz que surgiu algum problema no México, onde a tradução já estaria pronta, e que a Universidade (?) não poderá editar? Os Fundamentos? Se fôr, lembre-se de que a Losada até agora não solicitou os direitos dêste livro.

Soube pelo Ianni que você abocanhou um prêmio bastante significativo em Nova York. Meus parabéns! Mande-me dados mais precisos, pois êsse tipo de informação funciona, quando bem utilizada¹⁸⁷ em “orelhas”, como excelente promoção (inclusive para vender direitos de tradução!).

Disse a Carla e Cláudia que não perdem nada em não visitar o Canadá, onde o frio, pela sua descrição, é desanimador. É claro, contudo, que a advertência não teve efeito algum. Se pudessem, embarcariam amanhã mesmo, mesmo diante da perspectiva de queixos e orelhas congelados e do “gelinho¹⁸⁸ em tórno dos óculos”... Como de fato embarcarão, e eu também, se tudo funcionar como programamos, no fim de dezembro para a Europa, com a disposição de enfrentar o inverno de pleno janeiro na alta Itália. Isto, se a Itália até lá não naufragar na confusão política perigosamente armada e que anda urgentemente necessitada de providências à moda (eficiente...) brasileira.

Bem, meu caro, creio que já tomei demais seu tempo. Vou ficando por aqui, à espera de novas notícias suas, enviando-lhe um abraço muito amigo e saudoso.¹⁸⁹

186. Trata-se, evidentemente, de um erro. O título correto é *A sociologia numa era de revolução social*.

187. Rasurado.

188. Rasurado.

189. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[man.]

University of Toronto

Department of Sociology
563 Spadina Avenue
Toronto 179¹⁹⁰

São Paulo¹⁹¹, 19 de Março de 1970

Meu querido Thomaz:

O que está acontecendo? Você não respondeu à minha carta. Vai tudo bem com você, a Carla e a Cláudia? E o sr. Octales como vai?

Você ficou aborrecido com o atraso da revisão dos originais? Na verdade, até agora não tive tempo mesmo; sou muito reconhecido à editôra e você sabe que não é de meus hábitos amarrar as minhas obrigações. Mas, estou numa roda viva e pulando miudinho. Passei 14 dias em New York e na volta tive de ~~xxxxx~~ escrever um “paper” para ser lido numa conferência pública (10 de Março) e em seguida apresentei outro “paper” nos seminários do departamento (para os meus colegas), na quinta-feira passada. Com as aulas dos dois cursos e os “office hours” não deu para fazer nada. Agora, tenho de ler os “papers” dos estudantes. Vou começaramanhã. Todavia, antes de ir à Alemanha, farei a revisão (nem que seja para ficar sem dormir uns dois dias). Tenho de proceder assim: abril já está todo tomado¹⁹², com as obrigações de fim de curso, com a ida à Alemanha, e com conferências nas¹⁹³ universidades de Yale, Princeton e Rutgers, nos Estados Unidos. Aquí, fiz ontem uma conferência na Universidade

190. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

191. O remetente encontrava-se em Toronto quando a carta foi escrita. O erro será apontado pelo destinatário na resposta enviada em 30 de março de 1970, adiante.

192. Rasurado.

193. Rasurado.

de Queens e vou fazer outra em Scarboro, outro campus da Universidade de Toronto. Por fim, a Universidade de Toronto vai publicar em livro três dos “papers” que foram apresentados!

Está carta está sendo escrita mais para contar uma novidade, que talvez você já conheça. A edição norte-americana do nosso livro sobre o negro, apesar de estropiada e condensada¹⁹⁴, ganhou o Aniesfield-Wolf Award¹⁹⁵ para o ano de 1969. O prêmio em dinheiro é pequeno (750 dolares) mas é muito cobiçado por ser muito¹⁹⁶ antigo e honorífico. Segundo o mr. Gronert, editor da Columbia University Press, é um motivo de orgulho: no ano passado, os títulos em inglês sobre o negro se conta em milhares¹⁹⁷. Mas, eu acho que êle gostou por dois motivos: Propáganda; e uma parte da edição será comprada pela instituição que deu o prêmio, de Princeton. A comissão que deu o prêmio: Ashley Montagu (antropólogo físico de muito renome); Oscar Handlin (um dos melhores e mais reputados historiadores norte-americanos) e Pearl S. Buck... Está contente? Você tem bom faro editorial, pois eu próprio nunca pensei que minha tese de “curso de cátedra” acabaria tendo êsse êxito!

No mais, uma vida de rotina. Estou deveras cansado com as sôlicitações¹⁹⁸ para conferências, “papers” e reuniões. Gostaria de um ou dois anos de vida apagada, em que pudesse descansar, ler um pouco (para recrear os espírito e também para reaprender) e, quando viesse o entusiasmo, para escrever algo novo. Todavia, parece que estou condenado a esta vida de lufa-lufa (ou sou eu quem crio o lufa-lufa, com a disposição para aceitar trabalho?).

Escreva-me contando as suas novidades. Como está o novo apartamento, que você ia comprar no lugar do “outro”? E o traba-

194. Rasurado.

195. Ver nota à carta de Florestan Fernandes datada de 5 de outubro de 1969.

196. Rasurado.

197. Rasurado.

198. Rasurado.

lho? Talvez eu chegue aí em comêços de junho, se a universidade concordar, mas gostaria de ter notícias antes.

Lembranças para os nosso pessoal da “Secção eDitorial” e um grande abraço para você,

Florestan¹⁹⁹

P.S.²⁰⁰ – Ha um projeto para me manter no Canada através de um “joint program” (Universidade de Waterloo e mais duas), como na Inglaterra (Liverpool e Oxford) = o “joint program” é um meio de oferecer salário competitivo com os Estados Unidos. Até agora só recebi um convite realmente bom dos Estados Unidos. Mas, não sei o que fazer. Sinto um impulso para voltar mas ao mesmo tempo sei que a família precisa do dinheiro que estou enviando. No mês que vem preciso tomar uma decisão, pois não posso ficar “em suspenso” – inclusive do ponto de vista das instituições que me estao convidando!

F.

199. Assinatura.

200. Manuscrito.

[dat., cópia carbonada]

30 de março de 1970

Meu caro Florestan,

acabo de receber sua carta (dactilografada!...) do dia 19. Escrevi-lhe há poucos dias, dando-lhe notícias e discutindo o problema das provas, e reclamando da sua letra... Vejo que minha reclamação chegou bem antes da minha carta, por telepatia.

Você datou sua carta de São Paulo: ato falhado (é êste o jargão da psicologia?) que revela sua decisão, inconsciente, de voltar o quanto antes para o Brasil. Levado pela saudade e nostalgia, ou pelo desejo de fugir de tantos e tão continuados compromissos? Êsse acúmulo de compromissos, aliás, revela o seu valor de cientista e dá bem a medida do que nós aqui, em decorrência de punições²⁰¹ estapafúrdias e insensatas²⁰², estamos perdendo. Que fazer, a não ser esperar confiantemente numa lufada de vento de bom sendo²⁰³ capaz de limpar êste país das bobagens que, da esquerda e da direita, foram semeadas nestes últimos anos? Tudo teria sido tão melhor, tão mais fácil e tão mais produtivo se não tivéssemos chegado àquela deplorável situação de 1964.

Diante dos apuros em que você se encontra, creio que o melhor mesmo é verificar apenas as dúvidas a pontadas pelos revisores, confiando na boa qualidade do trabalho da Revisão: é loucura pensar, nesse torvelinho de trabalho, em passar duas noites em claro.

Tive notícia do prêmio através do Ianni. Fiquei tanto ou mais satisfeito que você, pois sabre o quanto me preocupei com a obra e

201. Rasurado.

202. Rasurado.

203. Rasurado.

o empenho que pus em sua publicação. Pena que não estou aí para “bebemorarmos” o acontecimento!

Então, você está pensando em vir ao Brasil em princípios de junho?

Otimo. Poderemos então matar as saudades, e discutir detalhes das suas leituras. Você virá diretamente da Alemanha, ou voltará antes para o Canadá, ou para os States?

Com um abraço muito amigo, o²⁰⁴

204. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[dat.]

University of Toronto

DEPARTMENT OF SOCIOLOGY
563 SPADINA AVENUE
TORONTO 179²⁰⁵

Toronto, 9 de Abril de 1970

Bem, meu caro Thomaz, cá estou eu com sua carta, bem datilografadinha²⁰⁶... Quanto²⁰⁷ à revisão, estou com medo que não possa fazer nada antes de maio; é incrível, mas os estudantes escrevem “papers” de mais de 30 e às vezes até de 45 páginas. Demoro um dia todo, trabalhando à noite, para ler 4 ou 6 “papers”. Para o diabo! A notícia do prêmio, mais detalhada e como vou empregar o tempo até o comêço de maio, já descrevi em carta que lhe enviei antes da sua resposta. Esta carta está sendo escrita às pressas. A razão: é que eu queria pedir a sua opinião e recebê-la de volta antes de 15 de maio, data em que preciso dar uma resposta definitiva a ~um convite que recebí ontem²⁰⁸.

Na minha situação, andei atrás de convites a curto prazo: um ano aqui, outro acolá, etc.. Eram dêsse tipo as negociações que estava tendo com as Universidades de Liverpool e Oxford, com Columbia (através de Wagley) e com Bielefeld ou Münster (não sei) através de Steger. Minha ideia era marcar passo até poder voltar para um emprêgo estavel no Brasil – deixando de lado a universidade, que entra pouco nas minhas cogitações²⁰⁹.

Todavia, ontem fui chamado à presença do vice-“chairman” do De-

205. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

206. Sublinhado à mão no original. Rasurado.

207. Rasurado.

208. Sublinhado à mão no original.

209. Sublinhado à mão no original.

partamento de Economia Política (um equivalente do nosso departamento de ciências sociais). Fui convidado nada mais nada menos que para uma posição permanente de “full professor” na Universidade de Toronto. A razão pela qual o convite saiu por lá: o departamento de Sociologia não dispõe atualmente de recursos para um professor da minha categoria (em termos da classificação deles aqui, “senior professor”). Eu iria como sociólogo trabalhar no meu campo mas numa posição que levei ~~nove~~^{dez}²¹⁰ anos para conquistar na U.S.P.

Eu tenho poucos amigos a quem consultar; naturalmente, escrevi para a Myrian; como para você, uma carta rápida ao Antonio²¹¹ Candido. Como a família não consegue viver com a minha aposentadoria, preciso de uma fonte suplementar e aqui posso trabalhar com o máximo de liberdade, compreensão e estímulo. Todavia, há um “mas”. Um cargo como êsse tem implicações que não podem ser²¹² ignoradas. Como professor permanente eu assumo compromissos que vão além de um período²¹³ limitado de tempo – é como se eu aceitasse a ideia de um afastamento²¹⁴ demorado do Brasil ou mesmo uma expatriação definitiva. São coisas que não entraram na minha imaginação e que eu não gostaria de fazer. A não ser em caso extremo.

O que você pensa do assunto? Pode escrever-me com a maior rapidez a respeito? Para mim, o convite é uma razão de honra e orgulho. Entretanto, entre a cruz e a calderinha²¹⁵, preciso de uma opinião ponderada e isenta, que procurarei levar em conta. Muito obrigado!

Um abraço para Carla e Claudia, com minhas saudades²¹⁶

210. Manuscrito.

211. Rasurado.

212. Rasurado.

213. Rasurado.

214. Rasurado.

215. Vírgula inserida à mão.

216. Rasurado.

para elas e mais um abraço carinhoso²¹⁷ para você,

Florestan²¹⁸

217. Rasurado.

218. Manuscrito.

[dat.]

UNIVERSITY OF TORONTO
DEPARTMENT OF SOCIOLOGY
10 DE ABRIL 1970²¹⁹

Toronto, 10 de Abril de 1970

Meu caro Thomaz:

Escrevo-lhe de novo por desencargo de consciência. Acabei por seguir seu conselho. Fiz apenas a revisão das dúvidas, já que não era possível ler todas as páginas como eu queria, por falta de tempo.

O que sucedeu de grave foi que tive uma complicação burocrática no “post office”. De acôrdo com os regulamentos, que eu não conheço, não podia remeter como “parcel post”, por via aérea, e registrar. Aquí no Departamento, a secretária havia recebido a informação que era possível, e que isso podia ser feito por 6 dólares e pico. Como você poderá verificar, se o pacote chegar aí, paguei dez dólares e pico, mas não pude obter o certificado de registro... Agora, a coisa está na base do “fé em Deus e pé na tábuá”... Espero que tudo dê certo, pois tenho tanto interesse nisso quanto a Companhia Editôra Nacional.

Lembranças para os companheiros da Secção editorial²²⁰, recomendações para o sr. Octales e um abraço para você,

Florestan²²¹

219. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

220. Rasurado.

221. Manuscrito.

[dat.]

UNIVERSITY OF TORONTO²²²
DEPARTMENT OF SOCIOLOGY
10 de abril 1970

MEMORANDUM FOR
Thomaz Aquino de Queiroz²²³

Meu caro Thomaz:

Depois de muito ponderar, e vendo que não havia outra solução, limitei-me a seguir o seu conselho. Confio na revisão, que através de um teste que fiz, parece muito boa.

Assim, tomei o roteiro das dúvidas e fiz as correções requeridas. O²²⁴ livro pode seguir²²⁵ e, quem sabe, se terei algum tempo no Brasil para fazer uma leitura geral?!...

Desculpe-me pelo atraso, muito obrigado, e um cordial abraço,

Florestan²²⁶

– vide-verso²²⁷

Em tempo: quanto à bienal do livro, falei com o professor Levy. Êle seria o homem para judar. Passei-lhe o material que mandou. O melhor, porem, seria se você lhe escrevesse diretamente, para “obrigá-lo” mais:

Professor Kurt L. Levy
University of Toronto,
Chairman, Latin American Studies Commiteee
Department of Italian and Hispanic Studies
Toronto 5, Ontario, Canada.

Querendo, pode falar em meu nome.

222. Nome manuscrito no canto superior esquerdo, com seta apontando para ele.

223. Nome manuscrito no canto superior esquerdo, com seta apontando para ele.

224. Rasurado.

225. Rasurado.

226. Manuscrito.

227. Manuscrito.

[dat., cópia carbonada]

15 de abril de 1970

Meu caro Florestan,

acabo de receber sua carta do dia 9. Apresso-me em respondê-la, ratificando antes de mais nada aquilo que já lhe disse em outras oportunidades: seu lugar é aqui. Todos os transtornos da situação política, todos os inconvenientes do seu afastamento da Universidade, tôdas as vantagens mediatas e imediatas de cargos no exterior, permanentes ou não, são insuficientes – no meu entender – para justificar a “expatriação” a que você se refere. Você não deve pensar nesses têrmos, mas encarar a sua permanência no exterior como coisa passageira, circunstancial. Como admitir a possibilidade de viver aí, ou em outro país, afastado de tudo aquilo que deve fazer parte integrante e, acredito, indissolúvel da sua própria vida? Creio que a única hipótese capaz de justificar e tornar mais humana sua permanência no exterior seria a de rendimentos excepcionais somados a condições de trabalho mais camaradas, uns e outras suficientes para proporcionar-lhe viagens constantes ao Brasil. Constantes e mais ou menos demoradas. A hipótese é viável?

De qualquer modo, é preciso analisar cuidadosamente a nova situação proposta pela Universidade de Toronto: sua posição de “full professor” dependeria de contrato rigoroso, prendendo-o por prazo determinado e de modo determinante? Ou, ao contrário, resultaria apenas num vínculo facilmente removível? No primeiro caso, qual seria o período de vigência contratual? Como vê, precisaria conhecer essas e outras particularidades para poder aconselhá-lo objetivamente, embora sabendo que o convite, sôbre ser uma honraria de que todos nós nos orgulhamos, representa também a garantia de uma

situação econômica cômoda e de condições adequadas de trabalho e pesquisa, coisas ainda problemáticas nestas paragens. Mas, – é indispensável analisar tôdas as facetas do problema – em que ficou aquela possibilidade de sua contratação, aqui, para uma grande pesquisa patrocinada se não me engano pela VW²²⁸? Ela não lhe daria, também, condições razoáveis profissionais e financeiras? Condições que, somadas aos seus futuros rendimentos de autor (volumes de leituras, o famoso manual etc.), talvez resultem mais favoráveis que as oferecidas²²⁹ pelo cargo de “full prof.”?

Lembe-se de que o conjunto de seus livros, em regime normal de publicação, poderá render-lhe uma ama anual nada desprezível. Quer ter uma idéia? Apenas os volumes de leituras, se tiverem um ritmo de vendagem pelo menos igual aos do Ianni e de Marialice, poderão resultar numa renda aproximada de vinte a trinta mil cruzeiros novos. Como estou convencido de que poderão vender até mais, a conclusão me parece animadora, em termos brasileiros, principalmente se você somar a isso os rendimentos de outros livros e a aposentadoria. Não estou certo? É também verdade que no ano seguinte ao lançamento dos volumes suas retiradas não serão tão “simpáticas” (embora sempre seja possível um jeitinho...), por força dos adiantamentos que lhe fizemos e dos custos das traduções. Como, porém, aparentemente até meados de 1971 você já está prêso a compromissos na América do Norte e na Europa, o detalhe é pouco significativo.

em conclusão: mesmo desconhecendo todos os dados do problema, arrisco uma opinião – se o convite significar amarras muito fortes e por tempo muito longo, diga ao Mr. Vice Chairman that you are very, very sorry bus cannot accept it...

Você ainda irá para a Europa antes de vir para o Brasil, em junho? Se fôr, e se por acaso passar por Lisboa no mês de maio, procure o Big

228. Abreviatura de Volkswagen.

229. Rasurado.

Boss no Hotel Tivoli. Estou certo de que êle ficará satisfeito com a surprêsa.
Com um abraço amigo, e muito saudoso, o²³⁰

230. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 20 de abril de 1970

Prezado prof. Florestan,

Pela correspondência que o senhor tem trocado com o Thomaz, percebo o quanto o senhor anda ocupado. Assim, e justamente para não dar-lhe mais trabalho, peço-lhe que me envie, logo que puder, um xerox do índice do Elementos de sociologia teórica. Nada mais: há meses o senhor já me fornecera uma apreciação sobre o livro, para nosso catálogo universitário. Esse catálogo está agora em provas, e quero incluir o sumário de seu livro. E, como tudo indica que ainda transcorrerão várias semanas antes que as provas estejam novamente conosco, face ao acúmulo de trabalho com que o senhor se vê às voltas, o mais prático é remeter-me esta cópia e o catálogo pode seguir para a oficina.

Encerro a carta por aqui mesmo... para não tomar mais tempo ao senhor.

Com um abraço bem amigo do

(Luiz Roberto Malta)

[dat.]

University of Toronto

DEPARTMENT OF SOCIOLOGY
563 SPADINA AVENUE
TORONTO 179²³¹

Toronto, 4 de Maio de 1970

Meu caro Luiz Roberto:

Ontem cheguei de uma espécie de “tournée”, na qual fiz conferências e seminários nas universidades de Rutgers, Princeton e Yale. Na correspondência de hoje, dei com a sua carta. Foi uma alegria, mas ao mesmo tempo fiquei assustado: é que remeti, antes de ir para a Alemanha (pelo que me lembro, fiz a remessa dia 10 de Abril), originais e provas do livro.

Escrevi no mesmo dia para o Thomaz. Tive de fazer a remessa sem registrar, por causa de complicações que apareceram. A diferença de taxa era mínima; mas eu teria de fazer um cálculo de valor e de ir ao correio central. Diante da burocracia, como sei que o correio canadense é eficaz e não tenho queixas do correio brasileiro – essa é uma descoberta que fiz agora e que reconheço com alegria – enviei do modo mais simples. Gastei um dinheirão mas supunha que, por fim, os originais chegariam. A sua carta me deixa apreensivo²³². Como enviei o pacote por via aérea, na data de sua carta já deveria ter chegado!

Na carta para o Thomaz, ressaltai que desistí da revisão geral. Só cuidei dos êrros, omissões ou sugestões que o revisor poz em

231. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

232. Rasurado.

evidência. O próprio Thomaz tinha feito a sugestão e eu, depois de tentar o contrário, decidí seguir o alvitre.

Espero chegar em São Pauno nos comêços de Junho. Então, poderei conversar com você. No entanto²³³, a ideia de que poderia me tomar tempo é estranha. Gostei de ter a sua carta e de receber o seu abraço. É com muito prazer que o retribuo, esperando que tudo esteja bem com você, sua família e o trabalho.

Florestan Fernandes²³⁴

Florestan Fernandes

233. Rasurado.

234. Assinatura.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 14 de maio de 1970

Prof. Florestan Fernandes²³⁵
 Department of Sociology
 University of Toronto
 5633 Spadina Avenue
 Toronto 179
 Canadá

Prezado amigo Prof. Florestan.

No mesmo dia em que chegava sua carta do dia 4, chegaram também as provas: tudo em ordem, felizmente. As provas já foram enviadas à oficina.

Agradeço (informalmente, creia-me) suas palavras de incentivo e aproveitamento para comunicar ao senhor que estou trabalhando na cópia e preparação dos originais do Comunidade e sociedade no Brasil, com a eficaz ajuda do Paulo²³⁶. Quando o senhor aqui estiver, examinaremos o que já está pronto e eventuais dúvidas.

Um abraço muito amigo do

(Luiz Roberto Malta)

LRM/eme

235. Carimbo de “arquivar em”, com seta apontando para o cabeçalho.

236. Possível referência a Paulo Machado, do Departamento Editorial da CEN.

[dat.]

University of Toronto

DEPARTMENT OF POLITICAL ECONOMY
100 ST. GEORGE STREET
TORONTO 5
CANADA²³⁷

Toronto, 12 de Outubro de 1970

Meu caro Thomaz:

Espero que tudo esteja bem com você, Carla e a Claudia e desejo tudo o de melhor para vocês no seu novo e simpático apartamento, sob certos aspectos mais acolhedor e aconchegante que o anterior. Sentí-me bem nele e lembro-me com saudades dos piteus e das conversas que nele tivemos.

Não pude escrever-lhe antes por causa da nova rotina de trabalho. Ao contrário do que foi combinado, a carga didática acabou sendo tres vezes maior do que a prevista. O departamento incluiu alguns alunos especiais e pos-graduados nos cursos e êstes exigiram seminários e trabalhos especiais²³⁸. Doutro lado, alunos que cursam mestrado e doutorado vêm me procurar para trabalhar comigo. Consequência, como não preparei os dois cursos no Brasil, estou comendo fogo.

Além disso, já perdi por completo o entusiasmo ~~para o~~^{pelo}²³⁹ ensino. Ao contrário do que o Eurípides²⁴⁰ costumava dizer, não tenho temperamento para “prima dona” e não me sinto contente com essa devastação de tempo e de mim mesmo, que todo o ano se renova sob a forma circular de novas caras, de novas obrigações²⁴¹ e de uma maça-

237. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

238. Rasurado.

239. Manuscrito.

240. Eurípides Símons de Paula (1910-1977), historiador, formado em Direito pela USP e em História e Geografia pela mesma universidade, onde foi professor de História Antiga e Medieval a partir de 1936. Foi contemporâneo de Florestan na USP.

241. Acentuação inserida à mão.

da sempre igual. Com as dificuldades que sinto para falar inglês,²⁴² o tamanho das classes, e²⁴³ o volume de expectativas tão desencontradas convertem-se²⁴⁴ num foco de desajustamento psicológico. Fico que nem passarinho em gaiola, querendo fugi e libertar-me de uma rotina que perdeu o sentido como fonte de auto-realização. Cumpro as obrigações como soldado disciplinado, ou, melhor, como um artesão responsável, mas sem amor.

Depois da permanência em São Paulo, duvido que algum dia tenha êxito em transferir a família. Agora, é o casamento da Noêmia e da Beatriz que entra em pauta. Mais tarde, virão outras razões. De minha parte, estou identificado com a vida no Brasil e não coloco minha carreira acima dessa preferência e da minha afeição pelos meus. Como, como sociólogo, já dei o que podia, pouco me custa procurar algo fora do ensino e talvez mesmo da pesquisa sociológica, para ter uma fonte de renda para suplementar o que a Myrian recebe como minha aposentadoria. Você acha que agora tem condições²⁴⁵ para falar com o sr. Octales sobre o assunto que eu suscitei na carta que lhe escrevi em março? E²⁴⁶, se por ventura for impossível qualquer solução por essa via, você acredita que teria meios de descobrir algo que eu pudesse fazer, como emprêgo permanente, em outras editoras de São Paulo? Poderia obter facilmente emprêgo em dois jornais de São Paulo. Mas, a situação seria muito desconfortável para mim... por motivos que você pode imaginar!

Agradeço-lhe por tudo e peço-lhe para dar minhas recomendações saudosas à Carla e à Cláudia. Um abraço afetuoso para você,

Florestan²⁴⁷

242. Manuscrito e sobrescrito.

243. Rasurado e inserção de vírgula à mão.

244. Rasurado à mão.

245. Rasurado.

246. Rasurado.

247. Assinatura.

[dat.]

University of Toronto

DEPARTMENT OF POLITICAL ECONOMY
 100 ST. GEORGE STREET
 TORONTO 5
 CANADA²⁴⁸

Toronto, 21 de Novembro de 1970

Meu caro Thomaz:

Recebi o livro ha algum tempo, mas mal pude dar uma espiada. Ainda assim descobri um possivel salto (mas como o exemplar não está aqui, mas no escritório, não posso dar-lhe a indicação). O livro está saindo bem ou é um fiasco? Autor velho, de uma hora para outra, dá broca... Vamos passando, vem nova gente, forma-se novo público, e lá se vai o interesse! Acho isso natural. No período de uma vida, por mais que a gente se renove, o descompasso acaba se impondo. A grande vantagem do jovem é que ele começa onde nós terminamos. Doutro lado, a grande desvantagem do professor é que, por profissão, está condenado a ser ignorante. Tenho lido um pouco, à noite, mas tão pouco que dá vergonha! Sem tempo para ler, o professor fixa-se em algumas ideias, formadas em seu espírito no período de agitação crítica, e se torna ao mesmo tempo rígido e fora de época. Toda a história de que novos cursos e novas pesquisas ajudam a cobrir o hiato é pura baboseira. Empregam-nos para dar aulas, não para ler e fazer pesquisa. Aquí, no Brasil e em toda a parte. Talvez aí esteja a grande impossibilidade das ciências sociais, que não contam com a mesma facilidade das ciências exatas e de laboratório.

248. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

E, por isso, não protegem os seus cultores nem mesmo nessa área mínima da profissionalização da inteligência²⁴⁹.

Dei um salto grande por causa do livro, pois não? É que aqui, isolado do Brasil e sem notícia da editôra, fico a imaginar qual será a minha relação com o público que se está formando. E quando penso nisso, preocupo-me mais com a distância intelectual, por ventura em crescimento, que com a venda propriamente dita. Vocês deram tanto dinheiro adiantado, que não entram em minhas cogitações os aspectos financeiros do comportamento do público. Não é ingratidão nem indiferença. Acho que é parte da condição de quem escreve, bem ou mal, de ter um olho na condição desumana de quem deve produzir livros (e, quem sabe, conhecimento criador?).

Do negro²⁵⁰, sei que a edição americana está tendo boa acolhida da crítica. Foi o que o Charles Wagley me disse, pelo telefone. Acho que o livro não vai vender muito, a quatorze dólares e meio. Além do mais, tenho a impressão que o norte-americano branco está saturado com o problema negro e que, para o negro norte-americano, a situação brasileira²⁵¹ é de dar risada (com algumas lágrimas de mistura). Daí o impasse. Só vou saber como vai a venda, quando me prestarem contas. Até agora, para não escapar à regra – sempre consigo isso – quem está²⁵² devendo sou eu, pois a editôra adiantou generosamente por duas vezes (uma, a seu pedido: o tal sinal ou adiantamento); outra²⁵³, a pedido do Wagley, quando eu fui aposentado.

Como vão as coisas em casa, com você, a Carla e a Cláudia? Tudo bem? Já se acostumaram com o novo ninho, que cada vez se torna mais simpático em meu pensamento? Uma esquina que tem

249. Rasurado.

250. Referência à edição estadunidense do livro *A integração do negro na sociedade de classes*, publicada com o título *The Negro in Brazilian Society*.

251. Rasurado.

252. Correção de acento feita à mão.

253. Correções de pontuação feitas à mão.

algo de poético e que o outro prédio não possuía, voltado para uma das avenidas mais movimentadas de São Paulo. Como já marquei a viagem (comprei a passagem via VARIG, saindo de Nova Iorque dia 15 de dezembro e tendo a chegada prevista para o dia 16 pela manhã em nossa terrina), acho que saberei as novidades diretamente, filando um almôço de dar água na boca. Na verdade, a minha prosa toda²⁵⁴, a respeito dos restaurantes internacionais e nacionais-típicos de Toronto²⁵⁵, não passava de prosa fiada. Já estou enjoado dessa comida-rada e bem que fazia uma boca para os pratos da Carla e alguns da Myrian! O que ha de mal com os restaurantes é que os melhores do mundo acabam se tornando desenxavidos e insosos se se come neles que nem em gamela, por obrigação e obstinação. A minha própria comida, por sua vez, está insuportavel. Para ganhar tempo, só me falta cair no sanduiche: a única coisa que ainda não fiz em matéria de comilança.

Neste semestre sai muito pouco. Fui uma vez a Calgary, falar na universidade local; e outra a Buffalo, para encerrar uma semana dedicada ao Brasil. Devo ir, ainda²⁵⁶, a Bloomington e talvez a Harvard, se der tempo (assumi o compromisso, mas com a ideia de ir dia 15 de dezembro talvez não dê tempo de preparar uma conferência e vários seminários para aquela “big” universidade!). Antes de vir para cá, tanto o Germani²⁵⁷ quando o Waybury-Lewis²⁵⁸ estiveram em casa e ventilaram a hipótese de eu ir trabalhar e Harvard²⁵⁹ (peço-lhe sigilo sôbre isso: pois já dei uma mancada, quando recebí o convite no ano passado e vim para cá). Não sei se o convite se prende

254. Rasurado à mão.

255. Vírgula inserida à mão.

256. Vírgulas inseridas à mão.

257. Referência a Gino Germani (1911-1979), sociólogo argentino. Em 1993, foi homenageado pela Universidad de Buenos Aires, que atribuiu seu nome a um instituto de pesquisa.

258. Grafado errado no original, refere-se a David Maybury-Lewis (1929-2007), antropólogo britânico nascido na Índia, especialista em etnologia dos povos do Brasil Central.

259. Rasurado.

a uma reformulação desse convite. Talvez sim. Em Buffalo também insinuaram que lá eu poderia ganhar mais dinheiro, etc.. Acontece com o trabalho o que acontece com a comida. Já estou farto disso tudo. Chego a ter pena desse pessoal, que se mata para chegar à posição que a sorte bafejou para mim. Ainda ontem, fiz parte de uma reunião dos professores que possuem “tenure” e que discutiram o destino (ou a má sorte) dos infortunados que estão lá por baixo... No fim de duas horas, irritei-me com a situação, fiquei mais meia hora para ganhar coragem, e sai sem dizer adeus. Nos vais-e-vens, tenho pensado que sou um tanto maluco ou irresponsável. Ganhei uma posição que poderia servir para dar um novo salto. Em²⁶⁰ vez de ser grato à minha fortuna, volto as costas para ela. O fato, porém, é que ha um momento para tudo. “Carreira internacional” deve ser bom no começo, não no fim da carreira. Para mim, a oportunidade chegou tarde, em um momento em que gostaria mais é de fazer algumas viagens, re-aprender e, quem sabe, começar uma pesquisa nova – a última – para dar sentido ao uso do tempo e da pouca inteligência (ou talento) que tenho.

Quem sabe tenha de me conformar. Ha trabalhos piores. Alem do mais, com ou sem sacrifício – por mim: acho o sacrifício demasiado – posso ajudar melhor a família com um bom emprêgo. Vou ficando... Não quero que você se preocupe demais, por causa da última carta. Pode escrever, dando boas ou más novas. Escreví para você por causa de nossa amizade e porque você é o meu quebra-galho.

Com um grande abraço para a Carla e a Cláudia, e outro para você,

Florestan²⁶¹

260. Rasurado.

261. Assinatura.

[dat., cópia carbonada]

4 de dezembro, 1970

Meu caro Florestan,

desculpe-me pela demora com que respondo à sua carta de 12 de outubro, e assim mesmo pressionado pela outra de 21 de novembro que acabo de receber. A causa da demora, de um lado, é a trabalhadeira de sempre (resolvo três casos e no mesmo momento surgem outros quatro; resolvo os quatro e imediatamente surgem outros cinco ou seis, e assim por diante, num processo interminável de acumulação não só de trabalho como de preocupação, em condições materiais pouco adequadas) e, de outro, a ausência do Sr. Octalles, que está na Europa e só voltará dentro de umas duas semanas. É claro que preciso conversar com ele para responder objetivamente à sua consulta. De minha parte, acho problemático conseguir-lhe um lugar aqui na Editora, para trabalho regular e permanente: para isso ser viável, nossa programação editorial na área de ciências sociais precisaria ser cinco ou dez vezes maior, coisa difícil como você bem pode imaginar. A solução, pelo menos no momento, é mesmo a assessoria editorial na base de pro-labore, como temos feito, talvez com uma “ajeitada” nas condições de remuneração e no modo de pagamento, que poderia ser mensal, na base da estimativa. É o sistema que adotamos no caso do Penna²⁶², e que provou ser conveniente, principalmente porque o

262. João Baptista Damasco Penna (1950-1981). “Atualidades Pedagógicas, organizada na Companhia Editora Nacional de Octales Ferreira, dura 56 anos e publica 135 diferentes títulos de autores brasileiros e de outras nacionalidades. Fernando de Azevedo dirige a Coleção até 1946, sendo substituído por Damasco Penna[,] que permanece até o fim da existência do empreendimento editorial (mesmo após a venda da Editora)”. TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Modelos de leitura em disputa: a concorrência entre as coleções Atualidades Pedagógicas e Cultura, Sociedade e Educação, nos bastidores da Companhia Editora Nacional (década de 1960). (p. 4). Disponível em http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog07_03a.pdf. Acesso em: 3 mar. 2020.

volume de edições de suas coleções (Atualidades Pedagógicas e Iniciação Científica) é razoavelmente grande. Êste aspecto é que pode prejudicar idêntico esquema para você: de 1969 para cá foi publicada uma média de oito livros por ano (novidades e reedições) em sua série, enquanto nas do Penna o volume tem sido bem maior, talvez o dôbro. De qualquer modo, logo mais poderei estudar a coisa com o Sr. Octalles e, então, conversaremos pessoalmente quando você vier para as festas de fim de ano. A solução de emprêgo permanente, insisto, não me parece viável, mas a de colaboração mais estreita (e mais rendosa) não oferece problema algum. Nem à Editora, nem a você (no meu entender²⁶³), já que as perspectivas de rendimentos de direitos autorais não são nada más.

Recebi ontem do Ubiratan D'Ambrósio²⁶⁴ um programa do encontro sôbre cultura brasileira realizado na Universidade de Buffalo, onde um dos conferencistas foi você. Como conseguiram tirá-lo da trabalheira de Toronto e ainda por cima animá-lo a enfrentar novas platéias, no caso de ruminantes? ... Os argumentos devem ter sido convincentes, ou teria sido a possibilidade de chegar à Nova Inglaterra, onde existe uma simpática e tradicional universidade às margens²⁶⁵ do Charles River? Veja que meu computador já elabora hipóteses...

Ora bolas: só agora percebo, relendo um trecho da sua segunda carta, que a viagem a Nova York (Buffalo) está referida e explicada, sem mistério algum! Meu computador, evidentemente de primeira geração, anda com circuitos meio fracos...

Sabendo que você estará aqui dentro de mais alguns dias, esta carta é apenas uma satisfação que lhe devo e um pedido de desculpas pela aparente desatenção. Conversaremos calmamente aqui (particularmente lá em casa, [de] que você tanto gostou, antes e depois de al-

263. Rasurado.

264. Matemático, nascido em 1932, viria a ser professor na Universidade Estadual de Campinas.

265. Rasurado.

guns pitéus) sôbre suas “confissões” e seus desencantos de sociólogo e professor. E sôbre as possibilidades de você libertar-se de todo êsse sacrifício (no meu entender desnecessário e sem sentido) de fazer o que não quer e não gosta em lugar que não lhe agrada. Essas possibilidades existem, sim, e estão na dependência da *sua* vontade. Com um abraço muito amigo, o²⁶⁶

266. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 15 de janeiro de 1971

Prezado Prof. Florestan²⁶⁷:

Thomaz deixou-me a incumbência de apressar a tradução dos trechos ainda faltantes dos vols. 1 e 4 de suas antologias, de forma que aguarde alguns bilhetes meus pròximamente, a respeito do assunto.

O objetivo da carta de Thomaz²⁶⁸ é informar ao senhor que o Sr. Octalles concordou em reeditar o Branços e negros em São Paulo, à vista do orçamento obtido pelo Rubens. Acontece que não temos indicação do nome do professor a quem devemos comunicar a reedição, ver prazo, etc. Quem é, pois, e onde reside o professor interessado? Aproveito para pedir-lhe que me informe logo sôbre o trecho do Costa Pinto²⁶⁹: serve o do livrinho²⁷⁰ mexicano? Ou vamos mesmo aproveitar a versão original?

Um abraço muito amigo do

(Luiz Roberto Malta)

LRM/eme

267. No canto superior esquerdo, constam carimbo e assinatura à mão.

268. Rasurado.

269. Luiz de Aguiar Costa Pinto (1920-2002), destacado na Sociologia Rural e na questão das relações raciais.

270. Rasurado.

[dat.]

University of Toronto

DEPARTMENT OF POLITICAL ECONOMY
100 ST. GEORGE STREET
TORONTO 5
CANADA²⁷¹

Toronto, 23 de Janeiro de 1971

Meu caro Thomaz:

Não sei quando você estará de volta. Se esta carta chegar antes que vocês, então eu lhes dou as boas-vindas.

Que tal a viagem²⁷²? Carla e Claudia gostaram? Você aproveitou? Escreva-me quando e como puder.

Não tivemos tempo para conversar. Infelizmente a conversa com o sr. Octales ficou em cima do ponto... De qualquer modo, quero agradecer-lhe os seus esforços e compreensão. Até agora, das coisas que eu poderia aceitar, foi a única coisa que surgiu no Brasil. Não considero o fato melancólico. Mas é um índice pouco estimulante...

Embora o arranjo seja nada brilhante, quero apegar-me a êle para organizar a minha vida no Brasil. Serei uma espécie de um novo Monteiro Lobato, especialmente se tiver que fazer traduções em massa, só que serei uma repetição de segunda ordem...

Assim que cheguei aqui, procurei o prof. Dupré²⁷³, diretor (chairman²⁷⁴) do Departamento no qual trabalho. Fui apresentar a minha demissão. Êle teve uma reação inesperada e incompreensível para mim. Disse-me que a U. of T.²⁷⁵ não está disposta a perder-me e que fará o que for possível para manter-me em seus quadros docentes

271. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

272. Pontuação inserida à mão.

273. *J. Siefan Dupré (1936-2002)*.

274. Sublinhado manuscrito no original.

275. University of Toronto.

(inclusive, soltou algumas apreciações sôbre o valor da minha colaboração e a importância derivada do meu prestígio). O homem está lelé da cuca, como dizemos aí. No entanto, isso cria um embaraço. Os canadenses foram muito corretos comigo. Não quero sair daqui deixando mágoas ou aborrecimentos atrás de mim. Êle propoz-me que ficasse um semestre cada ano, apenas, de forma permanente (recebendo proporcionalmente) e se ofereceu para arranjar-me “recursos canadenses”²⁷⁶ para eu²⁷⁷ viver o outro período no Brasil. Recusei-me, pois isso seria transferir para a U. of T. os meus problemas pessoais. Contudo, não estou livre para sair sem esta nem aquela.

Escreví para Myrian. Se a família quiser que eu volte já, então terei argumentos para apresentar ao prof. Dupré. Caso contrário, começo o novo arranjo que êle propoz, com a ideia de praticá-lo só um ano. Até lá, terei condições de escrever-lhe uma carta, fazendo por escrito o que não pude fazer oralmente. Assim, se realmente eu ficar aquí um pouco mais, seria para terminar êste ano letivo (primeiro semestre) e para trabalhar um semestre no próximo ano letivo (se possível, o segundo semestre deste ano).

Há uma vantagem nessa inesperada reviravolta. Posso ganhar uns cobrinhos para fazer^{financiar}²⁷⁸ os dois casamentos, que provavelmente terei de enfrentar (acho que um êste²⁷⁹ ano; o outro provavelmente no ano que vem). Como o meu trabalho com a C.E.N. não será propriamente um emprêgo, acredito que isso não afetará os nossos planos. Poderia explicar as coisas ao sr. Octales? Muito obrigado.

Fico por aquí, neste frio que está uma miséria. Abraços para Carla e Claudia. Outro, bem carinhoso, para você,

Florestan²⁸⁰

276. Aspas manuscritas.

277. Manuscrito.

278. Manuscrito no original.

279. Rasurado à mão.

280. Assinatura.

[dat.]

University of Toronto

DEPARTMENT OF POLITICAL ECONOMY
100 ST. GEORGE STREET
TORONTO 5
CANADA²⁸¹

Toronto, 26 de Janeiro de 1971

Meu caro Luiz Roberto:

Recem recebi sua carta. Como os assuntos exigem pronta resposta, eí-las²⁸²:

1) os professores são José de Souza Martins e Gabriel Cohn (Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, U. S. P.). Talvez seja melhor telefonar para saber os dias em que se encontram no Departamento²⁸³. Êles ja tinham a notícia como quasi²⁸⁴ certa (foi a condição para incluir o livro no programa de trabalho elaborado). Mas seria de fato util uma comunicação direta e formal com êles.

2) O trecho do Costa Pinto: lí o livrin^ho²⁸⁵ no avião (a longa viagem de São Paulo a Nova Iorque e o complemento Nova Iorque Toronto). Aproveitei um telefonema para casa para enviar recado oral. Nao recebeu? Acho melhor manter o trecho anterior, que está mais referido ao Brasil e é também mais enxuto. Serve mais ao propósito escolhido tambem...

Agradeço-lhe a carta, aguardo os bilhetes, que responderei como me for possivel (estou com uma terrivel “teaching load”²⁸⁶ êste semestre) e envio-lhe um abraço fraternal,

Florestan Fernandes²⁸⁷

Florestan Fernandes

281. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

282. Toda a acentuação e as cedilhas foram inseridas à mão.

283. Rasurado.

284. Rasurado.

285. Inserção manuscrita.

286. Rasurado.

287. Assinatura.

[dat., cópia carbonada]

15 de fevereiro, 1971

Meu caro Florestan,

sua carta chegou praticamente junto conosco. Desembarcamos em Viracopos dia 8, e ela foi entregue dois dias depois. Seus votos de boas-vindas, que agradecemos, foram portanto oportunos.

Nossa viagem, curta (exatamente trinta dias) e corrida (visitamos Londres, Paris, Milão, Genebra, Gênova, San Remo, Canes, Barcelona, Madri, Lisboa e arredores²⁸⁸, e Coimbra), foi agradável mas cansativa: voltei mais magro, mais cansado e mais pobre... O cansaço talvez se explique pelo fato de termos feito os trajetos Milão-Barcelona e Madri Lisboa de automóvel, mas foi compensado pelo conhecimento que só uma viagem rodoviária pode ensejar. O frio que esperávamos encontrar foi uma verdadeira decepção: friozinho²⁸⁹ subdesenvolvido, lembrando o nosso inverno do Sul e mesmo de São Paulo... De qualquer modo, tudo correu bem, revimos velhos e bons amigos, tivemos um agradável contacto com o Celso Furtado²⁹⁰. Quando você estiver²⁹¹ por aqui contarei aspectos divertidos e curiosos da maratona, difíceis de detalhar em carta.

As coisas por aí, pelo que você diz, estão caminhando numa direção conveniente, parecendo-me interessante a alternativa de um semestre por ano: evita um rompimento²⁹² abrupto e, acredito, desaconselhável com Toronto, proporciona a você uma situação financeira

288. Rasurado.

289. Rasurado.

290. Nascido em 1920 e falecido em 2004. Economista, foi casado pelo AI-5 e exilou-se no Chile, nos Estados Unidos e em Paris. Nesta última cidade permaneceu por vinte anos como professor da Sorbonne a partir de 1965.

291. Rasurado.

292. Rasurado.

interessante, e cria um período de transição (saída do Canadá, reentrada no Brasil) que na minha opinião chega a ser quase ideal. Não lhe parece? Estou curioso por conhecer sua decisão final, depois de considerar a opinião da Myrian. Escreva-me, quando puder.

É, a conversa com o Sr. Octalles, infelizmente não foi tão objetiva e conclusiva quanto desejávamos. Lembre-se, contudo, de que a hipótese aventada de sua colaboração, nos moldes sugeridos por êle, conquanto possa não ser o ideal, é uma forma prática de aproveitá-lo. Pessoalmente acho que o trabalho – e os rendimentos decorrentes – alcançará em curto prazo um volume muito maior do que imaginamos. Haja disposição e energia de sua parte... O único senão no esquema é o seu caráter aleatório: hoje, em função de nossa programação editorial atual, o trabalho é grande e uma colaboração como a sua chega a ser uma necessidade quase; num amanhã imprevisível²⁹³, porém, essa programação poderá sofrer uma modificação de tal amplitude que o trabalho intelectual do tipo a que você se propôs poderá vir a ser um luxo... e, como luxo, dispensável! Tudo isto, é claro, não passa de conjectura, mas não podemos fugir a tais lucubrações quando estudamos, pesamos e sopesamos mudanças mais ou menos radicais na nossa vida ou na vida de um amigo a quem queremos muito bem. Fique claro, contudo, que nossa disposição é a de recebê-lo de braços abertos e fazer o possível e o impossível para ajustá-lo ao nosso trabalho e este a você.

Com um abraço amigo, o²⁹⁴

293. Rasurado.

294. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz.

[dat.]

University of Toronto

DEPARTMENT OF POLITICAL ECONOMY
 100 ST. GEORGE STREET
 TORONTO 5
 CANADA²⁹⁵

Toronto, 16 de Março de 1971

Meu caro Thomaz²⁹⁶:

Foi com alegria que recebí sua carta. Pelo jeito, dei-lhe as boas vindas. Passando por tantas cidades – de Londres a Lisboa e Coimbra – você mais parece um magnata. E ainda acha como desdenhar da viagem, inclusive falando de “friozinho subdesenvolvido[”]! Não queira experimentar o frio desenvolvido, que eu tenho levado nas costas. É de amargar.

Não escreví antes porque ando numa trabalhadeira danada, de dar aulas que nem no comêço de minha carreira. A semana passada (quarta-feira à noite) fui a Cambridge, Harvard University²⁹⁷, fazer parte de um seminário sôbre “The Nature of Fascism and the Relevance of the Concept in Contemporary Politics” e fazer uma conferência sôbre “The Social²⁹⁸ Costs of the Development”. Foram quatro dias de atividades intensas, que culminaram num grande jantar na casa do Maybury-Lewis sábado à noite. No domingo, tinha de voltar para cá no primeiro vôo (para preparar aulas!). Mas, a secretária incumbida da tarefa marcou o vôo que não existia (supressão aos domingos); tive de correr a outra linha para tomar outro avião (sem nenhuma informação: eu pensava que ia para La Guardia e fui

295. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

296. Carimbo e texto manuscrito no canto superior esquerdo.

297. Manuscrito.

298. Rasurado.

parar em Montego Bay, na Jamaica). Depois de muitas peripécias, fui passar a noite com o Charles Wagley e a Cecília e só²⁹⁹ ontem pude voltar para Toronto. No avião, preparei uma das aulas.

Você pode dizer que conheci a Jamaica de graça. Mas foi uma viagem de desventuras.

Quanto à permanência por aqui ou a ida para o Brasil: a família concorda com qualquer loucura que eu faça. Todos dão o conselho que você botou em preto no branco. Todavia, eu ando saturado de viver fora do Brasil e não sei o que fazer. Compreendo as vantagens da alternativa. E basta ir a uma reunião científica para verificar as vantagens de exprimer o meu talento... Digo coisas desagradáveis com bons modos, a torto e a direito, e assim mesmo querem me ouvir. Quasi cheguei a decidir a ficar por aqui; mas no íntimo não quero e vou tomar uma decisão – que ainda não sei qual seja – por estes dias. Se deixar a U. of T., eles vão se sentir em relação a mim como eu me senti em relação à U.S.P. Mas, o que fazer? Um abraço para Carla e Cláudia. Um carinhoso abraço para você.

Florestan³⁰⁰

299. Acentuação manuscrita.

300. Manuscrito e sublinhado no original.

[dat.]

University of Toronto

DEPARTMENT OF POLITICAL ECONOMY
 100 ST. GEORGE STREET
 TORONTO 5
 CANADA³⁰¹

Toronto, 5 de Outubro de 1971

Meu muito prezado e querido amigo Thomaz:

Espero que tudo esteja bem com Carla, Cláudia e você. Nesta permanência, vimo-nos poucas vezes. Mas o bastante para sentir de perto a sua generosa atitude de solidariedade e de aprêço, para comigo e com outros que se acham em situação semelhante. De minha parte, sou-lhe muito grato e apenas lamento que você não possa pôr em práticas todas as suas ideias.

Desde que cheguei, ando para escrever a respeito do trabalho editorial. Reli as xxx^{três}³⁰² listas de obras, que lhe havia entregado, e verifiquei o quanto perdemos em títulos ótimos. Doutro lado, a lista suplementar, de Octavio Ianni, é muito boa. Para evitarmos improvisação, o melhor seria darmos um balanço dos livros publicados por outras editoras e, também, examinar em que pé está a reorganização do ensino das ciências sociais (no nível médio e, no superior, para graduados³⁰³ e pós-graduados). Ainda não sei como atacar a segunda linha de informações. A primeira, pelo que penso, é mais acessível a você. Seria possível obter uma lista das publicações em ciências sociais das principais editoras (traduções e originais brasileiros)? Isso me ajudaria bastante.

301. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

302. Manuscrito sobrescrito.

303. Rasurado à mão.

Para ficar nas minhas sugestões e nas do Ianni, por enquanto (pois eu chegando aí acho que devemos iniciar os contactos para preparar os novos livros³⁰⁴ de leituras, a serem elaborados nas linhas em que discutimos), acho que a Companhia Editôra Nacional poderia dar prioridade de programação aos seguintes livros:

- John M. Rohrer e Muzafer Sherif, Social Psychology at³⁰⁵ the Crossroads³⁰⁶ (uma [ileg.] minhas listas);

- David Bidney, Theoretical Anthropology³⁰⁷ (idem);

- E. Egon Bergel, Social Stractification³⁰⁸ (idem) ³⁰⁹;

- Amos H. Hawley, Human Ecology³¹⁰ (idem);

- K. Manheim, Ideologia e Utopia³¹¹ (lista de Ianni);

- H. Hyman, Survey Design and Analysis³¹² (Fernandes);

- J. Madge, The Tools of Social Science³¹³ (Ianni);

- H. Freyer, Introducción³¹⁴ a la Sociologia³¹⁵ (idem)

- B. Higgins, Economic Development³¹⁶ (Fernandes) (pedir ao autor atualização [ileg.]);

- H. J. Laski, State in Theory and Practice³¹⁷ (Fernandes) ou Introduction to Politics³¹⁸, George Allen & Unwin [?] Ltd., London % Barnes & Noble In., N.Y., 1962 e 196[ileg.];

- E. E.³¹⁹ Pritchard, Social Anthropology³²⁰ (Ianni);

304. Rasurado.

305. Rasurado à mão.

306. Nova York: Harper, 1951.

307. Nova York: Columbia University Press, 1953.

308. Nova York: McGraw-Hill, 1962.

309. Bullet inserido à mão.

310. New York: Ronald Press, 1950.

311. Já havia uma tradução no Brasil, feita por Sérgio Magalhães Santeiro e revista por César Guimarães: MANHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*: introdução à Sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Globo, 1950.

312. Glencoe: Free Press, c.1955.

313. London; New York: Longmans; Green, 1953.

314. Acentuação manuscrita.

315. Madrid: Nueva Epoca, 1945.

316. New York: W. W. Norton, 1968.

317. London: George Allen & Unwin, 1936.

318. London: George Allen & Unwin, 1951.

319. Pontuação manuscrita.

320. London: Cohen & West, 1951.

- R. Michels, Os Partidos Políticos³²¹ (Ianni)
 - quanto ao Marcel Mauss (sugestão de Ianni), prefiro a edição de toda a coleção Sociologia e Antropologia (editada por C. L. Strauss).

Entre os livros que indiquei, seria bom considerar se não seria possível publicar John Gray Peatman, Descriptive and Sampling Statistics³²² (ou outro livro do mesmo nível). Estamos precisando de um manual dessa envergadura. Doutra lado, com a voga da sociologia quantitativa e matemática, volto a lembrar a indicação do livro de David Willer, Scientific Sociology³²³ (que se acha em seu poder), o qual tem o mérito de ser pequeno e representar uma boa exposição dessa tendência na sociologia.

Para a nossa vacilante e demorada programação, aí está um ponto de partida concreto. A ela se poderia adicionar também o Livro de Adorno e Horkheimer, que o Ianni indicou e que alguns professores certamente adotariam. Por enquanto, com poucas exceções, deixei os clássicos de lado. Precisamos ver com o que se poderia contar no Brasil. Se não for possível organizar as leituras, daremos mais impulso as publicações independentes. O importante, porém, é estimular produção dentro do nosso país.

Nesta linha, o livro de Martins com Marialice é algo que deve merecer a maior atenção. Seria bom procurá-los ou chamá-los, para ativar a publicação: um manual elementar de sociologia é certamente algo que não devemos perder de vista (e deveríamos pedir para certos autores fazerem o mesmo em psicologia, antropologia, economia e ciência política). Desculpe-me: também história e sociedade brasileira³²⁴.

321. Paris: Flammarion, c.1914.

322. New York: Harper, 1947.

323. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1967.

324. Rasura manuscrita.

Quanto aos livros de leituras, o de Fernando Henrique Cardoso estava muito adiantado. Os outros, como o de Schaden e Juarez³²⁵, precisam ser revisados. Os temas podem render um ótimo público. No caso do Schaden, como êle agora está na Faculdade de Comunicações, seria bom verificar se êle não quer se³²⁶ encarregar de um livro dentro dessa área (alem do outro). Êsses estudantes contam com uma bibliografia ainda pobre. Por fim, não chegamos a organizar um livro sobre Religião e Sociedade. Introdução à Sociologia Religiosa, com base em leituras fundamentais. Candido Procópio Ferreira de Camargo³²⁷ poderia fazer um ótimo trabalho (contactá-lo na Faculdade de Higiene ou no CEBRAP).

Assim que estiver aí, vou contactar professores que estejam em condições de escrever os manuais³²⁸ elementares. Estou pensando nos nomes: o problema é que poucos dispõem de tempo. O mesmo pretendo fazer com as leituras sôbre autores clássicos.

Aguardo sua resposta para elaborar mais algum ponto das sugestões. Contudo, como disse a você e ao sr. Octales, agora temos de rever tudo e reorganizar toda a programação, em vista das novas condições do ensino, da pesquisa, do consumo de livros em ciências sociais e do mercado. Um abraço muito cordial,

Florestan³²⁹

325. Juarez Brandão Lopes (1925-2011), sociólogo pela Escola de Sociologia e Política, trabalhou na USP e na Unicamp. Foi um dos fundadores do Cebap.

326. Rasurado.

327. Sociólogo nascido em 1922 e falecido em 1987, trabalhou na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP. Foi um dos fundadores do Cebap.

328. Rasurado à mão.

329. Manuscrito e sublinhado no original.

[dat.]

University of Toronto

DEPARTMENT OF POLITICAL ECONOMY
 100 ST. GEORGE STREET
 TORONTO 5
 CANADA³³⁰

Toronto, 31 de Outubro de 1971

Meu querido amigo Thomaz:

Você está com caimbra no braço, com preguiça de escrever-me ou acha que não paga a pena? Pensava que receberia resposta, com notícias sobre você, a Carla e a Cláudi³³¹a. Mas fiquei a pé... Espero que não tenha acontecido nada de ma^{u332} e que a ausência³³³ de notícias seja o melhor indício de que tudo vai bem!;

Nesta carta, gostaria de pedir-lhe um obséquo. O Paulo completou uma bibliografia, que consta da primeira edição do meu livro pelo Zahar. Ele teve algum trabalho, pois conversou com vários professores na Faculdade de Filosofia (da U.S.P.) e agregou 320 títulos novos (que correspondem a mais ou menos 110 autores, alguns ja³³⁴ incluídos, outros não. Êle modificou o critério da minha bibliografia, com o intuito de torná-la³³⁵ mais completa e mais util aos estudantes. Não sei como estimar o valor do trabalho. Queria liquidar o aspecto monetário enquanto estou aqui (é mais fácil à distância, pois êle está predisposto a ser explorado mas eu gostaria de fazer um acêrto na medida do possível equitativo). Posso pedir-lhe para me escrever o tão depressa quanto puder, dizendo-me quanto a C.E.N. pagaria por um

330. Papel timbrado no qual constam o nome e o endereço da instituição no cabeçalho.

331. Rasurado.

332. Correção feita à mão.

333. Rasurado.

334. Manuscrito no original.

335. Rasurado à mão.

serviço desses? Peço a você por nossa amizade e por saber que você empregará um critério justo na avaliação. Muito obrigado.

Quasi não tenho novidades. Fui a Buffalo fazer uma exposição na universidade, sôbre a “Revolução Burguesa na A.L.”, e na volta não podia mais entrar no Canada. É que desisti do visto permanente, que estava em processo, e me deram um visto precário, válido até fim de dezembro, e que não dá direito de sair do país. Ao atravessar a fronteira, sai do Canadá e perdi o direito de re-entrar. Eu não tinha prestado atenção nisso. Por sorte, no serviço de imigração da fronteira resolveram fechar os olhos e eu passei... A outra novidade é que apresentei a minha resignação ao prof. Dupré, “chairman” do departamento. Êle ficou aborrecido e pediu-me uma semana para êle pensar. Mas, não há saída mesmo. Prefiro ficar aí, sem nada de definido para completar a aposentadoria, que ficar circulando por fora do Brasil. É bobagem o que estou³³⁶ fazendo[,] mas[,] se não tomar uma decisão firme,³³⁷ nunca cortarei as amarras e vou continuar nesse vai e em, como se fosse um pêndulo humano... Como muitos outros, acredito que sobreviverei com o que me for possível fazer. E[,] se não for possível fazer nada, paciência. Já trabalhei muito, já que comecei aos seis anos. Agora talvez tenha chegado a vez da família fazer algo por mim...

Agradeço-lhe muito o que puder fazer em atenção ao meu pedido. Tenho outros assuntos, com novas indicações de livros para publicação. Mas parece que o ritmo que vale é o artigo. Continuaremos a pingar um livro de vez em quando, não é? Até isso me parece bom. Damos tempo aos leitores... Com Recomendações para a Cláudia e um abraço fraternal para Carla e você,

Florestan³³⁸

336. Rasurado à mão.

337. Pontuação inserida à mão.

338. Assinatura.

[dat., cópia carbonada]

15 de novembro, 1971

Meu caro Florestan,

recebi na última quinta-feira sua carta de 31 de outubro, com um merecido puxão de orelha... Mas, para você avaliar como vai o trabalho por aqui, basta chamar sua atenção para o fato de eu estar respondendo (finalmente!) às suas duas cartas num feriado. Com a saída do Rubens, e com o seu substituto ainda em fase de adaptação, tenho sido obrigado a aguentar parte do trabalho de produção, o que fez com que meu tempo, já escasso, ficasse reduzido a quase nada para aquilo que realmente me compete. Que fazer? São os ossos do ofício, e o preço que pago por gostar de trabalhar...

É coisa não muito fácil avaliar o valor do trabalho do Paulo. Talvez equivalesse ao levantamento cuidadoso de um índice remissivo, pelo menos em termos de tempo dispendido, e nesse caso a remuneração poderia ser fixada em torno de Cr\$1.000,00. Creio que esta seria, à vista dos dados que me deu, a base que nós adotaríamos.

Fiquei bastante satisfeito com a notícia de que se demitiu no cargo que vinha exercendo aí no Canadá. Continuo achando, sinceramente, que seu lugar – apesar de tudo – é aqui e que aqui você acabará encontrando o que fazer. Não tenho³³⁹ dúvida alguma. Aliás, repito, apenas seus livros (da³⁴⁰ fase objetiva...) poderão proporcionar-lhe um ganho anual nada desprezível, suficiente para complementar a aposentadoria. Depois, haverá outras atividades remuneradas, com certeza: não é o que o aconteceu com o Ianni, Fernando Henrique, etc.?

339. Rasurado.

340. Rasurado.

Tomei nota de seus comentários sôbre a novíssima lista de possível publicações em sua série. E vamos procurar, desde já, levantar uma relação de tudo que já se publicou no Brasil no campo das ciências sociais. Não será fácil, mas procuraremos fazê-la a mais precisa possível, pois deverá ser a base, o ponto de partida para a nossa nova fase programática. Pretendemos imprimir-lhe um novo e mais dinâmico estilo, um ritmo mais rápido, embora isto nos obrigue a vencer uma barreira³⁴¹ que não é sopa: o problema das traduções, que estrangula e retarda tudo. Muitas das traduções da sua antologia (1º vol.), por exemplo, ainda se arrastam desanimadoramente por sucessivas revisões... Às vezes penso que minha luta é batalha perdida! Contudo, enquanto a guerra não é perdida, mande-me as novas sugestões a que se referiu na carta de 31-out. Preciso somá-las às anteriores, e, com o levantamento da situação atual da nossa bibliografia, preparar o material para a fixação das diretrizes e escolhas definitivas para pelo menos dois anos de trabalho.

Diverti-me com a sua baianada na fronteira canadense... Ainda bem que no Canadá também se quebram galhos, bem à moda brasileira... Com um abraço muito amigo, o³⁴²

341. Rasurado.

342. Sem assinatura do remetente. Trata-se de Thomaz de Aquino de Queiroz. Consta nome manuscrito no canto inferior esquerdo, com seta apontando para ele.

[man.]

Meu caro Thomaz:

Aí está a lista sobre Mannheim, que eu compuz, para o livro a ser editado sob o nome de Marialice Mencarini Foracchi e com a sua introdução. Parece-me que convem colocar – M.M.F. (com a colaboração de F.F.).

Essa indicação, agora, parece-me indispensável, para não transferir para a Marialice os ônus das escolhas que fiz (falaremos a respeito). Passarei a introdução dela para você quando voltar!

Um abraço,

Florestan

24/8/72

[dat.]

261

São Paulo, 22 de janeiro de 1973

À
Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 639
01212 São Paulo, SP

Prezados Senhores.

Tendo recebido nesta data, de acordo com nossos entendimentos, meus direitos autorais sobre a primeira edição do livro sobre LENINE – POLÍTICA

por mim organizado, compreendendo seleção dos excertos, introdução e revisão das traduções, a ser publicado na série “Grandes Cientistas Sociais”, venho com a presente declarar que concordo plenamente com as seguintes bases de remuneração nas edições subsequentes da obra:

- 1) direitos autorais de 7% sobre o seu preço de venda;
- 2) pagamento dos direitos de acordo com as vendas do livro, em prestações de contas semestrais.

Estou ciente de que a Editora é proprietária dos direitos das traduções por ela providenciadas e pagas, e de que não posso, sem sua expressa anuência, utilizá-las em outros trabalhos.

Com protestos de estima e consideração, e muito
atenciosamente,

Florestan Fernandes³⁴³

296 |

³⁴³. Assinatura.

Prof. Florestan Fernandes
Rua Nebraska, 392
São Paulo, SP
C.P.F. 000.000.000³⁴⁴

344. O número correto foi omitido aqui.

[dat.]

Companhia Editora Nacional
Departamento Editorial e de Produção³⁴⁵

São Paulo, 22 de janeiro de 1975

Ilmo. Sr.
Prof. Florestan Fernandes³⁴⁶
Rua Nebraska, 392
São Paulo, SP

Servimo-nos da presente para passar às mãos de V.S^a a carta anexa, em duas vias, relativa às condições em que publicaremos o livro de sua autoria abaixo indicado:

Título: COMUNIDADE E SOCIEDADE NO BRASIL

Tiragem: 5.000 – Edição: 2^a – (-.- reimpressão).

Confessamo-nos antecipadamente gratos pela pronta devolução da primeira via, devidamente assinada, a este Departamento.

Com reiterados protestos de estima e consideração, firmamo-nos muito

atenciosamente,
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Carlos³⁴⁷
Carlos Rizzi,
Departamento Editorial

Anexos
CR/eme

345. Papel timbrado no qual consta o nome da empresa no cabeçalho.

346. Carimbo sobreposto ao texto.

347. Assinatura.

dat., cópia carbonada]

São Paulo, 11 de agosto de 1976

D.E. 245/76

3º/A.

À

Editora Ática

A/C Prof. Dr. Florestan Fernandes

Rua Nebraska, 392

04560 – São Paulo, SP

Prezado Professor,

Em resposta à sua solicitação telefônica dirigida ao Sr. Luiz Forte, temos a informar que o montante dos gastos com os 47 títulos componentes da coleção “Grandes Cientistas Sociais”, até a presente data, é de Cr\$ 126.534,10, assim discriminados:

custos diretos	82.165,00
custos indiretos	44.369,10
TOTAL	126.534,10

Desses 47 títulos, 17 já se encontram praticamente prontos, faltando apenas a revisão, para que possam entrar em tipografia. O restante está sendo encaminhado.

Sendo o que se apresenta para o momento, subscrevemo-nos

atenciosamente,

Paulo Machado,³⁴⁸
Departamento Editorial

Em tempo: Junto com esta, seguem 2 exemplares de seu livro Fundamentos empíricos da explicação sociológica.

[man.]³⁴⁹

Direitos cedidos à Editora Ática
[Assinatura]
7/6/77

349. Bilhete manuscrito, com assinatura não identificada.

[dat.]

Dossiê 441/77³⁵⁰

À

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões nº 639

São Paulo, SP

Declaro haver recebido, nesta data, de V.Sas., os originais dos livros *Comunidade e Sociedade*, por mim organizados.

Caso as obras sejam contratadas, para publicação, por alguma outra Editora, pagarei a V.Sas. a importância de Cr\$56.338,00 (cinquenta e seis mil, trezentos e trinta e oito cruzeiros), referente a despesas gerais. Se, no entanto, dentro de 120 dias, não encontrar editor para os originais, devolvê-los-ei à Companhia Editora Nacional.

São Paulo, 2 de Janeiro de 1978³⁵¹

Florestan Fernandes³⁵²

Prof. Florestan Fernandes

350. Manuscrito no canto superior direito na cópia carbonada.

351. Data manuscrita no original.

352. Assinatura.

[dat.]

LTC³⁵³

LTC/SP-Dir-026/78

São Paulo, 24 de fevereiro, 1978

Dr. Ézio Távora dos Santos
 Companhia Editora Nacional
 Caixa Postal, 7032
 01000 São Paulo, SP

Prezado Amigo.

Tendo contrato com o Prof. Florestan Fernandes a publicação de nova edição do livro FUNDAMENTOS EMPÍRICOS DA EXPLICAÇÃO SOCIOLÓGICA, no segundo semestre do corrente ano, venho solicitar dessa empresa autorização para reproduzirmos fotograficamente o texto da última edição.

Nessa reprodução introduziremos as modificações que se farão necessárias.

Agradeço antecipadamente sua atenção.

Atenciosamente,

[Assinatura]

Thomaz de Aquino de Queiroz,
 Diretor

Ao Diretor Financeiro

6/3/78

[Assinatura]³⁵⁴

353. Impresso, no alto da folha, à esquerda.

354. Anotação manuscrita no original, com assinatura provavelmente de Ézio.

Ao Gerente Editorial

Falei c/o Dr. Ezio e ele está de acordo, favor transmitir aos interessados

8/3/78

[Assinatura]³⁵⁵

TAQ/epd

cc: Gerência Editorial

LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS EDITORA S.A.

Matriz: Av. Venezuela, 163 - 20000 Rio de Janeiro, RJ - C. Postal 823 -

Fones (021) 223-8586/7/8/9

Filial: Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 301/7 - 05415 São Paulo, SP - C. Postal 11497 -

Fones (011) 853-7215/852-0505

Brasil³⁵⁶

355. Anotação manuscrita no original, com assinatura não identificada.

356. Dados impressos na parte inferior da folha.

[dat., cópia carbonada]

Companhia Editora Nacional³⁵⁷

D.E. 301/78

São Paulo, 18 de março de 1978

Senhor

Thomaz Aquino de Queiroz

Diretor da

Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.³⁵⁸

Rua Dr Virgílio de Carvalho Pinto, 301/7

05415 São Paulo, SP

Prezado Senhor

Em resposta à sua carta LTC/SP-Dir-026/78, de 24 de fevereiro último, venho, da ordem da Presidência, comunicar-lhe que esta Casa autoriza a reprodução fotográfica do texto da última edição da obra *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, de Florestan Fernandes, a ser proximamente publicada por essa Editora.

Peço-lhe aceitar meus melhores cumprimentos.

[Assinatura]

Carlos Rizzi

Gerente Editorial

CR/mab

357. Papel timbrado no qual constam o logotipo e o nome da empresa no cabeçalho.

358. Seta manuscrita inserida no começo da linha.

[dat.]

Companhia Editora Nacional

MEMORANDO INTERNO

Nº

DATA 02.05.7827³⁵⁹

Dr. Ezio

Ref: *Branco e negro em São Paulo*, Florestan
Fernandes & Roger Bastide (col. Brasiliana)

Como deve estar lembrado, o título acima foi um dos incluídos como de prioridade 2, na lista de reedições.

Atendendo à sua recomendação, comuniquei-me por telefone com o co-autor Florestan Fernandes e consultei-o sobre a viabilidade e conveniência da reedição da obra. Ao que me respondeu afirmativamente, lembrando, inclusive, o nome de Roger Bastide, a quem deve a Universidade brasileira inúmeros trabalhos de pesquisa e a formação de uma geração de sociólogos.

Aguardando suas instruções, transmito-lhe recomendações do Prof. Florestan.

Mitsue³⁶⁰

Mitsue,

Manter o título na prioridade 2. Esta nota deverá ir para o correspondente dossiê.

8.5.78

[Assinatura]³⁶¹

mab*

359. Informações impressas no alto da folha.

360. Assinatura.

361. Anotações manuscritas no final da folha. Assinatura ilegível, provavelmente de Ézio.

[dat., cópia carbonada]

Editora Nacional³⁶²

D.E. 0209/79

São Paulo, 20 de fevereiro de 1979

Senhor Professor
Florestan Fernandes³⁶³
Rua Nebraska, 392
04560 São Paulo, SP

Caro Florestan

Dias atrás o Amigo me perguntou de nossa decisão quanto à viabilidade de irmos a publicar suas obras COMUNIDADE e³⁶⁴ SOCIEDADE.

Os resultados, infelizmente, não foram favoráveis, tendo em vista, sobretudo, os altos investimentos que faríamos.

Estamos dispostos, no entanto, a estudar meios que facilitem a transferência das obras para outra editora eventualmente interessada, como, por exemplo, a cessão das traduções por preços bastante razoáveis.

Aguardamos sua visita para conversarmos sobre o assunto.

Por enquanto, aceite o abraço do,

sempre amigo,
[Assinatura]
(Carlos Rizzi)

CR3vld

362. Impresso no alto da folha.

363. Seta manuscrita inserida no começo da linha.

364. Inserção feita à mão.

[dat.]

Companhia Editora Nacional³⁷⁰

São Paulo, 8 de agosto de 1980

Senhor Professor
 Florestan Fernandes³⁷¹
 Rua Nebraska, 392
 04560 – São Paulo, SP

Prezado Professor

Estamos a enviar-lhe, em anexo, o “Demonstrativo de vendas/Prestação de contas”, relativo ao período de 01.06.79 a 31.05.80, e correspondente aos direitos autorais que já lhe foram pagos.

Esclarecemos, por oportuno, que o Comprovante de Rendimentos, para fins de declaração do Imposto sobre a Renda, ser-lhe-á enviado, com a conveniente antecedência, no início do próximo ano.

Colocamo-nos à sua disposição para quaisquer esclarecimentos porventura necessários.

E queira aceitar, com nossos agradecimentos pela colaboração, os melhores cumprimentos.

[Assinatura]
 Carlos Rizzi
 Gerente Editorial

Anexo: 1
 CR/epd

rua dos gusmões, 639 · 01212 são paulo. sp · caixa postal 7032 · endereço telegráfico: editora³⁷²

370. Informações impressas no alto da folha.

371. Carimbo ao lado esquerdo.

372. Timbrado no rodapé da folha.

[dat., cópia carbonada]

São Paulo, 15 de dezembro de 1980

Senhor Professor
Florestan Fernandes
Rua Nebraska, 392
04560 São Paulo, SP

Caro Professor Florestan,

Estou a devolver-lhe, com esta, os originais das obras *Comunidade e Sociedade*.

Tendo em vista o desinteresse desta Editora pela publicação dos referidos originais, V.S.^a está liberado, sem quaisquer ônus, para publicá-los por outra Editora.

Queira aceitar, Professor Florestan, o abraço do, sempre amigo,

[Assinatura]
(Carlos Rizzi)

CR/mab

Este livro foi composto na fonte Adobe Garamond Pro, em corpo 12,5/16,5.

Ai está a lista sobre Ma
e eu comung, para o livro
editado sob o nome de U
e Menicarini Foracchi e
sua introdução. Parece-me q
eu colocar → M.M.F.
(com a cola da
a máscaras, agora, parece-me
sonel, para nos transferir
Maurício os ônus dos es
Lij (falamos a respeito,
ei a introdução dela para
ando ✓!

Centro
Sérgio
Buarque
de Holanda
de Documentação e
História Política



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

um abraço,

Flávio

ISBN 978-65-5626-008-2



9 786556 260082